

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Contribuições para o Estudo do Folk-lore Brasileiro

ESTUDOS

SOBRE A

POESIA POPULAR DO BRAZIL

POR

Sylvio Romero

(1879 - 1880)

RIO de JANEIRO

Typ. LAEMMERT & C., RUA DO OUVIDOR, 76

1888

ESTUDOS SOBRE A POESIA POPULAR DO BRAZIL

CAPITULO I

Caracter da poesia popular brasileira. O povo, seus costumes e festas, suas cantigas e historias.

Começo por uma declaração que a sinceridade exige: eu já acreditei menos do que hoje na importancia da poesia popular entre nós. Em 1870 escrevi estas palavras: « Procurai nos seculos XVI e XVII manifestações serias da intelligencia colonial e as não achareis. A totalidade da população, sem saber, sem grandezas, sem glorias, nem sequer estava nesse periodo de barbara fecundidade em que os povos intelligentes amalgamam os elementos das suas vastas epopéas. Procurai, portanto, uma poesia popular brasileira, que mereça este nome, naquella época, e, como ainda hoje, correreis atraz do absurdo. Os pobres vassallos da corôa portugueza não tinham tradições; eram qual um fragmento do pobre edificio da metropole atirado em o Novo-Mundo, onde cahio aos pedaços e perdeu a memoria do logar em que servia.» *

* Publicado no *Movimento* do Recife, e reproduzido em seu logar definitivo, segundo a organização de minhas obras, na *Litteratura brasileira e a critica moderna*, 1ª parte.

Em 1873, tratando das differentes explicações que o romantismo tinha dado de si mesmo, dizia eu :— « Uma volta á poesia popular e ás tradições já esquecidas é uma sua pretensão mal definida. E' incontestavel que animou o estudo da poesia medieval perdida sob o peso de tres seculos sem critica, que se nutriram de contrafacções de idéas e sentimentos antigos. Mas não ficou neste circulo, nem podia ficar. A resurreição da poesia popular, em um livro de erudito, era cousa exequivel ; mas continual-a, fazel-a viver sua vida romanesca, era impossivel ; sobretudo no Brazil, onde não existia uma genuina poesia popular olvidada pelo tempo. Não sei se bem pensaram nisto os romanticos brasileiros. Sei que lhes faltou a paixão pelo passado que tanto animára os da Europa. Quando não buscassem formar *Cancioneiros* e *Romanceiros* antigos, porque seriam quasi nullo, deveriam ao menos procurar as leis da formação de nossa vida mental. A poesia popular revela o character dos povos Ao lado, pois, de peças antigas, ainda hoje cantadas em nossas festas de *Natal* e *Reis*, como a *Nau Catharineta* de origem portugueza e que dá idéa de um povo navegador, ouvem-se entre nós os verdadeiros cantos que nos definem e individualizam . » *

Bem claramente é ahi expresso que eu procurava então reagir contra uma dupla exaggeração do romantismo : —que temos um povo em tudo capaz de hobrear com os mais distinctos do velho mundo, e que possuímos uma poesia popular das mais brilhantes que se conhecem. E' verdade que estas affirmações desponderadas nunca se tinham feito provar por dados inconcussos, não passando de frivolas insinuações. Todavia, é a occasião de declarar que a reacção foi bastante além de seu alvo. Nas

* *O Romantismo no Brazil*, publicado no *Trabalho*, jornal do Recife, em Abril de 1873. Reproduzido em seu lugar definitivo na *Litteratura brasileira e a critica moderna*, 2ª parte.

palavras transcriptas está reconhecida a existencia entre nós de uma pequena poesia popular herdada, ao lado de outra quasi insignificante que mais de perto nos pertence e *individualiza*. Mantenho illesa a minha nota de falta de profundeza e originalidade nesta ultima, restringindo, porém, o character de rigor negativo que tinha a minha primeira declaração. Nós possuímos uma poesia popular especificamente *brazileira*, que, se não se presta a bordaduras de sublimidades dos romanticos, tem comtudo enorme interesse para a sciencia. Um estudo mais aturado e desprevenido trouxe-me, durante os ultimos quatro annos, esta convicção. Minhas pesquisas foram até muito além de meu calculo.*

Pretendia em algumas provincias do paiz, por onde tinha de passar, fazer uns apanhados de *cantos* e *contos* de nosso povo, como base para uma refutação ao escripto de José de Alencar, — *O nosso cancionero*, — e a demora na de Pernambuco, onde aliás já havia habitado durante o meu curso academico, na de Sergipe, minha terra natal, que mais aturadamente estudei, e na do Rio de Janeiro, onde actualmente resido, forneceu-me o ensejo de reunir toda a collecção que ora submetto ao juizo publico.

Tres são as categorias de população em que se pôde proceder ao estudo da poesia popular.

A primeira, e a certos respeitos mais importante, é a dos povos inteiramente barbaros e até selvagens, que ainda hoje existem na Africa, America e Oceania. Ahi o problema, que de todo escapou á pericia dos antigos, é bem exposto aos olhos dos sabios e viajantes modernos. Pelo lado da origem e transformações da linguagem, dos mythos e das religiões, é o manancial mais fecundo. Seguem-se os povos já meio cultos e adiantados dos velhos tempos e que no fim de alguns seculos de desenvolvimento

* Não esquecer que este livro foi escripto em 1879 e 1880 e estão publicado aos fragmentos na *Revista Brazileira*.

vieram a fornecer o attrahente espectáculo de civilizações antigas. Estão neste caso os velhos Hebreus, os Hindús, Persas, Assyrios, Gregos e Romanos. Então as linguas já estão adiantadas, as mythologias e religiões firmadas, e os canticos anonymos superabundam.

Depois, reunidos taes cantos pelos *homerides*, formam os grandes poemas nacionaes, como Vedas, Schah-Naméh, Iliada, Mabinogion, Eddas, Niebelungen...

Para o estudo comparativo das linguas e das civilizações em geral é o archivo mais appropriado. Finalmente destacam-se as populações, de um lado, de posse de certos proventos emprestados pela cultura moderna, e de outro, estranhas em grande parte a esta mesma cultura. Taes as populações ruraes dos paizes civilisados da actualidade, sobretudo as da Italia e da Allemanha.

Ahi inscreve-se, no meio da lista, a população brasileira de hoje, que é o objecto desta analyse. A' primeira vista parece que o povo do Brazil é dos mais adequados agora para o estudo da poesia e das crenças populares, por conter nada menos de tres distinctos ramos de procedencias. O *caboclo*, o *negro* e o *branco*... que bello ensejo offerecem para apreciar-se o cruzamento das idéas a par do cruzamento das raças! O engano desaparece, considerando-se de perto o estado da população actual e a primitiva situação dos povos que para ella concorreram.

Bem se comprehende que nesta inquirição devem ficar fóra do quadro o portuguez *nato*, o negro da *costa* e o indio *selvagem*, que existem actualmente no paiz, porque não são *brazileiros* e sim *estrangeiros*. O *genuino nacional* é o descendente destas origens. Semelhantemente deve ficar fóra desta analyse a inquirição da influencia que, porventura, haja tido na formação total do nosso character de hoje a existencia de estrangeiros, como francezes, inglezes, chins..., que em épocas anteriores, ou na actualidade, se tenham domiciliado no paiz. Tal influencia é minima e escapa aos olhos do historiador.

Não assim a conquista de Pernambuco e terras adjacentes pelos hollandezes no seculo XVII e a colonização allemã e italiana no Rio-Grande do Sul, Santa-Catharina, Paraná e S. Paulo no seculo actual.

As influencias hollandeza, allemã e italiana não se poderão comparar com a dos tres concurrentes directos de nossa população, por serem aquellas isoladas, no tocante á geographia, uma ao norte e a outra ao sul; no tocante ao tempo, uma no seculo XVII e outra no XIX.

Não comprehendo porém a leviandade dos historiadores e psychologos de nosso povo passarem por cima de taes factos, como se estes não existissem. Será presumivel que da conquista hollandeza não viesse para a população de Pernambuco e das provincias limitrophes uma idéa, um costume, uma noção qualquer? Não o creio. Esta questão é nova e espanto-me de não vê-la agitada em nossos historiadores de mais fama.

Desde já posso affirmal-o: a conquista hollandeza, habilmente dirigida e habilmente conservada, tendo até força bastante para modificar o systema de governo colonial de nossa metropole, influenciou socialmente as populações submettidas. A assimilação de idéas não foi profunda, porque a expulsão dos estrangeiros sobreveio logo. Ella porém deu-se em alguma escala, como depois se verá.

A colonisação allemã e italiana nas provincias do Sul não é tambem um facto para ser desprezado, como innocentemente o fazem os caracteristas de nosso povo.

Pode-se a respeito della desde já predizer que no sul do Imperio está se formando um grande nucleo, que dentro de dois ou tres seculos nos ha de salvar de nossa cada vez mais crescente extenuação de forças e de idéas.

Da colonisação bem dirigida das provincias do sul é que depende o bom futuro deste paiz. Oxalá tivessem podido os neerlandezes perdurar aos milhares, ao menos a titulo de colonos, por uns quatro seculos nas provincias do norte! Teriam então aquellas provincias uma força impulsiva

para oppor á crescente superioridade das suas irmãs meridionaes. Não foi assim, e temos visto os nossos idolatras do *luzismo* darem-se os parabens pela total expulsão hollandeza. * Olhemos tambem para o norte.

O genuino brasileiro de hoje, como geralmente se apresenta, é em regra um resultado de cada um dos *tres factores* principaes em separado, ou de dois, ou de todos tres. Educado porém sob o dominio da civilisação de um só dos concurrentes primordiaes, só reflecte com exactidão os dados que lhe deve, deixando quasi obliterados os que lhe vieram das outras origens.

O factor portuguez pesa-lhe com mais força por meio de sua civilisação, sua lingua, sua religião e suas leis. Os outros não se mostram tão distinctamente.

Este facto tive repetidas occasiões de verificá-lo, estudando as crenças e idéas dos nossos pretos e indios e seus descendentes directos ou afastados.

Quasi sempre encontrei os negros filhos da Africa, aqui vivendo, ou completamente olvidados de sua lingua e idéas nativas ou em estado de não poderem dar esclarecimentos apreciaveis a semelhante respeito. Os que se lembram ainda da lingua, acham-se por tal fórma entrelaçados em os nossos costumes, que não são mais, em rigor, um documento vivo das suas primitivas crenças.

Devo aqui, de passagem, fazer um reparo e exprimir um anhelos. E' uma vergonha para a sciencia do Brazil que nada tenhamos consagrado de nossos trabalhos ao estudo das linguas e das religiões africanas.

Quando vêmos homens, como Bleek, refugiarem-se dezenas e dezenas de annos nos centros da Africa sómente para estudar uma lingua e colligir uns *mythos*, nós que temos o material em casa, que temos a Africa em nossas cozinhas, como a America em nossas selvas, e a Europa

* Entre outros, tal se revela o autor do *Virgilio Brasileiro* em uma das notas deste.

em nossos *salões*, nada havemos produzido neste sentido! E' uma desgraça.

Bem como os portuguezes estanciaram dois seculos na India e nada alli descobriram de extraordinario para a sciencia, deixando aos inglezes a gloria da revelação do sanscrito e dos livros brahminicos, tal nós vamos leviamente deixando morrer os nossos negros da Costa, como inuteis e iremos deixar a outros o estudo de tantos dialectos africanos que se fallam em nossas *senzalas*! O negro não é só uma machina *economica*; elle é antes de tudo, e máo grado sua ignorancia, um objecto de *sciencia*.

Apressem-se os especialistas, visto que os pobres moçambiques, benguelas, monjolos, congos, cabindas, caçanges... vão morrendo. O melhor ensejo, pode-se dizer, está passado com a benefica extincção do trafico. Apressem-se, porém, senão terão de perdê-lo de todo. E, todavia, que manancial para o estudo do pensamento primitivo! Este mesmo anhelos já foi feito quanto aos Indios. *

E' tempo de continual-o a repetil-o quanto aos pretos. **

* Couto de Magalhães, *O Selvagem*, 2ª parte, passim.

** Aqui dou, como *specimen lexicologico*, algumas palavras *cabindas*, com seu significado, taes como as aprendi e pude escrevel-as :

Tuya.....	fogo.
Combo.....	cabra.
Çuço.....	gallinha.
Unquento.....	mulher.
Yacala.....	homem.
Buto.....	café.
Gúlo.....	porco.
Mananduba.....	rapariga.
Massango.....	milho.
Cuni.....	páo.
Enzo.....	casa.
Guba.....	amendoim.
Tanga.....	funda, <i>tanga</i> .
Missanga.....	contas, <i>missanga</i> .

Reatando o fio: ainda menos que os pretos ditos da *Costa*, podem o negro *creoulo* e o *mulato* figurar como testemunho certo do que sentiram e pensaram seus ascendentes *africanos*.

O que se dá com a nossa linhagem negra repete-se

Vula.....	chuva.
Emboá.....	cachorro.
Fuco	noite.
Muanami... ..	filho (meu).
Ganzambi.....	ser sobrenatural, Deus.
Mumbundo.....	negro.
Mundéle.....	branco.
Muno	eu.
Guey.....	você.
Dungo.....	pimenta.
Méso.....	olhos.
Mayacá.....	mandioca.
Piuqui	preto.
Uncôco.....	rio.
Zala	fome.
Guiando.....	esteira.
Panguiami.....	camarada (meu).
Muini.....	sol.
Gonda.....	lua.
Cufuá	morrer.
Cudiá	comer.
Fumuami,	senho (meu).
Tatami.....	pai (meu).
Gúami.....	mãe (minha).
Nene.....	grande.
Uá.....	muito.
Pacaça.....	burro.

Esta lingua de aspecto primitivo e rudimentar, contribuiu para avolumar com alguns vocabulos o portuguez do Brazil. Por ella tive o ensejo de vêr e observar o phenomêno do cruzamento de uma lingua com outra, facto em que a lingua mais culta tende afinal a triumphar, sem deixar contudo de soffrer grandes alterações. O *cabinda*, dirigindo-se a um companheiro aqui no Brazil, diz ás vezes — *Guei 'tá cudiando*, você está comendo. Quem não vê que aquelle *'tá* é o nosso *está*, e que o *cudiá*, comer, em *cabinda*, tomou a fórma do participio presente portuguez?

com o *caboclo* e seus descendentes. Tive repetidos ensejos de tratar com descendentes directos dos tupis e achei-os, quasi sempre, mais ou menos completamente educados á portugueza e incapazes de fornecerem dados seguros sobre a lingua e crenças dos aborigenes.

Só os descendentes dos *brancos*, mais ou menos mesclados, é que, apesar de desviados dos habitos da antiga metropole, podem ser tratados como um reflexo directo dos usos e costumes do velho mundo. Bastam a lingua e a religião para garantir que não vai nisto engano.

Tal o estado actual de nossas populações ruraes, as unicas que nos interessam directamente neste estudo, quanto ás suas relações com as origens donde provieram ; e a historia da colonização fornece-nos a chave do enygma.

Os portuguezes povoaram este paiz em uma época para elles de profunda decadencia politica e social, o tempo da Inquisição e logo depois do captiveiro hespanhol em que findou o periodo heroico de sua historia e começou a grande crise do desmoronamento em que ainda hoje se debate a estimavel nação. *

Comquanto descoberto pouco antes, só então começaram a ser colonizado o Brazil.

Já em Portugal definhava desprezada, senão esquecida, a grande poesia popular. De si já bastante emmanhadas as tradições da península hespanica, ainda mais o ficaram em o novo mundo para onde foram transportadas no tempo de sua velhice. Os selvagens aqui encontrados foram parcamente civilizados e encorporados em a nova geração que se ia perpetuar na America.

Alguns jesuitas, é certo, aprenderam a lingua tupi, mas sempre no intuito de fazer abraçar pelo cathecumeno o catholicismo e esquecer de todo as suas idéas e tradições.

* Alex. Herculano, *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, passim.

Além disso eram os missionarios inteiramente incapazes de comprehender os mythos e crenças selvagens pelo aferro fanatico á sua propria religião e pelo obscurantismo de seu tempo para questões de tal ordem. Das idéas dos aborigenes brasileiros quasi nada apreciavel se nos depara nos escriptores dos tres ultimos seculos. Além de algumas anedotas e impossibilidades ethnologicas, só para o estudo da lingua podem ser elles compulsados.

Os viajantes e escriptores deste seculo, incomparavelmente mais autorizados e desprevenidos, é que nos podem esclarecer. O que porém de melhor podem adiantar se refere a tribus indias, que não estão no caso de interessar-nos directamente. Suas pesquisas, quanto ao problema das origens, teriam o mais elevado gráo de valor se fossem feitas entre populações no todo selvagens; e, quanto á questão das idéas que dos tupis passaram ao brasileiro, se taes pesquisas fossem effectuadas nos descendentes directos da grande raça que existem mesclados á nossa população. Assim porém não acontece. Seus estudos quasi sempre são feitos em nucleos que nem são o selvagem primitivo, nem o seu representante *brazileiro*. São populações, sempre desviadas de suas antigas idéas, sem comtudo poderem ser contadas como parte de nosso povo: as tribus semibarbaras das margens de alguns dos rios do valle do Amazonas, que vivem, ha tres seculos, em contacto com as populações vizinhas.

Pelo que toca aos africanos, é notorio que a maxima parte dos aqui chegados era tirada das possessões portuguezas de além mar dentre os negros já desviados de suas antigas crenças e costumes. Demais, os *negros novos* vinham, por via de regra, ainda na primeira idade e sem idéas e doutrinas nativas portanto.

Destes elementos disparatados, incongruentes e meio esquecidos, é que se formaram as crenças, os habitos e a poesia de nosso povo.

A evolução romantica, aviventando o estudo da

poesia popular, por sua paixão pela idade média, prestou um relevante serviço á sciencia. Este, comtudo, não deixou de ser marcado por bem notaveis dissonancias. Uma das mais avolumadas é a celebre theoria de Jacob Grimm da *inerrancia popular*, tão geralmente adoptada, e, ainda ha pouco, repetida leviaamente por Theophilo Braga. *

Quem não vê ali um éco das fallazes theorias da *Revolução* e da *Restauração* sobre a *soberania popular*?

A inerrancia do povo e a sua soberania são alguma cousa de analogo ao *direito divino* dos reis e á *infallibilidade* do papa.

A romantica não comprehendeu bem a poesia popular. Investindo o povo de attributos singulares e extranaturaes, elevando-o á altura de um mytho informe e fluctuante, falseou a critica de suas concepções. Uma prova disto temol-a na incongruencia de alguns. Se o povo não erra e sempre attinge o alvo, porque nos vem fallar Garrett de « cópias barbaras oriundas da ignorancia e do acanhamento das amas sêccas, lavadeiras e saloias velhas, tudo informe e mutilado pela rudeza das mãos e memorias por onde passou? »** Não será isto negar ao povo *infallivel* o seu direito de produzir, desenvolver e transformar a sua poesia? Não será tambem pôr-se em desaccôrdo com a sua pretendida inerrancia, segundo a theoria de Grimm?

Garrett, como perfeito romantico, scismava o povo lá a seu modo, composto de eminencias e incapaz de errar. Dahi sua investida contra as *amas sêccas, lavadeiras e saloias*, genuinos órgãos aliás da poesia popular; dahi a supposição, que transpira de suas palavras, de que a poesia popular é simplesmente aquella que é cantada pelo povo, e d'ahi a sua pretensão de emendal-a. Este erro é hoje intoleravel. Steinthal, o celebre philologo e psychologista,

* *Cancioneiro e Romanceiro Geral*, pag. 17 do volume 1º.

** *Romanceiro*, 4ª edição vol. 1º pag. 17.

que tem renovado a face destes estudos, Steinthal demonstra que a poesia popular não é tanto a que o povo *canta*, como a que o povo *produz*, e que os seus órgãos mais autorizados se encontram justamente entre as populações ruraes e incultas: « *Nun fragt man aber so gleich: — was sind Volkslieder? Sind es Lieder, die von Volke gesungen werden? oder sind es solche, welche das Volke gedichtet hat? Ich sage also: es gibet eine Volksdichtung; das Volk hat gedichtet; das Volk is Dichter.* »* A poesia popular é uma poesia da natureza, *Naturdichtung*, na expressão do nobre escriptor; floresce entre a gente inculta, *Nation culturlos*. Ora, a incultura, se não suppõe a inerrancia do povo, como repete Braga, não dá por outro lado, o direito a Garrett de chasquear daquillo que é justamente a condição integral das creações populares. Esta insuficiencia romantica para explicar as concepções das massas foi partilhada entre nós. Um ou outro escriptor nosso, que, por acaso, houvesse colhido alguma *quadrinha* em um festa de aldeia, para logo expandia-se aos fulgores lyricos e supra-humanos da musa popular. Fazia-se mais rhetorica do que psychologia, mais divagações estheticas do que analyses ethnologicas. Estamos fartos de apologias poeticas e de scismares romanticos; mais gravidade de pensamento e menos zig-zags de linguagem.

Um olhar lançado sobre nossa historia, não sobre a historia escripta por A ou B, por Varnhagen ou Pereira da Silva, velhos declamadores rhetoricos, mas a historia não escripta, a tradição fluctuante e indecisa de nossas origens e ulterior desenvolvimento, um olhar ahi lançado irá descobrir com alguma difficuldade os primeiros lineamentos de nossas lendas e canções populares.

Não existem documentos escriptos de taes factos; os

* *Zeitschrift für Volkerpsychologie und Sprachwissenschaft* Fünfter Band, S. 2 e seguintes.

documentos são as lendas e canções mesmas, que são agora pela primeira vez fixadas pela escripta. O caracter de cada uma das peças é o seu titulo unico de origem e marca-lhes a época a que pertencem.

Quaes foram os primeiros *romances* e canções portuguezas transplantados para o Brazil? Quaes os primeiros *contos* da península que passaram ás nossas plagas?

Por outro lado, quaes os primeiros contos *indigenas* e *africanos* assimilados por nossas populações mestiças; quaes os primeiros de origem puramente nacional? Impossivel é aqui responder com uma data como fazem os historiadores relatiivamente á morte ou ao nascimento dos reis. As tradições populares não se demarcam pelo calendario das *folhinhas*; a historia não sabe do seu dia natalicio; sabe apenas das épocas de seu desenvolvimento.

O que se póde assegurar é que, no primeiro seculo (XVI) da colonisação, portuguezes, indios e negros, acharam-se em frente uns dos outros e diante de uma natureza esplendida, em luta pela vida, tendo por armas o obuz, a flecha e a enchada, e por lenitivo as saudades da terra natal.

O portuguez lutava, vencia e escravisava; o indio defendia-se, era vencido, fugia ou ficava captivo; o africano trabalhava, trabalhava... Todos deviam cantar, porque todos tinham saudades; o portuguez de seus lares d'além mar, o indio de suas selvas, que ia perdendo, e o negro de suas palhoças, que nunca mais havia de vêr.

Cada um devia cantar as canções de seu paiz.

De todas ellas amalgamadas e fundidas em um só molde—a lingua portugueza, a lingua do vencedor, é que se formaram nos seculos seguintes as nossas canções populares.

O europeu foi o concurrente mais robusto por sua cultura e o que deixou mais tradições. No seculo XVI, pois, por uma lei de evolução que dá em resultado antecederem as fórmulas simples ás mais compostas, as canções e contos

populares das tres raças ainda corriam desaggregados, diferenciados. Nos seculos seguintes, sobretudo no XVIII e XIX, é que se foram cruzando e amalgamando para integrar-se á parte, produzindo o corpo de tradições do povo brasileiro. Nós ainda hoje assistimos a este processo de integração.

No seculo XVII o facto já se ia dando e póde ser avaliado pelo estudo de Gregorio de Mattos. A crítica myope de nossos rhetoricos fez deste poeta um renegado corrupto, sem prestimo algum. Entretanto, Gregorio é o documento por onde podemos apreciar as primeiras modificações que a lingua portugueza soffreu na America.

A obra de transformações das raças entre nós ainda está mui longe de ser completa e de ter dado todos os seus resultados. Ainda existem os tres povos distinctos em face um dos outros ; ainda existem brancos, indios e negros puros. Só nos seculos que se nos hão de seguir a assimilação se completará.

O que se diz das raças deve-se repetir das crenças e tradições. A extincção do trafico africano, cortando-nos um grande manancial de miserias, limitou a concurrencia preta ; a extincção gradual do caboclo vai tambem concentrando a fonte india ; o branco deve ficar dentro em pouco com a preponderancia absoluta no numero, como já a tem nas idéas. *

Lançando um olhar perscrutador sobre a população brasileira para estudar a sua actualidade, abstracção feita de suas origens e á luz de idéas scientificas, sem prestar ouvidos ás nossas pretensões de grandezas, podemos dividil-a em quatro secções naturaes : os habitantes das praias e das margens dos grandes rios, os habitantes das mattas, os dos sertões, os das cidades.

Os tres primeiros grupos são indicados pelas zonas

* Vide *Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, epilogo, e cap. 2^a da P. 1^a.

em que se divide o paiz. As cidades e villas, comquanto existam igualmente nas tres regiões, os seus habitantes têm character especial e formam uma categoria á parte.

Os tres outros grupos, que estudaremos mais de perto, constituem um povo mesclado em escala infinita, apresentando mais diversidades de typos do que as variedades de gatos que habitam nossos telhados, para repetir a phrase de Quatrefages.

De pouca vivacidade intellectual, tanto que suas industrias são em estado rudimentar, é um povo sem objectivo politico, sem consciencia social e historica, falho de sciencia e de elevados incentivos, e, ao mesmo tempo, sem mythos e sem herões.

Se não é um povo culto, nem por isso permance ainda *claramente e de todo* no periodo polytheico e mythologico das crenças. Applicando-lhe a lei dos *tres estados*, formulada por Comte, está elle *exteriormente* no periodo theologico, na phase do monotheismo; mas ainda com pronunciados residuos da phase do fetichismo e do polytheismo.

Nem é isto um phenomeno estranho. As populações ruraes da propria Europa são mopotheicás na superficie, occultando porém profundos sedimentos do fetichismo e do polytheismo.

Os nossos homens das praias e margens dos grandes rios são dado á pesca; raro é o individuo entre elles que não tem sua pequena canôa. Vivem de ordinario em palhoças, ora isoladas, ora formando verdadeiros aldeamentos. São chegados a rixas, amigos da *pinga* e amantes da *viola*. Levam, ás vezes, semanas inteiras dansando e cantando em *chibas* ou *sambas*. Assim chamam-se umas funcções populares em que, ao som da viola, do pandeiro e de improvisos, ama-se, dansa-se e bebe-se. Quasi todo o praeiro possui o instrumento predilecto e *canta ao desafio*. Se os lavradores vizinhos mandam convidar esta gente para trabalhar nas *roças*, ella não apparece senão

raramente. Se a convidar para um *chiba*, apparecem cincoenta de uma pancada. Tive occasião de verificar o caso em uma *fazenda* da costa. Havia um hospede em casa que desejava vêr um *chiba* para estudal-o ; apresentou seu desejo ao dono da fazenda e este mandou chamar comparsas para a funcção. Já era por tarde quando se deram as providencias ; antes porém de vir a noite mais de cincoenta cavalheiros e damas estavam dansando no salão !

Lembro-me de um velho que, não podendo mais dansar e tocar, me dizia melancolicamente : *eu fui aquelle que pissuiu sete violas*. . . Isto é caracteristico.

Os habitantes das mattas são dados á lavoura e chamados *mattutos* em Pernambuco, *tabaréos* em Sergipe e Bahia, *caypiras* em S. Paulo e Minas, e *mandiôcas* em algumas partes do Rio de Janeiro. Tambem são em geral madraços e elevam todo o seu idéal a possuir um cavallo, um *pequirá*, como chamam. Vivem de ordinario nas terras dos grandes proprietarios, que são verdadeiros *senhores feudaes*, a titulo de aggregados.

Os homens dos *sertões* são criadores. O sertanejo é, por via de regra, *vaqueiro*. Este é um typo brutal, vestido de couro dos pés á cabeça, monteador feroz ; sempre cavalleiro eximio.

Os habitantes das tres zonas, aqui descriptos rapidamente, são supersticiosos.

Suas superstições divido-as em duas classes : as que têm tomado um caracter mais ou menos accentuado e historico por vezes, as ordinarias e communs.

As primeiras hão sido certos phenomenos com caracter pseudo-religioso. Entre ellas, destaca-se o movimento ha poucos annos produzido por um tal Maurer, no Rio-Grande do Sul, e de que os jornaes deram conta. Um impostor arvorou-se em propheta e arrebanhou após si grande numero de ingenuos e velhacos.

Mais temeroso foi o phenomeno da *Pedra Bonita ou Reino Encantado* em Pernambuco em 1836.*

Houve ahi scenas horribes de fanatismo e larga carnificina.

Mais recentemente tive o ensejo de estudar dous acontecimentos analogos, ainda que mais innocentes. Um passou-se no lugar denominado Carnahybas, proximo á Villa do Riachão, na provincia de Sergipe. Dous pretos velhos alienados fizeram morada em uma casinhola onde havia uma *Santa-Cruz*. As pessoas que têm viajado pelo interior conhecem estas especies de *nichos* esparsos aqui e acolá pelo paiz e asylando sempre uma cruz. Algumas destas passam por milagrosas e estão ornadas de reliquias e milagres. Pois bem, os dous negros em um theatro destes entraram a fazer sermões e para logo viram grupar-se em torno de si enorme multidão. Estabeleceram o communismo das mulheres e fizeram predicas infamantes.

Foi mister a intervenção da policia para desmanchar-se o ajuntamento.

O ultimo phenomeno da especie que tenho de apresentar teve um theatro ainda mais vasto. Um individuo criminoso do Ceará sahio a fazer penitencia a seu medo e inaugurou predicas publicas pela mesma fórma por que os nossos enfastiados, sedentos de nomeada inauguram *conferencias*... No seu percurso veio ter aos sertões da Bahia e fundou uma igreja em Rainha dos Anjos. Chamava-se Antonio e o povo o denominava o *Conselheiro*. Passou por Sergipe, onde fez adeptos. Pedia esmolas e só acceitava o que suppunha necessario para a sua subsistencia, no que divergia de nossos mendigos vulgares.

Não tinha doutrina *sua* e andava munido de umas *Horas Marianas*, donde tirava a sciencia!

**Memoria sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na Comarca de Villa-Bella*, por Antonio A. de Souza Leite, Rio de Janeiro, 1875.

Era um missionario a seu geito. Com tão poucos recursos fanatisou as populações que visitou, que o tinham por *Sant' Antonio Apparécido!*

Prégava contra os *pentes de chifre* e os *chales de lã*, e as mulheres queimavam estes objectos para o satisfazer. A musa popular vibrou a seu respeito e exhalou-se em quadras como estas :

« Do céo veio uma luz
Que Jesus Christo mandou ;
Sant' Antonio Apparécido
Dos castigos nos livrou.

« Quem ouvir e não aprender,
Quem souber e não ensinar,
No dia de Juizo
A sua alma penará ! »

As chamadas—*Santas-missões* são phenomenos quasi analogos.

Além destas superstições, em grosso, por assim dizer, existem as ordinarias e vulgares, que são de todos os dias.

Escreveria um volume inteiro, se fôsse a descrever as da especie que tenho presenciado. Limitar-me-hei a poucas.

A proposito de molestias revelam-se algumas muito interessantes. Quasi todas as doenças para o povo vêm a ser : a *espinhela cahida*, o *flato* e o *feitico*.

Curam todas com benzeduras, ou promessas a santos. A *espinhela cahida* é um incommodo do estomago ou da parte posterior do esternon, que o povo conhece e descreve. O modo de a curar é sujeitar-se o paciente a que um curandeiro o benza com as seguintes palavras que pude obter não sem difficuldade :

« Espinhela cahida,
Portas para o mar ;
Arcas, espinhelas,
Em teu logar !...
Assim como Christo,
Senhor Nosso, andou
Pelo mundo, arcas,
Espinhelas levantou. »

Fazem-se cruces nos pulsos, estomago e costellas.

O *flato* são phenomenos nervosos tambem curados com rezas. O *feitiço* é cousa que dizem ser feita por alguem.

Para fazer sahir uma espinha da garganta, a reza é esta :

« Homem bom,
Mulher má,
Casa varrida,
Esteira rôta ;
Senhor São Braz
Disse a seu môço
Que subisse ou descesse
A espinha do pescoço ».

Para o *soluço* deve o paciente munir-se de um copo d'agua e perguntar :

« Que bebo ?

Curandeiro « Agua de Christo,
Que é bom p'ra isto ».

Tres vezes se repete a pergunta e outras tantas a resposta.

Para o *cobrelo* (*cobreiro* chama-lhe o povo) estabelece-se entre o doente e o benzedor o seguinte dialogo :

« — Pedro, que tendes?

— Senhor, *cobreiro*.

— Pedro, curai.

— Senhor, com que?

— Aguas das fontes,

Hervas dos montes ».

Quanto ao *mal de baço* proveniente de sezões, o povo costuma a *cortar a dureza*. O methodo consiste em collocar o doente um pé sobre uma folha de bananeira ou sobre o capim *pé de gallinha* e o curandeiro ir com uma faca marcando a configuração do pé, e perguntando: « o que corto? » Ao que responde o doente: « Baço, dureza, obstrucção. » Isto, tres vezes, findo o que o *capim* ou o pedaço da folha de bananeira recortada na fôrma do pé é cozido em um *breve*, que é posto ao pescoço do enfermo. Quando a folha seccar, desapparecerá a dureza.

Tambem acreditam no *máo olhado* e *quebranto*. Certas molestias da cabeça dizem ser o *sol*, a *lua* ou as *estrellas* que entraram na cabeça do padecente. O modo de as medicar é: collocar uma toalha dobrada sobre o craneo do individuo affectado e sobre a toalha um copo com agua emborcado. A reza que acompanha esta operação, que para mim é uma reminiscencia da *trepanação prehistorica*, segundo a descreve Broca, é a seguinte: « Jesus Christo nasceu, Jesus Christo morreu, Jesus Christo resuscitou. Se estas tres palavras são verdadeiras, vos farão sarar desta enfermidade ». Segue-se o *credo*. Repetem-se tres vezes a oração e o *credo*.

Depois se *offerece*. O offerecimento é este: « Offereço este benzimento á sagrada paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Christo ». Depois repete-se o *Bemdito* e o *Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo* tres vezes.

Para o veneno da cobra existe o *fechamento do corpo*, que é uma oração que se traz ao pescoço. Também serve para preservar de *faca de ponta* e *tiro de bala*.

Quando cai um *argueiro* no olho de alguém, reza-se:

« Corre, corre, cavalleiro
Vai na porta de São Pedro
Dizer a Santa Luzia
Que me mande seu lencinho
Para tirar este argueiro ».

Também existem superstições sobre certos animaes. A *coruja* é de máo agouro. A *esperança* e a *lavandeira* de bom. Acreditam no *lobishonem*, na *mula sem cabeça* e na *mãi d'agua*, animaes encantados.

O excremento da *vacca* é empregado para lavar a roupa e o corpo.

Lembro este facto por encontrar nelle uma reminiscencia do culto que se dava á *vacca* e ao seu excremento na Persia e na India. *

O do cachorro, chamado *jasmim do campo*, emprega-se na cura da variola. E' um outro symptoma do atrazo popular.

Quando sobrevêm as terriveis *seccas*, em alguns pontos procuram conjural-as, fazendo *procissões* e mudando um *santo* de um logar para outro. Também para experimentar-se se o anno será secco ou chuvoso, costuma-se tirar a *prova de Santa Luzia*, que consiste em collocar-se um bocado de sal em uma vasilha, na vespera do dia da santa, em logar enchuto e coberto.

Se o sal amanhecer molhado, choverá, ao contrario não.

— Conta-se que no Ceará fizeram esta experiencia diante do naturalista George Gardner, mas o sabio, fazendo observações metereologicas, e chegando a um re-

* Angelo de Gubernatis — *Mythologie Zoologique*, passim.

sultado differente do attestado pela santa, exclamou em seu portuguez atravessado: « Non, non, Luzia mentio ».

Quando alguém perde um objecto, custuma invocar *São Campeiro*, personagem que não consta do calendario e *São Longuinho*, patriarcha das cousas perdidas.

A *São Campeiro* accendem-se velas pelos mattos e campos. Para *São Longuinho*, quando se encontra o objecto perdido, grita-se: « Achei, *São Longuinho!* » Isto tres vezes.

Algumas mulheres quando entram n'agua para tomar um banho, dizem:

« Nossa Senhora lavou
Seu beuto filho p'ra cheirar,
Eu me lavo p'ra sarar ».

Acreditam muito em *almas do outro mundo*, e quando estão comendo, se lhes acontece cahir um bocado no chão, dizem: « qual dos meus estará com fome? »

Vejo ahi uma reminiscencia do culto dos maiores, descripto por H. Spenser.*

Ao deitarem-se algumas dizem:

« S. Pedro disse missa.
Jesus Christo benzeu o altar;
Assim benzo minha cama
Onde venho me deitar.»

No acto de dar uma mulher á luz, quando a criança se aproxima do *nascedouro*, segundo a expressão consagrada, a parteira, ou *assistente*, faz repetir pela parturiente:

« Minha santa Margarida,
Não estou prenha, nem parida.»

* Principles of Sociology, passim.

No Ceará ainda se usa, em alguns pontos do centro, uma especie de *velorio* por morte de crianças, *anjinhos*, como chamam. Consiste em dar tiros de pistolas e rouqueiras, e cantar rezas e poesias na occasião de levar para o cemiterio o *anjinho*.

Existe tambem em algumas provincias a devoção intitulada a *lamentação das almas*. Em certa noite do anno sahem os penitentes, de matracas em punho, a cantar em tom lugubre composições adequadas. Vão parando de porta em porta sobretudo nas casas de certas velhas a quem querem aterrar.

Nota-se tambem o costume de *vender* ou *amarrar as sezões*, que consiste em benzel-as e depois ir o doente a um pé de lorangeira, onde nunca mais deve tornar, e dizer :

« Deus vos salve, lorangeira,
Que te venho visitar ;
Venho te pedir uma folha
Para nunca mais voltar.»

O elemento feminino é que predomina em tudo isto.

Deixemos este lado sombrio de nosso povo, que é commum tambem ás nações até as mais cultas, e vejamo-lo expandir-se em suas festas.

E' ainda nas populações ruraes que devemos ir buscar as nossas informações.

Pelo que toca ás cidades, suas populações se dividem em duas classes bem accentuadas. A parte mais ou menos culta, que figura no commercio, nas artes, na politica e nas letras, e a parte inculta, a immensa cohorte dos *capadocios* ou *cafagestes*. Estes são os residuos populares das villas e cidades. E' gente madraça, que, possuindo todos os defeitos dos habitantes do campo, não lhes comparte as virtudes.

As festas populares neste paiz são de duas especies : as de igreja popularisadas e as exclusivamente populares. Entre as primeiras destacam-se : a de Nazareth no Pará, das Neves na Parahyba do Norte, do Monte e Saude em Pernambuco, do Bomfim na Bahia, da Penha no Rio de Janeiro. São festas de oragos, em que o povo toma parte com folganças especiaes. A' segunda especie pertencem as festas geraes do Natal, Anno Bom, Reis, S. João, com seu cortejo de *chibas*, *sambas*, *reinados*, *cheganças*, etc.

Nestas ultimas é que melhor se aprecia em acção a poesia popular. As festas de *Natal*, *Anno Bom*, *Reis*, chamadas *janeiras* em Portugal, são as mais alegres e travessas para o nosso povo. São quinze dias de folgares constantes e variados. No Lagarto, cidade da provincia de Sergipe, foi que melhor as estudei. Os brinquedos mais communs são: o *Bumba meu boi*, os *Marujos*, os *Mouros*, o *Cégo*, etc.

O *Bumba meu boi* vem a ser um magote de individuos, sempre acompanhados de grande multidão, que vão dansar nas casas, trazendo comsigo a *figura de um boi*, por baixo da qual occulta-se um rapaz dansador.

Pedem, com canticos, licença ao dono da casa para entrar. Obtida a licença, apresenta-se o *boi* e rompe o côro :

« Olha o boi,
Olha o boi que te dá,
Ora entra p'ra dentro,
Meu boi marruá.
Olha o boi,
Olha o boi que te dá,
Ora dá no vaqueiro,
Meu boi marruá... etc.»

O vaqueiro representa sempre a figura de um *negro* ou de um *caboclo*, vestido burlescamente, e que é o alvo

das *chufas* e pilherias populares. A intenção transparente de injuriar assim as duas raças inferiores, preta e vermelha, explical-a-hemos adiante.

A folgança dos *Marujos* representa-se com um batalhão de rapazes vestidos á maruja, que conduzem um naviozinho. Cantam versos variados e fazem evoluções multiplas. Depois de fingirem uma lucta, vão coser o *panno*, no fim do que ha o episodio do *gageiro*, cantando-se os versos da *Não Catherineta* de origem portugueza.

Ainda hoje quem tem o sentimento da poesia popular e comprehende o espirito do povo portuguez, como um povo de navegantes, não pôde ouvir aquella canção do *gageiro* com sua melopéa sentida, sem experimentar alguma coisa de saudoso e de profundo. E' a velha alma lusitana transplantada para este paiz, que nos agita as fibras do coração. Os *versos* e a *musica*, que sabemos de cór, e que no logar competente vão estampados, nunca os ouvimos sem agradável commoção.*

No mesmo espirito é tambem a folgança dos *Mouros*, onde ha uma lucta entre *christãos* e *turcos*, reminiscencia historica das luctas contra os *mouros* na península hespanica.

O começo é :

« Olhem que grande peleja
Temos nós que pelejar,
Se fôr o rei da Turguia,
Se não quizer se entregar.

« Trabalharemos com gosto
P'ra nossa espada amolar,
Se fôr o rei de Turquia,
Se não quizer se entregar...etc.»

*Vide—*Cantos Populares do Brazil* pelo autor.

O brinquedo ou *auto* popular do *cégo* é menos característico. E' todo de implantação portugueza. E' a historia de um conde que se finge *cégo* para raptar uma moçoila.

Esta vai ensinar-lhe o caminho e encontra-se com os companheiros do conde ; é raptada e diz com melancholia :

« Valha-me Deus
E Santa Maria,
Que eu nunca vi conde
De cavallaria...etc.»

Tem um certo frescor juvenil e a musica é expressiva.

Em Pernambuco o *auto* popular do *Cavallo-marinho* é o mais apreciado. Dou-o por inteiro no logar competente. Nelle se póde bem estudar a fusão já adiantada em certo ponto dos costumes das tres raças que constituem o grosso de nossa população. Tambem dalli transpira certa dureza de costumes, propria dos pernambucanos rusticos, que, com o gosto pela liberdade, é uma das heranças que lhes ficaram de seu contacto e luctas com os hollandezes. No Lagarto, em Sergipe, no dia de Reis celebra-se a festa de S. Benedicto e apreciam-se então alli dous folguedos especiaes : o dos *Congos*, que é proprio dos negros, o das *Tayêras*, feito pelas mulatas. Os *Congos* são uns pretos vestidos de reis e de principes, armados de espadas, e que fazem uma especie de guarda de honra a tres *rainhas* pretas. As *rainhas* vão no centro, acompanhando a procissão de S. Benedicto e de Nossa Senhora do Rosario, e são protegidas por sua guarda de honra contra dous ou tres do grupo, que forcejam por lhes tirar as corôas. Tem um premio aquelle que consegue tirar uma corôa, o que é vergonhoso para a rainha. Os da guarda cantam :

« Fogo de terra,
Fogo do mar,
Que a nossa *rainha*
Nos ha de ajudar.»

As *Tayêras* são mulatas, vestidas de branco e enfeitadas de fitas, que vão na procissão dansando e cantando com expressão especial e côr toda original. Os versos, onde se conhece a acção burlesca da raça negra, dizem:

Virgem do Rosario,
Senhora do mundo,
Dai-me um côco d'agua,
Senão vou ao fundo...
Indêrê, rê, rê, rê...
Ai ! Jesus de Nazareth !

« Meu S. Benedicto
Não tem mais corôa ;
Tem uma toalha
Vinda de Lisboa...
Indêrê, rê, rê, rê...
Ai ! Jesus de Nazareth ! etc.»

A musica é puramente brasileira .

Em Pernambuco, pelo *Natal*, costumam armar as chamadas *Lapinhas*. São *nichos* representando o presepe onde nasceu Jesus. Ha então ahi a funcção das *pastorinhas*, que são mulatas ou negras, na primeira flôr da idade, enfeitadas de capellas e que dansam e cantam, acompanhadas de um negralhão vestido burlescamente, a tocar pandeiro. O comêço das trovas diz :

« Vinde, pastorinhas,
Vinde a Belém,
A vêr se é nascido
Jesus Nosso bem, etc.

Noutras provincias tenho presenciado presepes; mas sem a *função* das *pastorinhas*. Para melhor concatenação de idéas, e pela necessidade de só affirmar aquillo que tenho visto e estudado de perto, é que vou referindo as descripções das festas populares ás localidades, onde as apreciei. Tenho porém as mais completas provas, no testemunho de pessoas insuspeitas, de que por todas as provincias do imperio as *janeiras* foram muito populares e concorridas.

Em Paraty, na provincia do Rio de Janeiro, a festa mais celebre é a do *Espirito-Santo*. Nesta manifesta-se a instituição popular do *Imperador da festa*. Assim é chamado o *festeiro*, aquelle que faz as despezas da folgança. No dia da festividade este individuo é conduzido de sua casa para a igreja entre duas varas enfeitadas que são levadas por algumas pessoas gradas.

Ha um costume analogo em S. Paulo e Matto-Grosso. *

Cumpre ponderar que nota-se uma apreciavel decadencia em todas as folganças e festividades populares. A tradição as dá muito mais frequentes e animadas ha trinta ou quarenta annos. Não deixam de ter contribuido para isto, além de outras causas, a moderna intolerancia dos vigarises e o zelo anti-esthetico dos delegados de policia.

Além das duas categorias de festas de que acabo de fallar, ha uns brinquedos particulares e, por assim dizer, intimos do povo. Naquellas elle exhibe-se em publico, nas praças e ruas e anda meio recatado. Nos *sambas*, *chibas*, *batuques* e *candomblês* é que o povo excede toda expectativa.

Vamos vêr despontar o manancial mais fecundo da poesia popular. A *viola* e o *enthusiasmo*, o canto e os ardores da paixão, eis a dupla origem da grande torrente.

* Moutinho—*Provincia de Matto-Grosso, passim.*

Chama-se *chiba* na provincia do Rio de Janeiro, *samba* nas do norte, *caterê* na de Minas, *fandango* nas do sul uma funcção popular da predilecção dos pardos e mestiços em geral, que consiste em se reunirem damas e cavalheiros em uma sala ou n'um alpendre para dansar e cantar. Variadas são as *tocatas* e as *dansas*. Ordinariamente porém consiste o baile rustico em sentarem-se em bancos á roda da sala os convidados, e, ao som de violas e pandeiros, pular um par ao meio do recinto a dansar com animação e requebros singulares o *bahiano* ou outras variações populares. O *bahiano* é dansa e musica ao mesmo tempo. Os figurantes em uma toada certa têm a faculdade do improviso em que fazem maravilhas, e os tocadores de viola vão fazendo o mesmo, variando os tons. Dados muitos gyros na sala, aquelle par vai dar uma *imbigada* noutro que se acha sentado e este surge a dansar. O movimento se anima, e, passados alguns momentos, rompem as cantigas populares e começam os improvisos poéticos.

Ahi se exerce uma força verdadeiramente prodigiosa e os *cantos* inspirados por motivos de occasião e sempre com vivissima cõr local, ou varrem-se para sempre da memoria, ou, decorados e transformados, segundo o ensejo, vão passando de bocca em bocca e constituindo esta abundante corrente de *cantos lyricos* que esvoaçam por toda a extensão do Brazil.

O *bahiano* é um producto do *mestiço*; é uma transformação do *maracatú africano*, das *dansas selvagens* e do *fado* portuguez.

Nas *dansas*, *musicas* e *poesias* populares, dão-se tambem as leis da *selecção natural*.

Adaptadas a um novo meio, modificam-se, produzindo novos rebentos ou novas vidas. O *bahiano* é um exemplo. E' mestiço de origem, prevalecendo ainda nelle o elemento africano, que, por mais que o queiramos esconder, predomina ainda em nossas populações.

que se podem chamar do terceiro e quarto estado. Se nas republicas hespanholas o cruzamento mais vasto foi do europêo com o indio, no Brazil foi do branco com o negro, predominando até agora as fôrmas escuras nas classes baixas. Feita a estatistica real, e não a presumida, da população brasileira, se ha de notar que o numero de *mestiços* excede ao de brancos puros, indios puros e negros puros, e que naquelles a impressão do preto é a mais viva.

O *bahiano* é uma especialidade brasileira : elle e o *vatapá* e o *carurú*, tambem implatações africanas transformadas, são as tres maiores originalidades do Brazil. A *modinha* é uma implantação da *serranilha*, como já foi por vezes demonstrado, e é para mim menos original.

Adaptada e este solo, quando foge no verso e musica dos modelos convencionaes, adquire tambem um grau pronunciado de originalidade.

Chega a este ponto quando ao elemento portuguez aggregam-se os outros, porque o genuino brasileiro, como já disse, o *nacional* por excellencia, não é, como alguns hão affirmado erroneamente, este ou aquelle dos concurrentes, mas o resultado de todos, a *fôrma nova* produzida pelos tres factores.

Outro ensejo para apreciar-se a evolução da poesia popular é observar o povo no seu *trabalho*. Estou de accôrdo com Gustavo Freitag, o celebre romancista allemão : «mais do que em suas superstições e festas, que são o seu lado excepcional, devemos estudar o povo no seu trabalho, que é a sua face constante e normal.»

Profundas palavras, que, se fossem meditadas por nossos romancistas, não teriam estes povoado o nosso mundo litterario de creações e typos chimericos, aereos, nullos...

O povo deve de preferencia ser observado na sua laboriosa lucta pela vida. Elle então canta e o seu cantar é masculino e sadio. Entre nós tenho-o observado por vezes.

Ou nos grandes *eitos* lavrando a terra, ou deitando mattas ao chão, ou nos *engenhos* no moer das cannas e na preparação do assucar, sempre o trabalhador vai cantando e improvisando. E' o *cantar elogio* ou *cantar ao desafio*, expressões de alegria usadas em Pernambuco.

Em Sergipe chamam *arrazoar* ao cantar versos e improvisos. Esta expressão é tambem significativa.

Ha alli, como em outras provincias, onde o trabalho é mal organizado, um original costume: — um roceiro, que tem um serviço atrazado, roçagem, plantação ou colheita, convida os vizinhos para o ajudarem a levar avante o eito; accedendo estes, forma-se o que chamam no Rio de Janeiro *potirão* ou *potirum*. O *potirum*, expressão africana, dura ás vezes dous e tres dias. E' um trabalhar livre e galhofeiro ao som de cantigas. Tambem o fazem para *tapagens* de casas, e as mulheres o empregam na *fiagem* do algodão.

Trabalha-se, bebe-se e canta-se.

Isto é nas populações agricolas das mattas; nas criadoras dos sertões observam-se os mesmos costumes com as indispensaveis alterações. Os vaqueiros usam do celebre *aboiar*, e alguns dos nossos *romances* e *chacaras* mais originaes, como o *Boi-Espacio*, o *Rabicho da Geralda*, a *Vacca do Burel*, têm esta origem.

Os homens da costa e das margens dos grandes rios, e que passam parte da vida em canôas, tambem são um dos órgãos de nossa poesia popular. No remar vão *arrazoando*. Tiver repetidas occasiões de observar e entrar nestes *cantos ao desafio*, onde embalde procurava acompanhar os bardos incultos. Em promptidão de improviso era sempre ultrapassado por elles.

As *adivinhações*, *dictados*, *folguedos de crianças*, e *saudes* são outras formulas da sabedoria e poesia popular. Os folguedos de criança e *saudes* vão adiante indicados em logar apropriado. Quanto aos *dictados* e *adivinhações* darei aqui alguns especimens mais vulgares.

Dictados : «Quem nasceu p'ra dez réis, nunca chega a vintem. De hora em hora Deus melhora... Quem tem dó de *angú* não amarra cachorro... Quem quer pegar gallinha, não diz *chô*... Quem planta e cria, tem alegria... Lua nova trovejada trinta dias de molhada... Em Abril aguas mil... Fazer bem não cates a quem... Onde me conhecem honras me dão, onde não me conhecem me darão, ou não... Os bens do sacristão cantando vêm, chorando vão... Deus quando tarda, vem no caminho... Agua molle em pedra dura tanto dá até que fura... Macaco velho não mete a mão em cumbuca...»

E' evidente a origem portugueza de alguns e a transformação mestiça de outros.

Adivinhações: assim chamam-se umas especies de charadas propostas para se lhes descobrir o sentido. Exemplo :

«Caixinha de bem querer, todos os *carapinas* não sabem fazer.» E' o amendoim, ou mandubim, como chama o povo. «Casa caiada, logôa d'agua.» E' um ovo. «Campo branco, sementinhas pretas.» E' uma carta. «Branco e não é papel, verde e não é mar, vermelho e não é sangue, preto e não é carvão.» A melancia, ou balancia, como diz a plebe. «Branquinho, branquinho, reviradinho.» O beijú ou *bijú*. «Garças brancas em campos verdes, com o bico n'agua, morrendo á sêde.» E' um navio.

Ha algumas muito expressivas e engraçadas; outras, em estylo picaresco, que o povo muito aprecia.

Nossas populações têm, como é natural, ainda uma larga porta aberta para o maravilhoso.

Nos tempos coloniaes a Bahia, a antiga capital, a séde do governo, era uma especie de ponto de aventuras. Ainda hoje para as populações rusticas das provincias circumvizinhas a cidade suprema e a suprema longitude é a Bahia. No brinquedo do *annel* se diz : «quando eu fui para a Bahia, a quem deixei meu *annel*?»

Nas poesias e contos populares falla-se muitas vezes na Bahia. Existem além disto certas localidades a que se prendem lendas próprias. Em todas as provincias repete-se o caso. Em Sergipe as serras da Itabayana, a da Miaba e a *Furna* de Simão Dias são a séde de riquezas phantasticas.

Na de Itabayana apparece, ás vezes, diz a lenda, um carneirinho de ouro, e na da Miaba um caboclinho de prata. Na *Furna* de Simão Dias, subterraneo proximo á villa deste nome, dão-se *visagens* e encantamentos especiaes.

No Ceará o Boqueirão das Lavras da Mangabeira e a Serra do Araripe contêm riquezas prodigiosas e legendas analogas.

Por outro lado, ainda o nosso povo tem costumes sanguinarios, como todas as gentes educadas sob regimen militar e que começam apenas a suavisar-se. Os assassinatos repetem-se ainda em larga escala.

No tempo da Regencia o *bacamarte* fez proezas em quasi todas as provincias, maxime nas de Pernambuco, Ceará, Maranhão e Piauhy, onde reinavam chefes despotas, ridicula e ferozmente estupidos. Em Sergipe o facto era tambem uma verdade. Diz uma testemunha ocular : « Então a provincia, além da banca-rota que haviam feito os cofres publicos, era ainda martyrisada pelos assassinatos com tanta immoralidade, que os assassinos cruzavam os povoados, villas e cidades, decidindo da sorte de seus habitantes, por tal fôrma, que o povo ironicamente os denominava—*chefes de policia* » *

Raros eram por toda parte os *fazendeiros* e *senhores de engenho* que não tinham os seus *guarda-costas* e *capangas*, que serviam para assassinatos e para pleitear eleições.

* *Apontamentos historicos e topographicos de Sergipe*, por A. J. da Silva Travassos, pag. 56.

Os *capoeiras*, que ainda hoje existem nas maiores cidades, sobretudo na do Rio de Janeiro, consta serem uma especie de instituição politica, sob as ordens de grandes magnatas. Com elles é que se véda o ingresso dos adversarios nas matrizes em dias de eleições e obtem-se a victoria das urnas. São uma troça ambulante dividida em diversas *malts* nas differentes freguezias da capital. Cada *malta* tem seu chefe, que obedece por sua vez a um chefe geral. A policia nunca pôde extirpar este cancro. Os *capoeiras* usam de navalhas como armas e sabem um jogo de pulos, pontapés e cabeçadas todo original. Um bom *capoeira* bate dez homens.

O paiz, apesar de algumas instituições democraticas, ainda conserva fundas distincções sociaes. No tempo da independencia subsistiam e ainda eram convocados os *tres estados*.

Em 1821 em Sergipe o governador da capitania, Cesar Burlamaque, recebendo uma intimação do governador da Bahia para acclamar alli a Constituição, mandou convocar uma reunião do *clero*, *nobreza* e *povo*. « A nobreza, diz uma testemunha veridica, era representada pela camara e por todas as pessoas que haviam servido os cargos da governança das villas e cidades, como fôsem juizes, vereadores, officiaes das ordenanças e de 2ª linha, e o povo era representado pelos homens bons e abastados, que não pertenciam áquella hierarchia » * Não tinhamos, nem temos, como se vê, uma *aristocracia historica* e de direitos adquiridos; mas vae ella sendo creada aos poucos e viciadamente. O *clero* goza ainda de direitos privilegiados, e o *povo* propriamente dito, especie de *fellahs* do Egypto, é tratado como um animal de carga.

Ainda assim, a despeito de todos os nossos males e defeitos, existe entre nós uma mole immensa de poesias

* Travassos—*Apointamentos*, pag. 24.

populares. Predominam os cantos lyricos, como acontece na Italia moderna.

As canções lyricas que colligimos são auonymas. A par destas existe a poesia *bardica* popularizada, maximè politica. São canções que têm origem individual, mas de que as massas se apossaram. São, entre outras, as celebres *modinhas* tão apreciadas pelos europêos. Não as colligimos por estarem fóra do nosso plano. Alguns portuguezes, que de nossa poesia popular só conhecem as *modinhas*, que não são em rigor de origem *anonyma*, dizem que por meio dellas este paiz, quando colonia, chegou a influir na litteratura da metropole.

O factio parece exaggerado, porquanto no seculo passado, época a que se referem os criticos portuguezes, ao passo que nossa litteratura approximava-se da natureza com Dirceu, Basilio e Durão e com as *modinhas*, a litteratura da metropole era toda postica e contrafeita. Os ouvidos luzitanos foram surdos á lição dada por nossos poetas, verdadeiros precusores do *romantismo* nas raças neolatinas, e que eram tidos por *barbaros* para aquelles pretendidos civilizados e o nosso influxo benefico deixou de ser uma realidade. Ao contrario, soffremos nós outros a impressão deleteria das letras portuguezas da época.

Os *contos* ou *historias* populares existem em larga escala entre nós. Temol-os de origem portugueza, indiana, africana e mestiça.

Discutil-os-hemos adiante.

CAPITULO II

Analyse dos escriptores, que trataram da nossa poesia popular

A litteratura nacional é ainda muito pobre de trabalhos criticos sobre a nossa poesia e contos populares. Durante os tres seculos em que o Brazil foi colonia o problema das creações anonymas ainda não tinha despertado a attenção dos sabios. Ao nosso seculo pertence a constituição definitiva da linguistica e mythologia comparadas, da critica religiosa e da ethnographia. Não nos deve pois maravilhar o silencio dos escriptores coloniaes sobre o assumpto que nos occupa. Na propria Europa o facto se dava geralmente, com excepção só da Allemanha, que, desde os meados do seculo passado, começára a perscrutar os segredos das epopéas nacionaes. A discussão dos poemas de Ossian agitava tambem desde aquelles tempos a Inglaterra, superficialmente porém.

Com o transbordamento do romantismo sobre a Europa, começaram os assumptos populares a preoccupar a sciencia. Em Portugal Garrett, por sua intuição artistica, teve um grande presentimento da questão, e legou ao seu paiz o *Romanceiro portuguez*. E' conhecido o impulso que taes estudos receberam alli, em nossos dias, de Theophilo Braga, Adolpho Coelho, Consigliere Pedroso e outros.

Entre nós o romantismo foi mudo sobre as creações anonymas; esta região ficou além de seu horizonte. O celebre systema litterario desenvolveu-se no Brazil de

1820 a 1870, e nem uma só palavra proferio sobre as nossas canções e lendas populares. Quando assignalo o anno de 1870, como fechando o cyclo da romantica brasileira, não quero dizer que ella tenha então fallecido de todo ; é que depois daquelle anno começou a desenvolver-se entre nós a reacção anti-sentimental e as tendencias scientificas principiaram a predominar, ainda que fracamente, na litteratura do paiz. Então, na ordem politico-social, agitava-se a questão religiosa e publicava-se a *Igreja e o Estado* por Saldanha Marinho. E' um facto para ser notado o da apparição dos nossos primeiros trabalhos scientificos de 1870 para cá. Celso de Magalhães publica em 1873 os seus importantes artigos sobre a *Poesia Popular Brasileira* ; Pereira Barreto, o primeiro volume das *Tres Philosophias* em 1874 e o segundo em 1877 ; Couto de Magalhães, *A Região e Raças Selvagens do Brazil* em 1874 e o *Selvagem* em 1876 ; Araujo Ribeiro, o *Fim da Creação* em 1874 ; Tobias Barreto, os *Ensaio de Philosophia e Critica* em 1875 ; Guedes Cabral *As Funções do Cerebro* em 1876 ; Barboza Rodrigues e Baptista Caetano, os *Ensaio de Sciencia* no mesmo anno ; Miguel Lemos, os *Pequenos ensaios positivistas* em 1877. Inauguram-se então os cursos scientificos do Musêo e começam a apparecer os seus *Archivos* e os *Annaes* da Bibliotheca Nacional. Estas indicações são sufficientes para provar que no ultimo decennio tem-se dado neste paiz uma forte reacção anti-romantica, e as doutrinas positivas vão começando a espalhar-se. *

Sobre o problema que nos occupa é a esta benefica torrente de idéas modernas que devemos as primeiras informações. O pouco que possuímos sobre o assumpto vem a ser : **a)** *A Poesia Popular Brasileira*, artigos publicados por Celso de Magalhães no *Trabalho*, do Recife ; **b)** *O nosso cancionero*, artigos de José de Alencar apparecidos no *Globo*, do Rio de Janeiro ; **c)** algumas paginas

* Assim me expressava em 1879.

da memoria *Região e Raças Selvagens do Brazil* por Couto de Magalhães, e mais tarde alguns capitulos do *Selvagem* pelo mesmo ; d) algumas indicações no *Lyrismo Brasileiro*, por José Antonio de Freitas; e) algumas referencias no *Parnazo Portuguez Moderno* de Th. Braga ; f) alguns pequenos escriptos de Araripe Junior; g) alguns artigos de Carlos de Koseritz na *Gazeta de Porto-Alegre*.

São estes os autores que trataram com algum desenvolvimento da nosta litteratura popular. Alem delles depara-se-nos uma insignificante menção, feita por Varnhagen, no seu *Florilegio da Poesia Brasileira*, de tres modinhas.* J. F. Moutinho na *Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso* trás alguns pequenos fragmentos de canções populares ; J. A. Ferreira da Costa, na *Introdução ás Poesias de Natividade Saldanha*, exprime o anhelos de vêr colleccionadas as nossas canções anonymas; e, por fim, Franklin Tavora nos seus interessantes romances o *Cabelleira* e o *Matuto* collige algumas estrophes soltas. E' quanto possuímos ; a isto se reduz a nossa litteratura de tão attrahente materia.

Comprehende-se facilmente que nada temos que analysar, neste sentido, nos quatro ultimos autores ; os sete anteriores é que devem constituir o objecto deste estudo.

Comecemos pelo primeiro : Celso de Magalhães. Este moço, recentemente fallecido na flôr dos annos, é o promotor de taes estudos no Brazil. Seu trabalho, o primeiro na data, é ainda hoje o melhor pelo criterio. A Celso de Magalhães devemos esta justiça posthuma — foi um inspirado poeta e um romancista vivace, que tem superiores entre nós ; como critico, porém, nestes assumptos, elle está quasi só.

*São : o *Vitú*; *Banguê*, que será de ti ; e *Mandei fazer um ba-laió*, etc. Varnhagen não as traz por extenso. F. Wolf, no seu *Brésil Littéraire*, sobre o assumpto limitou-se a citar o pouco de Varnhagen.

Possuindo uma instrucção variada, o moço autor, desde os tempos academicos principiára a occupar-se com as nossas creações populares á luz das idéas positivistas e transformistas. E' de presumir que tenha deixado inedito sobre o objecto de seus estudos algum trabalho de longo folego; publicados só existem os artigos a que me hei referido.

Antes de Celso presidira aos estudos dos escriptores nacionaes sobre o nosso povo um exagerado *sentimento de casta*. Segundo suas predilecções anti-scientificas, cada um empregava o seu enthusiasmo em elogiar *uma das raças*, que constituíram a população do paiz e a deprimir as outras.

Varnhagen, descendente directo de europêos, accendeu-se de amores pelos *brancos* e deprimio os *caboclos*; Gonçalves Dias, originario dos *tupys*, seguiu rumo contrario. O Dr. Collaço, de Pernambuco, oriundo proxima-mente de *africanos*, tomou a peito a defesa destes. E' evidente que tal methodo nada tinha de scientifico.

Francisco Lisboa, melhor inspirado, tratou da questão, refutando Varnhagen e Gonçalves Dias, e pondo-se a igual distancia de ambos. Este escriptor, apesar de lacunoso quanto ao *preto*, marca, nesta materia, o primeiro momento da transição do romantismo para o methodo scientifico.*

* Sobre este assumpto tinhamos escripto ha muitos annos:

« Entre nós o problema historico das raças que formaram a população do paiz foi discutido com mais acrimonia do que verdade.

« Gonçalves Dias na *Introducção aos Annaes de Berredo* e na memoria—*O Brazil e a Oceania*—retrata a historia das lutas dos europêos e indigenas, faz a apothese destes ultimos, declara que a nossa grandeza é a delles, que a nossa vida de agora deve ser a reabilitação da tupy!! Gonçalves de Magalhães na memoria—*Os Indigenas do Brazil perante a Historia*—toma identica direcção.

Celso de Magalhães porém foi mais adiante; e, inaugurando a phase verdadeiramente séria, do debate, assim se exprime :

« Para nós, em litteratura como em politica, a questão de *raça* é de grande importancia, e é ella o principio fundamental, a origem de toda a historia litteraria de um povo, o criterio que deve presidir ao estudo dessa mesma historia. Pensando assim, já se vê que, estabelecidos os principios, as consequencias e as conclusões devem ser fataes.

« Assim, desde que se reconhecer, quer physiologica, quer psychologicamente, a fraqueza de uma raça; desde que se examinarem as leis que presidiram ao cruzamento e ao desenvolvimento dessa raça, e concluir-se a sua pouca vitalidade, em razão de defeitos hereditarios, do clima, da nutrição, da fecundação e de muitos outros principios que regem a formação das raças; desde que se reconhecer isto, diziamos, a conclusão não se fará esperar por muito tempo. Seremos obrigados, em que nos pese muito embora, a reconhecer tambem a pouca importancia ou nem-uma dos productos intellectuaes desse povo, a sua fraqueza, as suas frivolidades e o seu nenhum valor. Será uma raça que se dissolve e um povo que se desmorona. Porque é preciso, uma vez por todas, que se convençam

Foram sympathias de poetas que uma critica mais exacta devia corrigir.

Adolpho Varnhagen na *Historia Geral do Brazil* deifica o portuguez e diz inexactidões bem graves sobre os indios, que ainda hoje, a seu vêr, devem ser levados pela guerra á escravidão.

Francisco Lisboa nos *Apontamentos para a Historia do Maranhão* corrige os sonhos de G. Dias e as aberrações de Varnhagen. E' que o prosador maranhense teve em gráo mais subido do que os outros o sentimento da historia, que em suas mãos mostramos o desaparecimento do caboclo, sua pouca influencia na população actual e a victoria do portuguez certa, porém manchada de atrocidades. »

os caturras, os carólas, os espiritualistas atrazados e os escrupulosos racionalistas de que nós não somos mais do que um animal aperfeiçoado, cuja selecção tem-se operado mais forte e rapidamente. A nossa estrutura guarda uniformidade com a do macaco, por exemplo. Bradem muito embora contra a materia os discursadores e sermoneístas crentes, em uma ladainha monotona e soporífera; fallem dos gozos do paraizo os mysticos e ascetas, esbofem-se no ensinamento os professores pedantes e *papamissas*, querendo provar a verdade da legenda adamica, do idéal messianico e de outras mil baboseiras maleficas; rujam embora todos;—a *materia* foi, é e ha de ser o grande principio de vida e actividade, o facto sensível e palpavel, no qual a sciencia ha de apoiar-se para caminhar. Nós, que reconhecemol-a e acceitamol-a como esse principio, partimos della tambem para o estudo da questão ethnologica.

« Seria interessante indagar a razão por que a raça indiana, a raça primitiva e ante-historica, que habitava o Brazil, soffreu uma dissolução tão rapida depois da conquista. Varnhagen, João Lisboa e Gonçalves Dias, entre outros, trataram da questão, mas debaixo de outro ponto de vista, a saber, si se devia *cenurar* ou *justificar* os colonizadores. O primeiro justificou-os e absolveu-os; o segundo, que, com o seu grande senso philosophico e historico, podia entrar em mais succulentas explanações, bateu Varnhagen e collocou-se em um meio termo; o terceiro finalmente, com o seu amor pelo indianismo, fez um panegyrico á raça india, apostrophou os invasores, e poetisou os costumes, a theogonia, a lingua e tudo o mais da caboclagem vadia e indolente.

« Mas a questão não é esta. Houve a dissolução, o acabamento quasi total da raça. Quaes as razões que actuaram sobre esse facto?

« E' uma lei historica que nas raças puras é necessario o cruzamento com outra raça, para que aquellas

se possam consolidar. Não é só isto uma lei histórica, é uma lei de historia natural. Como é que a raça india, que se podia considerar como vigorosa, degenerou com o cruzamento dos invasores e extinguiu-se quasi totalmente? Como é que o elemento maravilhoso e cavalleiresco do indio, porque elle o tinha, perdeu-se e desvaneceu-se completamente? Como é que o ideal messianico da raça conquistada cedeu o passo ao da raça conquistadora? E note-se que o ideal messianico é uma das leis sobre que se apoia a formação da poesia popular, na hora das grandes afflicções do povo. Onde o heróe indiano? Onde o seu semi-deus? Onde o *Caapóra*? Onde o *Jeropary*? Onde a lenda de *Somé*? Onde a theogonia de *Thevet*? Onde o *Tamenduare* (Tamandaré)? Tudo isto só conhecem hoje os curiosos. Tudo perdeu-se, tudo se desfez... A razão principal da dissolução indigena foi, nada mais, nada menos, que o principio de selecção natural, o *struggle for life*. A raça conquistadora era mais robusta, a indigena teve de ceder. *No combate entre duas raças que se disputam o mesmo alimento, o mesmo meio, a victoria será da mais forte.*

« Além disto occorre outra razão: a incommunicabilidade do indio, que pouco logar dava ao cruzamento. O indio nunca passou de caçador. Ainda hoje, nas poucas tribus e colonias que se encontram no interior do Maranhão, as quaes tivemos occasião de vêr, o indio leva a mesma vida e tem os mesmos costumes que antigamente. A sua arma é ainda o arco, a flexa, a taquara e o tacape. Se os indios mansos andam meio vestidos, os bravos conservam-se completamente nús, sómente com a *tanga* ou *tacanhoba*, e enfeitam-se de pennas e cordas tecidas de *tucum*, pintadas de encarnado e preto.

« Usam os cabellos cortados na frente, com o resto crescido, encaixilhando-lhes o rosto. Alguns vimos com lobulos furados; quasi a encostarem-lhes nos hombros. As suas dansas são ainda as mesmas, com o *maracá* e o canto

guttural e monotono. São sempre os mesmos no moral: desconfiados e vingativos.

« Não ha dous annos, * uma tribu assassinou um escravo na comarca de Vianna no Maranhão, tendo tentado assassinar o senhor, porque este mandára o dito escravo derribar um *pau d'arco* em terras que os indios diziam pertencer-lhes.

« Ainda ha o facto da lingua indigena, rudimentaria, incompleta, infante ainda, para explicar essa especie de calmaria na civilisação indiana, apezar das communições dos indios com os europêos.

« Disto decorre que o indio não podia cruzar-se, ou o fazia difficilmente, e por isso ficou sempre estacionario e extingue-se aos poucos. Parecerá talvez, um pouco desconnexo o virmos aqui com estas reflexões acerca dos indios. A nossa idéa porém será comprehendida, desde que a explicarmos cabalmente. O que queremos tirar a limpo é, por ora, o facto de que em nossa poesia popular não existe um só resquicio da população indigena, e que, por consequencia, ella deveu a sua formação a elementos novos, a leis excepçionaes, e quasi sómente de transplantação. Que o indio nenhuma tradição nos legou é facto sabido e não carece de prova. Ninguem o lamenta; é esse o facto, e só um ou outro procura fazer renascer este anachronismo. Nas lendas hoje ainda repetidas pelo povo existem, que saibamos, sómente a do *caipora* e do *curupira*.

« Isto para o maravilhoso. Do elemento cavalleiroso nada conhecemos. Não originando-se o nosso *Romanceiro* da raça que habitou primitivamente o Brazil, segue-se que elle basêa-se nas tradições da raça conquistadora. ** ».

* Celso assim se expressava em 1873.

** O *Trabalho*, 30 de Abril de 1873.

Esta citação foi feita com o fim de fornecer um completo documento da alta capacidade e fino criterio do joven maranhense. Elle era um espirito sem hesitações; dahi a segurança dos seus conceitos e tambem, em certo sentido, o ar absoluto de algumas asserções suas. Assim, exaggerou immensamente o papel do principio da *raça* nas litteraturas modernas. Depois de Taine, muito se tem abusado de tal movel de explicações. Não ha duvida que o principio *ethnico* tem maximo interesse no estudo das litteraturas antigas, como a da Grecia, cuja arte foi tão bem estudada pelo critico francez *. Nas litteraturas modernas porém o principio deve soffrer algumas reduções, á vista do enorme cruzamento dos povos actuaes**. Celso, imbuido das leituras de Taine, foi justo nas theses geraes. mas commetteu alguns erros de pormenores.

Elle negou, como se vio, quasi completamente, a influencia *india* em nossas tradições. Trabalhos posteriores ao seu tiraram a limpo este ponto. O indio influio e deixou vestigios em nossa lingua, costumes, lendas e tradições. Adiante teremos occasião de reconhecê-lo.

O moço critico foi neste ponto victima de um exagero reaccionario. Sabe-se que o romantismo nacional, com o seu *gentilismo*, deificára o caboclo pelo orgão de nossos poetas e romancistas, attribuindo-lhe grandezas que nunca tivera !...

Celso entrou na reacção por mim promovida contra semelhante desproposito e excedeu-se.

O joven maranhense, depois de fallar do concurrente *caboclo*, passa a tratar do elemento *negro*. Ainda aqui elle é um pouco incompleto; não indica o que devemos

* *Philosophie de l'Art en Grèce*, por H. Taine.

** Vide a conferencia de E. Renan:—*Des services rendus aux sciences historiques par la philologie*—inserta na *Revue Politique et Littéraire* de Paris, de 16 de Março de 1878. Antes de Celso, desde 1870, tinha eu adoptado o *principio da raça em litteratura*; porém mais moderadamente.

ao africano, limitando-se a apontar os seus defeitos, como fizera para com o indio. São estas as suas palavras : « Ainda ha um facto que influio muito sobre o povoamento do Brazil :— a introduccão do elemento africano. Si ha na raça humana alguma cousa de bestial, o africano a possui. Entretanto elle entrou, cruzando-se, na formação de nossa população, e com elle entraram tambem os seus costumes, as suas festas, os seus instrumentos, o seu fetichismo e até a sua lingua. Este cruzamento não nos podia trazer bem algum. Trouxe mal. Deturpou a poesia, a dança e a musica. Na Bahia, onde temos visto predominar mais o elemento africano, tivemos occasião de reparar nisto. Os bailados, os bandos de São Gonçalo, os *sambas*, os *maracatús*, as cantigas, tudo é um aggregado de saltos e pulos, tregeitos e *macaquices*, gritos roucos e vozes asperas, um espectaculo de causar vergonha aos habitantes de uma cidade civilizada. A *Lavagem do Bomfim* descahe para a saturnal. Note-se que a *Lavagem* é ahi uma festa tradicional e *eminentemente popular*. »* Estas palavras podem ser verdadeiras no seu sentido geral—, o barbarismo dos negros ; encerram porém uma grave lacuna. Não basta dizer que o africano era atrazado ou estúpido, e que elle influio desagradavelmente na formação de nosso povo. E' mister mostrar o que lhe devemos ; é preciso indicar qual a parte que lhe cabe na comprehensão total de nosso character nacional. E' a maior falta do trabalho de Celso de Magalhães, defeito tanto mais lastimavel, quanto nenhum dos outros escriptores que trataram do assumpto fornece dados para preencher-se essa falha, e o moço critico, si o tivesse querido, tinha competencia bastante para acabar de uma vez com a eterna injustiça que pesa sobre os nossos pretos.

* O Trabalho de 15 de Maio de 1873.

As lacunas que existem nos artigos de Celso a respeito do indio facilmente são suppridas pelos estudos de Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues e Baptista Caetano. O que deixou porém de dizer dos negros em nenhum outro escriptor nacional se depara.

Creio ter descoberto o motivo historico e moral deste silencio voluntario. E' evidente que durante os tempos coloniaes os indios e os negros eram considerados como bestas-feras ou animaes de carga; só o *portuguez* era homem no melhor sentido. Dahi a sua glorificação e os esconjuros ás outras duas raças. Mais tarde, no tempo da Independencia, o prestigio do portuguez decahiu, e, em nosso esforço para encontrarmos a raça privilegiada que nos representasse, tirámos o *indio* do seu olvido para poetisal-o por todas as fórmulas com o romantismo nacional. Assim explica-se o facto de dedicarem os psychologos de nosso povo algum tempo de seus estudos ao branco e ao caboclo, e nem um minuto ao *negro*. O estado de escravidão deste ultimo conserva-o além disto em afastamento, e existe até certa repugnancia da parte dos escriptores em occuparem-se delle, pelo receio de serem havidos como eivados de *casta*, segundo a linguagem vulgar. Entretanto o autor destas linhas, sente-se com a mais completa isenção de espirito para fazer justiça a todos, e particularmente fará convergir os seus esforços para vingar o negro do esquecimento a que malevolamente o atiraram.

E' um facto que não póde soffrer a mais leve contestação da parte de todos os que conhecem a historia da America do Sul que o cruzamento das raças nas republicas hespanholas se fez do branco com o indio, e no Brazil do europeu com o *negro* em maior escala. O cruzamento do branco e do indio entre nós foi relativamente limitado, não podendo ser comparado á immensa mistura do portuguez com o *africano*. Basta lançar os olhos sobre as populações brazileiras para ter-se a prova evidente do

facto. Este phenomeno tem uma explicação natural e biologica. O branco, na luta pela vida, havia mister de valer-se do sangue de uma raça tropical para poder supportar as agruras do clima brasileiro, e, estando o selvagem do paiz decadente, arredio e sem estímulos de progredir, aquelle foi buscar o seu apoio na Africa, continente cujo clima é mais semelhante ao nosso. Desta arte o negro não foi só um agente economico, foi ainda um auxiliar physiologico e um elemento politico e social.

Depois do portuguez é elle o factor mais valente de nosso progresso ; de alto a baixo a vida brasileira mostra a sua acção : lingua, costumes, contos, canções, tudo no Brazil é de formação triplice, e o olhar adestrado vai mostrar o veio *negro* seguindo o *branco* de perto, e deixando o *vermelho* quasi obliterado. O *mestiço*, que é o brasileiro por excellencia, pôde-se considerar uma *raça nova*, de formação historica, e servir de base para o estudo de nossas tradições populares. Os brancos puros e os negros puros que existem no paiz, si ainda não estão mesclados pelo sangue, estão *mestiçados* pelas idéas e costumes, e o estudo dos habitos populares e da lingua fornece as provas desta verdade. Aquí cumpre notar uma inconsequencia de Celso de Magalhães. Nós vimos que elle dava toda a importancia ao principio da *raça* no estudo das creações litterarias e anonymas. Entretanto, desdenhando duramente o caboclo e o negro, ficou desconhecendo o *mestiço*, e perdeu assim a melhor base que poderia encontrar para o desenvolvimento de sua *theoria*. Concentrando a sua analyse no elemento *portuguez*, não pôde avaliar a importancia dos outros factores e estabelecer com segurança o character da genuina poesia popular *brazileira*. Nos capitulos subsequentes teremos occasião de vêr detalhadamente o que devemos ao *branco*, ao *negro* e ao *indio* ; assistiremos á formação do *mestiço* ; e saber-se-ha então em que consiste o nosso *brazileirismo*.

Para o estudo das *origens portuguezas* o trabalho de Celso é excellente, ainda que elle só trate da *poesia* e não diga uma só palavra dos *contos* populares. Detenhamo-nos ali e estudemol-o passo a passo. Uma idéa capital domina todo o trabalho do moço escriptor: o pouco valor de nossa actual civilização e de nossas tradições populares. Neste ponto estou mais ou menos de accôrdo, fazendo-lhe algumas indispensaveis corrigendas. Já vimos o que elle disse da influencia *india* e da *preta*; agora ouçamol-o sobre a concorrência *portugueza*. Eis aqui uma pagina digna de todo o apreço: « A época do descobrimento do Brazil, e, mais que tudo, a época de sua colonização, foi uma das mais accentuadas na historia do espirito humano, e dentro da qual a nação descoberta poderia ganhar muita fortaleza, se outras fôsem as condições que presidissem ao facto da descoberta e á emigração da raça invasora. Com effeito o seculo XVI, principalmente nas suas tres ultimas partes, tempo em que no Brazil começou a colonização (1530), com o facto de sua divisão em capitánias, em que ella desenvolveu-se e começaram as lutas com os hollandezes e francezes (1581), o seculo XVI, diziamos nós, assistia á evolução brilhante da Renascença, á Reforma de Luthero, ás grandes navegações e conquistas portuguezas, a toda esta vasta effervescencia de idéas novas que se chocavam no seu seio, e que o fez conhecido com o nome de grande seculo. Camões, Gil Vicente, Shakespeare, Miguel Angelo, Cervantes, Bernard de Palissy, o trabalhador paciente e tenaz, toda essa constellação que aclarava a Europa não lançou sobre o Brazil nem-uma faisca, nem-umamente que ali brotasse e crescesse, e o *rico imperio* não conheceu sinão a ganancia dos seus governadores, a carniça e a caça ao indio, e as missões da companhia de Jesus. Si por ventura outra fôsse a nação que descobrisse o Brazil, talvez que elle sentisse mais fortemente o influxo da evolução que operava-se no seculo XVI.

« Podem-nos fazer notar que o povo portuguez estava nessa época no apogêo de sua gloria, que as suas conquistas davam-lhe brilho e lustre ao nome, e que, por isso, um povo nestas condições podia cooperar fortemente para o progresso do paiz que povoasse. E' certo que o povo portuguez era forte nesse tempo; mas é innegavel tambem que foi nesse seculo que principiou a sua decadencia, com Alcacer-Quibir, e o dominio hespanhol (1580). E ainda mais a vitalidade momentanea do portuguez nada poderia provar contra a proposição que allegamos, pois que a hypothese avançada acima tem como razão explicativa um factó completamente provado:—a degeneração da raça latina. Se outra fôsse a nação que descobrisse o Brazil, uma nação da raça germanica, da anglo-saxonia, por exemplo, cremos que seria outra a nossa politica, a nossa arte, a nossa litteratura e a nossa religião.

« Todos sabem, a não ser um pequeno numero de teimosos que têm a pretensão de reconstruir a raça latina, como se uma raça, que tende a dissolver-se, pudesse ser restaurada, todos sabem que, dos ramos da granda familia aryana, a raça latina é a mais fraca, a mais pesada e concentrada, a menos activa. E' amiga da conquista e do mando, tem o character sacerdotal e falta-lhe o espirito emprehendedor da raça germanica e a infelicidade poetica da celtica. Vê-se por ahi que ella nunca poderia concorrer para o pgresso do paiz que povoou; antes concorreria para a sua má educação, com as suas idéas atrazadas, as suas superstições, a sua philosophia, a sua litteratura, reflexo das estrangeiras e das antigas, os seus guerreiros e navegadores ignorantes, e os seus frades.

«Cahio a palavra da penna, e aproveitamos a occasião para fallar na influencia que teve a companhia de Jesus sobre a educação e por consequencia sobre o futuro do Brazil. Para nós foi uma das causas mais fortes que actuaram sobre nós para o estado de esphacelamento a

que hoje chegámos, e no qual nos conservamos com uma paciência e uma paz de espirito admiráveis. A companhia de Jesus, logo depois de começarem as emigrações para o Brazil, e, apenas nove annos depois de sua criação definitiva (1549), começou a mandar seus membros para a terra que se mostrava alem-mar, rica de ouro e pedras finas, de ingenuidade e credulidade, terreno em que a companhia podia plantar, com certeza de uma florescencia robusta, e por conseguinte de um augmento de riquezas, de adpetos, de automatos para a consecução de seus fins. Com aquella tenacidade que caracterizou sempre a Ordem, principiaram os frades as suas predicas e os seus trabalhos. Onde quer que pizasse um Jesuita, erguia-se logo uma cruz, depois uma capella, uma igreja, um convento e finalmente uma cidade. Todas as nossas capitaes quasi que originaram-se delles. Não ficava só nisso. Nas igrejas agglomerava-se o povo, ouvia as historias milagrentas e resava o terço. No confissionario preparavam-se os animos pelo temor, devassava-se o segredo das familias e lançava-se-lhes no meio a discordia. Nas escolas e lycêos ensinava-se a cartilha e a theologia. Com uma educação destas pôde-se fazer idéa, e hoje vê-se claramente a consequencia fatal que della resultou. Quanto á arte, nada ha de mais chato, de mais commum, de mais official do que a arte dos Jesuitas. Reparai para as suas pinturas,—grandes telas sem vida, sem sombras, sem perspectiva, sem expressão, sem anatomia, sem critica, onde se representam milagres e retratos de santos, com grandes medalhões explicativos, em linguagem arrastada e classicamente monotona. Nos corredores e sacristias das igrejas, principalmente nas da Bahia, encontram-se ainda muitos desses paineis, que só a curiosidade pôde fazer com que se olhe para elles. No Maranhão ha uma collecção destes quadros, doada por Gonçalves Dias á ex-bibliotheca da capital, que pôde servir para exemplo. São retratos de frades, na mór parte. No

Recife pôde-se visitar o convento de São Francisco, onde a collecção é digna de vêr-se, e recommendamos sobretudo um grande painel que existe em uma das salas superiores, representando S. Francisco no topo de duas fileiras de frades cada qual mais feio.

« Reparai para a sua architectura, — enormes amontoados de pedra e cal, quadrados, sem ar, sem luz, de grossas paredes, e corredores estreitos, sem condições hygienicas, humidos, frios, feios, com azulejos representando sempre os milagres, e columnas que só elles, os Jesuitas, sabem a que ordem pertencem. Nas obras de talha encontra-se um acervo tal de folhas, flores, sereias, griphos e quanto absurdo ha, que olhal-as mette medo.

« Escutai-lhes a musica:—é vulgarissima, esganiçada por vezes, monotona sempre, em um andamento invariavel, chorada, mortificante, chata. Ainda hoje a sua comprehensão musical não vai muito longe.

« A poesia, elles a não possuiram. Vêde os *Indices Expurgatorios*, onde todas as composições de merito estão ou prohibidas ou cortadas.

« Pois bem, uma educação feita por gente desta ordem não podia dar bons fructos, e não deu. Havia, ainda mais, o genio do povo conquistador, para obstar a que a corrente progressiva, que se espalhava pela Europa, chegasse até ao Brazil.

« O portuguez era, quando conquistava, quando mandava, mais selvagem que um botucudo. Acontecia isto, porque era ignorante. No Brazil, como na India, são sabidos os actos de selvageria e barbaridade praticados pelo portuguezes nos indios e em seus proprios compatriotas. Oliveira Martins reconhece isto, e cita mesmo alguns factos relativos á India e os attenua, dizendo que disto originava-se a tradição para o cavalheiresco. Pôde ser uma verdade, mas não é uma justificação. A explicação

que poderia justificar o portuguez, e da qual estamos convencido, está na gente que para cá vinha, composta quasi toda da escoria portugueza, dos criminosos, dos galés, dos vadios.

« Pois bem, por todos estes factos agglomerados, em primeiro lugar a fraqueza da raça conquistadora, em segundo a educação fradesca, em terceiro a má qualidade da gente que Portugal exportava, por tudo isto o Brazil ficou estacionario, sem ter noticia do movimento da Renascença e da Reforma, os dous maiores acontecimentos do seculo XVI. De todas estas considerações resulta uma cousa: a transplantação do romanceiro portuguez, desde a sua origem, encontrou condições pessimas e deu-se debaixo de circumstancias fatalmente corruptoras. Isto na época em que elle podia soffrer *uma assimilação* mais ou menos interessante: porque, para diante, as circumstancias foram ainda peiores. Assim é que no seculo XVII o Jesuitismo e o Santo-Officio mandavam em Portugal como senhores. As *Tragi-comedias* em latim e os *Indices* foram as armas mais potentes de que se serviram elles para combater o elemento nacional na litteratura. Logo que na metropole havia esta perseguição, a colonia havia de resentir-se. Neste seculo houve um homem poeta e nacional: foi Gregorio de Mattos. Quanto ao seculo XVIII, o clasicismo matou o elemento popular, assim como a opera matou a comedia nacional.

« O Brazil, que já ia tendo vida sua, resentio-se da evolução classica e deu Santa Rita Durão, Basilio da Gama, Souza Caldas e outros seguidores do molde grego e das regras aristotelicas. Do fim do seculo XVII para XVIII houve um homem eminentemente popular, talentoso e comprehensivo, e por isso mesmo perseguido pelo Santo Officio: — foi o Dr. Judeu.

« Além destes dous, Gregorio de Mattos e Antonio José, não conhecemos outros que honra façam ao Brazil de então, a não ser Gonzaga, aquella grande alma amorosa,

que sabia tão bem fazer o lyrismo. No seculo XIX as lutas da Independencia poderiam ter fornecido muito material para a poesia popular; mas assim não aconteceu. O povo ia começando a ser pratico, ia sahindo da vida epica e romanesca, e entrava na dramatica e burgueza. O meio historico não offerecia elementos para a poesia popular.

« Depois da Independencia veio o romantismo— uma evolução que já não entra em nosso programma.

« Daqui conclue-se, debaixo das circumstancias apontadas, o que se deu havia de acontecer: era fatal:—a transplantação não podia ser vigorosa, teve de corromper-se e morrer.» *

Não se pôde dizer melhor: ahi estão caracterizadas por mão de mestre a insufficiencia portugueza, a deleteria efficacia jesuitica e as más condições em que se deu a emigração da poesia popular européa para o Brazil. Ha sómente a ponderar que o facto da limitação e deturpamento das tradições portuguezas, longe de ter sido um mal, foi um beneficio inconsciente elaborado pela historia, porquanto por outra fôrma o elemento portuguez teria supplantado todos os outros, e nós não passaríamos agora de uma cópia servil de Portugal, o que por certo seria ainda peor do que o nosso actual estado.

Depois passou Celso a cotejar os *romances portuguezes*, segundo a collecção de Theophilo Braga, com as suas cópias brazileiras.

Este trabalho de confrontação é feito com seguro criterio. Ha ahi sómente ainda um lapso consideravel a apontar: é que o moço critico desprezou a grande messe de canções lyricas que entre nós existem, limitando-se a estudar as formações epicas, lapso tanto mais notavel,

* Trabalho de 15 de Maio de 1873.—Recife.

quanto é certo que no Brazil as correntes *lyricas* são muito mais ricas e abundantes do que as fórmulas *epicas*.

O illustre e ignorado autor da *Poesia popular brasileira*. no processo de comparação dos romances portuguezes com as versões nacionaes, começa naturalmente pela parte primeira do *Romanceiro* de Th. Braga. Esta parte se intitula : — *Romances communs aos povos do meio dia da Europa*, e contém onze peças. Celso faz as suas observações sobre copias obtidas no Maranhão, e declara que de todas ellas a mais espalhada é a do romance de *D. Martinho de Avisado*. A versão maranhense approxima-se mais da variante da Foz, trazendo o mesmo nome de *D. Barão*.

Os seguintes versos do romance portuguez

— Tendes o pé pequenino
Filha, conhecer-vos-hão.
« Mettel-os-hei numas botas
Nunca dellas sahirão ;
Dai-me armas e cavallo,
Serei seu filho varão. »

na lição maranhense, segundo Celso, foram mudados nestes :

— Tendes o pé pequenino,
Filha, conhecer-vos-hão.
« Passe p'ra cá estas botas,
Encherei-as de algodão. »

A expresssão, nota o autor, *passe p'ra cá* é puramente brasileira, pois no original europeu lê-se: *dá-me cá as suas botas*.

Os versos portuguezes

— Tendes os peitos mui altos,
Filha, conhecer-vos-hão.
» Incolherei os meus peitos
Dentro do meu coração. »

foram mudados pelo nosso povo em

— Tendes os peitos crescidos,
Filha, conhecer-vos-hão.
« *Apertarei-os c'um panno
Por baixo do cabeção.* »

O povo foi assim substituindo, diz Celso, cousas que elle não conhecia, como o *justilho*, de que falla a versão da Beira-Baixa :

— Mande fazer um *justilho*
Que me aperte o coração

por outras empregadas no meio em que elle vive ; o *cabeção* que substitue o *justilho*, é um exemplo.

Os versos

Oh mi padre, oh mi madre,
Grande dôr de coração

estão na lição maranhense :

Oh, meu pai, minha mãisinha,
Que dôr no meu coração.

donde se conclue, escreve o autor, não só pela ausencia dos vocabulos hespanhóes — *madre* e *padre* — como pelo diminutivo — *mãisinha* —, a accentuação nacional. Em

geral, observa o escriptor maranhense, somos muito propensos aos diminutivos, como signal de agrado e carinho; assim é que ordinariamente dizemos nós os brasileiros : meu santinho, meu bemzinho, meu amorzinho... quando queremos mostrar affecto a alguém.

A esta indicação de Celso temos de ajuntar uma observação. — O logar do Brazil onde mais exagerada encontramos a tendência para os diminutivos foi em Paraty, na provincia do Rio de Janeiro. Alli fazem-se diminutivos até de pronomes, adverbios, preteritos, participios presentes e outros tempos dos verbos. Assim diz-se: túzinho, ellezinho, assimzinho, mesminho, chorandinho, estázinho, erazinho... de tu, elle, assim, mesmo, chorando, está, era... Descobrimos ahí uma influencia africana, pois aos pretos, por seu sentimento de respeito e timidez para com os senhores, ás mais das vezes verdadeiros despotas, é que devemos as formulas elogiativas e excessivamente carinhosas da linguagem, dictadas pela submissão do escravo, taes como : — sinhá, sinházinha, yayá, yayázinha, sinhô, sinhôzinho, yoyô, yoyôzinho.

Continuando, Celso aponta ainda no romance de *D. Barão* a seguinte alteração :

— D. Barão, como discreto,
De nada se recebeu ;
Chamou pelo seu criado,
Uma carta lhe entregou .

Diz a variante maranhese :

— D. Barão, *que era macaco*,
De nada se arreceiou ;
Chamou pelo seu *moleque*,
Uma carta lhe entregou .

Em primeiro logar, escreve o autor, temos a locução — *que era macaco* — puramente brazileira, no sentido de

astuto, fino ; é costume dizer-se entre o povo — *fino como macaco velho*. Celso não indica a proveniencia desta alteração. Ella é, a nosso vêr, claramente provinda do *mestiço*, que por sua vez foi nisso influenciado pela acção do *caboclo*, de quem nos veio, como se sabe, o *annexim* : — *macaco velho não mette a mão em cumbuca*.

Quanto á substituição do *criado* portuguez pelo *moleque*, Celso ahí descobre com perfeito senso a acção do elemento negro, que tornou porém o romance portuguez menos *nobre*.

A indicação é justa, excepto a censura, que elle faz ao preto de haver tornado o romance europêo *menos nobre*. Em poesia popular estes conceitos rhetoricos de assumpto *nobre* e *menos nobre* não devem ter entrada. Descortinamos nisso ainda um sedimento de romantico atrazo no escriptor maranhense. Em seu furor anti-scientifico para com os negros, estygmatisa-lhes sempre a acção, chegando a illudir-se com phrases, em lugar de indicar factos. Se o *criado* portuguez foi, na vida civil, traçoeiramente substituido pelo *negro escravo* e pelo *moleque*, certamente a culpa não foi dos africanos, e sim dos portuguezes, que os foram arrebatár á patria para torpemente os escravizar. A modificação do romance de D. Barão entre nós é positivamente posterior ao facto da importação de escravos d'África. Não foi o portuguez que alterou o romance; não foram tambem o caboclo e o negro ; havia de ser o mestiço, que é no Brazil o agente de transformações: — as raças puras fornecem os materiaes das lendas e o mestiço os transforma segundo as leis do meio. A adaptação lendaria, pois, que executa-se pelos moveis naturaes, devia effectuar-se de accôrdo com os factos realizados ; e, estando o *criado* portuguez substituido pelo *moleque*, era logica, nesse sentido, a alteração do romance. Onde está aqui a menor nobreza ? Se algum *desar* existe, elle deve estar da parte do facto social devido á ignorancia portugueza, que não soube aproveitar-se do negro sinão

pela escravidão, e não do lado da lenda popular, cujo papel unico é repetir sómente a verdade do meio historico. Como inculpar, pois, o negro por um facto em que elle foi a victima? O preto seria por demais inepto, se em nossas canções não fizesse apparecer como um estygma para o futuro, o estado de abjecção a que o reduziram.

Passa o moço critico a fallar do *Romance de Gerinaldo*, que, segundo affirma, não anda tão espalhado como o precedente, não contando a variante maranhense algumas das scenas do original portuguez, como a do despertar do pagem, a do dialogo deste com a infanta e depois com o rei.

Celso declara em seguida que dos romances do *Alferes Matador* e da *Romeirinha* não tinha noticia alguma de versão brasileira. Não assim quanto ao romance da *Noiva Roubada* e ao da *Encantada*, de que conhecia vagamente variantes nacionaes. Não as apresenta, porém, e declara positivamente que de todos os romances que têm representantes na collecção de Th. Braga só colligio tres.

São estas as suas palavras: « Declaramos que temos unicamente colligidos por escripto os romances do *Bernal Francez*, *Nau Catherineta* e *D. Barão*, e que os outros, que houvermos de comparar, foram ouvidos, é verdade, mas não podemos tê-los por escripto, por causa da grande difficuldade que encontrámos nas pessoas que os sabiam, as quaes sómente podiam repetil-os cantando, e, quando paravam, não lhes era possivel continuar sem recommear.»*

Mais feliz do que Celso, neste ponto, declaro que só dos romances portuguezes passados para a America possuo em minha collecção dos *Cantos Populares do Brazil* nada menos de treze lições nacionaes.

* O Trabalho de 31 de Maio de 1873, Recife.

Outras variantes de romances da península hispanica tenho aqui ouvido, e não as pude colligir pelas mesmas difficuldades por Celso apontadas. Tambem colhi crescida cópia de *xacaras e canções* de origem mestiça ou puramente brazileira. Dos treze romances de fonte portugueza, de que fallo, o de *D. Infanta* e o da *Noiva Roubada* pertencencem á primeira parte das peças contidas no *Romanceiro* de Th. Braga. Celso os não pôde obter e por isso aqui os publico por extenso sem fazer confronto com o original europeu, podendo por si o leitor avaliar das differenças que separam a variante patria da versão hispanica :

D. INFANTA

Versão de Paraty

Estava D. Infanta
No jardim a passear,
Com o pente d'ouro na mão
Seu cabello penteava.
Lançava os olhos no mar,
Uma armada nelle vinha
Capitão que nella vinha
Muito bem a governava.
« O amor que Deus me deu
Não virá na vossa armada? »
— Não vi, nem o conheço,
Nem a sina que levava.
« Ia n'um cavallo d'ouro
Com sua espada dourada,
Na ponta de sua lança
Um Christo d'ouro levava. »

— Por signaes que vós me déstes
Lá ficou môrto na guerra ;
Debaixo de uma oliveira,
Sete facadas lhe déra.

« Quando fôrdes e vierdes
Chamai-me triste viuva,
Q'eu aqui me considero
A mais infeliz sem ventura . »
— Quanto me dareis, senhora,
Si vos trouxel-o aqui ?

« O meu ouro e minha prata,
Que não tem conta nem fim. »

— Eu não quero a sua prata,
Que não me pertence a mim ;
Sou soldado, sirvo ao rei,
E não posso estar aqui .

— Quanto me dareis, senhora,
Si vos trouxel-o aqui ?

« As telhas do meu telhado
Que são de ouro e marfim. »

— Eu não quero as suas telhas
Que não me pertence' a mim ;
Sou soldado, sirvo ao rei
E não posso estar aqui .

— Quanto me dareis, senhora,
Si vol-o trouxer aqui ?

« Tres filhas que Deus me deu
Todas tres darei a ti.

Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais linda dellas todas
Para contigo casar. »

— Eu não quero suas filhas
Que não me pertence' a mim ;
Sou soldado sirvo ao rei
E não posso estar aqui .

- Quanto me dareis, senhora ?
Si vol-o trazer aqui ?
« Nada tenho que vos dar
E vós uada que pedir... »
- Muito tendes que me dar,
Eu muito que vos pedir :
Teu corpinho delicado
Para commigo dormir.
- « Cavalleiro que tal pede
Merece fazer-se assim :
No rabo do meu cavallo
Puxal-o no meu jardim.
Vinde, todos meus criados,
Vinde fazer isto assim. »
- Eu uão temo os teus criados,
Teus criados são de mim.
- « Si tu eras meu marido,
Porque zombavas de mim ?
- Para vêr a lealdade
Que você me tinha a mim. »

A NOIVA ROUBADA

(Variante de Paraty)

- « — Deus vos salve, minha tia,
Na sua róca a fiar.
« Si tu és o meu sobrinho
Tres signaes has de me dar. »
- Cadê-lo meu cavallo,
Que eu aqui deixei ficar ?
- « O teu cavallo, sobrinho,
Está no campo a pastar. »
- Cadê-la minha espada
Qu'eu aqui deixei ficar ?

- « A tua espada, sobrinho,
Está na guerra a batalhar. »
- Cadê-la minha noiva
Que eu aqui deixei ficar ?
- « A tua dama, sobrinho
Está na igreja a se casar. »
- Selle, selle o meu cavallo
Qu'eu quero ir até lá.
Eu andei por muitas terras
Sempre aprendi a fallar.
- Deus vos salve *siá* noiva
Neste seu rico jantar !
- « Si é servido da bôda
Apeie-se e venha manjar. »
- Eu não quero a sua boda,
Nem tambem o seu jantar,
Só quero fallar com a noiva
Um certo particular.
- « Devia ser enforcado
Quem me queria enganar;
Dizendo que tu morrêras
Lá na guerra a batalhar. »

Passemos a apreciar a critica de Celso nas confrontações que faz das variantes brazileiras com os romances portuguezes da segunda parte do *Romanceiro* de Th. Braga. Esta parte da colleccão do autor açoriano se intitula :—*Romances de supposta origem portugueza*. O primeiro cotejado é o de *Sylvana*; Celso declara tel-o ouvido no Maranhão com pequenas modificações. E' pena que não tivesse citado algumas estrophes em que notava as diferenças. Passa ao *Bernal Francez*. E' um dos que o critico tinha podido colligir : declara que a variante maranhense approxima-se da versão da Foz, como a dá Th. Braga, com um enxerto porém da lição fornecida por Garrett, da qual serve de principio:

— Quem bate á minha porta,
Quem bate, ó quem está ahí?
« Sou Bernal—Francez, senhora,
Vossa porta, amor; abri... »

Em tudo o mais, diz Celso, segue a versão maranhense, como na alludida lição da Foz, apenas ainda com estes versos de mais, no logar em que o cavalleiro faz uma imprecação á tumba da amante, versos que Garrett dá e Th. Braga não :

« Vive. vive, cavalleiro,
Vive tu, que eu já morri;
Os olhos com que te olhava
De terra já os cobri.
Boca com que te beijava
Já não tem sabor em si,
O cabello que entranchavas
Jaz cahido ao pé de mi,
Dos braços que te abraçavam
As canas vê-las aqui !
Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu que eu já vivi. »

Celso estranha que a versão da Foz, que parece ser a mais perfeita, se tenha alterado entre nós. É uma ingenuidade ; é ainda um éco dos fallazes theorias da *innerrancia popular*, infelizmente enxertadas nestes estudos pela acção do romantismo. O maranhense parecia suppôr que, uma vez formado um romance, tudo quanto se lhe juntasse posteriormente era um deturpamento. Entendemos por outro modo ; reconhecemos no povo a *força de produzir* e o *direito de transformar* a sua poesia e os seus contos.

Desde que este processo de *transformação*, que não passa de uma applicação das leis da sciencia biologica aos phenomenos sociaes, se deixar de executar, teremos ahí a prova de que o povo esqueceu as suas proprias creações, e ellas irão irremediavelmente morrer. Sabe-se que as leis do transformismo de Lamarck e da theoria da selecção de Darwin hão tido uma brilhante applicação quasi em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Na esphera da morphologia levadas por Häckel, na psychologia e sciencia social conduzidas por Spencer, na philologia por Schleicher, devem tambem ellas no terreno dos estudos mythologicos e especialmente no da poesia popular ter a mais completa verificação. E é o que temos notado confrontando os originaes das composições populares portuguezas com os seus representantes brazileiros.

O novo meio, como um molde novo, imprime feição diversa aos velhos productos, atrophando-lhes os órgãos inuteis, modificando outros e creando novos.

Assim, temos uma variante do *Bernal Francez*, co lhida em Paraty, bastante desviada das lições portuguezas em alguns versos. Ahí vae ella, e o leitor compare-a com os originaes de Braga e Garrett :

O BERNAL FRANCEZ

- « Quem bate na minha porta,
Quem bate, quem está ahí ?
— E' D. *Bernaldo* Francez,
A sua porta mande abrir.
— No descer da minha cama
Me caiu o meu chapim ;
No abrir da minha porto
Apagou-se o meu *candim*. (1)

(1) Candil.

Eu levei-o pelas mãos,
Levei-o no meu jardim ;
Me puz a lavar a elle
Com agua de alecrim,
E eu, como mais formosa,
Na agua de Alexandria.

Eu o trouxe pelas mãos
Levei-o p'ra minha cama,
Meia-noite estava dando,
Mas D. Bernaldo Francez
Nem sonava, nem movia,
Nem se virava p'ra mim !

« O que tendes D. Bernaldo,
O que tendes, que *maginas*?
Si temes de meus irmãos,
Elles estão longe de ti ;
Si temes de minha mãe,
Ella não faz mal a ti ;
Si temes de meu marido
Anda na guerra civil. »

— Não temo dos teus irmãos,
Que elles meus cunhados são ;
Não temo de tua mãe.
Qu'ella minha sogra é ;
Não temo de teu marido,
Qu'elle está a par contigo . . .

« Matae-me, marido, matae-me,
Qu'eu a morte mereci ;
Si tu eras meu marido,
Não davas a conhecer . . . »

— Amanhã *de p'ra minhã*
Eu te darei que vestir :
Te darei saia de ganga,
Sapatos de berbotim ;
Trarei-te punhal de ouro
Para te tirar a vida.

- O tumulo que a levava
Era de ouro e marfim ;
As tochas que a acompanhavam
Eram cento e onze mil,
Não fallando n'outras tantas
Que ficou atraz p'ra vir.
- Aonde vaes, cavalleiro,
Tão apressado no andar ?
« Eu vou ver a minha dama
Que eu ha muito não vou lá. . . »
- Volta, volta, cavalleiro,
Que a tua dama já é morta.
E bem morta que eu bem vi ;
Si não queres acreditar
Vae na capella de São Gil.
- « Abri-vos, terra sagrada,
Quero me lançar em ti ! . . . »
- Pára, pára, cavalleiro,
Por mode ti já morri. . .
« Mas eu quero ser o frade
Da capella de São Gil ;
As missas que eu dissér
Todas serão para ti.
- Não quero missas, Bernaldo,
Que são fogo para mim ;
Nas filhas que vós tiver
Botae nome como em mim,
Nos filhos que vós tiver
Botae nome como a ti.»

As versões brazileiras dos romances do *Conde Niño*, da *Promessa do Noivado* e de *D. Alcixo* foram desconhecidas por Celso, segundo elle affirma. Colligimos na villa do Lagarto, na provicia de Sergipe, um romance a que o povo chama de *D. Duarte e Donzilha*, que é uma

contração dos tres ultimos romances europeus. Evidentemente *Donzilha*, de que o povo fez um nome proprio, é o appellativo *donzilla*, que se lê nos romances portuguezes. Tivemos muitos ensejos de ouvir a versão sergipana e questionar as pessoas, que nol-a repetiam, sobre as personagens do romance, e sempre encontramos o povo fazendo de *Donzilha* o nome proprio de uma princeza.

Não devemos alterar nem uma virgula do romance e aqui o estampamos para estudo comparativo:

D. DUARTE E DONZILHA

(Versão de Sergipe)

- Eu não procuro igreja,
Nem rosario p'ra resar ;
Só procuro o logar
Onde D. Duarte está.
Deus vos salve, rainha,
Rainha em seu logar.
- « Deus vos salve, princeza,
Princeza de Portugal !
O que me quereis, princeza,
Que novas quereis me dar ? »
- E' o amor de D. Duarte
Que ainda espero lograr.
- « D. Duarte não está em casa,
Anda n'alçada real. »
- Mandae levantar bandeira
Para dar um bom signal.
Palavras não eram ditas,
D. Duarte na porta estava :
- « O que me quereis, princeza,
Que novas quereis me dar ? »
- E' o amor de D. Duarte
Que ainda espero lograr.

« No tempo que vos queria
Me juravam a matar ;
Mas hoje que sou casado
Tenho filhos a criar. »

« Dae-me licença, senhora,
Dae-me licença real
P'ra dar um beijo em Donzilha
Qu'ella finada já está. »

— Dae-lhe quatro, dae-lhe cinco,
Dae-lhe quantos vós puder,
Não tendes mais que beijar
A quem já finada está.

A cova de Donzilha
Foi na porta principal ;
A cova de D. Duarte
Foi lá no pé do altar.
Na cova de Donzilha
Nasce um pé de sicupira. (1)
Na cova de D. Duarte
Nasceu um pé de collar,
Foram crescendo, crescendo,
Cresciam ambos igual ;
Lá em riba das galhinas
Lá se foram abraçar...
A viuva que viu isto,
Logo mandou decotar,
Si haviam de brotar leite,
Brotaram sangue real.»

Dos romances de *D. Pedro, da Filha do Imperador de Roma*, de *D. Agueda de Mescia*, do *Casamento e Mortalha*

(1) Ou *sucopira*, (*Bovidichia—major.*)

Celso tinha, como diz, noticia vaga. Nós os não encontramos tambem claramente na tradição, e os não colligimos.

O ultimo romance desta parte é a *Náu Catherineta*, Celso tinha por escripto a versão maranhense ; mas a não deu á publicação. E' uma lacuna. No trabalho de cotejo elle limitou-se a ligeiros confrontos, deixando de fornecer as variantes por extenso. Da *Náu Catherineta* temos a versão sergipana, que ouvimos cantar muitissimas vezes na cidade do Lagarto, no brinquedo dos *Marujos*.

Sabemol-a de cór ha muitos annos e aqui a inserimos, incumbindo ainda ao leitor a facil tarefa de notar as differenças com a lição de Lisbôa, qual nôl-a traz Th. Braga :

A NÃO CATHERINETA

—Faz vinte e um anno e um dia
Que andamos n'ondas do mar,
Botando solas de molho
Para de noite jantar.
A sola era tão dura,
Que a não podemos tragar,
Foi se vendo pela sorte
Quem se havia de matar ;
Logo foi cahir a sorte
No capitão-general.
«Sóbe, sóbe, meu gageiro,
Meu gageirinho real,
Vê si vês terras de França,
Areias de Portugal. »
—Não vejo terras de França,
Areias de Portugal,
Vejo sete espadas finas
Todas para te matar.
« Sóbe, sóbe, meu gageiro,
Meu gageirinho real,

Olha p'ra estrella do Norte
Para poder nos guiar. »
Alvistas, meu capitão,
Alvistas (1), meu general,
Avisto terras em França,
Areias em Portugal.
Tambem avistei tres moças
Debaixo dum parreiral,
Duas cosendo setim,
Outra calçando o didal.
«Todas tres são filhas minhas.
Oh ! quem m'as déra abraçar !...
A mais bonita de todas
Para contigo casar. »
—Eu não quero suas filhas
Que lhe custou a criar,
Quero a *Nau Catherineta*
Para nella navegar.
« Desce, desce, meu gageiro,
Meu gageirinho real,
Já viste terras em França,
Areias em Portugal. »

Passemos á terceira parte do *Romanceiro* de Th. Braga, acompanhando a excellente critica de Celso de Magalhães.

Esta terceira parte intitula-se :—*Romances que se encontram nas collecções hespanholas*. Dos tres primeiros desta secção Celso declara não ter noticia. Nós colligimos em Paraty um romance sob a denominação de *D. Maria e D. Arico*, que parece ser uma contracção dos romances do *Conde Preso* e de *D. Garfos*. A variante brazileira parece estar muito transformada. E' a seguinte :

(1) Alviçaras.

D. MARIA E D. ARICO

(Versão de Paraty)

- O que é isto que aqui está
No pino da meia noite ?
— Si tu és uma alma em pena,
Remedio te quero dar ;
Si és coisa do outro mundo
Quero te desconjurar. —
« Eu não sou alma em pena
Para vós remedio me dar,
Nem sou coisa do outro mundo
Para vós me desconjurar. »
— Lá detrás daquella esquina
Estão sete a vos esperar.
« Pelos sete que lá estão
Meu pé atrás não voltaria,
D. Arico ha de ceiar
Em casa de D. Maria.
Não jógo jogo de bala
Que é jogo de covardia;
Jógo com jogo de espada,
Qu' é jogo de valentia. »
D. Arico matou seis ;
Ficou um por mais somenos.
Delle conta não fazia.
Este atirou-lhe uma bala
Da mais alta que havia ;
A bala cahio no peito
E o peito lhe feria ;
D. Arico foi cahir
Na porta de D. Maria :
Pelos ais e os gemidos
Acordava quem dormia.

- « O que dirão agora?
Que mataram este coitado,
Que morreu de mal de amores,
Que é um mal desesperado !
« Si me acharem aqui morto
Não me enterrem no sagrado ;
Me enterrem em campo de rosas,
Das quaes eu fui namorado.
Trazei papel, trouxe tinta,
Trazei vossa escrivania (1)
Eu quero escrever saudades
No vosso peito, Maria. »

Celso passa ao romance do *conde Alberto*; delle diz só recordar-se do *adeus* da condessa e desta estrophe :

- « Foi-se dalli o bom conde,
Cheio de melancolia ;
Mandou fechar suas portas,
Cousa que nunca fazia !...
Mandou pôr a sua meza,
Nem um, nem outro comia ;
As lagrimas eram tantas,
Que pela meza corria. »

Nós colligimos em Sergipe este romance um pouco fragmentado, tal qual o damos agora. Notem-lhe os curiosos os afastamentos do original portuguez :

O CONDE ALBERTO

(Versão do Lagarto)

- « Soluçava D. Sylvana,
Por um corredor que tinha,
Que seu pae não a casava,
Nem esta conta fazia.

(1) O povo diz *escrivania* sempre de preferencia a *escrivaninha*.

- Eu não vejo neste reino
Com quem case filha minha ;
Só si fôr com conde Alberto . *
Este tem mulher e filhos . —
- « Com este mesmo é que eu quero,
Com este mesmo eu queria :
Mandae vós, o' pae, chamal-o
Para vossa mesa um dia . »
- Corre, corre, cavalleiro
Dos mais ligeiros que tenho,
Vae dizer a conde Alberto
Que venha jantar commigo . —
- « Inda houtem vim da côrte,
Que dom rei me fez chamar ;
Não sei si será p'ra bem,
Ou si será p'ra meu mal . »
- P'ra matares a condessa
E casar com minha filha . —
- « Como isto pôde ser,
Como isto nunca seria ?
Descasar dois bem casados,
Cousa que Deus não faria ? »
- Instantes te dou de hora
Que rezes uma Ave-Maria,
Que me mandes a cabeça
Nesta formosa bacia . —
- Foi o conde para casa,
Ja mais morto que vivo .
- « Contae, marido, tristezas,
Como quem conta alegrias !... »
- « Não sei o que vá vos contar,
Que já é em demasia . . . »
A meza já estava posta,
Nem um nem outro comia ;

* Algumas pessoas diziam conde *Olario* em lugar de conde Alberto.

As lagrimas eram tantas,
Que pela meza corria.

.

Tocam sinos nas igrejas
A gente bulha fazia :
Morreu a D. Sylvana
Pela ruindade que tinha :
Descasar dois bem casados,
Cousa que Deus não faria. »

Segue-se o romance do *Conde de Allemanha*. Nós não o encontramos na tradição ; Celso diz ter uma noticia vaga, excepto dos versos seguintes :

« Minha mãe, minha mãezinha,
Venha á janella do canto,
Venha vêr o senhor conde
Todo vestido de branco ;
Venha vêr, o' minha mãe.
A' janellinha do paço,
Venha vêr o senhor conde
Com uma corda ao pesoço. »

Vem depois o romance de *D. Carlos de Montealbar*. E' este, diz Celso, o de que se lembrava mais, e foi tambem um dos mais populares em Portugal. « Na variante maranhense, escreveu o nosso autor, ha quasi uma reconstrucção do romance com as tres versões do Porto, Beira-Baixa e Coimbra. » Nós colligimos em Sergipe duas variantes d'elle : uma correspondente á lição do Porto, que vem em Th. Braga sob a denominação de *D. Carlos de Montealbar*, e outra correspondente á variante de Beira-Baixa, que o autor portuguez traz sob o titulo de *D. Lisarda*. A primeira versão tem em Sergipe o mesmo nome que lhe dão em Portugal, a segunda traz o nome de

D. Branca. No *D. Carlos de Montealbar* cantado em Serpige o conde é que vae a enforcar, procura confessar-se com seu tio bispo, e manda pedir soccorro á sua amada ; nas versões do Porto e Beira-Baixa é o contrario. Na *D. Branca*, tambem cantada em Serpige, apparece o restabelecimento do sentido perdido da lenda : vae a morrer a amante, que se achava gravida, e manda avisar ao namorado. São estas as variantes sergipanas :

D. CARLOS DE MONTEALBAR

(Versão do Lagarto)

- « Deus vos salve, senhor D. Carlos ;
O senhor que fazia lá ? »
- Me arrumando, senhora,
Para contigo brincar. —
Quando estavam a brincar,
Um cavalleiro vêem passar ;
D. Carlos como ardiloso
Logo quiz o degolar.
- « Não me mate o cavalleiro,
Qu' é do reino de meu pae. »
- « Cavalleiro, o que aqui viste
A meu pae não vae contar,
Q' eu te darei ouro e prata
Quanto possas carregar. »
- Eu não quero ouro e prata
Que a senhora não m'os dá ;
Brinquedos que vi aqui
A meu rei irei contar. —
- « Cavalleiro, o que aqui viste
A meu pae não vae contar ;
Qu' eu te darei minha sobrinha
Para contigo casar. »

- Não quero sua sobrinha
Que a senhora não m'a dá ;
Folguedos que vi aqui
Ao meu rei irei contar. —
- « Cavalleiro, o que aqui viste
A meu pae não vae contar,
Te darei o meu palacio
Com todo o meu cabedal. »
- Não quero o seu cabedal
Que a senhora não m'o dá,
Que isto que eu vou contar
Muito mais me ganhará. —
- Novas vos trago, senhor
Novas eu vos quero dar :
Eu topei á Claranninha
Com D. Carlos a brincar ;
Da cintura para riba
Muitos beijos eu vi dar,
Da cintura para baixo
Não vos posso mais contar. —
- « Si me contasses occulto
Meu reino te *havera* * dar ;
Como contaste de publico
Mandarei te degolar. »
- « Vão me chamar a D. Carlos
Depressa, não de vagar ;
Tão carregado de ferros
Que não possa me fallar. »
- Vão buscar meu tio bispo
Que eu me quero confessar
Antes que chegue a hora
Que me venham degolar. --

* Por *houvera*.

- « Deus vos salve, men sobrinho,
Que em sua prisão está!
Por amor da Claranninha
La te vão a te matar...
Toda a vida eu te disse
Que tu deixasses de amar :
Claranninha era impedida,
Poderiam te matar. »
- Sáia-se daqui, meu tio,
Não me venha a enfadar ;
Mais val eu morrer por ella
Do que deixal-a de amar. —
- Chiquitinho, Chiquitinho,
Que sempre me foi leal.
Vae dizer á Claranninha
Que já me vão me matar ;
Si meus olhos *vêr* os della
Minha alma se salvará ! —
- « Deus vos salve, Claranninha,
Que no seu estrado está ;
D. Carlos manda dizer
Que já vae se degolar. »
- « Criadas, minhas criadas,
Si quereis me acompanhar,
Eu já me vou com o cabelo
Faltando por entrançar. »
- « Justiça, minha justiça,
Minha justiça real,
Por aquelle que está alli
Minha vida eu irei dar !...
Deus vos salve, senhor D. Carlos,
Não se dê a desmaiar ;
Si a minha alma se perder,
A sua se salvará. »
- Conselheiros, conselheiros,
Que conselho quereis dar :

- Que eu mate senhor D. Carlos,
Ou que os mande casar? —
- « O conselho que vos damos
E' para os mandar casar,
E pegae este arengueiro
E mandae-o degolar. »
- « Arengueiro, embusteiro,
O que ganhaste em contar? »
- Ganhei a força senhora,
Della vinde me tirar. —
- « Si eu quizerá bem pudéra,
Pois nas minhas mãos está,
Para te servir de emenda,
Mandarei te degolar. »

D. BRANCA

(Variante do Lagarto)

- O que tens, oh D. Branca,
Que de côr estás mudada? —
- « Agua fria, senhor pae,
Que bebo de madrugada. »
- Juro por esta espada,
Affirmo por meu punhal
Que antes dos nove mezes
D. Branca vae queimada. —
Eu não sinto de morrer,
Nem tambem de me queimar,
Sinto por esta criança,
Que é de sangue real.
Si eu tivéra o meu criado
Que fôra ao meu mandado.

- Escreveria uma carta
A D. Duarte Montalvão. »
- Fazei a carta, senhora,
Qu'eu serei o mensageiro,
Viagem de quinze dias
Faço numa Ave-Maria.
Escreve, escreve, senhora,
Qu'eu serei o teu criado,
Viagem de quinze dias
No jantar serei chegado. —
- Abre, abre, crystallina
Janella de Portugal,
Quero entregar esta carta
A D. Duarte Montalvão. —
D. Duarte, que leu a carta,
Logo se pôz a chorar,
Dando saltinhos em terra
Como baleia no mar.
D. Duarte se finge frade
P'ra princeza confessar.
Lá no sexto mandamento
Um beijo nella quiz dar :
« Boca que Duarte beijava
Não é para frade beijar!... »
Nisto elle se descobria
E com ella já fugia
E com ella se casou... »

Da *D. Azeria* da versão de Coimbra Celso diz ter ouvido uma variante em Pernambuco, por demais obscena com o título *A mulher do nosso mestre*, e de que cita os versos seguintes :

- « A mulher de nosso mestre
Foi se lavar na enchurrada ;
Pegou no peixe espada... etc. »

E' uma variante dos versos de *D. Areria* :

« A cidade de Coimbra
Tem uma fonte de agua clara ;
As moças que bebem nella
Logo se veem peçadas ;
D. Areria bebeu nella
Logo se viu occupada... etc. »

Passa o critico ao *Romance do Passo de Roncesval*.
Declara ser pouco vulgarizado, mas ter variantes patrias,
de que cita estes versos :

« Sete feridas no peito,
A qual será mais mortal :
Por uma lhe entra o sol,
Por outra lhe entra o luar,
Pela mais pequena dellas
Um gavião a voar. »

Vindo a tratar da quarta parte do livro que lhe serviu de guia, declara Celso que *dos romances mouriscos e contos de captivos* nada tinha ; nem se lembrava de ter ouvido cousa que se parecesse com os que vêm no livro de Th. Braga. As razões desta lacuna o moço autor as indicou : « *O gosto mourisco* principiou a espalhar-se em Portugal no seculo XVI, época do descobrimento e colonização do Brazil.

« Este facto, só por si, era bastante forte para não transplantar-se para o nosso *Romanceiro* o elemento mourisco, e a razão é simples. Para accentuar-se perfeitamente uma tendencia sobre a poesia de uma nação, é necessario um espaço de tempo não pequeno, até que ella se solidifique como tradição. Logo ao principio o romance mourisco seria pouco cantado ; os colonizadores, por consequencia, não sabel-o-iam, e, em conclusão, não poderiam

trazel-o para o Brazil. Depois a tendencia foi se modificando, outra evolução appareceu, e o romance mourisco ficou completamente descohecido para nós. Os interesses mudaram com o seguir dos tempos, a indole tornou-se outra para o Brazil e o gosto mourisco fenecceu.

« Accresce, em segundo logar, que mesmo em Portugal a sua duração não foi longa, e o seu cunho não foi verdadeiramente popular em tudo. Abundam nos romances mouriscos muitas descrições e narrativas, o que não é natural e commum na poesia popular, e demonstra mais uma invenção erudita. Em terceiro logar, notaremos que nós não tínhamos heróes nenhuns que pudessem offerecer similes aos dos romances mouriscos, e que, por consequencia, ainda que elles chegassem até aqui, seriam por isso desprezados e esquecidos. Poderão objectar-nos que não tínhamos tambem heróes para os outros que herdamos, e que entre nós se conservam ainda. Mas a isto responderemos que nesses outros romances havia outros elementos, o maravilhoso, por exemplo, para que elles fôsem aceitos, ao passo que nestes, apezar de se encontrar o cavalheiresco, ha o facto do captiveiro dos christãos, que nos não é conhecido com o caractor apresentado nos romances em questão.

« Quanto aos *romances de captivos*, a questão muda um pouco de figura. Já não é a falta de *assumpto* e de terreno proprio para a sua transplantação, mas sim mudança completa do fundo sobre que elles se basêam, isto é, o *captiveiro*. O captiveiro em Portugal, com as invasões barbaras e dos mouros, dava para se tecer sobre elle lendas e historias interessantes. Era o captiveiro digno, procedente de uma desgraça na guerra, em que o captivo comprehendia a sua posição e trabalhava por conservar-se sempre na altura de seu nome e de sua patria. Soffriam-se estoicamente os castigos infigidos, mas nunca vergava-se a cabeça.

« Bem se vê, por ahí, que era esta uma fonte inesgotavel de bellezas para a formação poetica do povo.

« Mas entre nós não se deu isso. Houve o facto que se chama *escravidão*. Não era mais o consequente de uma desgraça ; era o effeito de um *contracto commercial*. Aqui eram já as levas do africano embrutecido, nos porões infectos e miasmaticos dos navios negreiros ; era já a ignorancia do escravo, a falta de dignidade do negro, que sujeitava-se, como um animal, ao serviço pesado dos engenhos e das minas. A bestialização inoculava-se na população, e o sentimento da personalidade perdia-se. O estado desta classe era repulsivo então. Ora, um elemento corrupto deste modo nada podia produzir, e não produziu. Foi por isso que, com o facto da *escravidão*, não se deu entre nós a implantação dos romances de captivos. » (1)

O maranhense com estas palavras bateu no amago do assumpto. Os motivos que apresentou para explicar o olvido dos *romances mouriscos* são profundos e verdadeiros. Cremos, porém, que existe um ou outro resquicio daquelles romances em alguns *autos* e *brinquedos* populares que tivemos o ensejo de vêr em Sergipe. Taes se nos afiguram os *Mouros* e os *Marujos*, dous *reinados* sergipanos. (2)

Pelo que toca aos *contos de captivos*, são ainda poderosos os motivos que apresentou o moço autor para justificar-lhes a ausencia entre nós. O retrato que fez da *escravidão* neste paiz é tristemente verdadeiro. Ella no Brazil é realmente mui distincta da *escravidão antiga* na Europa. Teve ainda uma mais triste origem do que a que Celso lhe assignalou. Não foi propriamente o resultado de um *contracto commercial*; foi de cousa peor; foi um producto da insidia vil e da ganancia corruptora. Taes os

(1) O *Trabalho* de 15 de Julho de 1873. Recife.

(2) Vêm por extenso e com a musica respectiva em nossa collecção de *Cantos Populares do Brazil*, Lisboa, 1882.

moveis que levaram o negociante de escravos á *costa da Africa* durante cerca de quatro seculos. Dest'arte, a escravidão no Brazil, quer dos pretos, quer dos indios, ha sido um forte obstaculo ao nosso progresso politico e social, e deturpou, em grande parte, o que de util poderiamos esperar das *raças inferiores* que entraram em nossa população, raças que, por certo, mais efficazmente poderiam actuar em nòssa vida nacional, si a sua introdução no seio do povo não tivesse sido uma consequencia do captiveiro. O portuguez, desconhecendo as leis e os factos historicos, não comprehendeu que poderia utilizar-se do *indio* e do *negro* mais vantajosamente por meio do *colonato* do que por intermedio do captiveiro. O resultado é que afugentou o *indio* e aviltou o *negro*. Nem ao menos comprehendeu a profunda modificação sociologica operada na idade media : a passagem da escravidão para a servidão ! Assim os escravos entre nós são um objecto repugnante; de seu seio nunca sahiu um Epicteto, um Terencio, nem ao menos um Spartacus-vingador ! E, o que mais é, os escravos africanos no Brazil têm a consciencia de seu abatimento. Nós temos muitas provas deste facto, e, entre outras, colligimos, da boca de escravos, o que elles chamam o *Padre Nosso do Negro*, que é um documento de sua miseria e de sua ignominia. Mas de quem a culpa ?

Não é certamente do *selvagem africano* arrebatado na flor da idade, de suas terras d'alem-mares, por uma raça superior e *civilizada*, que não soube aproveitá-lo sem o degradar. Celso teve razão em escrever duras phrases sobre o captivo brasileiro, e não seremos nós que lh'as tomemos a mal. Opinamos do mesmo modo, sinão mais rigorosamente. (1)

(1) Não esquecer que estas palavras contra a escravidão foram por nós escriptas em principios de 1879 antes de começar a campanha abolicinista, que redimiu o Brazil. Neste movimento tivemos tambem alguma parte, que não deve ser esquecida.

Apenas poder-se-lhe-ia dizer que não basta só isto hoje ; é mister, antes e acima de tudo, mostrar o que cada um dos deteriorados elementos do povo brasileiro, a despeito de seu abatimento, pôde produzir. Ora, o negro, mau grado sua desgraça, é por si, e por meio do *mestiço*, um dos autores de nossos *romances, xacaras, canções, contos*, que Celso desconheceu.

Aqui inserimos uns fragmentos do *Padre Nosso do Negro* :

« O negro na festa do branco é o primeiro que apanha e o derradeiro que come.

« Negro confessa e não communga.

« Negro é tóco ; quem não lhe atira é louco.

« Negro, quando se o chama, resmunga ; si resmunga, leva pau.

« Negro é vulto ; quando não pede, furta.

« Negro tem *catanga* ; tem semelhança com o diabo.

« Negro é a derradeira cousa do mundo.

« Negro não entra na igreja ; espia da banda de fóra.

« Negro tem o pé de bicho, unha de caça e calcanhar rachado ; o dedo *mindinho* é como semente de pepino de S. Paulo ; o cabello é *carrapicheira*.

« Negro quando não canta, assobia.

« Deitado é uma lage, correndo é um porco, sentado é um tóco... »

Ouvimos, por vezes, entre negros esta *lenga-lenga* ; elles a repetem com certo sentimento de sua inferioridade. E' dubitavel, porém, que sejam os autores destes *aphorismos* de sua miseria.

Passando a occupar-se com a quinta parte do *Romanceiro* de Th. Braga, que trata das *Lendas Piedosas*, Celso declara que a lenda de *Jesus Mendigo* é muito corrente entre nós na fórmula de *conto popular*. Elle o reproduz como se segue :

« Havia numa cidade dois homens, um pobre e outro rico, muito religiosos e amantes de Deus. Jesus, querendo experimentar qual delles o amava verdadeiramente, annunciou-lhes que em certo dia iria jantar em sua companhia. O homem rico mandou preparar mesas lantadas e acepipes delicados e abundantes, e as festas annunciadas eram de espantar.

« O pobre, que apenas possuia uma gallinha, mandou matá-la e assalá-la. Preparou modestamente a sua mesa e esperou o Christo. A' tarde apresentou-se um mendigo a pedir esmola á porta do homem rico. Este despedio-o brutalmente, dizendo :—Espero hoje Nosso Senhor Jesus Christo para jantar commigo, e não quero desmanchar a minha mesa. O mendigo voltou ainda segunda e terceira vez, com outros trajos e feições, e foi despedido do mesmo modo. A' porta do homem pobre apparece o mesmo mendigo. Ficou o pobre sem saber o que fizesse, e então a mulher lembrou-lhe que poderiam tirar uma aza da gallinha e dal-a ao mendigo, sem que o Christo reparasse naquella falta, pois a gallinha seria collocada no prato, de modo que o lado da aza cortada ficasse para baixo. Assim fizeram. Pouco depois eis que apparece outro mendigo. Novas duvidas, novos calculos e nova aza da gallinha cortada. Terceiro mendigo ainda. A duvida era maior. Já não havia mais azas a cortar. Marido e mulher resolveram cortar uma côxa da gallinha e dal-a ao pobre, que então deu-se a conhecer como o proprio Christo. O homem pobre e sua mulher foram para o paraiso ; o rico para o inferno. »

Ouvimos por muitas vezes *este conto* em Sergipe e Pernambuco, e em nossa collecção elle vem incluído com as pequeninas alterações com que o ouvimos.

O escriptor maranhense declara, em seguida, que os romances de *Santo Antonio e a Princeza* e de *Santa Iria a Fidalga*, que vem logo após o de *Jesus Mendigo*, lhe eram desconhecidos. Nós temos uma variante de *Iria a*

Fidalga colligida em Paraty. Publicamol-a para estudo comparativo :

IRIA A FIDALGA

(Versão de Paraty)

« Estava sentada
Na minha costura,
Passou um cavalleiro,
Pedindo pousada.
Se meu pai não dera,
Muito me pezara.
Botou-se a mesa
Para o *de jantar* ;
Muita *comedia*,
Pratas lavradas...
Se fez a cama
Com lenções de renda,
Cobertas bordadas.
Lá p'ra meia noite
Elle alevantou-se,
A ninguem achou,
Só a mim levou.
Ao cabo de sete leguas
Elle me perguntou
Na minha terra
Como me chamava :
Na minha terra
Iria — a fidalga, —
Na terra estranha
ria — a coitada !...
Minha santa Iria,
Meu amor primeiro !...
Ai ! me degolaram
Que nem um carneiro. »

Celso escreve depois que do romance da *Devota da Ermida* também não tinha noticia de variante nacional, a não ser talvez um *romance*, que não sabia si de origem portugueza ou puramente brazileira, e a que intitolou da *Madrasta*. Este existe entre nós na fórma de *conto*. Eil-o tal qual o traz o autor : « Um viuvo tinha duas filhas, meninas ainda, e casou-se com uma mulher má. Esta tomou raiva ás pequenas, e mandava-as todos os dias vigiar uma figueira, para que os passaros não comessem os figos. Castigava-as asperamente, quando acontecia faltar algum figo, e sempre achava razões para dar-lhes pancadas. As meninas pediam á Virgem que as protegesse. Um dia, em que o marido foi fazer uma viagem, a mulher manda enterrar vivas as pequenas, e, quando o marido chega, ella as dá como teudo morrido naturalmente. No lugar, onde foram enterradas as meninas, nasceu um bonito capinzal, que, quando o vento soprava, resoava em um estribilho constante, que dizia :

Xô! xô! xô! passarinho.

Não comas o figo da minha figueira.

« Este era o estribilho que as meninas cantavam, quando, vivas ainda, iam vigiar a figueira. O jardineiro da casa veio participar ao amo aquelle successo, e não foi acreditado. Finalmente, após muita tenacidade do jardineiro, consentio o amo em ir ouvir com sens proprios ouvidos o facto milagroso.

« Foi e ouvio.

« Pois amanhã cortarás este capim todo, disse o amo ao jardineiro. No outro dia o jardineiro foi ao serviço, e, mal deu a primeira foçada, eis que se levanta um novo cantar das profundezas da terra. Esse cantar dizia :

Jardineiro de meu pae,

Não me cortes meus cabellos !

Minha mãe os penteava,

Minha madrastra os enterrou !

« Corre o jardineiro a dar a noticia ao amo, que vem ao capinzal, e ouve o mesmo cantar. Manda cavar o logar e encontra suas filhas, vivas ainda. por milagre de Nossa Senhora, de quem eram devotas. De volta á casa, encontrou-se o marido com a mulher morta. Era o castigo dado por Nossa Senhora.»

Celso de Magalhães tinha duvidas sobre a origem d'este *conto*, que denomina impropriamente de *romance*, e escreveu estas palavras :

« Elle (o conto) parece-nos portuguez, por causa da entidade *jardineiro* que nos não é commum com essa denominação, nem frequente em os logares onde o ouvimos nos costumes populares. Si, em logar do *jardineiro*, fôsse o *feitor*, o *escravo*, o *moleque*, então *diríamos com certeza ser elle brazileiro*. Ha, porém, o *capinzal*, que não é portuguez. Portugal symbolizaria os cabellos pelo trigo, pelo centeio, pela aveia, por outra qualquer planta, mas não pelo capim. Mas este factó, talvez, seja explicado pela apropriação que se vai fazendo lentamente do *romance*, e que não está ainda completa. E' que o povo, no trabalho da transplantação, transforma primeiro aquillo que lhe impressiona mais os sentidos, e a natureza que o cerca é a primeira a fornecer similes para essa elaboração.» *

Nós ouvimos o conto da *Madrasta* em Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Rio de Janeiro, e em nossa collecção de *Contos* o inserimos litteralmente segundo a versão sergipana. Elle é evidentemente de origem *aryjana*, e chegou, portanto, até ao Brazil por intermedio dos portuguezes. E' corrente entre nós, em todas as provincias, com o seu estribilho metrificado. Celso traz o colhido no Maranhão como se vio :

* O Trabalho de 30 de Julho de 1873, Recife.

« *Jardineiro* de meu pae,
Não me cortes meus cabellos!
Minha mãe os penteava,
Minha madrasta os enterrou!
Xô! xô! xô! passarinho,
Não comas o figo da minha figueira!...»

O Sr. Rangel de S. Paio communicou a Celso a variante do Rio de Janeiro, como se segue :

« *Antonio* de meu pae,
Não me cortes meus cabellos ;
Minha mãe me criou,
Minha madrasta me enterrou,
Pelo figo da figueira,
Que o passarinho picou .
Xô! passarinho,
Vai-te embora p'ra teu ninho,
Vai crear o teu filhinho!...»

Nós colligimos a variante de Sergipe, que diz ;

« *Capinheiro* de meu pae,
Não me cortes os cabellos ;
Minha mãe *me* penteava,
Minha madrasta *me* enterrou,
Pelo figo da figueira.
Que o passarinho picou!...
Xô! xô!—passarinho!...»

O Sr. José Antonio de Freitas colheu mais uma variante do Maranhão, que diz :

« *Capineiro* de meu pae,
Não me cortes *meu* cabelo ;
Minha mãe *me* penteava,
Minha madrasta *me* enterrava,

Pêlo figo da figueira,
Que o passarinho *levava*.
Foge, foge, passarinho,
Não me comas meu *figuinho!* »

Celso disse que a entidade *jardineiro* não nos é commum, e, por isso, o romance lhe parecia ser de origem portugueza. Ora, na versão de Sergipe, por nós colligida, e na do Maranhão segundo o Sr. J. A. de Freitas, não se falla de *jardineiro* e sim de *capinheiro*, ou *capineiro*, entidade puramente brazileira, o que faria desapparecer a duvida do distincto maranhense.

Nós, porém, sabemos que o conto prende-se aos contos de origem aryana e que nos veio pelo orgão dos portuguezes, não por conter elle o vocabulo *jardineiro*, como não o consideramos puramente nacional, só por encerrar a palavra *capinzal* e *capineiro*. A existencia destas palavras explica-se pela *lei da adaptação* applicada ás lendas populares. O conto é aryano, porque tem similares nas collecções de contos anonymos indo-germanicos. Não é esta a occasião de fazermos alguns estudos comparativos entre as nossas lendas e as das diversas raças, cujas collecções possuímos. Julgamos este trabalho, por enquanto, extemporaneo. Tal se nos afigura tambem agora o empenho de preparar explicações mythicas pela theoria meteorologica para os nossos contos. Quanto ao ponto em questão, e provisoriamente, basta-nos, ponderar que a *Madrasta* é corrente em Portugal, e que o Sr. J. A. de Freitas colligiu alli o seu estribilho nos arredores do Porto. E' como segue:

« Não me arranques meu cabellino,
Que minha mãe m' o criou;
Minha madrasta m' o enterrou
Pelo figo da figueira.
Que o passarinho levou. »

Isto só por si derrota as duvidas de Celso, quanto à possibilidade da origem puramente patria do romance (1) A's vezes só na existencia de nma ou outra palavra o critico descobria o cunho nacional. Vimos que no romance de *D. Barão* elle descobriu genuinas transformações nacionaes no facto de dizer-se no Maranhão :

« Oh ! meu pae, minha mãezinha,
Que dôr no men coração. etc. »

Em logar de :

« Oh ! mi padre, oh ! mi madre,
Grande dôr de coração, etc. »

Ora, não ha duvida que nós os brazileiros usamos muito dos diminutivos e muito mais que os portuguezes ; mas só por aquelle caso Celso não podia affirmar o facto, porquanto no proprio romance de *D. Barão* existem estes versos :

« Minha mãe; *minha mãezinha*.
Eu morro do coração, etc. « (2)

Ainda mais : o maranhense viu na palavra *cabeção*, em logar de *justilho*, illusoriamente uma grande accentuação brazileira. E' verdade que nosso povo nunca emprega o termo *justilho*, e sempre usa da palavra *cabeção* ; mas este não é sómente patrio ; é tambem portuguez, como vê-se do romance da *Sylvana* :

« Vae filha, vae para casa,
Veste uma alva camisa,
Que o *cabeção* seja de ouro,
As mangas de prata fina, etc. » (3)

(1) Vem nos *Contos Populares Portuguezes* de Ad. Coelho.

(2) Vide Th. Braga — *Romanceiro*, pag. 16

(3) *Ibid.* pag. 31

Tocamos á sexta e ultima parte do *Romanceiro* portuguez, que se intitula *Xacaras e Coplas de Burlas*. Celso declarou que das onze *xacaras* desta secção só conhecia a da *Moreninha*, de que reproduz o final colhido no *Maranhão* :

« Donde vindes, mulher minha,
Que vindes tão isentada ?
Ou tu me temes a morte,
Ou tu não és bem fadada ! »
— Eu a morte não a temo,
Pois della hei de morrer,
Temo só os meus filhinhos,
Doutra mãe podiam ser . . . —
« Confessa-te, mulher minha,
Faz acto de contricção,
Que te não tornas a ver
Nos braços de frei João ! »

Nós desta ultima parte do *Romanceiro* portuguez colligimos em Sergipe tres variantes muito espalhadas alli : a da *Pastorinha*, a da *Conversada da Fonte*, que corre lá com o nome de *Florioso*, e a do *Cégo-Andante*.

Aqui as estampamos, para tornal-as conhecidas do publico :

A PASTORINHA

(Versão do Largato)

— Bella pastorinha,
Que fazeis aqui ?—
« Pastorando o gado
Que eu aqui perdi. »

— Tão gentil menina,
Pastorando gado ? ! —
« Já nasci, senhor,
Para este fado, »

— Vamos cá, menina,
P'ara aquelle deserto,
Qu'eu pouco me importo
Que o gado se perca.—

« Sáia daqui, senhor,
Não me dê tormento ;
Eu não quero vel-o,
Nem por pensamento. »

« Olhe, meu senhor,
Cá volte correndo,
Que o amor é fogo,
Que me vae vencendo. »

« Olhem para elle
Como vem galante,
Com meias de sêda,
Cálção de brilhante!...

« Si os manos vierem
Trazer a merenda ? »
— Elles não são onça
Que a nós offenda.—

« E si perguntarem
Em que me occupava ? »
— Numa manga d'agua
Que a todos molhava.—

« Bem sei que tu queres
Que te dê um abraço
A' sombra do mato,
Mas isto eu não faço. »

— Eu me sento aqui
Não com má tenção ;
Juro-te, menina,
Que sou teu irmão. —

« Sáia por um monte,
Que eu saio por outro,
Ajuntando o gado,
Que é nosso todo. »

O FLORIOSO

(Versão do Lagarto)

— Entre pedras e peneiras,
Senhora, vamos a ver ;
Menina, que estaes na fonte,
Dae-me agua para beber. —

« Com licença do Senhor,
E da Senhora da Guia,
Dizei-me, senhor mancebo
Si vindes de companhia? »

— A companhia que trago
Já vos digo na verdade ;
Venho divertir o tempo,
Que é cousa da mocidade. —

« E' cousa da mocidade,
Bem já me parece ser ;
Dizei-me, senhor mancebo,
Si sabeis lêr e escrever. »

— Eu não sei lêr e escrever,
Nem mesmo tocar viola ;
Agora quero aprender
Na vossa real escola. —

« Escola tenho eu de minha,
Nange p'ra *negro* aprender ;
Juizo te dê Deus,
Memoria para saber. »

— Nestas malvadas esquinas
Faz-se ausencia muito mal ;
Eu sempre pensei, senhora,
Que vós me querieis mal. —

« Quanto a mim eu não te quero,
N'alma, nem no coração ;
A ti eu só te peço, negro,
Que não me toques na mão. »

— Nas mãos eu não vos toco,
Nem mesmo bulo comvosco ;
Quero estar a par de vós,
Pois eu nisto levo gosto. —

« Si tu nisto levas gosto,
Desgostas por vida tua,
Que esta rosa que aqui está
E' de outro e não é tua. »

— Si é de outro e não é minha,
Inda espero que ha de ser ;
Menina, diga a seu pae
Que nos mande receber. —

« Taes palavras eu não digo
Que inda sou muito escusada,
Pois eu sou menina e moça,
Não sou para ser casada. »

— Inda mais moças que vós
Regem casa e têm marido ;
Assim ha de ser, menina,
Quando casardes commigo. —

« Mas eu não hei de casar.
Porque não hei de querer ;
Eu não me metto a perigos.
Quando vejo anoitecer... »

— Nem eu quero cousa á força,
Sinão por muita vontade,
Eu quero gozar a vida,
Que é cousa da mocidade. —

« Como vem o Florioso
Das *melendias* penteadas ! » *
— Eu venho ser o vaqueiro
Das ovelhas mais das cabras. —

— Deste mesmo gado eu cuido
Da mais fina geração ;
Daquelle que veste luvas
De cinco dedos na mão. —

— Já fui contar as estrellas,
Eu bem sei que estou no caso —
« E eu sei agora, mancebo,
Que tu só és o diabo... »

* *Melendias* por *melenas*.

— O diabo eu não sou ;
Ai ! Jesus que feio nome !
Só peço ao Senhor da Cruz
Que este diabo vos tome. —

O CÉGO

(Variante do Lagarto)

Sou um pobre cêgo,
Que ando sózinho,
Pedindo uma esmola
Sem errar o caminho.

— Aqui está um cêgo.
Pedindo uma esmola,
Devotos de Deus
E de Nossa Senhora ! —

« Minha mãe, acorde
Do seu bom dormir,
Que aqui está um cêgo
A cantar e a pedir. »

« Si elle canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho,
Para o pobre cêgo
Seguir seu caminho. »

— Não quero o seu pão,
Nem tambem seu vinho ;
Só quero que Anna
Me ensine o caminho.

« Anna, larga a róca
E tambem o linho ;
Vae com o pobre cégo
Lh'ensina o caminho. »

« Já larguei a roca
E tambem o linho ;
Já me vou com o cégo
Ensinar o caminho. »

« O caminho ahi vae
Mui bem direitinho,
Se fique ahi ;
Vou fiar meu linho. »

— Caminha, menina,
Mais um bocadinho ;
Sou cégo da vista,
Não vejo o caminho. —

« Caminhe, senhor cégo,
Qu'isto é bem tardar ;
Quero ir me embora,
Quero ir me deitar. »

— Aperta as passadas
Mais um bocadinho ;
Sou cégo da vista,
Não vejo o caminho. —

« Adeus, minha casa,
Adeus, minha terra,
Adeus, minha mãe,
Que tão falsa me era.

« Adeus, minha patria,
Adeus gente bôa ;
Adeus, minha mãe,
Que me vou atôa.

« Valha-me Deus,
E Santa Maria,
Qu'eu nunca vi cégo
De cavallaria ! »

— Si eu me fiz cégo,
Foi porque queria ;
Sou filho de conde,
Tenho bizzarria.—

— Cala-te, menina,
Deixa de chorar ;
Tu in^{da} não sabes
O que vaes gozar.—

« Deus lhe dê bons dias,
Senhora vizinha ;
Esta meia-noite
Me fugio Anninha. »

— Deus lhe dê os mesmos,
Senhora vizinha ;
De cara bem feia
Tres filhas que tenho
Vou pôl-as na peia. — »

Na *Xacara do Florioso* acha-se alterado, para melhor, o sentido da *xacara* portugueza da *Conversada da Fonte*. No *Florioso* a introduçção do elemento *negro* produz uma situação comica ; o *Florioso* é um preto que tem pretenções de casar com uma princeza ! Dahi todo o faceto do quadro.

Celso de Magalhães, depois do trabalho de cotejo a que procedeu, e em que o acompanhamos, passou a outras considerações, infelizmente muito limitadas, na fórma em que existem os seus bellos artigos, cuja publicação ficou interrompida.

A proposito das *lendas piedosas* elle cita dous contos populares que chama puramente *brazileiros*: um do *Jaboty* e outro das *Saúbas*.

Ouçamol-o: « Como curiosidade daremos ao leitor o resumo da lenda do *Jaboty*, que reza assim: — « Havendo uma festa no céu em honra de Nossa Senhora, todos os animaes foram convidados. O *Jaboty*, como o mais moroso delles, não tinha meios de transportar-se ao céu. Pedio então ao *Urubú* (corvo) que o levasse. Accedeu este e deitou-o ás costas. Quando chegou a uma certa altura, para fazer mal ao *Jaboty*, atirou-o de cima de si, vindo o pobre animal quebrar o casco numas pedras sobre que cahio. A Virgem então desceu do céu, unio os pedaços do casco do *Jaboty*, deu-lhe vida, abençoou-o e amaldiçoou o *Urubú*.»

« Dahi, continúa Celso, conclue o povo, a razão do *Jaboty* ter o casco em mosaico, formado por *polygonos* mais ou menos regulares, e poder-se guardar *preceito* com a sua carne, e a razão tambem do *Urubú* ser ave maldita. No interior das provincias é crença que não se deve atirar em um corvo, sob pena de quebrar-se a espingarda e nunca se poder matal-o. O facto de desfolharem-se todas as arvores em que os corvos fazem pouso, cremos que devido ás suas secreções, é tambem apontado como consequencia de sua maldição. O corvo quando morre, diz o povo ainda, secca ao tempo e nem as formigas o comem.

A maldição acha-se ainda manifestada na lenda das *Saúbas* (grandes formigas), que tem alguma cousa de commum tambem com o *Ashaverus* e com o *Fausto*. Dal-a-emo ao leitor e faremos resaltar essa semelhança, para que elle não julgue ser invenção imaginaria de nosso cerebro. Eis a lenda das *Saúbas*:

« Uma saúba fez um sellimzinho de cera e deitou-o sobre uma pedra. Quando veio procural-o, achou-o dissolvido pelo calor do sol. Perguntou então á pedra :—és tão valente que derretes o meu sellim de cera? A pedra respondeu :— eu sou valente mas o sol esquenta-me. Dirigi-o-se a saúba ao sol:—és tão valente que esquentas a pedra, a pedra que derrete o meu sellim de cera?—sou valente, mas a nuvem me encobre. A mesma pergunta feita á nuvem, no mesmo estribilho sempre repetido :—sou valente, mas o vento me desmancha. O vento diz que a parede o faz parar, a parede diz que o rato a fura, o rato que o gato o come, o gato que o cão o mata, o cão que a onça o devora, a onça que o homem a mata e o homem que Deus o aniquila. A saúba vae ter com o Omnipotente e repete-lhe o estribilho:— Pois, Deus, és tão valente que matas o homem, que mata a onça, que come o cachorro, que mata o gato, que come o rato, que fura a parede, que faz parar o vento, que desmancha a nuvem, que encobre o sol, que esquenta a pedra, que derrete o meu sellim de cera? —Sou valente, responde-lhe Deus, e, para castigar a tua curiosidade, condemno-te a carregar folhas por toda a tua vida sem parar. »

« Veja o leitor agora, prosegue Celso, toda a philosophia que resumbrá dessa fabula. E' o eterno facto da curiosidade de saber, da indagação das causas primarias, da sublime tenacidade pesquisadora do sabio e do philosopho, do typo sempre novo do *Fausto* incarnado num animalzinho que trabalha sempre, que carrega folhas, que edifica, que tem suas cidades subterraneas, suas divisões departamentaes, seu governo, seu monarcha, sua economia, e que, finalmente, seja dito em honra da verdade, devasta uma plantação qualquer com uma presteza aterradorá. A saúba é o terror dos lavradores. Basta o espaço de uma noite, para ellas darem conta de uma horta inteira, de um feijoal viçoso e que custou muitos dias de trabalho.

« Os arbustos ficam sómente com os galhos, completamente despidos, e dahi vão a morrer. Pois bem, nesse animalzinho, diziamos nós, está symbolizada toda uma philosophia, que tem lá em cima Deus para castigar o arrojo do homem, como castigou a Prometheu. Na lenda ha o lado da curiosidade, que participa do *Fausto*, e ha o lado do castigo, o caminhar continuo, que acotovella o *Ashaverus*.

« Chamem-nos embora de visionario; mas o que é certo é que este é o nosso modo de pensar, e nós o dizemos franca e abertamente. Bem como nos logares por onde passava o Ashaverus ia ficando a morte, a peste, a desolação, assim, naquelles logares onde as saúbas fazem *casas* nota-se o mesmo despovoamento. O aspecto de um saubal tem toda a feição triste, melancolica e acabrunhadora da devastação. Sobre o terreno fôfo e areiento, effeito dos trabalhos subterraneos que as saúbas fazem, levantam-se os esqueletos dos arbustos seccos, escuros, desfolhados, hirtos e como afogados pelas ondulações artificiaes do terreno afogado. Aqui e allí apparecem grandes olhos redondos. São os respiradouros que entram obliquamente pela terra a dentro e vão ter ás *casas* das saúbas. O terreno todo adquire uma côr avermelhada, como que ensanguentada. Os passaros, que allí não encontram sombra, fogem para longe e nunca pousam nos galhos dos arbustos.

« A vegetação de derredor é toda fanada e rachitica em razão do solapamento continuo e progressivo das saúbas. E' triste de vêr-se.

« Assim como o Ashaverus, vêr-se-á ainda a saúba sempre a caminhar, a trabalhar. Quer seja de manhã, de noite, á tarde, ao meio dia, á qualquer hora, nas largas estradas, atravessando-as de um lado a outro enxergam-se grandes listras vermelhas ou negras, com pequenos pontos verdes, a moverem-se regularmente sem parar. São as saúbas que trabalham. Chegando perto desses cordões, ha de

se vêr como umas vão e outras voltam, sempre atarefadas, encontram-se, tocam-se, como que se fallam: mas não deixam nunca de caminhar para a frente. Os pedacinhos de folhas vão presos nos dentes e erguidos para o ar triumphalmente. Si alguém com o pé desmancha aquelles cordões, ou colloca algum estorvo á marcha das saúbas, ellas tornam a reunir-se de novo, obstinada e ordenadamente, sem que nenhuma se transvie, ou então fazem uma curva para salvar o empecilho que collocaram em sua passagem, si é que o não podem galgar facilmente. Em tudo o cunho da actividade, que despertou a lenda que transcrevemos, *que é nossa, inteiramente brazileira*, filha do meio onde nasceu, participante de todos os caracteres desse meio, embora se possam encontrar em outra parte, paradigmas para ella. Nós a comprehendemos nesta parte, por causa de seu character religioso, e não porque a julgássemos pura *lenda piedosa*, como a do *Jaboty*, por exemplo. » (1)

Entre cerca de oitenta contos populares, colligidos directamente por nós da tradição popular, acham-se os dous citados por Celso. Temol-os um pouco alterados, segundo a versão de Sergipe. Celso commeteu dous erros nas considerações que fez sobre estes contos: suppol-os ambos de origem puramente *brazileira*; considerar o conto do *Jaboty* como uma *lenda piedosa* ou *religiosa*. O conto das *Saúbas* não passa de uma variante *brazileira* do conto europeu — *A Formiga e a Neve*—. Nós o encontramos em Sergipe muito approximado ainda da versão portugueza, tal como a vi depois colligida por Adolpho Coelho. (2)

A lenda do *Jaboty*, que é puramente *brazileira*, nada tem, por outro lado, no seu sentido primitivo, de lenda *piedosa*.

No Brazil, depois dos trabalhos de Couto de Magalhães, e Hartt, sabe-se que temos um cyclo completo de

(1) *O Trabalho* de 30 de Julho de 1873, Recife.

(2) Vide deste autor — *Contos Populares Portuguezes*, pag. .

contos mythicos, tendo por centro o *Jaboty*. (1) O aspecto destes contos é primitivo, e o character religioso que um ou outro possa affectar não passa de superfetação inconsciente ou então produzida pelo *mestiço actual*. No seu sentido primordial as lendas do *Jaboty*, que são muitas, e não uma só como suppunha Celso, nada tinham de intenção piedosa. Muitos destes contos selvagens sobre o *Jaboty* passaram para os nossos *mestiços* e povos do interior. Verificámos este facto em Sergipe e Pernambuco, onde colhemos cinco destas lendas sob a denominação de *historias do kágado*. (2)

O critico maranhense escreveu antes do autor do *Selvagem*, e é, por isso, lacunoso quanto ás nossas origens tucicas. Mas eu não devo antecipar idéas, que terão seu logar mais além.

Celso ultimou seus artigos, na fórma em que appareceram em 1873, por estas observações :

« Desejariamos comparar com as nossas, ponto por ponto, as *cantigas*, as *orações* e as *cantigas de Reis*, que vêm no 2º vol. do *Romanceiro*, já por vezes citado; mas não o fazemos por uma razão valiosa: si escrevessemos um livro, poderíamos trabalhar nesse sentido, já pelo maior espaço que teríamos á disposição, já por outras circumstancias de muita mouta. Ser-nos-ia preciso citar e transcrever esses versos todos, e isto, para um jornal, não é de muito interesse. Os assignantes cançar-se-iam e teriam grandes bocejos e pequenas maldições para o autor desses desenterramentos. Entretanto nada seria tão interessante. Apesar disso faremos algumas ligeiras considerações acerca desses costumes e festas populares, cuja

(1) Vide o *Selvagem*, e tambem o opusculo de Hartt. — *The Amasonian Tortoise Mythes*.

(2) 1ª. *O Kágado e a festa no céu*; 2ª. *o Kágado e a fructa*; 3ª. *o Kágado e o teyú*; 4ª. *o Kágado e o jacaré*; 5ª. *o Kágado e a fonte*. — Vem nos *Contos Populares do Brazil*.

herança nos ficou e continuamos a guardar. As festas do *Natal*, *Anno Bom* e de *Reis (Janeiras)* são as mais populares em nossas provincias, e cremos que muito semelhantes ás de Portugal. Pelo menos o sentido das *cantigas* que nellas se cantam é o mesmo que o das portuguezas. Nas provincias do Maranhão e da Bahia, onde nos parece ter encontrado mais puro o espirito popular nessas festas, ellas são feitas de um modo que alegra o coração e faz bem á alma. Os bandos de pastores, uma lembrança talvez do theatro hieratico, o canto dos Reis, os bailes e bandos de S. Gonçalo, outro arremedo dos antigos *Autos*, as festas de arraial, do Espirito Santo, tudo isso é de um sabor tão campestre, tão do povo, que encanta.

« No Maranhão e na capital da Bahia a cantiga dos Reis já intrometteu-se pela sociedade abastada e é uma diversão da alta burguezia.

« Não é raro verem-se, em vespera de Reis, bandos de moços e raparigas que se reúnem, com uma orchestra mais ou menos completa, na scintillação das joias e das ricas *toilettes*, no gorgueio das risadas *crystallinas*, no tiro-teio dos bons ditos, no cruzar dos olhares, na familiaridade franca e honesta do parentesco, da amizade, da convivencia, não é raro vêr-se essa sociedade parar a uma porta fechada, erguer as vozes casadas, entoar numa toada, monotona ás vezes, mas doce, saudosa, popular, os versos em que se festejam o nascimento do Christo e os amores maternos de Maria.

« A porta abre-se então de par em par e os cantores entram, numa onda colorida e perfumosa, no meio de risos e felicitações. Uma mesa acha-se sempre profusamente servida. Os donos da casa buscam por todos os meios agradar ás visitas e estas saem finalmente, para irem á outra casa, e assim correm tres ou quatro numa noite. Na ultima casa visitada acaba-se a festa com a dança.

« Nessas festas tem-se substituído os versos populares por outros mais correctos, porém menos simples e bonitos. Gonçalves Dias tem uns versos de Reis, que hoje se estão popularizando no Maranhão. O autor destas linhas já pagou também o seu tributo, fazendo uns para serem cantados na Bahia.

« Em Valença (Bahia) foi onde vimos fazerem-se com mais variedade e mais cunho populares as *Janeiras*.

« O aspecto da industrial cidade apresentava então alguma cousa de maravilhoso e sorprendente.

« Pelas ruas formigava a população. Um grupo vestido á maruja conduzia um pequeno navio armado de ponto em branco, com vélas de seda e cordame de linha, montado sobre quatro rodas, embandeirado em arco e puxado por cordas. Cantavam versos da *Náu Catherineta*, fado do *marujo* e *lupas* (cantiga de levantar ferro). Outro grupo apparecia mascarado. Na frente um individuo montava um cavallo de pau vistosamente ajaezado de galões falsos, e fazia-o dançar ao som da musica e do canto aspero acompanhado de pandeiros e pratos.

« Um outro grupo pulava e saltava adiante de um boi, cujo arcabouço era de madeira, coberto com pannos pintados. No meio de tudo isso os *fadistas*, os trovadores de rua, com os violões enfialhados, a cantarem desentoadada e lugubrememente modinhas em tons menores.

« E' o fundo do quadro. O variegado dos vestuarios ajudava a belleza do panorama. Os jaqués encarnados, os calções de côres, as fitas, os laços, os ramos de flôres, faziam um conjuncto original. Foi onde já vimos o espirito popular mais puro e mais despreoccupado.

« A razão disso cremos encontral-a na posição em que se acha Valença. Ha alli duas grandes fabricas de tecidos, que empregam de 300 a 400 operarios, entre homens e mulheres, sendo maior (mais de duas terças partes) o numero destas. Além destas fabricas ha outras

de serrar madeira, de soccar arroz e de fazer tijolos, de sorte que a população acha campo para o desenvolvimento de sua actividade, e vive na paz e no agasalho, que provém de uma educação feita no regimen do trabalho. O espirito não se deturpa, não é levado pela ociosidade ás consequencias dos trabalhos da imaginação ; a moral não se mutila ; e nos dias de folga o operario expande-se francamente, divertindo-se, cantando, dançando. Foi onde já encontramos menos desenvolvida a prostituição. As casas publicas e as mulheres equivocas pouco se encontram alli.

« As raparigas trabalham nos teares, a mudarem as lançadeiras, a encherem as canellas ; têm casa, comida, medico, etc. mesmo no estabelecimento da fabrica ; roupa de trabalho ; e ganham mensalmente de 6\$000 a 15\$000 (segundo nos informaram), conforme o trabalho que fazem.

« Aos domingos e dias santos ha duas horas de dança nos salões da fabrica. A musica é composta mesmo de operarios. Principiam alli os amores, fazem-se alli os casamentos e formam-se as familias. Vê-se que uma população educada num regimen destes por força que ha de ter alguma cousa de bom.

« Durante cinco dias de festas, quasi seguidos, que lá passámos, não nos consta que houvesse uma cabeça quebrada, uma facada, uma cacetada. Notámos tambem poucos homens embriagados.

« Isto que dizemos prova-se mais com o facto que observámos para o sul da Bahia, em Porto-Seguro principalmente, onde a pobreza da população, a indolencia, a falta de trabalho dão-lhe um tom melancolico e um genio taciturno.

O *Natal* que vimos em Porto-Seguro era mais de entristecer que de alegrar. Cifrou-se a festa na *missa do gallo*. Nem um canto, nem uma folia, nem um grupo, nada. Apenas dois presepes acantoados tristemente

ao fundo de duas salas. Porto-Seguro pela sua posição á beira-mar, pelo genio aventureiro de seus pescadores, que vão ao mar largo em procura da garoupa, pelo genero da industria a que se dão os seus habitantes na construcção de barcos, poderia ter alguma originalidade na sua poesia, nos seus costumes, mas não tem. Porque? Algum dia talvez escrevamos alguma cousa (impressão de viagem) sobre a Bahia, e então entraremos em explorações que não cabem aqui. No Maranhão as festas são as mesmas, com pouca differença, que se fazem na Bahia, com o mesmo cunho popular. A *chegança* substitue o brinquedo dos *marujos* e o *bumba-meu-boi* o *cavallinho*. A *caipóra* é outro divertimento popular do Maranhão, que fazem por S. João. A policia tem ultimamente procurado acabar com estas festas.

« Em Pernambucó temos notado apenas o seguinte, durante os cinco annos aqui passados: uma população activa, mas sinceramente interesseira, commercial, ambiciosa, rusguenta, provocadora e cheia de si. O terceiro estado, onde se estuda e pôde encontrar o elemento popular, é inteiramente chato e antipathico. O *matuto* é estúpido, mas não é muito brigador. O *capadocio* é intoleravel. Temos assistido a diversas festas de arraial, populares, a presepes, *sambas*, etc. Nunca nos aconteceu ser recebido franca e hospitaleiramente. Ha sempre desconfianças, meias palavras e olhares provocadores. No fim contam-se algumas bofetadas, puxam-se por vezes as navalhas e perfuram-se não raras os ventres dos assistentes. As cantigas são obscenas. Eis uma dellas, unica talvez que possa ser publicada, e aliás lindissima:

Duas cousas me contentam,
E são da minha paixão :
— Perna grossa cabelluda,
Peito em pé no cabeção.

« A briga de gallos é um dos divertimentos favoritos da população aos domingos. Isto é característico. Na briga de gallos notam-se dois factos : elemento carnicero nas scenas sanguinolentas das brigas, e elemento interesseiro nas apostas que se fazem. Estas considerações são apenas traços ligeiros para fazer conhecido o genero de divertimento da população dessas provincias.

« A razão historica desses factos caberia num estudo mais vasto, mais completo, que não aqui. » (1)

Tudo isto é bem dito ; o moço autor tinha o criterio atilado e a analyse fina. No final de seus artigos publicados promettia entrar no estudo de nossa poesia popular *puramente brasileira*.

E' pena que esta parte de seu trabalho não tivesse visto a luz. Celso tinha competencia para fazer uma larga collecção de nossos cantos e contos e esclarecel-os por meio de uma critica segura. Apesar de fragmentados, são excellentes os seus artigos para o estudo das *origens portuguezas*. E' lacunoso quanto ás *origens indianas e africanas*, e quanto ás *transformações* operadas pelos *mestiços*.

Taes lacunas, porém, é possível que as tenha o autor supprido em estudos posteriores, ainda ineditos, feitos no periodo dos seis annos que meçeiam entre sua formatura em direito e sua morte (1873-1879).

Celso foi meu condiscipulo na Academia do Recife, e eu costumei-me a vêr nelle um dos espiritos mais eminentes daquelle lustro escolar.

Possam estas palavras ser o primeiro signal da justiça posthuma que o paiz deve ao joven escriptor que viveu por elle desconhecido ou menosprezado.

Passemos a outro. (2)

(1) O *Trabalho* de 31 de Agosto de 1873, Recife.

(2) Celso, antes de terminar os artigos, traz por extenso o seguinte romance :

CAPITULO III

Ainda analyse dos escriptores, que trataram da nossa poesia popular.

O romancista José de Alencar publicou em 1874, sob a epigrapha o *Nosso Cancioneiro*, uma serie de cartas a um seu amigo. Nellas tratou, um pouco superficialmente, da poesia popular brasileira. Quanto ao problema das nossas origens, o seu escripto é quasi sem alcance. O digno escriptor preoccupou-se exclusivamente com a poesia

JULIANA

versão de Pernambuco;

— Deus vos salve, Juliana,
No teu estrado assentada.
Deus vos salve, rei D. Jôca,
No teu cavallo montado.
— Rei D. Jôca, me contarani
Que tu estavas p'ra casar?
— Quem te disse Juliana
Fez bem em te desenganar.
— Rei D. Jôca, si casaes,
Tornaes ao bem querer;
Poderás enviivar
E tornar ao meu poder.
— Eu ainda que enviivar
E que torne a enviivar,
Acto mais facil morrer
Do que contigo casar.
— Espera ahi, meu D. Jôca,
Deixa subir meu sobrado,
Vou vêr um cópo de vinho
Que p'ra ti tenho guardado.
— Juliana, eu te peço
Que não faças falsidade.
Vejaes que somos parentes,
Prima minha da minha alma.
— Que me dêste Juliana,
Neste cópinho de vinho,
Que estou com a redea na mão,
Não conheço o meu caminho?

A minha mãe bem cuidava
Que tinha seu filho vivo.
— A minha também cuidava
Que tu casavas conmigo.
— Oh meu pae, senhora mãe,
Me bote sua benção,
Abraçe bem apertado
O meu maninho João.
Meu pae, senhora mãe,
Me bote a sua benção;
Lembraças a D. Maria,
Tambem a D. Merencia.
A minha alma entrego a Deus,
O corpo a terra fria,
A fazenda e o dinheiro
Entregue a D. Maria.
— Cala a boca, meu D. Jôca;
Ponde o coração em Deus,
Que este cópo de veneno
Quem te ha de vingar sou eu.
— Já acabou-se, já acabou-se,
Oh flôr de Alexandria!
Com quem casará agora
Aquella moça Maria?
Já acabou-se, já acabou-se,
Já acabou-se, já deu fim.
Nossa Senhora da Guia
Queira se lembrar de mim.

sertaneja (*romances de vaqueiros*) e com as transformações que vae soffrendo a lingua portugueza no Brazil.

Sobre estes dois factos os seus artigos merecem ainda hoje a attenção da critica. Quanto ao mais, o celebre polygrapho voltou-se para as observações estheticas e os enthusiasmos rhetoricos, sem lembrar-se que tudo vinha bem fôra do escholio tratando-se de poesia popular. Além disto elle commetteu a falta de *refazer*, como confessa, o unico romance que pôde colligir : — o *Rabicho da Geralda*.

Alencar, apesar de todo o seu merecimento como litterato, não tinha uma preparação scientifica sufficiente para tratar destas materias. Estudou muito pouco o assumpto e os seus scismares romanticos o illudiram. O notavel escriptor não leu, por exemplo, a recommendação dirigida pelos professores Comparetti e d'Ancona aos collectores da poesia popular italiana : « Il suo carattere generale vogliamo sia seriamente scientifico. Perciò non accetteremo *testi rifatti* letterariamente o comunque *ritocati*, ma solo quelli che conservano schietta ed intatta l'originaria loro forma popolare. Così anche escluderemo tutte le *illustrazioni* puramente *estetiche* o *sentimentali*, solo accettando le storiche, comparative e filologiche. » *

Posto que não seja agora a occasião mais opportuna, darei aos leitores nma idéa geral de meu modo de pensar sobre o escriptor cearense, para melhor comprehendermos o sentido de seus artigos e o espirito das censuras e elogios que terei de fazer-lhe. José de Alencar era um legista formado em 1850. Começando a apparecer desde esse tempo, alliou-se ao lado do romantismo brazileiro então mais em voga — o *indianismo* de Gonçalves Dias. Dotado em alto gráu da facilidade de escrever, abraçou todos os assumptos e em todas as fórmãs — romance, drama, comedia, poesia, folhetim. critica, politica, biographia,

* *Canti e Racconti del Popolo Italiano*, publicati per cura de D. Comparetti ed A. d'Ancona, Roma, 1870 : vol. I. pag. 6.

direito ; de tudo ella tratou. A critica nacional viu sempre ahí o melhor symptoma de sua superioridade. Creio, porém, que este foi o lado vulneravel do distincto escriptor: não pôde deixar de revelar-se superficial muitas vezes.

Supponho que o maior merito de Alencar é haver sempre sido inimigo declarado do *luzismo* em nossa litteratura. Por esta qualidade é que elle pôde e deve ser considerado o fundador do romance patrio, a que imprimiu sempre um cunho *nacional*. Antes d'elle nossos romances eram quasi illegiveis.

O cearense abriu uma éra nova áquella fórma litteraria moderna entre nós. Nessa esphera sua acção foi profunda e não poderá ser apagada. Seu brazileirismo, porém, tinha ás mais das vezes uma feição exclusiva : o amor, o enthusiasmo pelo *indio*. Hoje sabemos quanto isto encerra de falso ou de phantastico. O *indio* por si só não é o brazileiro.

Após este preliminar e sem mais delongas apreciemos os dois pontos capitaes da critica de Alencar : *os romances de vaqueiros, e as transformações do portuguez brazileiro*.*

* Aproveito este logar para dar conta de um facto : — algumas pessoas me hão questionado porque não tenho incluido nesta analyse os escriptos do Sr. Juvenal Galeno e o *Romanceiro Popular* do Sr. Dr. José Maria Vaz Pinto Coelho.

Quanto aos primeiros, é obvio que não passam de composições litterarias feitas sobre costumes populares, e quanto ao ultimo, não é mais do que um apanhado de poesias tambem litterarias publicadas nos jornaes, e nada tem de *popular* além do nome que lhe deu o autor. Eis a razão por que não são incluidos neste trabalho.

Cumpra tambem declarar que José de Alencar nos seus romances o *Tronco do Ipê* e *Til* incluiu algumas quadras populares. O *Deutscher Volkskalender* do Rio Grande do Sul para o anno de 1880, traz tambem algumas quadras anonymas no estudo — *Campagna-leben*, etc. O Sr. Francisco Oitiveiro no seu folhetim o *Calungá* e a *Gazeta da Noite*, e outros jornaes d'esta cidade tem trazido por sua vez umas poucas.

Por sua natureza, estas publicações fugitivas não comportam analyse.

Sobre o primeiro ouçamol-o detalhadamente: « Quando por fins do seculo XVII divulgou-se a noticia da uberidade e riqueza dos campos do Ceará, acudiram a situarse nelles muito homens emprehendedores, alguns já abastados. Como, apesar de sua estensão, não bastassem os pingues sertões á cobiça dos posseiros que os retalhavam entre si, e as concessões de sesmarias obtidas por favor contrariassem pretenções e vaidades, originaram-se dahi as lutas sanguinarias que assolaram a nascente capitania no decurso do seculo XVIII. Foi por aquelle tempo que se fundaram as primeiras fazendas de criação no Ceará. O vaqueiro cearense achou-se em face de um sertão immenso, e de grandes manadas de gado, esparsas pelo campo. Este systema de criação, inteiramente diverso do europeu, obrigava o homem a uma luta constante. Livre, tendo para esconder-se brenhas impenetraveis, e o deserto onde refugiar-se, esse gado almargio, si não era de todo selvagem, tambem se não podia chamar domestico.

« O vaqueiro, forçado pelas condições do paiz a criá-lo ás soltas, tinha necessidade de domá-lo, sempre que se fazia preciso amalhar as rezes para a ferra, e outros misteres. Havia, além disso, o gado *barbatão* nascido no matto, ou fugido das fazendas. Era essencial acabar com elle, para que não attrahisse o outro chamado manso, e o desencaminhasse. Dahi as empresas para o cosso das rezes silvestres, curiosa e intrepida monteria, que estimulava os brios dos vaqueiros e no qual elles desenvolviam toda a destreza, e excellencias de serteijos.

« O touro bravo é um animal terrivel. Sua força prodigiosa, a impetuosidade do assalto, a ferocidade que o assanha na pugna, são para incutir pavor ao mais valente. Não se reconhece, de certo, o animal que geralmente consideramos o symbolo da paciencia e mansidão, nessa féra de olhos sangrentos, que escarva o chão com urros

medonhos e de repente se arroja, cego e boleado como a bomba de um canhão.

« Espera-o, porém, a pé firme o vaqueiro, que tem por arma unicamente a sua vara de ferrão, delgada haste coroada de uma púa de ferro. Com esta simples defeza topa elle o touro no meio da testa e esbarra-lhe a furiosa carreira. Outras vezes o boi, reconhecendo a superioridade do homem na luta, tenta escapar-lhe á unha e dispara pelo matto. Segue-o o vaqueiro sem toscanejar; e após elle rompe os mais densos *bamburraes*. Onde não parece que possa penetrar uma corsa, passa com rapidez do raio o sertanejo a cavallo; e não descança enquanto não derruba a rez pela cauda. O boi, que recobra a sua liberdade e habitua-se a ella, emprega para conserval-a uma sagacidade admiravel. Ninguem supporia que esse animal, pesado e lerdo, fosse susceptivel de tamanha agudeza. Ha rezes que vivem muitos annos foragidas pelas mattas. Os vaqueiros têm noticias dellas pelo rasto apenas. Raro conseguem descobrir-lhes o vulto, e ainda assim é trabalho inutil, pois não se encontram muitos cavallos capazes de alcançal-as á disparada.

« Esses veteranos das boiadas zombam da destreza e perspicacia dos mais atilados sertanejos, os quaes, affrontados em sua fama, julgam-se obrigados, para desaggravo dos bríos, a pegar o *barbatão* e trazel-o ao curral. Nos sertões do Ceará, a vida do vaqueiro não se repousa na serenidade e cordura, que são os toques das abegoarias da Europa. Ao contrario, a agitam os enthusiasmos e commoções da luta, que lhe imprimem antes um cunho cynegetico. Não podiam, pois, as nossas rudes bucolicas cearenses se impregnar da mesma doçura e amenidade das que outr'ora cantaram Theocrito e Virgilio, e que ainda hoje se reproduzem nos colmos dos pegureiros do velho mundo. Bem diversas, porém, são estas scenas sertanejas dos barbaros espectaculos de *touros*, tão populares na Hespanha, e que nos vieram outr'ora por importação.

Nos curros o boi, encerrado em um ambito estreito, assustado com a presença da multidão e a algazarra dos capinhas, não passa de uma victima a immolar.

« Outra cousa é o campear de nossos vaqueiros. Ahi ha combate leal ; o novillo tem a liberdade de acceitar ou evitar o assalto ; a floresta abre-se diante d'elle. E' uma luta de força e destreza, em que nem sempre o homem é o vencedor.

« Entre os poemas pastoris da musa natal distinguem-se pela antiguidade, como pelo entrecho, dous cuja noticia anda mais divulgada. São o *Boi Espacio* e o *Rabicho da Geralda*. O traço mais saliente das rapsodias sertanejas parece-me ser a apothese do animal. Nos combates, ou antes nas guerras porfiadas que se pelejam em largos annos pelos *mocambos* e *carrascos* do sertão, o heróe não é o homem, e sim o boi.

« Este cunho peculiar da poesia pastoril do Ceará resalta em todos os poemas de que tenho noticia, mas em nenhum talvez com o vigor que se nota no *Rabicho da Geralda*. A acção dilata-se por nove annos, segundo uma versão, ou por onze na lição mais seguida. E' com pouca differença o periodo classico do cêrco de Troya. Durante esse tempo, o boi affronta a habilidade dos vaqueiros ; destroça os mais destemidos e afamados campeadores ; e, sempre vencedor, só vem a succumbir com a calamidade da *sêcca*. Todo o valor e pericia do homem nada podem contra o touro valente. Para triumphar do heróe, é preciso um flagello da natureza, e o maior dos que assolam periodicamente o sertão.

« Não ha nessa personificação do animal o menor laivo de apologo. Nem vestigios se encontram de allegoria nessas rapsodias ; o boi figura por si, tem uma individualidade propria. Dahi o cunho *mythologico* desses heróes sertanejos. Na infancia dos povos certas individualidades mais pujantes absorvem em si a tradição de factos praticados por individuos cujo nome se perde,

e tornam-se por esse modo symbolos de uma idéa ou de uma época. Com o incremento da população que nivela os homens, debilita-se aquella tendencia; e o *mythologismo* só apparece nas latitudes sociaes onde ainda não dissiparam-se de todo a primitiva rudez e ingenuidade do povo. Estou convencido que os heróes das lendas sertanejas são *mythos*, e resumem os enthusiasmos do vaqueiro pela raça generosa, companheira inseparavel de suas fadigas, e próvida mãe que o alimenta e veste. O caracter poetico das nossas rapsodias pastoris não é commum a outros paizes. Muitas vezes tem o homem cantado os animaes de sua predilecção, e, para ennobrecel-os, deu-lhes uma personalidade com que figurassem em acção dramatica. Mas nesses poemas o animal entra, não como o emulo, e sómente como socio e amigo, quando não é o servo do homem. E' sempre mais ou menos carregado, o painel do leão prostrado pelo caçador. Nas lendas do sertão, o boi não precisou, como o leão da fabula, de ser o artista para reivindicar a proeminencia, Reconheceu-a o homem e a celebrou.

« Ahi está o toque da magnanimidade dos rusticos vates do sertão; Homero engradece os guerreiros troyanos para realçar o valor dos gregos. Os nossos rapsodas, imitando, sem o saberem, ao creador da epopéa, exaltam o homem para glorificar o animal. O *Rabicho da Geralda* tem a fôrma da prosopopéa. O cantor é o espectro do proprio boi, do heróe que a legenda suppõe erradio pelas varzeas onde outr'ora campeou livre e indomavel.»*

Vê-se que o natavel escriptor de toda a poesia popular brazileira só estudou a do Ceará, e desta ultima uma fôrma unica—os romances de *vaqueiros*. Imprime o caracter de *mythos* ás creações sertanejas. Não o acompanho de todo neste ponto. As rapsodias dos sertões são quando

* Impresso no *Globo* do Rio em 1874.

muito elementos esparsos de mythos, que se não concretaram por faltarem-lhes duas condições essenciaes : o tempo e certas disposições psychologicas nas populações que as produziram.

Muito se tem abusado das explicações mythologicas nos estudos sobre poesia e contos populares.

O celebre poeta e orientalista italiano Angelo de Gubernatis, em as suas *Mythologia zoologica e Mythologia botanica*, assaz contribuiu para o falseamento das concepções primitivas.

Não é que naquellas duas notaveis obras deixem de existir muitas observações profundas e curiosas ; é que não raras vezes as approximações de contos de origens diversas são caprichosas e fantasticas ; é que o seu systema leva a vêr em tudo um decidido e nem sempre justificavel mythologismo.

Semelhante exagero foi entre nós partilhado por Couto de Magalhães, com relação ás *lendas tupys*, e mais levemente ainda por José de Alencar, quanto aos *romances de vaqueiros*.

Os aborigenes do Brazil não estavam no periodo polytheico, época do desabrochar das mythologias; e os nossos actuaes camponios do interior não se acham tambem em condições de produzir verdadeiros mythos. As populações do sertão, quanto ás crenças, representam o singular espectaculo do consorcio de duas tendencias igualmente improprias para originar uma mythologia : —os residuos fetichicos deixados pelos indios e africanos e as crenças monotheicas da civilização européa fornecidas pelo portuguez.

Em taes condições disparatadas, é impossivel a criação de genuinos mythos. Das duas correntes principais das crenças dos povos do interior, uma estava aquem e outra além da intuição mythologica do universo. Seria possivel a criação de uma mythologia nossa, si os

indios por si já tivessem attingido essa phase do desenvolvimento humano quando foram encontrados pelos europeus, ou si a acção das idéas modernas não fôsse de todo positiva e dissolvente para os sonhos primitivos.

Em quatro seculos a civilização moderna tem feito recuar em sua marcha as crenças dos aborigenes ; ha feito mais do que isto : tomou-lhes o terreno debaixo dos pés e atirou-os para os altos recessos do interior. O indio não teve tempo de defender as suas crenças ; a necessidade mais imperiosa de resguardar a propria vida o absorveu de todo. José de Alencar illudiu-se em suppôr a existencia de um completo *mythologismo* no sertão. Ara-ripe Junior, em um artigo que eu não conhecia, e que elle teve a bondade de communicar-me, crê que os romances sertanejos são *desenfados humoristicos*, e adduz não poucos argumentos em prol de sua idéa. Não acceito de todo tambem semelhante explicação. Não ha duvida que alguns daquelles romances se parecem por demais com umas quantas producções pertencentes á *litteratura de cordel*, muito vulgares em nossas cidades e villas do interior. E' possivel que certas composições, que não são populares, e sim muito popularizadas, como o *Testamento do Gallo* e o da *Gallinha*, tenham despertado nos rhapsodas dos sertões a creação de romances como o *Rabicho da Geralda*, o *Boi Espacio*, a *Vacca do Burel*, o *Calangro*, o *Sapo do Cariri* e outros. Mas custa-me a crêr que a intenção consciente do *humorismo* pudesse penetrar e conservar-se na mente das massas populares. Creio que os romances de vaqueiros são composições informes e truncadas, que poderiam, dadas certas condições, concretar-se em *mythos*, e que affectam uma feição antes *hyperbolica* do que *humoristica*. A *hyperbole* entra alli como uma cousa natural, e não como um pensamento preconcebido ; é antes um resultado da disposição natural do espirito do sertanejo, que suppõe ter elogiado muito um objecto, quando lhe exagera as proporções.

José de Alençar só nos dá noticia do *Boi Espacio*, cuja belleza musical muito encomiou, e do *Rabicho da Geralda*.

Do primeiro só pôde colligir duas quadras e do ultimo dá uma transcripção por extenso, combinando entre si quatro ou cinco versões diversas.

Apezar do enfado que ha de causar a leitura de semelhantes producções grosseiras, ellas devem aqui ser estampadas como exemplificações indispensaveis ás theorias que expuz. Vejamos primeiro, em sua rudeza popular, diversas peças que colligi, e depois apreciaremos o *Rabicho*, qual o publicou o digno romancista :

O BOI ESPACIO

(Sergipe).

« Eu tinha meu Boi Espacio, (1)
Que era meu boi cortelleiro, (2)
Que comia em tres sertão, (3)
Bebia na Cajazeira, (4)
Maiava.(5) lá no oiteiro,
Descansava em Riachão (6)

Eu tinha meu *Boi Espacio*,
Meu boi preto caraúna ;
Por ter a ponta mui fina,
Sempre fui, botei-lhe a unha.

(1) Boi de pontas largas.

(2) Boi manso, que vem sempre ao curral, por opposição ao boi *barbatão*, que é amontado.

(3) O povo não guarda o plural quando assim o exige a rima e em outros casos mais.

(4) Logar proximo á cidade do Lagarto em Sergipe.

(5) O povo ordinariamente diz : *maiava, maiadô, maiá* — em logar de malhava, malhador, malhar.

(6) Villa da provincia de Sergipe.

Estava na minha casa,
Na minha porta sentado ;
Chegou seu Antonio Ferreira, (1)
Montado no seu russão,
Com o irmão de Damião,
Montado no seu *lasão*, (2)
Dizendo de coração :
—Botae-me este boi no chão.

Gritei pelo meu cachorro,
Meu cachorro Tubarão :
«Agora, meu boi, agora.
Faz acto de contricção !
Ecô, meu cachorro, ecô !...»
No curral da Piedade (3)
Eu dei com meu boi no chão.

Ao depois do boi no chão,
Chegou o moleque João,
Se arrastando pelo chão,
Fazendo as vezes do cão, (4)
Pedinho o sebo do boi
P'ra temperar seu feijão .

A morte deste meu boi
A todos fizera pena ;
Ao depois deste boi morto,
Cabou-se (5) meu boi, morena.

(1) Antonio Ferreira e Damião, vaqueiros celebres.

(2) *Lasão* por *alásão*.

(3) Por Piedade ; assim chamam o curral da cidade do Lagarto em Sergipe.

(4) O diabo, o demonio.

(5) Por acabou-se.

« No anno em que eu nasci,
No outro que me criei,
No outro que fui bezerro,
No outro que fui *mamote*, (1)
No outro que fui garrote,
No outro que me caparam,
Andei bem perto da morte.

« Minha mãe era uma vacca,
Vaquinha de opinião ;
Ella tinha o ubre grande
Que arrastava pelo chão ;

« Minha mãe era uma vacca,
Vaquinha de opinião ;
Emquanto fui *barbatão*
Nunca entrei em curralão.

« Estava no meu descanso
Debaixo da cajazeira ;
Botei os olhos na estrada
Lá vinha *seu Antonio Ferreira*...

« O *seu Antonio Ferreira*
Tem tres cavallos damnados :
O primeiro é o russo,
O segundo é o lasão
O terceiro é o Piaba...
Tres cavallo' endiabrados ! (2)

(1) Bezerro grande

(2) Por *cavallos endiabrados*; ha muito disto nos cantos populares quando o exige o metro, ou a tendencia popular para eliminar as consoantes finaes.

« Estando eu numa malhada,
Já na sombra recolhido,
Logo que vi o Ferreira,
Ahi achei-me perdido.

« Foi-me tudo ao contrario,
Sempre fui perseguido ;
Já me conhecem o rasto,
O Boi Espacio está perdido.

« Não tem a culpa o Ferreira,
Que não me pôde avistar,
Foi o caboclo damnado
Que parte de mim foi dar.

« Mas eu não temo o cavallo
Que se chama o *deixa-fama* ;
Tambem não temo o vaqueiro
Que derrubei lá na lama.

« Me metteram no curral,
Me trancaram de alçapão ;
E bati num canto e noutro,
Não pude sair mais não !

« Adeus, fonte onde eu bebia,
Adeus, pasto onde comia,
Adeus, ribeira corrente,
Adeus, caraiba verde,
Descanço de tanta gente.»

O couro do *Boi Espacio*
Deu cem pares de surrão,
Para carregar farinha
Da praia de Maranhão.

O fato do *Boi Espacio*
Cem pessoas a tratar,
Outras cem para virar;
O resto p'ra urubusada.

O sebo do *Boi Espacio*,
Delle fizeram sabão
Para se lavar a roupa,
Da gente lá do sertão (1)

A lingua do *Boi Espacio*
Della fizeram fritada,
Comeu a cidade inteira,
Não foi mentira, nem nada.

Os miólos do *Boi Espacio*,
Delles fez-se panellada,
Comeu a cidade inteira,
O resto p'ra cachorrada.

Os cascos do *Boi Espacio*,
Delles fizeram canôa,
Para se passar *Marotos* (2)
Do Brazil para Lisbôa.

Os chifres do *Boi Espacio*,
Delles fizeram *colhé*
Para temperar banquetes
Das moças de Patamuté. (3)

(1) As rhapsodias sergipanas tratam com certo desdém os homens do sertão—*a gente lá de cima*, como chamam.

(2) Isto indica que esta parte, pelo menos, do *Boi Espacio* é contemporânea, não posterior, ás lutas da Independência.—*Marotos* são os portuguezes.

(3) Sertão da provincia da Bahia.

Os olhos do *Boi Espacio*
Delles fizeram botão
Para pregar nas casacas
Dos moços lá do sertão.

Costellas do *Boi Espacio*,
Dellas se fez cavador,
Para se cavar cacimbas ;
De duras não se *quebrou*. *

O sangue do *Boi Espacio*
Era de tanta excepção
Que afogou a tres vaqueiros
Todos tres de opinião .

Canellas do *Boi Espacio*,
Dellas se fizera mão
Para se pisar o milho
Da gente lá do sertão .

E da pá do *Boi Espacio*
Della se fez tamborete
Para mandar de presente
Ao nosso amigo cadete .

Do rabo do *Boi Espacio*,
Delle fizeram bastão
Para as *velhas lá de cima*
Andar com elle na mão . »

* É o caso já notado.

A VACCA DO BUREL

(Pernambuco)

« Na fazenda do Burel,
Nos verdes onde pastei,
Muitos vaqueiros de fama
Nos *carrascos* (1) eu deixei.

O afamado Ventania,
Montado no *Tempestada*,
Foi quem primeiro espantou-me
Estando eu numa *maiada* (2)

Mais adiante encontrei
Com o vaqueiro João,
No seu cavallo *lasão*
Já vinha correndo emvão.

Logo me fiz ao *carrasco*,
Fui-me abarbar com o Velloso ;
No atravessar o riacho
Só lhe deixei o rasto
Por ser elle tão teimoso !...

Ouvi grande *tropelada*
Que zunia do sertão ;
Era o afamado Grinalda
Com o Ferreira Leão.

(1) *Carrasco*, mato ralo e baixo.

(2) Por *malhada*.

Que dous vaqueiros de fama
Encontrei no bebedor !...
Logo me fiz ao *carrasco*,
E elles mal me *enchergou*.

Mais adiante ouço gritar :
— Nem do rasto dou noticia ;
Em que *carrasco* escondeu-se
A encantada lagartixa ? —

Eu no tempo de bezerra
A muitos vaqueiros logrei ;
Na fazenda fiz *sueira*, *
Muitas porteiras pulei.

Abarbada me vejo
Com o vaqueiro Miguel,
No seu cavallo Festejo
Na fazenda do Burel.

Que dois vaqueiros temiveis :
— João Bernardo e Miguel !...
Perto do curral os logrei,
Quasi que os deixei de pé. —

< Só si eu morrer amanhã,
Ou não me chamar Miguel,
Só assim deixas de entrar
No teu curral do Burel.

« Eu te juro, *lagartixa*,
Que não me has de escapar ;
Nem que corras como vento
Tu has de entrar no curral.

* Dar trabalho, fazer *suar*.

« Corre, corre, lagartixa,
Quero vêr a tua fama ;
Que no curral do Burel
Quero fazer tua cama.

« Toda a minha vontade
E' no teu rasto acertar ;
Tu verás como se tranca
A lagartixa no curral .

« Cerca, Velloso, na gróta.
Faz esteira no baixio ;
Aperta para o meu lado,
Lá vem como um corropio .

« Oh ! que vaquinha damnada !
Ella não corre, ella vôa...
Meu cavallo já cansou,
E' que a cousa não está bôa.

« Tenho corrido muito gado,
Novilhote e barbatão ;
Nos *carrascos* e *restingas*,
Agora fiquei logrado
No centro deste sertão.

« Bota o cavallo, Velloso,
Quero vêr como se espicha,
Si ainda torna a escapar
A malvada lagartixa. »

Logo ao chegar ao riacho .
A lagartixa os cegou ;
Como a noite era escura
Miguel e Velloso voltou .

Encontram Miguel e Velloso
Com o tal do João Bernardo :
Pergunta pela lagartixa ;
Responderam : — estou logrado ! —

O João Bernardo e Miguel,
O Grinalda e o Leão,
Ventania e o Volloso
Foram para o boqueirão. (1)

Logo a entrar na garganta
Encontram Pedro Preguiça,
E já lhe vão perguntando
Si não vira a lagartixa.

« Encontrei numa *maiada*
Tres rezes brancas, uma lavrada,
Tres castanhas requeimadas,
E uma rouxinol disfarçada.

« O signal desta vaquinha :
Cara branca *punaré*, (2)
Traz o ferro do Burel,
Não tem cauda, é *coxé*. (3)

« E' cega, só tem um chifre,
Muito esperta e arisca ;
São estes todos signaes
Da afamada lagartixa.

(1) Baixa ou valle profundo.

(2) Branco amarellado.

(3) Manca.

« Ora, si é esta a famanaz
Que tanto sussurro tem feito,
Para pegar esta vaquinha
E' bastante o meu *mosquete*. *

« Ora, vamos todos sete
Lá mais perto da maiada ;
Quando passei o campestre
Vi uma rez lá deitada.

« Afroxa a redea, caboclo,
Encosta a espora, Preguiça.
Quero vêr a tua fama
Com a tyranna lagartixa.

Corre, corre lagartixa,
Vae tomando mais alento ;
Que o meu *rosilho* não corre,
Já me vòa como o vento.

« Todo o gado adiante corre,
Não a quero perder de vista ;
Hei de mostrar meu talento
A'vaqueirada de crista.

« João Bernardo não sabe
Que meu cavallo é de cobiça ;
Como eu posso ser logrado
Por esta pobre lagartixa ?

« Aqui mesmo no *carrasco*
Muitas famas têm ficado ;
No atravessar o riacho
Has de ficar arriado. »

* Cavallo pequeno e corredor.

— Não has de ter o prazer
De entrar eu na *Bôa-Vista* *
Com peia e laço e canzil
Só pelo Pedro Preguiça.

— Não ha vaqueiro de fama
Que do *carrasco* me tire,
Nem que deixe sua trama.
De *dentro p'ra fóra* se vire.

— Mais adiante da maiada
Perdeu o Pedro Preguiça,
Chapéo, espora e chicote
No rasto da lagartixa.

« Antes de o sol sahir
Vou-te esperar no *Coité*,
Has de entrar com o laço
Na fazenda do Burel. »

No riacho da Alegria
Foi a minha perdição,
Quando vi o Ventania,
Mais o Ferreira Leão.

Os destemidos vaqueiros,
Velloso e o tal Grinalda :
Bem montados ás estribeiras
Traziam sua guilhada.

Grita o Ferreira Leão ;
Logo respondeu o Grinalda :
— Si não podem botar no chão,
Eu metto a minha guilhada.

* Sertão e villa de Pernambuco.

« Já respondeu o Velloso :
— O Ventania é cabra *zarro* ;
Bate com o chapéo na perna,
Bote no chão, que eu amarro.

« O Ventania é decidido,
Passou transe no *carrasco* ;
Mostrou sempre á lagartixa
Que elle é cabra macho. »

Desde que eu sou nascida
Nunca contei com vaqueiro ;
Póde contar gravidade
O Ventania o primeiro.

Adeus, fazenda, adeus, pasto,
Adeus, maiada e bebedor,
Adeus, restinga e *carrasco*,
Serróte do logrador ; *

Adeus, vasante de baixo,
Adeus, serra do Coité,
Acabou-se a famanaz
Da fazenda do Burel. »

Eu disse que, antes de reproduzir o *Rabicho da Geralda*, qual nol-o conservou Alencar, daria amostras de alguns outros *romances de vaqueiros*, que lhe foram desconhecidos, e ahi deixei de facto o *Boi-Espacio* e a *Vacca do Burel*.

* Logar fresco reservado para se botar o gado em certas épocas do anno.

Estampo agora alguns muito conhecidos nas provincias do norte. Infelizmente do mais importante de todos, o *Sapo do Cariri*, pude só, apesar de muitas diligencias em Sergipe, obter um fragmento :

O SAPO DO CARIRI

(Fragmento de Sergipe)

« No sertão do Cariri (1)
Havia um sapo casado ;
Na secca de oitenta e nove (2)
Quasi que morre torrado.

Determinou a mudar-se,
Levando comsigo a gia
Vindo de cabeça a baixo,
Em procura da Bahia.

Antes de chegar á serra
No matto de *Farúri*,
Já antes de escurecer
Deu na casa do teyú.

Bateu na porta do dito :
Deus lhe guarde, meu senhor ;
Vasmincê por caridade
Dá-me um rancho por favor?

(1) Sertão do Ceará chamado tambem *Cariris velhos*, por opposição aos *Cariris novos* na Parahyba do Norte.

(2) Uma das seccas notaveis do Ceará no seculo passado.

« Isto não, não pôde ser ;
A casa é muito pequena,
Não havemos de caber.
E pelo que me parece,
Pelo geito que eu estou vendo,
Vasmincê já não vem só
Traz na sua companhia
A sua tataravó.»

Essa ha muito me morreu,
Esta que trago commigo,
E' a mulher que Deus me deu.
E a Senhora D. Gia
De andar ácima, ábaixo
Eu temo que ella me pára
Antes que chegue ao riacho.

« Pois si isto é assim,
Recolha-se n'este quarto,
E não repare nas faltas,
Que isto é casa do mato.»

Recolheu-se o viandante
Nas camarinhas de baixo,
Deu as dôres em D. Gia,
Pario um sapinho macho.

Assim que amanhece o dia
Desce o teyú as escadas,
Vai dar o bom dia ao sapo
Com as acções costumadas.

« Bom dia, Senhora Dona,
Como lhe foi de dormida ? »
Ella alegre respondeu:
— Muito bem, estou parida ;

« E a criança que tal ? »
Pelo que a mim parece,
Pelo geito que estou vendo,
E' solfista de preceito. —

Quanto ao leite do pequeno,
Não lhe dê maior cuidado ;
Porque, si faltar o meu,
Suprirá o seu compadre.

« Pois meu compadre dá leite
Como vasmincê também ?
— Se lhe batendo nas costas,
Dá leite como ninguem.

— No dia do baptisado
Faremos nosso banquete,
Emquanto respeito a canto,
Só concedo alguns *falsetes.* —

.....
.....

O CALANGRO

(Sergipe)

Calangro fez um sobrado
De vinte e cinco janellas
Para botar moças brancas,
Mulatas côr de canella...

Calangro matou um boi,
Delle não deu a ninguem ;
Lagartixa respondeu :
— Calangro fez muito bem.

O calangro foi á feira
Com traje de gente rica ;
Lagartixa respondeu :
— Calangro, você lá fica.

O calangro foi á festa,
Montado n'uma leitôa ;
Lagartixa respondeu :
— Calangro não é pessôa.

Calangro estava deitado
Na prôa de seu navio ;
Lagartixa respondeu :
— Calangro, tú és vadio.

Calangro sahio á rua,
Montado n'uma perúia ;
Lagartixa respondeu :
— Veja que a tola está núa.

Calangro foi convidado
Para ser juiz de paz ;
Lagartixa respondeu :
— Calangro, veja o que faz.

Calangro foi á Bahia
Com seu barco de feijão ;
Lagartixa respondeu :
— Cada bage é um tostão .

O calangro é bicho porco,
Num folguêdo quiz entrar ;
Lagartixa respondeu :
— Calangro, vai te lavar .

Calangro foi convidado
Para ser um presidente ;
Lagartixa respondeu :
— Calangro, me traz um pente.

Minha gente, venha vêr
Cousa de fazer horror :
— Lagartixa de chinelas,
Calangro de paletô *

A ALFORRIA DO CACHORRO

(Pernambuco)

« No tempo em que o rei francez
Regia os seus naturaes,
Houve uma guerra civil
Entre os brutos e animaes.

Neste tempo era o cachorro
Captivo por natureza ;
Vivia sem liberdade
Na sua infeliz baixeza .

Chamava-se o dito senhor
Dom Fernando de Turquia ;
E foi o tal cão passando
De vileza á fidalguia .

E dahi a poucos annos
Cresceu tanto em pundonor,
Que os cães o chamavam logo
De Castella imperador .

* *Paletot.*

Veu o herdeiro do tal
Dom Fernando de Turquia ;
Veiu a certos negocios
Na cidade da Bahia . *

Chegou dentro da cidade,
Foi á casa de um tal gato ;
E este o recebeu logo
Com muito grande aparato .

Fez entrega de uma carta,
Que elle bem recebeu ;
Recolhendo-se ao escriptorio,
Abriu a carta e leu.

E então dizia a carta :
« Illm. Senhor Mauricio Violento Sodré
« Ligeiro Gonçalves Cunha —
« Subtil — Maior — Ponte — Pé ;

« Dou-lhe, amigo, agora a parte
« De que me acho augmentado,
« Que estou de governador
« Nesta cidade acclamado.

« Remetto-lhe esta patente
« De governador lavrada ;
« Pela minha propria lettra
« Foi a dita confirmada. »

* Repare-se como n'este *romance* (?) e nos dois anteriores falla-se na Bahia. Isto é prova de como a antiga capital da colonia, a cidade por muito tempo mais notavel e commercial do paiz, ficou gravada na imaginação popular, como a terra suprema, a nossa *Roma*, ou o nosso *Chanaan*.

Ora, o gato na verdade,
Como bom procurador,
Na gavêta do telhado
Pegou na carta e guardou.

O rato, como malvado,
Assim que escureceu
Foi á gaveta do gato,
Abriu a carta e leu.

Vendo que era a alforria
Do cachorro, por judeu,
Por ser de má consciencia,
Pegou na carta e roeu.

Roeu-a de ponta á ponta,
E pol-a em mil pedacinhos,
E depois as suas tiras
Repartiu-as pelos ninhos.

O gato, por occupado
Lá na sua Relação,
Não se lembrava da carta
Pela grande occupação.

E depois se foi lembrando,
Foi caçal-a e não achou,
E, por ser maravilhoso,
Disto muito se importou.

.....
.....
.....

O LUCAS DA FEIRA *

(Versão de Sergipe)

« Adeus, terra do limão,
Terra onde fui nascido;
Vou preso para a Bahia
Levo saudades commigo.

Eu vou preso p'ra Bahia,
Eu vou preso, não vou só;
Só levo um pezar commigo:
E' da filha do Major.

Eu vou preso p'ra Bahia,
Levo guarda e sentinellas,
Para saber quanto custa
Honra de moças donzellas.

Estes socios meus amigos
De mim não têm que dizer;
Que por eu me vêr perdido
Não boto outro a perder.

Estes socios meus amigos
A mim fizeram traição;
Ganharam o seu dinheiro
Me entregaram á prisão.

Meus amigos me diziam
Que deixasse de funcção,
Que o *Casumbá* por dinheiro
Fazia as vezes do cão.

* Foi um negro assassino, filho da Feira de Sant'Anna.

Vindo eu de lá da festa
De São Gonçalo dos Campos,
Com'o susto do *Casumbá*
Caiu-me a espada da mão.

Já me quebraram o braço
Já me vou a enforçar,
Como sei que a morte é certa,
Vou morrendo de vagar.

Quando na Bahia entrei
Vi muita cara faceira ;
Branços e pretos gritando :
— Lá vem o *Lucas da Feira* ! —

Quando eu no Rio entrei
Caiu-me a cara no chão ;
A *Rainha* veio dizendo : —
— *Lá vem a cara do cão*. —

.....
.....

Vejamos finalmente o *Rabicho*. Eu não o colligi ; mas lembro-me de o ter ouvido muitas vezes cantar no Recife por um velho mendigo chegado á *pinga*.

Alencar o publicou, combinando entre si quatro ou cinco versões diversas, refazendo-o :

O RABICHO DA GERALDA

« Eu fui o liso Rabicho,
Boi de fama conhecido,
Nunca houve neste mundo
Outro boi tão destemido.

Minha fama era tão grande
Que enchia todo o sertão,
Vinham de longe vaqueiros
P'ra me botarem no chão.

Ainda eu era bezerro
Quando fugi do curral
E ganhei o mundo grande
Correndo no bamburral.

Onze annos eu andei
Pelas catingas fugido ;
Minha senhora Geralda
Já me tinha por perdido.

Morava em cima da serra
Onde ninguem me avistava,
Só sabiam que era vivo
Pelo rasto que eu deixava.

Sai um dia a pastar
Pela malhada do Chisto,
Onde por minha desgraça
Dum caboclinho fui visto.

Partiu elle de carreira
E foi por alli aos topes
Dar novas de me ter visto
Ao vaqueiro José Lopes.

José Lopes que isso ouviu
Foi gritando ao filho João :
« Vae me vêr o Barbadinho
« E o cavallo Tropelão.

« **Dá** um pulo no compadre
« **Que** venha com seu ferrão,
« **Para** irmos ao Rabicho,
« **Qu'ha** de ser um carreirão. »

Foi montando José Lopes
E deu linha ao Barbadinho ;
Tirando inculcas de mim
Pela gente do caminho.

Encontrou Thomé da Silva
Que era velho topador :
« **Dá-me** novas do Rabicho
Da Geralda, meu senhor ? »

— Homem, eu não o vi :
Si o visse, do mesmo geito
Ia andando meu caminho
Que era lida sem proveito. --

« **Pois** então saiba o senhor,
A cousa foi conversada,
A minha ama já me disse
Que desse boi não quer nada.

« **Uma** banda e mais o couro
Ficará para o montorio,
A outra será p'ra missas
A's almas do purgatorio. »

Despediu-se o José Lopes
E metteu-se num carrasco ;
Dando num rasto de boi,
Conheceu logo o meu casco.

Todos tres muito contentes
Trataram de me seguir,
Consumiram todo o dia,
E á noite foram dormir.

No fim de uma semana
Voltaram mortos de fome,
Dizendo:—« O bicho, senhores,
Não é boi ; é lobishome. »

Outro dia que eu malhei
Perto d'uma ribanceira
Ao longe vi o Cherem
Com seu amigo Moreira.

Arranquei logo dahi
Em procura dum fechado
Juntou atrás o Moreira
Correndo como um damnado.

Mas logo adiante esbarrei
Escutando um zoadão ;
Moreira se despencou
No fundo de um barroção.

« Corre, corre, boi malvado,
Não quero saber de ti,
Já me basta minha faca
E a espora que perdi. »

Alevantou-se o Moreira
Juntando todo o seu trem,
E gritou que lhe acudisse
Ao seu amigo Cherem.

Corre a elle o Cherem
Com muita resolução ;
« Não se engane, sô Moreira,
Que o Rabicho é tormentão. »

—Ora deixe-me, Cherem,
Vou mais quente q'uma braza.
Seguiram pela vereda
E lá foram ter á casa.

Resolveram-se a chamar
De Pajeú um vaqueiro,
Dentre todos que lá tinha
Era o maior catingueiro.

Chamava-se Ignacio Gomes,
Era um cabra *coriboca*,
De nariz *achamurrado*,
Tinha cara de pipoca.

Antes que de lá sahisse
Amolou o seu ferrão :
« Onde encontrar o Rabicho
Dum tope o boto no chão. »

Quando esse cabra chegou
Na fazenda da Quixaba ;
Foi todo o mundo dizendo :
—Agora o Rabicho acaba.

« Senhores, eu aqui estou,
Mas não conheço dos pastos :
Só quero dêm um guia
Que venha mostrar-me os rastos.

« Que eu não preciso de o vêr
Para pegar o seu boi ;
Basta-me só vêr-lhe o rasto
De tres dia que se foi. »

De manhã logo muito cedo
Fui á malhada do Chisto ;
Em antes que eu visse o cabra
Já elle me tinha visto.

Encontrei-me cara á cara
Com o cabra *topetudo* ;
Não sei como nesse dia
Alli não se acabou tudo .

Foi uma carreira feia
Para a serra da Chapada,
Quando eu cuidei, era tarde,
Tinha o cabra na rabada.

« Corra, corra, camarada,
Puxe bem pela memoria ;
Quando eu vim da minha terra
Não foi p'ra contar historia. »

Tinha adiante um pau cahido
Na descida dum riacho ;
O cabra saltou por cima,
O russo passou por baixo.

« Puxe bem pela memoria,
Corra, corra, camarada ;
Quando eu vim da minha terra
Não vim cá dar barrigada. »

O guia da contra-banda
Ia gritando tambem ;
— Veja que não sou Moreira,
Nem seu amigo Cherem .

Apertei mais a carreira,
Fui passar no boqueirão.
O russo rolou no fundo ;
O cabra pulou no chão .

Nesta passagem dei linha,
Descansei meu coração ;
Que não era desta feita
Que o Rabicho ia ao moirão .

O cabra desfigurado
Lá foi ter ao Carrapicho :
« Seja bem apparecido,
Dá-me novas do Rabicho ?

—Senhores, o boi eu vi,
O mesmo foi que não vêr,
Pois como este excommungado
Nunca vi um boi correr .

Tornou-lhe o Góes neste tom ;
« Desengane-se c'o bicho ;
Pelos olhos se conhece
Quem dá volta no Rabicho.

« Esse boi é escusado,
Não ha quem lhe tire o fel ;
Ou elle morre de velho
Ou de cobra cascavel. »

Veio aquella grande secca
De todos tão conhecida ;
E logo vi que era o caso
De despedir-me da vida.

Seccaram-se os olhos d'agua
Onde eu sempre ia beber,
Botei-me no mundo grande
Logo disposto a morrer.

Segui por uma vereda
Até dar num cacimbão,
Matei a sêde que tinha ;
Refresquei o coração.

Quando quiz tomar assumpto
Tinha fechada a porteira ;
Achei-me numa gangorra,
Onde não vale carreira.

Corrigi os quatro cantos ;
Tornei a voltar atrás,
Mas toda a minha derrota
Foi o diabo do rapaz.

Correu logo para a casa
E gritou aforçurado :
« Gentes, venham depressa
Que o Rabicho está pegado . »

Trouxeram tres bacamartes,
Cada qual mais desalmado,
Os tres tiros que me deram,
De todos fui trespassado.

Só assim saltaram dentro,
Eram vinte p'ra me matar,
Sete nos pés, dez nos chifres,
E mais tres p'ra me sangrar.

Disse então o José Lopes
Ao compadre da Mafalda :
« — Só assim nós comeríamos
Do Rabicho da Geralda. »

Acabou-se o boi de fama
O corredor famanaz.
Outro boi como o Rabicho,
Não haverá nunca mais. »

O maior defeito em que póde incorrer um collecter da poesia popular é pretender corrigil-a, *refazêl-a*. José de Alencar, que foi o chefe de certa ramificação do romantismo brasileiro, que se distinguio sempre pela ausencia de espirito critico e o gosto das divagações palavrosas, suppoz que, retocando aqui e acolá os textos do *Rabicho da Geralda* e amalgamando-os em um só, fazia obra meritoria... Dirigindo-se a espiritos phantastas, incultos e enamorados do que chamam, em tom emphatico, a *fôrma*, o *estylo*, velha palavra mystica adorada por cada um a seu modo, o celebre romancista, preocupado das exterioridades, fez uma versão *bonita*, é certo, do romance sertanejo ; mas erronea, quasi imprestavel.

Quem o autorizou a reunir, amalgamar, a seu bel-prazer, as suas cinco versões de provincias differentes ? Não sabia Alencar que o interesse da poesia popular é todo ethnographico, e que para esse fim o mais apreciavel são as *variantes* de um mesmo canto, porque são ellas que nos habilitam a conhecer como cada população *modificou, adaptou ao seu meio a lição primitiva* ?

« Já eu possuia *tres versões*, colhidas por amigos em

varios pontos da provincia (Ceará), quando o Dr. Barros me fez o favor de enviar a lição por elle obtida no *Ouricury*.

« Esta lição, enriquecida de algumas notas importantes e mais copiosa do que qualquer das outras, induzime a tentar a difficil empreza da refusão destas varias rhapsodias, adoptando uma paciente restauração, o processo empregado em outros paizes para a compilação da poesia popular. . . Um joven patricio, que fôra meu companheiro de viagem para o Ceará, deu-me uma quinta lição do poemeto, por elle trazida do sertão de *Inhamuns*, donde é natural. Na restauração das cantigas populares creio que se deve proceder de modo identico á restauração dos antigos paineis. Onde o texto está completo é sómente espol-o e raspar alguma crosta que porventura lhe embote a côr ou desfigure o desenho. Si apparecem soluções de continuidade provenientes de escaras da tinta que se despegou da têla, é preciso supprir a lacuna, mas com a condição de restabelecer o traço primitivo. »

O romancista entregou-se, como se acaba de lêr, ao trabalho fatigante, esteril e prejudicial de fundir em um só molde cinco versões diversas do romance sertanejo. Não fôra preferivel que nos tivesse dado a conhecer as cinco variantes sem alterar-lhes uma virgula? Teriamos assim a canção em sua nativa rudeza e não um *pastiche* arranjado para agradar a litteratagem que o cercava.

Falla o illustre collector em ser aquelle o *methodo* empregado em outros paizes. . . . Não ha tal.

Os trabalhos sérios sobre poesia popular evitaram sempre semelhante falsificação. José de Alencar illudiu-se com Almeida Garrett, e mostra que nem ao menos estudou os mediocres escriptos de Theophilo Braga sobre este assumpto.

Originou-se, por certo, esta falta da vaidade, peculiar ás gerações que conseguiram certa madureza e tomaram conta do terreno litterario, vicio consistente em

desdenhar dos esforços da geração que lhes vai succedendo. E' este um phenomeno vulgarissimo.

A geração velha em Portugal, por exemplo, ainda hoje não lê os trabalhos dos jovens escriptores e por isso em poesia popular não saiu ainda do estalão de Garrett.

O mesmo se dá entre nós; os nossos pretendidos guias, cuja notabilidade unica é terem nascido alguns decennios antes de nós, repellem as investigações novas, e atiram-se á *ignorancia voluntaria*.

Alencar, que aliás no terreno da poesia popular havia sido antecedido por Celso de Magalhães, si o houvesse lido, não se revelaria tão atrazado neste ponto. Mas o illustre pontifice estava distrahido pela *sublime vida fluminense*, e não dava fé do que ia pelas provincias, não reparava que, desde muito, a carunchosa *intuição selvatica* de nossa litteratura tinha recebido os mais rudes golpes no Recife, e o problema de *nossas producções anonymas* fôra alli abordado com vigor scientifico.

Outra prova da incompetencia do autor do *Guarany* para tratar destas cousas ostenta-se nas observações rhetoricas e phantasiosas que faz, depois de transcrever o *Rabicho da Geralda*.

Em vez da analyse ethnologica e social dá-nos lições-sinhas de *estylo*, como dal-as-ia um professor qualquer de collegio.—« Ha no poemeto, como se vio, traços da simplicidade homerica, ou antes do *estylo sobrio* e energico do povo, em que foi vasada a poesia do grande epico.

« A descripção da ultima e formidavel corrida *encerra grandes bellezas*, especialmente nesta quadra :

« Tinha adiante um pau calido
Na descida de um riacho ;
O cabra saltou por cima,
O russo passou por baixo.

A scena *desenhada em dois rasgos breves, que a paisagem se retrata aos olhos; a destreza do vaqueiro que*

galga o obstaculo ; a disparada do cavallo a atravessar o passo difficil, tudo ahi está expresso com a palavra concisa e rapida, que simula a velocidade da corrida.»

Para que isto? Para que esta analyse infantil, microscopica de palavras, de imagens, de figuras? Estamos em plena rhetorica ; parece que estamos ouvindo o Sotero, o Pinheiro, ou qualquer dos seus mais insipidos successores, como o Sr. Machado de Assis, ou o Sr. E. Taunay, ou a misera nullidade appellidada Barão de Paranapiacaba.

A preocupação da *fôrma* traz obcecados a estes e outrostolos, que aliás escrevem muito mal. O seu *estylô* é frouxo e manco, *lentejoulado* apenas com nma ou outra palavrinha para *effeito!*

Quanto ao fundo, já vimos que, até no grave problema da poesia popular, deixam de lado as questões sérias para chicanar com as palavras.

Si tal vicio era para notar-se em um espirito vigoroso, como José de Alencar, que sel-o-á em seus pequenos e nullos discipulos e continuadores?

O auctor de *Iracema*, como o leitor já viu, no seu escripto — *O Nosso Cancioneiro*. — occupa-se especialmente dos romances de vaqueiros e das transformações por que vae passando a lingua portugueza no Brazil. Já o estudámos quanto ao primeiro problema ; vamos agora vêr como elle sâe do segundo. Neste ponto não posso deixar de bem alto render á memoria do nosso romancista os louvores que o seu procedimento provoca. Antes d'elle já em outros cerebros brazileiros havia brotado a idéa de uma *litteratura* nacional. A empresa, porém, era mais um anhelô do que uma realidade.

Os escriptos de Durão e Basilio eram ainda muito portuguezes pelo fundo e pela *fôrma* ; os de Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias o eram muito ainda tambem pela linguagem. Até então nós tinhamos Portugal em mui alta conta e nossos escriptores tinham medo de

tocar nos privilegios da supposta *mais rica e harmoniosa lingua do mundo...*

O culto do pretendido *classicismo* era uma das fórmãs da sujeição brazileira e o desejo de ter alguma importancia litteraria, favor que nos vinha de Portugal, impunha a obediencia. Alencar foi talvez o primeiro que rompeu valentemente contra semelhante preconceito. Proclamou com franqueza, o direito que temos de pensar e escrever a nosso modo, *transformando a lingua*.

O exclusivismo portuguez procurou reagir pelo orgão de José Castilho, um emigrado litterario, um pedante togado que nos desnor-teou á farta.

Hoje todos somos de accôrdo que o juizo de Portugal sobre um assumpto ou sobre um autor não passa de um divertimento ou de uma cousa innocente...

Neste ponto não existem duas opiniões ; o Brazil timbra por afastar-se do velho reino para aprender com as nações cultas.

Alencar neste assumpto só teve o defeito de ser ainda um pouco timido, procurando justificar nossas insuborninações contra os velhos preceitos idiomáticos do reino.

Nós hoje só devemos a Portugal a mesma sympathia de que somos devedores a qualquer outra nação estrangeira. A consciencia da *identidade* dos destinos humanos, que tão claramente se exprime pelo cosmopolitismo contemporaneo, força-nos ao respeito a todos os povos, na medida do merito de cada um e, por isso mesmo, está-nos ensinando o logar em que se colloca Portugal.

Ouçamos Alencar sobre o ponto em questão :

« Uns certos profundissimos philologos negam-nos a nós brazileiros o direito de legislar sobre a lingua que fallamos. Parece que os canones desse idioma ficaram de uma vez decretados em algum concilio celebrado ahi pelo seculo XV.

« Esses canones só tem o direito de infringil-os quem

nasce da outra banda e goza a fortuna de escrever nas ribas historicas do Tejo e Douro, ou nos amenos prados do Lima e do Mondego.

« Nós os brazileiros, apesar de orçarmos já por mais de dez milhões de habitantes, havemos de receber a senha de nossos irmãos, que não passam de um terço daquelle algarismo !

« Nossa imaginação americana por força que terá de accommodar-se aos moldes europeus, sem que lhe seja permittido revestir suas fórmulas originaes. Sem nos emmanharmos agora em abstrusas investigações philologicas, podemos affirmar que é este o caso em que a realidade insurge-se contra a theoria. O facto existe.

« E' vã, sinão ridicula, a pretensão de o aniquilar.

« Não se junte a possante individualidade de um povo joven, a expandir-se ao influxo da civilização, com as teias de umas regrinhas mofentas.

« Desde a primeira occupação que os povoadores do Brazil, e após elles seus descendentes, estão creando por todo este vasto imperio um vocabulario novo, á proporção das necessidades de sua vida americana, tão outra da vida européa.

« Nós, os escriptores nacionaes, si quizermos ser entendidos de nosso povo, havemos de fallar-lhe em sua lingua, com os termos ou locuções que elle entende, e que lhe traduzem os usos e sentimentos.

« Não é sómente no vocabulario, mas tambem na syntaxe da lingua, que o nosso povo exerce o seu inauferivel direito de imprimir o cunho de sua individualidade ao instrumento das idéas.

« A transformação continua que se opera na historia philologica, e que Müller compara á vegetação, cessou de todo para o portuguez, de que se pretende fazer uma mumia classica ? As linguas, como todo instrumento da actividade humana, obedecem á lei providencial do progresso ; não podem parar definitivamente.

« As pausas, até mesmo os atrazos, que lhes sobrevenham, não passam de accidentes ; e de ordinario succedem-se recrudescencias de energias que reparam aquellas perdas.

« Si o portuguez transferindo-se para a America, desenvolvendo-se no seio de uma natureza tão opulenta como aquella onde se enriqueceu o sanscripto, seu antepassado ; si o portuguez nestas condições não tivesse o viço e a seiva necessarias para brotar de si um novo idioma sonoro, exuberante e vigoroso, triste d'elle ; seria uma lingua exhausta, votada á breve e rapida extincção.

« Temos do portuguez idéa mais vantajosa e lisongeira do que nossos irmãos de além-mar. Acreditamos que a essa lingua, não só está promettido o florescimento e restauração na terra onde a fallou Nuno Alvares e a cantou Camões, e onde agora se succedem as gerações de notaveis escriptores ; como foi destinada a servir de raiz a uma das mais bellas e mais opulentas entre as linguas que dominarão na America, antes de um seculo.

« Depois da independencia, sinão antes, começámos a balbuciar a nossa litteratura ; pagámos, como era natural, o tributo á imitação ; depois entrámos a sentir em nós a alma brazileira e a vasal-a nos escriptos, com a linguagem que aprendemos de nosso povo. Proseguimos a nossa senda, quando em Portugal principiou a cruzada contra a nossa embryonaria e fragil litteratura, a ponto de negar-se-lhe até uma individualidade propria. Não era generoso, nem era justo. Basta que a melhor escola dos escriptores portuguezes, começando pelo principe de seus prosadores, Alexandre Herculano, não se associou á ingrata propaganda. Ainda assim, não reagimos, nem pensámos em retaliar. No Brazil tambem se cultivava a critica, e desde remotas éras Aristarcho mostrou que não ha superioridade inaccessible á censura. Todavia, respeitavamos os representantes illustres da litteratura mãe : emquanto em Portugal, sem darem-se ao trabalho siquer de ler-nos,

accusavam-nos de abastardar a lingua e enxovalhar a grammatica, nós, ao contrario, apreciando as melhores obras portuguezas, aprendiamos na diversidade dos costumes e da indole a formar essa litteratura brazileira, cuja independencia mais se pronuncia de anno a anno. E' infantil ; será incorrecta ; mas é *nossa* ; é *americana*. Não nos resentimos, ainda assim, com esse espirito de colonisação litteraria.

« E' tão natural o zelo da mãe que recata-a filha e não lhe consente separar-se de si !

« Houve, porém, brazileiros que se deixaram contaminar desse espirito. Começou então a vogar uma idéa singular ; que o diploma de escriptor em nosso paiz não se recebia da *opinião nacional* ; era preciso ir recebê-lo de outro lado do Atlantico. Foi em Roma que outr'ora se laurearam os poetas italianos ; mas a laurea era deferida por uma academia, onde estava representada a flôr da litteratura.

« Em Lisbôa ou Porto não se carecia desse apparatus.

« Bastava o capricho ou a sympathia de um simples jornalista para dictar a lei ao nosso publico. E' contra isso que reclamo em nome de nossa litteratura e por honra da mocidade brazileira, que ahi vem cheia de vigor e talento pedir-nos conta de meio seculo de existencia politica. E' essa submissão que eu não tolero ; e, como já o disse uma vez, quebraria a penna antes do que acceitar semelhante expatiação litteraria.

« Admiremos Portugal nas tradições grandiosas de seu passado ; nos esforços generosos de seu renascimento ; prezemos sua litteratura e seus costumes ; porém nunca para imital-o servilmente. Importaria isto annullar a nossa individualidade.

« O Brazil não é unicamente o sólo que habitamos, e no qual são recebidos como irmãos quantos o buscam ; nem só a gente aqui nascida é que tem nome de cidadão.

« O Brazil é a grande alma que habita esse corpo e que associou-se á terra sul-americana, com o seu espirito indigena, com o seu nome hospitaleiro. Si nós os brasileiros escrevessemos livros no mesmo estylo e com o mesmo sabor dos melhores que nos envia Portugal, não passaríamos de uns autores emprestados ; renegariamos nossa patria e não só ella, como a nossa natureza que é o berço dessa patria. Increpando-nos a ignorancia do portuguez que só fallam no Brazil dous ou tres *athenienses* desterrados no crasso fumeiro desta Beocia ; accusando-nos da degeneração da lingua de Barros e Camões, ainda não se deram comtudo os censores ao trahalho de tirar a limpo as deformidades e maculas de nossa maneira de fallar e escrever. Não conheço critica na qual se capitulassem as accusações. As que eu tenho lido não passam de vagas apreciações, e reduzem-se á balela de impurezas de estylo, de inobservações da indole da lingua e de pechas de neologismos, mas sobretudo dos gallicismos, que são a urtiga dos classicos. »

De tudo isto reçuma o bom senso do escriptor, e a sua bôa disposição para atacar a pedanteria lizitana.

Vejamos mais de perto que differenças elle pôde notar entre o portuguez da Europa e o americano.

Reduzem-se a poucas modificações lexicologicas e grammaticaes. A sua primeira observação neste sentido é quanto á palavra *barbatão*.

« Não atino com a etymologia deste vocabulo, que si não é genuino cearense, veio provavelmente da ribeira de S. Fraucisco. Nenhuma analogia tem elle com o termo *baguá* (*bagual*), que no sul designa o cavallo, e não sei si tambem o boi amontoado. Pôde ser que *barbatão* não passe do augmentativo de *barbato*, para significar o longo e denso pello do gado criado no matto.

« Não seria desarrazoado tambem derivar-o de *brabo*, variante rustica de *bravo*. Neste caso o augmentativo se

afastaria da formação grammatical ; mas destes solecismos ha muitos exemplos no dialecto popular. Assim, de *fama*, por exemplo, compuzeram os sertanejos dous augmentativos contra todas as velhas regras etymologicas ; dizem *famanaz* e *famaraz* para designar o sugeito de grande fama ; equivale ao superlativo famosissimo, com maior intensidade na significação. E' tambem muito commum entre o nosso vulgo o augmentativo em *ama*, como *oirama*, *poeirama* de que raros exemplos se encontra na lingua portugueza. »

Depois de fallar da excentricidade destes augmentativos, passa aos diminutivos, e diz : « Usa-se no Ceará um gracioso e especial diminutivo que talvez seja empregado em outras provincias. Não permite certamente a rotina etymologica applicar o diminutivo ao verbo, Pois em minha provincia o povo teve a lembrança de sujeitar o participio presente a esta formula grammatical, e creou de tal sôrte uma expressão cheia de encanto.

A mãe diz do filho que acalentou ao collo : — « *Está dormindinho !* »

Sobre estas especies de diminutivos já tivemos occasião de expressar-nos em capitulo anterior. Continuando neste terreno, o nosso autor tem occasião de repetir uma opinião que fez caminho entre nós, a saber : que a lingua portugueza no Brazil tem hoje um character mais *archaico*, mais *alatinado* do que em Portugal. Este modo de vêr, exacto quanto a um ou outro ponto isolado, é uma variante de outra opinião, patrocinada por Varnhagen e pelo autor da brochura — *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brazil* —, que a linguagem brazileira ficou por motivos historicos mais proxima do *castelhano* do que o portuguez da Europa.

Depois das considerações acima citadas, Alencar escreve estas palavras ; « Emquanto a lingua portugueza vae assim enriquecendo-se, a brazileira, por outro lado, mantem em nosso paiz certas *franquezas que sempre gozou*

desde sua origem e das quaes o classismo lusitano pretende despojal-a.

« Os nossos irmãos de origem e lingua riem do povo brasileiro que diz : *moro na rua de . . . estou na janella, cheguei em casa.*

« A questão não é de rir, cousa que depende apenas de um confrangimento dos labios; mas sim de quem tem razão para rir e taxar nos outros como defeito aquella usual locução. Não sou philologo, nem pretendo para mim os fóros de grammatico, que entretanto se arroga muita gente.

« Como, porém, os dous melhores mestres que conheço da arte de fallar são o bom senso e o uso, e eu todos os dias tomo lição com elles, considero-me habilitado para affirmar que nesta questão damos quináo aos nossos irmãos mais velhos. São elles que se conspiram contra a grammatica, firmando como regra o exclusivo uso da preposição —á— para as locuções acima indicadas e outras analogas, e exigindo que se diga impreterivelmente *moro á rua de . . . estou á janella, cheguei á casa.* A contestação é entre as duas preposições *a* e *em*, que ninguém ousará contestar nos viessem directamente do latim.

« Anda em moda nas altas regiões da philologia negar a filiação evidente do portuguez e buscar-lhe as origens em linguas desconhecidas e truncadas, porque deste modo a cousa não póde ser entendida por todos, e toma ares de intrincado problema.

« Felizmente não carecemos de metter-nos com essa algebra conjectural da linguistica moderna. Para o nosso caso basta-nos um *lexicon* latino, livro que todos conhecemos desde o collegio.

« No mais puro e classico latim achamos o emprego simultaneo das preposições *ad* e *in* para significar o lugar onde, sem outras restricções além das que eram peculiares á harmoniosa prosodia dos romanos e á discriminação dos casos.

« Assim diziam elles—*Profiscisci in Græciam* ou *ad Græciam*, *advenire in provinciam* ou *ad provinciam*; *luet in theatrum* ou *ad theatrum*.—

« Releva com tudo observar que os bons autores perferiram geralmente empregar com os verbos de repouso e permanencia a preposição *in* de preferencia a *ad*. A regra latina passou com a mesma amplitude para o portuguez.

« Já o tinha dito o nosso compatriota Moraes, que ainda hoje é o primeiro lexicologo da lingua. Sendo por conseguinte bem semelhante o uso desta preposição em portuguez ao da latina *in* porque assim como em latim se póde dizer—*Sum in Africa*—e—*Proficiscor in Africam*,—assim diziam os nossos classicos—*Estive em Africa* e *passou em Africa*,—como disseram Barros e Camões. Nos classicos portuguezes são innumerados os exemplos do uso promiscuo das duas preposições para designar os logares *onde* e *aonde*. Si alguma cousa ha de notar é quiçá um resaiço de affectação no amiudado uso de *em* com verbos de movimento e accesso, em que *a* melhor quadraria. Alejariamos nossa lingua tão rica, si lhe tolhessemos esse genuino teor de locução que traz de origem.

« E' o que pretendem nossos irmãos; e taxam-nos de não sabermos portuguez, porque não nos conformamos com as suas modas modernas em materia de linguagem. O emprego que fazemos, segundo a lição classica, da preposição *em* para indicar o logar *onde* deixa-nos livre a preposição *a* para exprimir a circumstancia. Com a maior concisão, elegancia e propriedade dizemos: *moro na rua dé...á direita*. *Estava na janella á tarde*, etc.

Todavia, si o uso e a lição classica permitem a opção entre as duas preposições, a perspicuidade, que é uma das excellencias do estylo, exige algum discrimen. A preposição *a*, por isso que significa o accesso, designa com mais propriedade a idéa de aproximação, emquanto *em* melhor exprimirá a relação de ingresso e permanencia. Eu

direi, pois, *estar á janella* de uma pessoa que avisinhou-se della, ou a occupou de passagem e ligeiramente, e *estar na janella* da que se acha positivamente nella e ahí se demora.

« Da mesma fórma, *chegar á casa* é tocar-lhe a soleira, e *chegar em casa* penetrar nella, achar-se dentro.

« Nós dizemos: *moro nas Larangeiras e a rua de Olinda é em Botafogo*. Ninguem, a não ser um fluminense (e qualquer brasileiro) contrafeito, se exprime assim:— *Minha casa é na rua da Babylonia a Andarahy*.

« Si esse brasileiro fôr purista e quizer por elegancia evitar o emprego da preposição *em* duas vezes na mesma oração, comporá a sua phrase deste modo: *Minha casa é á rua da Babylonia em Andarahy*, e não como se diz no Porto e em Lisbôa: *Moro na rua de... a S. Ovidio; moro na rua do Almada ao Chiado*. A razão é obvia. A preposição indica a relação do objecto que a precede com o objecto por ella regido.

« A relação actual do interlocutor com a rua onde mora e da qual se acha distante é uma relação de simples indicação, que traduz-se perfeitamente pela preposição *a*.

« Ao contrario, a relação de alguma rua para com o bairro onde está situada é uma relação de inclusão e permanencia, que só pôde ser enunciada claramente pela preposição *em*. Portanto a phrase—*na rua de Olinda a Botafogo*—, si não incorre na censura de erro, importa sem contestação uma impropriedade de locução.»

Depois deste debate sobre o uso das preposições *a* e *em* nos dois paizes onde se falla a lingua portugueza, escreve: « Accrescentarei alguns exemplos mais da revolução que, apezar dos classicos e grammaticos, se está operando no portuguez americano.

« Nossos irmãos usam quasi invariavelmente applicar o artigo definido aos nomes proprios, e desde eras remotas, si não me engano, dizem *a Maria, a Josepha, o Manoel*. Nós, brasileiros, eliminamos o artigo nesse caso e com

bôa razão, porque o nome proprio já é de si definido, e não carece daquella particula, que se torna verdadeira redundancia. Só quando a pessoa a quem nos dirigimos não conhece o individuo nomeado, ou póde confundil-o com outro, é que nos servimos do artigo.

« Entre nós um irmão, fallando a sua mãe da irmã, não diz: *A Chiquinha*; mas simplesmente *Chiquinha*.

« Uma dona de casa não pergunta pela criada nestes termos:—*Onde está a Paula*; e sim—*Onde está Paula*? Aos sobrenomes costumamos preceder do artigo, e dizemos—o *Abreu*, o *Lopes*, etc. O mesmo fazemos com certos nomes geographicos—*a França*, *a Italia*, etc.

« Não perdiamos nada, antes ganharíamos em precisão e simplicidade, supprimindo em taes casos a particula superflua e evitando o solecismo.

« Por todo o Imperio, entre o povo como entre a gente culta, é geral o costume de ligar aos nomes de parentesco referentes ao proprio interlocutor o pronome possessivo.

« Não se ouve de labios brazileiros outro modo de alludir a essas pessoas caras que não seja este: — *meu pai*, *minha tia*, *meu filho*, etc. Com esta locução exprimimos o vinculo que prende aquelles entes ao nosso coração, e como que avivamos a posse que temos nelles pela affeição. E' certo que nossos filhos dizem *papai e mamãe*; como já os filhos dos romanos diziam *tata e mamma*. Mas ahi dispensa-se o pronome.

« Esse idiotismo familiar que, si não me engano é de todas as linguas, tem a mesma força do vocativo solemne *pai, mãe!* E' o *pai* e a *mãe* por excellencia, aquelles que nos pertencem e unicos no mundo a quem podemos dirigir a terna apostrophe.

« Nossos irmãos, e acerca deste ponto temos documentos em seus livros, usam outro e mui diverso teor de phrase.

« Quando li o *Cedro Vermelho* do Sr. Gomes de

Amorim e encontrei-me com sua meuna brasileira dando ao tenente-coronel este tratamento — *o tio*, — sorri-me.

« Nas notas do drama citado vi eu que em Portugal não podem tolerar o nosso brazileirismo *sinhá*, e fazem disso chacota, bem como de outras muitas cousas. O mesmo acontecia em Londres com as innovações americanas. — E' aquelle ou não um vocabulo formado de accôrdo com o genio de nossa lingua? Ha nelle algum som que repugne ao systema morphologico do portuguez? Contém qualquer syllaba contraria á euphonia do nosso idioma?

« Nenhum destes vícios lhe descubro, nem se admittem taes denguices em uma lingua que tem *enchô*, *belchô* e *filhó*, de que os brazileiros fizemos *filhoz* para attenuar-lhe a aspereza. Aos nossos ouvidos aquelle termo carinhoso *sinhá* sôa tão harmoniosamente como qualquer dos mais graciosos vocabulos creados para as vivas effusões do affecto. Apparece ahi a terminação cheia e vibrante do *á*; mas justamente esta particularidade phonica o torna mais nosso e mais brazileiro. Está ainda por fazer um estudo muito curioso e de summa importancia para a questão da nacionalidade de nossa litteratura. E' o da influencia que a lingua nativa, o *tupy* ou *guarany*, exerceu e ainda exerce na lingua dos colonisadores do Brazil e seus descendentes.

« Na parte phonologica da lingua portugueza a impressão do *tupy* foi talvez a mais profunda.

« A grande cópia de palavras indigenas que nos ficou em o uso quotidiano, designando logares, frutas, arvores e animaes, devia forçosamente causar sensivel alteração no vocalismo europeu. Os órgãos da pronuncia educaram-se para a terminação aguda das palavras, ao mesmo tempo que o ouvido brazileiro, habituando-se a essa forte e rija explosão da voz, acha sonoro o que a outros talvez pareça aspero.

« Assim, na composição de novos termos não é de estranhar que se manifeste a tendencia incutida pelo elemento

novo. Com a terminação *á* temos, além de *sinhá* e *yayú*, muitas outras palavras brasileiras, como *jacá*, *fubá*, *patiguá*, *patuá*, *acaçá*, *aloá*, *samburá*, *xará*, etc., que o nosso povo formou de raízes tucanas em geral, e algumas de raiz africana; mas todas pelo typo indigena. E podem os portuguezes estranhar essa formação, quando na sua lingua primitiva já não eram raras as palavras com terminação aguda de vogaes pesadas ou resonantes?

« Bem longe de afeiar a nossa lingua, essa prolação em *á* a assemelha ao italiano, onde abundam os vocabulos assim terminados, pois a desinencia latina *etas* ou *itas*, que em portuguez se converteu em *ada*, na Italia permaneceu aguda e apenas com a syncope do *s* final. — *Sinhá* é uma contracção de *senhora*. Concedo que seja um solecismo. De solecismos estão cheias as linguas mais cultas; si o povo os sanciona, passam a chamar-se *idiotismos*; e quando têm o primor da elegancia tornam-se *atticismos*; nem ha outros que usurpem o nome, desde que morreu a Athenas de Pericles. Em francez está admittido o *mam'zelle* popular, que se acha no dictionario de Littré. *Mie* por *amie* no sentido carinhoso ou ironico é de Voltaire e Molière.

« Em inglez diz-se *misses* por *mistress*; e no proprio portuguez de além-mar anda em livros de mestres *vos-sencia* por *vossa excellencia*, barbarismo que espero nunca havemos de adoptar, porque, além do mais, tem um certo ar bleso, que faz suspeitar pevide na lingua.»

Proseguindo nesta ordem de observações, o autor do *Guarany* conclue com os seguintes reparos: « No Brazil, com excepção de S. Paulo, obscurecemos o *e* final a ponto de o transformar em *i*. Os homens de maior illustração pronunciam deste modo—*A cidadi di Rezendi*.

« Tambem o nosso *o* final sôa perfeitamente como *u*: —*Riu di Janeiru*.

« Com estas e outras aberrações phoneticas nos apartamos do typo primitivo da lingua, cujas letras

correspondem a um som preciso e invariavel, salvo as modificações prosodicas.

« Outros desvios, porém, se operam na mesma patria da lingua, onde tambem amortecem o primeiro e dos trisyllabos, a ponto de o converter em *i*, ou apagal-o de todo.

« A portuguezes de muita illustração e correctos no falar tenho ouvido: — *piquena, m'nina*. A tendencia a nasalisar o *gn* creio eu que é geral entre os nossos irmãos. Ao passo que dizemos *magnifico*, ferindo perfeitamente o *n* com o *g*; elles, liquecendo esta ultima letra, pronunciam—*manhifico*.—E' este um estudo para mim de summo interesse e que eu faria de bôa vontade si achasse colligidos os elementos para empregar trabalho sério. »

Limitamo-nos, por agora, a citar as excellentes observações de Alencar, aguardando-nos para estudar mais de perto este assumpto em capitulo subsequente deste trabalho, o qual lhe é directamente consagrado.

CAPITULO IV

Ainda analyse dos escriptores, que trataram de nossa poesia popular

O Sr. Dr. Couto de Magalhães publicou em 1874 um opusculo sob o titulo *Região e raças selvagens do Brazil*. Este trabalho foi reimpresso em 1876, addicionado de mais duas partes: uma contendo um curso de grammatica tupi e outra constante de vinte e tres lendas ou contos indigenas com o original e traducção interlinear. A brochura primitiva foi por nós analysada no folheto *Ethnologia selvagem*, quanto á parte geral e anthropologica. Nada dissemos então sobre as pequenas referencias que o autor

alli fez á nossa poesia popular ; é o que vimos aqui reparar.

O novo livro do Dr. Couto de Magalhães consta de tres partes bem distinctas, como deixamos dito.

A parte grammatical se nos antolha de pequeno alcance scientifico. Depois das grammaticas de Anchieta, Figueira, Montoya, Vicensio e outros, o estudo do nosso indianologo nem veiu preencher uma lacuna, nem agitar problemas novos.

A secção reimpressa, e que trata das origens, costumes e região dos selvagens, tem os defeitos que já uma vez lhe apontámos, e que não foram refutados, apesar de uma promessa solemne do autor. A parte que contém as lendas selvagens é que é preciosissima. Couto de Magalhães é benemerito das lettras por esta secção de seu interessante livro.

Foi o primeiro escriptor brasileiro que colligiu os contos dos selvagens e os publicou em original.

E' inutil encarecer a immensa importancia de taes mythos primitivos, preciosos documentos para a comprehensão das religiões autochtones. Muitos desses contos passaram ás nossas populações christãs, como já dissemos, e vel-o-emos mais de espaço.

Couto de Magalhães é sectario da idéa de Fidel Lopes e Charles Wiener de que a lingua *quichúa* é um idioma indo-germanico, e que a lingua tupy, muito ao envez, nada contém que a assimile ao grupo das linguas aryanas, e póde talvez ser considerada uma lingua turana.

Elle, comtudo, não se decide neste sentido. Estes estudos são ainda hoje muito pouco firmes ; ainda hoje apreciamos a singularidade de um Varnhagen e um Theophilo Braga, affirmando que o tupy é uma lingua turana ; e de um Carlos Henning, um Apollinario Porto Alegre, um Pinheiro Tupinambá asseverando ser ella, ao contrario, um idioma ario.

A questão não está decidida, nem cremos o seja pelo methodo que taes escriptores vão seguindo.

Não é isto para admirar, pois o debate quanto ao quichúa não está tambem resolvido.

E' uma cousa terrivel essa monomania de querer, á viva força de despropositos, descobrir parentescos e filiações no velho mundo para os indigenas da America. Em 1875 clamámos contra semelhante cegueira, e o Dr. Couto de Magalhães, promettendo-nos resposta do alto de sua sciencia, deixou-se ficar calado. Mas a cousa não é tão liquida, como elle talvez supponha. Dando conta da sessão de Luxemburgo do *Congresso Internacional dos Americanistas*, a *Revue Scientifique* de Paris, de 13 de Outubro 1877, traz este pedacinho de ouro, depois de falar de alguns trabalhos sérios alli apparecidos :

« A' côté de ces communications très substantielles, très interessantes, on voit figurer, sur le programme des séances, la mention de mémoires dont le titre seul est regrettable sur l'ordre du jour d'une assemblée sérieuse. Que penser tout d'abord d'un mémoire intitulé: — le *Quichua*, idiome de l'ancien Pérou, est-il une langue aryenne? (!!) Ce mémoire, il est vrai, avait pour but de démolir les *doctrines d'un certain M. Lopez, sur les races aryennes du Pérou*. Mais encore une fois, pourquoi perdre un temps précieux á s'occuper de telles *bellivesées*? Le *savant* redacteur du *Ausland*, M. le baron de Hellwald, un des membres fidèles aux sessions du Congrès des Américanistes, avait appelé *robinsonades* les récites qu'on nous a donnés des prétendus voyages phéniciens dans le pays de l'Atlantide; M. le professeur Blaise avait qualifié de *chinoiseries* les articles qu'on ne cesse de nous communiquer sur les voyages chinois au Mexique huit ou neuf siècles avant la conquête; pourquoi M. Henri, dont l'érudition paraît solide et étendue, s'expose-t-il á voir son travail qualifié de *Donquichotisme*, en faisant pis que de batailler contre des moulins, en suant sang et eau

pour enfoncer des portes ouvertes? Ce genre de communications devait être réservé à un Congrès où *l'on mettrait en discussion le problème de la quadrature du cercle et celui de la langue universelle.* »

Si isto é dito de uma obra refutatoria das idéas do *certain* M. Lopez, que se poderá dizer da theoria do Sr. Barboza Rodrigues, que faz descenderem os tupis dos *normandos*, da do Sr. Varnhagen que os deriva dos habitantes da *velha Caria*, da dos Srs. Porto Alegre e Tupinambá, que os fazem vir dos antigos *Aryas*? *

Nestas materias o melhor é seguir o exemplo do nosso unico americanista de senso e verdadeira illustração, o sabio Baptista Caetano, que estudou o guarany rude e tenazmente, a lingua em si, sem emmaranhar-se em theorias phantasticas de suppostos parentescos.

O Dr. Couto de Magalhães, que aceitou tudo quanto lhe deu a lêr o *certain* M. Lopez, não foi estreme de alguma leviandade.

Não é só aprender mecanicamente uma lingua qualquer, selvagem ou não, á força de repetidas viagens entre os povos que a falam, e, desprezando os thesouros accumulados pela critica europeá, vir espantar o mundo com inesperadas revelações! O tempo das velhas correrias scientificas está passado. Somos hoje um pouco difficeis de maravilhar. Mas vejamos o que o *Selvagem* nos revela sobre nossa poesia popular. O Dr. Couto de Magalhães ahi mostra todos os seus meritos e defeitos. Os meritos cifram-se em haver-nos chamado a attenção sobre as nossas origens tupidicas e em uma certa ingenuidade sertaneja em nos falar das producções anonymas; os

* Vide do 1.º *Os Ensaios de Sciencia*, artigo sobre as antiguidades amazonicas; do 2.º *Origines touranniennes des Tupis-Caribes*; do 3.º artigos sobre a *morphologia guaranítica*, na *Gazeta de Porto Alegre*.

defeitos—estudar pouco os factos, fragmental-os e confundil-os. Concentrado por demais em seu mundo selvagem, teve a cegueira commum a quasi todos os viajantes em paizes desconhecidos : — suppôr novidades verdadeiras velhices.

As suas observações a respeito da nossa poesia popular reduzem-se a ligeiras indicações sobre o character desta e a alguns considerandos sobre as modificações da lingua portugueza no Brazil. Nada diz de nossas origens portuguezas e africanas ; suppõe que quasi tudo nos veio do caboclo. Ouçamol-o por miudo : « Aquelles que estudam esthetica dizem que nas linguas dos povos barbaros, muito mais laonicas e muito menos analyticas do que as dos povos cultos, as imagens succedem-se, supprindo ás vezes um longo raciocinio. A poesia de nossos selvagens é assim : o mais notavel é que o nosso povo, servindo-se aliás do portuguez, modificou a sua poesia tradicional pela dos índios. Aquelles que têm ouvido no interior de nossas provincias essas dansas cantadas, que com os nomes de cateretê, cururú, dansa de minuanos e outras, vieram dos tupys incorporar-se tão intimamente nos habitos nacionaes, notarão que de ordinario parece não haver nexo algum entre os diversos membros de uma quadra.

« Lendo eu uma analyse de cantos arabes, tive occasião de notar a estranha conformidade que havia entre aquelles e a poesia de nosso povo : o critico que os citára dizia :— para nós, que estamos acostumados a seguir o pensamento em seus detalhes, é quasi impossivel perceber o nexo das idéas entre as imagens aparentemente destacadas e desconnexas ; para os povos selvagens, porém, esse nexo revela-se na pobreza de suas linguas, pela energia das impressões daquellas almas virgens, para quem a palavra falada é mais um meio de auxiliar a memoria do que um meio de traduzir impressões.—Appliquei esse principio de critica á nossa poesia popular,

sobretudo aos cantos daquellas populações mestiças, onde as impressões das raças selvagens gravaram-se mais profundamente, e vi que effectivamente, supprindo-se por palavras o nexó que falta ás imagens expressadas por elles em fórmulas laconicas, revela-se um pensamento energico, ás vezes de uma poesia profunda e de inimitavel belleza, apezar do tosco laconismo da phrase.

« Consintam-me que eu analyse debaixo deste ponto de vista tres quadrinhas, uma do Pará, uma de S. Paulo e uma de Mato-Grosso, todas ellas ouvidas entre milhares de outras, quando nas longas viagens nos ranchos de S. Paulo, nas solitarias e desertas praias do Tocantins e do Araguaya, ou nos pantanaes do Paraguay, meus camaradas ou os tripolantes das minhas canôas mitigavam com ellas as saudades das familias ausentes, ou as tristezas daquellas vastas e remotas solidões.» *

Eis ahi tudo quanto o Dr. Couto de Magalhães escreveu sobre nossa poesia popular. As tres quadrinhas de origem tapuia, que elle compara aos cantos arabes e que foi colher nas solidões do interior, são de genuina importação portugueza. Nós as ouvimos e colhemos na costa, em Sergipe, Alagôas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Koseritz as colligiu no Rio Grande do Sul. Não ha quem as não saiba de cór. Eil-as :

« Quanta laranja miúda,
Quanta florinha no chão,
Quanto sangue derramado
Por causa dessa paixão.»

(Pará.)

« Pinheiro, dá-me uma pinha,
Roseira, dá-me um botão ;
Morena, dá-me um abraço,
Que te dou meu coração.

(S. Paulo).

* O *Selvagem*, pag. 79 do 2.º parte.

« O bicho pedio sertão,
O peixe pedio fundura ;
O homem pedio riqueza,
A mulher a formosura. »

(Mato-Grosso.)

Ora, pois ; Couto de Magalhães julgava ter aportado a praias ignotas ; o seu *selvagismo* levou-o a só vêr a côr vermelha de nossas canções. Elle illudiu-se : aquellas quadrinhas, communs a todo o Brazil, são de pura linhagem portugueza.

E' mister que o autor do *Selvagem* nunca tivesse siquer aberto o *Cancioneiro Portuguez* de Theophilo Braga, para escrever tanto palavreado esteril.

No *Cancioneiro*, á pag. 54, lê-se :

« Oh figueira, dá-me um figo,
Oh figo, dá-me um abraço ;
Oh menina, dê-me um beijo,
Que eu lhe darei um abraço. »

A' pag. 60, lê-se :

« O mar pediu a Deus peixes,
Os peixes a Deus altura ;
Os homens a liberdade,
As mulheres formosura. »

Bem vê o leitor que são as duas quadrinhas brasileiras com rapidas differenças.

Quanto á outra, não vem directamente na collecção de Theophilo Braga ; mas o seu estylo é genuinamente portuguez, e no citado *Cancioneiro* encontram-se muitissimas analogas. Os nossos indianistas illudem-se ás vezes facilmente. Quem não se lembra dos casos de Alencar fazendo de *Mecejana*, Martius, de *Jeromenha* e o proprio

Baptista Caetano, de *carapuça*—tres palavras tupys?! Couto de Magalhães exaggerou nossas origens tupidicas, como Celso exaggerára as portuguezas. Prosegue elle : « Não cito estes exemplos como especimens de litteratura popular ; nesse campo eu tenho em meus apontamentos de *viagem* elementos para escrever um livro , trouxe-os para mostrar o como, a par do cruzamento physico, a lingua e a poesia popular soffreram a energica acção do contacto dessa raça ; si me fôra dado entrar na analyse das superstições populares do Brazil, o leitor veria que essa acção do cruzamento revela-se em factos moraes muito mais estensamente, do que a principio parece a nós, que raramente nos dedicamos a observar estas cousas ; porque, como diz um escriptor, quanto mais communs os factos, mais difficeis de observarem-se. » *

O autor tem em geral razão nisto que acaba de allegar ; mas de ordinario excede-se. Não tendo estudado nossas origens portuguezas, e menos ainda as africanas, tendo estudado sómente as tupidicas, é levado a attribuir a estas muitos factos que lhes são estranhos.

Tratando das alterações que vae soffrendo o portuguez no Brazil, Couto de Magalhães faz as seguintes judiciosas considerações que devem ser citadas integralmente : « Uma serie de factos curiosos existem por estudar, a proposito das modificações que soffre uma lingua posta em contacto com outra.

« Ha um verdadeiro cruzamento, tal qual ha em uma raça posta em cotacto com outra, e esse cruzamento da lingua é tão inevitavel, no caso da justaposição de duas raças, quanto é inevitavel, nessa mesma circumstancia, o cruzamento do sangue.

« E' por elle que as linguas soffrem as maiores transformações. O portuguez do Brazil está irremediavelmente modificado pelo tupy ; e, ao passo que os annos se fôrem

accumulando, essa modificação ha de cada vez ser mais sensível, porque os germens modificativos são, por assim dizer, dotados de força propria e continuam a operar muito depois do desaparecimento da causa que, para nos servirmos de uma expressão physica, os infiltrou no organismo da lingua, que sobrevive. O mesmo dá-se no hespanhol do Rio da Prata, e presumo que se dará no Perú, nas outras colonias hespanholas, onde os cruzamentos europeus e indigenas se operam em grande escala. O operario inconsciente desta transformação é o povo illitterato. Os primeiros productos destes cruzamentos de linguas são grosseiros; distinguem-se facilmente os elementos heterogeneos que entraram na composição. O mesmo dá-se com o cruzamento do sangue. Pouco a pouco, porém, os elementos se confundem; seus signaes caracteristicos desaparecem exactamente para dar lugar a um producto homogeneo que não sendo exactamente nenhum dos dous que entraram na composição, participa da natureza de ambos. A cançoneta, que fica acima publicada, * é um exemplo de um desses productos, onde já é quasi imperceptivel o cruzamento. Toda ella está em bom guarany moderno. No entretanto a rima e o metro são hespanhoes. Eu tenho colligido no Brazil numerosas cançonetas populares onde se nota esse cruzamento. Ora, ha nellas a mistura primitiva e grosseira, isto é: as duas linguas entram na composição, com seus vocabulos puros, sem que estes soffram modificação; um especimen curioso deste primeiro cruzamento é a seguinte quadra que ouvi muitas vezes cantada pelo povo do Pará:

Te mandei um passarinho,
Patuá miri pupé
Pintadinho de amarello,
Iporãnga ne iaué.

* O autor refere-se a uns versos guaranys, que vêm no seu livro e que não citamos aqui, por não aproveitarem ao assumpto.

« Quer dizer : *Mandei-te um passarinho, dentro de uma caixa pequena, pintadinho de amarello, e tão formoso como você.* Compreende-se bem que cançonetas assim em duas linguas simultaneas pertencem ao periodo em que ellas eram igualmente populares. Pertencem, pois, ao primeiro, ao da justaposição e do igual predominio das duas raças. Pouco a pouco nma lingua predomina, e só ficam da outra, algumas palavras que ou não têm correspondente na lingua que tende a absorver a outra, ou são mais snaves para o systema auditivo da raça que vai sobrevivendo. Como specimen deste segundo periodo citaremos a seguinte quadra popular do Amazonas :

Vamos dar a despedida,
Mandú sarará
Como deu o passarinho ;
Mandú sarará
Bateu aza, foi-se embora ;
Mandú sarará
Deixou a penna no ninho,
Mandú sarará

« Finalmente, os vocabulos da lingua absorvida desaparecem na lingua absorvente, para não ficarem outros vestigios della, sinão o estylo, as comparações, algumas fórmãs grammaticaes e algumas alterações de sons. São neste ultimo periodo as tres quadras que eu citei atrás, quando notei o facto de introducção de vocabulos e fórmãs tupis no portuguez do Brazil.* Citarei, como pertencendo a este periodo, as duas seguintes quadras, que ouvi em Juro-Preto, em 1861, as quaes me parece que encerram o mesmo systema de imagens da que fica impressa acima, apenas em um periodo mais adiantado de cruzamento :

* O autor refere-se ás tres quadrinhas que citamos e provámos serem portuguezas.

Vamos dar a despedida,
Como den a pintasilva ;
Adeus, coração de prata,
Perdição da minha vida !

Vamos dar a despedida,
Como deu a saracura ;
Foi andando, foi dizendo :
— Mal de amores não tem cura. (1)

« Notam-se ainda hoje no Brazil estes tres periodos de cruzamento linguistico.

« Nas provincias, em que a população christã ainda está em contacto como a população tupy, encontram-se versos compostos simultaneamente nas duas linguas : é o caso das provincias do Amazonas, Pará e Maranhão. Nas outras, especialmente nas de S. Paulo, Minas, Paraná e Rio-Grande, ha uma verdadeira litteratura popular, um sem numero de canções no genero das ultimas.

« A musica, essa quasi não soffreu alteração. O paulista, o mineiro, o rio-grandense de hoje, cantam nas toadás em que cantavam os selvagens de ha 500 annos atrás, e em que ainda hoje cantam os que vagam pelas campinas do interior. » (2)

Estas ponderações são exactas ; não é só porém, nas provincias que o autor viajou que o facto se repete ; em todas as outras é elle uma realidade. Não é só, e isto escapou ao Dr. Couto de Magalhães e a todos os indianistas exaggerados, não é só o tupy que vai transformando a lingua portugueza ; são tambem muitos idiomas africanos fallados no Brazil ha mais de tres seculos.

Eu colligi tambem provas disso, não só em uma multidão de termos africanos que nos passaram para a

(1) Neste gosto colhemos algumas quadrinhas em Sergipe e no Rio de Janeiro.—A impressão ahi é quasi toda portugueza.

(2) *O Selvagem*, pag. 142 e seguintes.

lingua popular, como em canções em que ainda uma lingua africana é empregada ao lado do portuguez. Ex.:—

« Você gosta de mim?!
Eu gosto de você...
Si papai consentir,
 Oh! meu bem,
Eu caso com você...
Alê, alê, calunga,
Mussunga, mussunga ê.

Si me dá de vestir,
Si me dá de comer,
Si me paga a caza,
 Oh! meu bem,
Vou morar com você...
Alê, alê, calunga,
Mussunga, mussunga ê. »

Nas duas estrophes o estylo, a intuição, as idéas são de inspiração africana, e o ritornello é evidentemente estropiação de termos da Africa. A seu tempo indicarse-hão diversos factos comprobatorios da influencia dos negros em nossos usos, canções, contos populares, lingua e no mais.

Vejamos ainda o que diz o autor do *Selvagem* sobre as alterações do portuguez-brazileiro.

Elle sustenta, como vimos, que a lingua portugueza foi cruzada pelo tupy e diz que temos nada menos de mil substantivos tupys aportuguezados nos nomes de animaes, plantas, logares, etc. Passando aos verbos, declara que o professor americano Carlos Fr. Hartt enganou-se quando disse que em portuguez só tinhamos um verbo de raiz tipica: — *moquear*; — temos muitos mais. « Citarei, diz Couto de Magalhães, entre outros, os seguintes: *espocar* (Pará), por arrenbentar abrindo; *petequear* (Minas,

S. Paulo), por jogar; *entocar* (em todo o Brazil), por metter-se em buraco, ou figuradamente, por encolher-se, fugir á responsabilidade; *gapinar* (Pará, Maranhão), por apanhar peixe; *cutucar* (geral) por tocar com a ponta; *espiar* (geral), por observar; *popocar* (Pará, Maranhão) por abrir arrebetando; *pererecar* (geral), por cahir e revirar; *entejucar*, por embarrear; *encangar*, por metter os bois no jugo; *apinchar*, por lançar, arremessar; *capinar*, por limpar matto; *embiocar*, por entrar no buraco; *bobuiar*, por fluctuar; *cattingar* por exhalar máu cheiro; *tocaiar*, por esperar, etc. » *

Ainda aqui vão alguns exageros de Couto de Magalhães:—*espiar* nunca teve raiz tupy; é genuinamente portuguez, e temos *spicio* no latim, *spioniren* em allemão, *épiér*, em francez: é termo de raiz aryana, como aliás, já foi ponderado ao autor pelo Dr. Gustavo Dodt.

Canga e *encangar* são velhos termos portuguezes: *Toca*, donde vem *entocar*, me parece ser uma alteração de *loca*, *Loch* em allemão, e entrar dest'arte no vocabulario portuguez, sem auxilio do tupy. Quanto, pois, aos tres verbos: *espiar*, *encangar* ou *cangar* e *entocar*, é de suppôr que o autor do *Selvagem* se tenha enganado. Quanto a *cattingar*, Dodt e Macedo Soares o fazem africano; Apollinario Porto-Alegre, Baptista Caetano e Beaurepaire Rohan o fazem, como o nosso autor, vocabulo de raiz tupica.

Sobre os grandes problemas do character e origens de nossa poesia popular, e sobre as alterações de nossa lingua, é quanto se nos depara no interessante livro—*O Selvagem*.

Ha alli, porém, umas paginas inestimaveis, que são aquellas em que o autor, como exercicios grammaticaes, traz os textos de vinte e tres lendas selvagens. O Dr. Couto de Magalhães tem pouco methodo em seus escriptos;

1 Ibid. pags. 76 e 77.

mistura e embrulha as materias muitas vezes. No seu livro ha assumpto para tres obras differentes : o curso de grammatica ; as observações ethnologicas sobre os indios; e a collecção de contos e mythos selvagens. O autor faria melhor em tratar com todo desenvolvimento tão diversos problemas e dar-nos tres livros em separado. As vinte e tres lendas colhidas por Couto de Magalhães, e de que nos deu o original e a traducção, vem a ser : *Como a noite appareceu* ; *o jabuty e a anta* ; *o jabuty e a onça* ; *o jabuty e o veado* ; *o jabuty e os macacos* ; *o jabuty e ainda a onça* ; *o jabuty e outra onça* ; *o jabuty e a raposa* ; *o jabuty e ainda a raposa* ; *o jabuty e o homem* ; *o jabuty e o gigante* ; *o veado e a onça* ; *a moça que vai procurar marido* ; *a raposa e a onça* ; *a raposa e o homem* ; *ainda a raposa e a onça* ; *a onça e os cupins* ; *a onça e o caminho da raposa* : mais tres sobre *a raposa e a onça* ; *casamento da filha da raposa* ; *a velha gulosa*. Taes contos passaram quasi todos para as nossas populações christãs ; existem entrelaçados aos contos de origem portugueza e de origem africana, que correm de boca em boca entre as nossas populações do interior. Estes contos sustentam tambam a grande *luta pela vida* e soffrem adaptações aos meios.

E' assim que o conto que Couto de Magalhães nos dá da *onça e o veado*, que vão fazer uma casa, nós o colligimos em Sergipe, na cidade do Lagarto, com algumas alterações, e, entre outras, a mudança de um dos personagens : o *veado* foi substituido pelo *bode*.

O povo mudou o symbolo da destreza indiana, o *veado*, por um animal mais seu conhecido :—o *bode*. Assim se vae operando por uma raça a assimilação dos contos de outra. E' o que se dá na lingua e em tudo mais.

Passemos a outro.

O Sr. José Antonio de Freitas, moço brasileiro residente em Lisbôa, onde fez os seus estudos, publicou em 1877 um pequeno volume sob o titulo *O lyrismo brasileiro*, onde escreveu algumas paginas sobre nossa poesia popular.

Elle foi discipulo de Theophilo Braga no Curso Superior de Lettras, e declara expressamente que as *doctrinas do mestre lhe serviram de valioso subsidio na direcção de seus estudos litterarios*. *

Pelo que se lê de Theophilo Braga sobre o lyrismo brasileiro, no seu *Manual de Historia da Litteratura Portugueza* e no seu *Parnaso Portuguez Moderno*, vê-se que o Sr. Freitas repete fialmente as lições do professor de Lisbôa.

A sua obra tem, pois, os meritos e os enormes defeitos dos escriptos de Theophilo Braga.

Os meritos vêm a ser, no livro de Freitas, convidar-nos ao estudo dos elementos ethnicos do nosso povo, ao estudo das tradições, e mostrar, a essa luz, a persistencia do velho lyrismo portuguez no Brazil e a superioridade deste transformado ao contacto da vida americana.

O livro nos falla de tudo isto, rapidamente, é certo, porém com algum vigor e enthusiasmo. Admira até como o trabalho de nosso compatriota permanece ainda hoje desconhecido de nossos litteratos, que não lêm, ao que parece, os livros nacionaes, e muito menos os que se occupam de assumptos patrios.

O lado defeituoso da obra de Freitas parece-nos ser a sua falsa doutrina do *turanismo*, que para elle, como para Braga, é duplo: isto é, influiu em Portugal pelos Iberos, e no Brazil pelos Tupys, de fôrma que o lyrismo popular portuguez é de origem *turana*, e recrudescceu na America, recebendo ahi novo sangue *turano* das veias tipicas! Já sabiamos que as civilizações aryanas e semiticas foram precedidas por outras civilizações de povos de origens diversas, que a ethnographia e a linguistica consideram uma impossibilidade reunir num só grupo.

* *Lyrismo Brasileiro*, pag. 80.

Max Müller, e depois d'elle Lenormant, é que se esforçaram por os grupar num todo, theoria que não fez caminho na sciencia. Como reunir numa mesma familia chinezes, malaios, polynesios, africanos, americanos, uralo-altaicos, dravidianos?... Dado que a importante familia uralo-altaica seja realmente a inventora dos metaes e a precursora das civilizações aryanas e semiticas, é um facto isolado, que nada tem que vêr com povos de todo diversos, como os indios do Brazil, que nem conheceram o uso dos metaes, nem tinham civilização alguma !...

« Mas os Tamoyos, diz o Sr. Freitas, eram uns grandes cantores e poetas... » Póde ser que o fôsem ; mas que importa isso ?

Porventura, além do privilegio da metallurgia, querem mais agora o privilegio do lyrismo e do canto em prol de uma só raça ?

Todos os homens, em todos os tempos e climas, poetaram e cantaram; como a linguagem, como a vida mesma, não é isso um privilegio de turanos.

Supposto, porém, que todas as nações da terra, excepto os Aryás e os Semitas, sejam a grande familia *turana*, ahí comprehendidos os indios do Brazil, ainda assim o livro do nosso autor é lacunosissimo sobre as nossas origens, porquanto elle nada diz das nossas populações negras, as que mais cruzaram com os brancos, e não mostra o que devemos aos indios e o que devemos aos europeus. Freitas divaga bellamente sobre arte e poesia em geral, escreve umas velharias sobre Camões e não esclarece o seu problema capital. Além de tudo, elle labora n'uma contradicção intrinseca que mina e corroe todo o seu trabalho. A sua these principal é que em nossa vida actual predomina o elemento europeu. Para proval-o faz um parallelo entre a colonização dos hespanhóes e a dos portuguezes na America, e diz que, havendo aquelles encontrado civilizações já feitas, como as do Mexico e Perú, não as puderam domar de todo, e para logo o genio dos conquistados

reagio e predominou. No Brazil diversas foram as cousas, — e « Portugal encontrando diante de si tribus completamente selvagens, é claro que não tinha a receber dellas nenhum principio, nenhuma idéa, nenhum elemento de progresso. »*

Freitas acerta em dizer que o elemento indigena predomina no Mexico e no Perú; o facto é real, a explicação é que não é aceitavel.

Não é propriamente porque aquelles estados fôsssem civilizados e os hespanhões não os pudessem domar de todo — que se dá hoje alli o predominio indigena; esse predominio existe tambem no Paraguay, no Equador, em Nova-Granada, em Venezuela, em toda America hespanhola, excepto no Chile, no Estado Oriental, na Republica Argentina, e taes regiões não eram civilizadas, como o não era o Brazil. A razão do phenomeno é que em taes paizes o cruzamento foi só do hespanhol com o indio, prevalecendo este naturalmente, por ser em maior numero do que os colonos.

No Brazil appareceu, porém, um terceiro factor, muito mais docil ao trabalho colonial do que o indio, muito mais assimilavel e mais prolifico : o negro.

Eis porque aqui são em maior vulto os mestiços de branco e negro, e na America hespanhola os mestiços de branco e caboclo. O Sr. Freitas fallou-nos de brancos e indios; e sobre a maioria da população do paiz, que são negros e pardos, nem uma palavra escreveu.

Mas, não é esta a sua contradicção fundamental. Já vimos que elle disse que do contacto dos turanos brazileiros, os indios, não nos podia vir uma idéa, um principio de progresso.

Tal quando descarregava sobre os portuguezes todas as vantagens dentre nós. A's pag. 73 e seguintes, quando começa o idyllio em prol do turanismo, muda de

* Obr. cit. pag. 30.

clave, e, principiando pelos Iberos, chega aos indios do Brazil, e brada :

« O selvagem do Brazil pertence á grande raça turaniana dispersa pelo globo desde que outras raças mais vigorosas e progressivas, como a semitica e a aryaná, assignaram o seu logar na evolução historica. Estas ultimas, em toda parte encontraram o elemento turaniano, apropriaram-se de seus progressos metallurgicos e constituiram as estupendas civilizações do Egypto, da Chaldéa, da Media e dos Ariás da Europa. » (1)

Alli—o *turano* do Brazil nada podia fornecer de util, aqui os *turanos* do velho continente muito produziram e foram grandes factores das mais illustres civilizações !!

Si não vae ahi uma contradicção, não sabemos onde deparal-a. Ora o autor nada concede aos tupys, ora lhes dá com Varnhagen muitos dos requisitos da civilização e dos costumes egypcios e carios! Nós cremos que nisto vae engano; os indios do Brazil nem produziram tão pouco, como n'um logar nos diz o Sr. Freitas, nem tanto como o insinua depois. Justamente o facto de haverem os *turanos* do velho mundo chegado a um alto gráo de cultura, que nunca alcançaram no paiz os nossos indios, é uma das razões por que os não devemos suppôr a todos membros da mesma raça, si é que houve, ao certo, uma *raça turana*. (2)

Vejamós porém mais de perto o que diz o *Lyrismo brasileiro* sobre a nossa poesia popular.

Tres foram os agentes, segundo o nosso auctor, da educação e tradições brasileiras.

« As colonias eram geralmente constituidas por familias senhoriaes, por clientes das classes agricolas e ainda por um terceiro elemento - o jesuita.

(1) Pag. 75.

(2) Sobre este ponto veja-se a nossa *Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, epilogo, e tambem a nossa *Ethnographia Brasileira*, e o nosso opusculo *Uma Esperteza!*...

« Mas as familias senhoriaes pertenciam a uma aristocracia pouco instruida, como se póde vêr dos regulamentos d'el-rei D. Manoel, que obrigavam os filhos dos nobres a aprenderem a lêr, e das sentidas queixas de Camões, quando nos *Luziadas* falla de sua triste philautia. Por conseguinte este elemento em nada podia concorrer para a cultura litteraria. Os jesuitas, votando-se completamente aos cuidados da catechese e da propaganda, só empregavam as composições litterarias como meio indirecto de fazer convergir as attenções para a doutrina; o que se prova pela reproducção de alguns *autos dramaticos* da escola de Gil Vicente, como o do *Rico aventureiro* e *Lazaro pobre*, o *Dialogo pastoril* e o *Dialogo da Ave Maria*.

« Resta-nos estudar a classe popular, sem duvida a mais importante, porque foi ella que manteve e conservou inconscientemente o *espírito tradicional*, *causa de toda a inspiração* e de todo o esplendor do lyrismo brasileiro. As condições em que o colono portuguez entrou no Brazil eram de todo ponto differentes das em que se achava quando povoou as ilhas da Madeira e dos Açores. Carecia das qualidades, que alimentaram e desenvolveram a corrente da inspiração popular naquellas ilhas. Nem causará extranheza o facto, que deixamos apontado, si nos lembrarmos de que as tradições poeticas, ainda não atrophadas no seculo XV pela intolerancia religiosa, rivalisavam em fecundidade e brilho com as do povo hespanhol, conservando-se as riquissimas *Aravias*, até hoje vivas na memoria popular dos Açores e da Madeira.

« No seculo XVI o horizonte apresenta-se carregado, o céu portuguez cobre-se com as espessas nuvens do obscurantismo, que preparava os povos e os conduzia á terrivel catastrophe da perda da nacionalidade.

« A sangrenta carnificina de Lisbôa no anno de 1506 era como que o primeiro annuncio deste infausto acontecimento.

« O povo começou de ser afastado de suas tradições com a prohibição das cantigas devotas e dos romances ao divino.

« Gil Vicente tem sido grande numero de vezes citado como testemunha desta mudez imposta.

« E' uma comprovação na realidade curiosa observar como na colonia do Brazil se manifesta nma ausencia quasi completa dos cantos heroicos, que o povo designava com o titulo de *Aravias* e os eruditos com o de *Romances*. » (1)

Neste ponto o Sr. Freitas faz-nos a honra de citar umas palavras nossas publicadas no opusculo *Ethnologia Selvagem* e que terminam assim : « *Procurae, portanto, uma poesia popular brasileira que mereça este nome, e cor-rereis atraz do absurdo.* » O autor acceta esta conclusão quanto aos cantos de character epico, e abre excepção para os de character lyrico.

São estas as suas palavras : « Isto, porém, que com verdade se affirma dos cantos de character epico, por nenhuma fórma se torna extensivo aos cantos lyricos.

« Muito ao revez disso, a influencia de uma poesia lyrica, tradicional portugueza, que tão evidente se manifesta nos Cancioneiros provençaes dos seculos XIII e XIV, sobretudo na fórma das *Serranilhas* e dos *Cantos de Ledino*, ainda era tão vigorosa no seculo XVI, que imprimia feição ás Canções, que Gil Vicente intercallava nos seus autos, e bem assim ás Redondilhas de Camões e de Sá de Miranda. » (2)

Já dissemos no principio deste estudo que fômos um pouco exagerado naquellas palavras que o Sr. Freitas transcreveu.

Mas parece-nos que o digno autor do *Lyrismo Brasileiro* não nos comprehendeu cabalmente.

(1) Pag. 45.

(2) Pag. 46.

Não queríamos negar a existencia de cantos epicos e lyricos no paiz e nem o poderíamos jamais fazer, nós que naquelle tempo já tínhamos colhido uma bôa porção delles. O que negavamos era o seu character *nacional, brasileiro, novo, original*.

Esta opinião a modificamos depois, como dissemos ao começar este livro.

Aqui devemos tornar bem saliente o nosso ponto de vista sobre a poesia popular e a litteratura brasileira, e quanto elle dista da doutrina do Sr. Freitas, que é a mesma do Sr. Theophilo Braga. A opinião destes é que nossa poesia popular e lyrica em geral dos seculos XVII, XVIII e XIX é superior á portugueza, porque lá no reino as *tradições* foram abafadas e esquecidas, ao passo que no Brazil aquellas mesmas *tradições portuguezas* conservaram-se e vieram a influir na organização dos poetas. Este modo de pensar é ainda uma fórmula nova e indirecta de realçar o factor portuguez entre nós.

Não podendo, por outro lado, aquelles autores negar a acção do indio, buscaram um meio de irmanal-o ao portuguez, de *aportuguezal-o*, si nos permittem a expressão. Este meio foi considerar o fundo da população da península como *turana* e, dest'arte, aparental-a com o *indio*, declarando-o tambem *turano*. E' ainda um modo peculiar de tudo attribuir ao europeu entre nós. Pensamos de modo diverso : é certo que o lyrismo europeu passou á America ; é certo ainda que esse lyrismo tornou-se depois mais vivace aqui do que na velha patria ; não porque as tradições portuguezas rejuvenescessem aqui ; não porque os suppostos turanos da Europa encontrassem novo apoio nos pretendidos irmãos de raça neste continente ; sim porque o velho e extenuado elemento luzitano foi mettido n'um cadinho com tres outros elementos, e foram formando todos uma criação nova.

Os tres elementos são : o indio, o negro e a acção

mesologica ; a estes juntou-se o portuguez. Necessariamente appareceria uma poesia mais exuberante do que o velho lyrismo luzitano. E' esta a explicação natural dos factos. O estudo de nossa poesia popular ha de ser feito sem preoccupações, á luz da acção do meio e do influxo das tres raças, que formaram a população, ou elle sairá pêco e sem resultado serio. Celso e Freitas exaggeraram as origens portuguezas ; Couto e Alencar as indianas com exclusão das primeiras !

Ninguem se lembrou de um dos nossos principaes elementos politicos, sociaes e economicos : o *negro*, e seu parente o *mestiço* . . . Nós fômos os primeiros a clamar contra essa lacuna e essa injustiça, apesar de não sermos suspeito, pois somos filho directo de portuguezes. Entendemos que uma comprehensão larga de nossas origens ethnicas e das modificações que ellas vão soffrendo no meio americano é que nos ha de fornecer a base para a intuição real de nossa historia e de nossa litteratura. A esses elementos deve-se juntar um outro : a influencia estrangeira. Nem todos os criticos estão talvez de accôrdo neste principio ; e nas applicações são lacunosos ! Quanto ao Sr. Freitas, não conhece a poesia popular brazileira ; vive ha muitos annos fóra do paiz e não pôde fazer estudos no original. Limita-se o seu conhecimento a umas rapidissimas iudicações que leu no prefacio que o Sr. J. A. Ferreira da Costa pôz ás poesias de Natividade Saldanha, no *Florilegio da poesia brazileira* de Varnhagen, na *Noticia sobre Matto-Grosso* de J. Ferreira Moutinho, e no *Selvagem* de Couto de Magalhães. Ora, possuímos e lêmos estes livros ; elles são insufficientissimos para a comprehensão de nossa poesia popular.

As citações de Freitas se reduzem ás quadrinhas que taes autores publicaram. Dal-as-emos aqui para inteirar o leitor. De Varnhagen fallou na *modinha*—*Bangê, que será de ti !*, que nem um nem outro dá por estenso, e tambem nos versinhos :

« Vem cá, Vitú!, Vem cá, Vitú!
— Não vou lá, não vou lá, não vou!
« Qu'ê d'elle, o teu camarada?
— Agua do monte o levou!
« Não foi agua, não foi nada;
. Foi cachaça que o matou. »

Fallou tambem na modinha paulista :

« Mandei fazer um balaio
Para botar algodão... »

de que só refere estes dous versos, citados no *Florilegio*.

De J. Ferreira Moutinho transcreveu os seguintes fragmentos :

« Em cima daquelle morro,
Siá dona,
Tem um pé de jatobá;
Não ha nada mais pió,
Ai, Siá dona,
Do que um home se casá! »

Eu passei o Parnahyba
Navegando n'uma barça;
Os peccados vêm da saia,
Mas não pôde vir da carça. »

« Dizem que a muyé é farça,
Tão farça como papé;
Mas quem matou Jesus-Christo,
Foi home, não foi muyé. »

De colheita propria Freitas só traz estes conhecidos versinhos :

« Cajueiro pequenino
Carregado de fulô,
Eu tambem sou pequenino
Carregado de amô. »

e mais estes :

« Você já vio,
P'ra acabá de querê,
Trabaiá o feio
Pr'o bonito comê
Até morrê. »

Estes factos provam, como pondera o autor, a tendencia de nosso povo para eliminar as fórmãs finaes das palavras.

Antes de despedirmo-nos do Sr. José Antonio de Freitas é mister dizermos algumas palavras de seu mestre o Sr. Theophilo Braga.

Este escriptor, de envolta com algumas idéas mais ou menos aceitaveis, que se nos deparam em seus trabalhos, traz outras que mostram o cunho da precipitação. Já não fallamos de sua velha metaphysica esthetica, hoje por elle proprio abandonada, de seu romantismo transformado em vista do futuro, que tomou a Schlegel, de seu *mozarabismo* e forçadas características do povo portuguez, que fez por imitação a Michelet e Taine; tratamos de seu recentissimo *uranismo* portuguez e brasileiro, aprendido do cotholico Lenormant.*

O Sr. Braga diz-nos que á luz do criterio ethnico é que deve ser estudada a litteratura brazileira. Sem duvida; mas, para isto, e por causa disto, é que não devemos prestar ouvidos ás theorias phantásiosas. Ao escriptor portuguez se applica o que dissemos de seu discipulo. Elle, é certo, laborou sobre melhores documentos; em seu *Parناسo Portuguez Moderno* traz algumas peças populares brazileiras, de que transcrevemos tres do Ceará; porque não as encontramos na tradição:

* Vide— *Uma Esperteza !... ou os Cantos e Contos Populares do Brazil e o Sr. Theophilo Braga*; Rio de Janeiro— 1887.

CHACARA DE FLORES-BELLA

(CEARÁ)

—Mouro, si fores ás guerras,
Trazei-me uma captiva !
Que não seja das mais nobres,
Nem tambem de villa minha;
Seja das escolhidas
Que em Castelhana havia.—

Saíu o Conde Flôres
Fazer essa romaria:
A Condessa como nobre
Foi em sua companhia.
Matam o Conde Flôres,
Captivaram Lixandria,
E trouxeram de presente
A' rainha de Turquia.

« Vem cá, vem cá, minha moura,
Aqui está vossa captiva ;
— Já vou entregar as chaves,
As chaves da minha cozinha,—
« Entregae, entregae, senhora,
Que a desgraça foi minha ;
Ainda hontem ser senhora,
Hoje escrava da cozinha.»

Ao cabo de cinco mezes
Tiveram os filhos n'um dia :
A moura teve um filho,
A captiva uma filha.

Levantou-se a moura
Com tres dias de parida,
Foi á cama da escrava:
— Como estaes, escrava minha ?
« Como hei de estar, senhora ?
Sempre na vossa cozinha . »

Foi olhando para a criança,
Foi achando muito linda:
— Si estivesse em tua terra
Que nome tu botarias ?
« Botaria Flores-Bella,
Como uma mana que tinha,
Que os mouros carregaram,
Sendo ella pequenina . »

— Si tu a visses hoje
Tu a conhecerias ?
« Pelo signal que tinha
Só assim a conhecia !
— Que tinha um lirio roxo
Que todo peito cobria ! —
« Pelo signal que me daes,
Bem parece mana minha . »

— Vem cá, vem cá minha moura,
Que te diz tua captiva ? —
« Eu já estou bem agastada,
E já me vou anojar.
Tu mandaste lá buscar,
O teu cunhado matar . »
— Si eu matei meu cunhado.
Outro melhor te hei de dar .
Farei tua irmã senhora
Da minha monarchia !—

« Eu não quero ser senhora
Da tua monarchia,
Quero ir para a minha terra
Onde eu assistia. »

— Apromptae, apromptae a não,
Mais depressa em demasia,
Para levar Lixandria,
Ella e sua filhinha. —
« Adeus, adeus Flores-Bella!
—Vae-te embora Lixandria.
E dae lá muitas lembranças
A nossa parentaria.
Que eu fico como moura
Entre tanta mouraria. —

CHULA A TRES VOZES

(Ceará)

Lá nos campos de Cendrêa
Meu corpo vi maltratado!
Tudo isto experimentei
Só por ser seu bem amado.

Vem aos meus braços,
Meu bem amado,
Vem consolar
Um desgraçado.

Si eu não te quero bem
Deus do céu me não escute ;
As estrellas me não vejam,
A terra me não sepulte.

Vem aos meus braços,
Meu bem amado,
Vem consolar
Um desgraçado.

Naquelle primeiro amor
Que no mundo teve a gente,
O amor cravado n'alma
E' lembrado eternamente.

Vem aos meus braços,
Meu bem amado,
Vem consolar
Um desgraçado

SARABANDA

(Ceará)

Aqui estou, minha senhora,
Com dôr no meu coração,
Bem contra minha vontade
Fazer-lhe esta citação.

« Também tenho a minha casa
Mui da minha estimação ;
Tudo darei á penhora,
Porém as cadeiras não.

« Também tenho minha cama
Coberta de camellão,
A barra de setim nobre,
O forro de camellão ;
Tudo darei á penhora,
Porém as cadeiras não.

« Também tenho cinco escravos,
Tres negros e dous mulatos
Mui da minha estimação,
Tudo darei á penhora,
Porém as cadeiras não.

« Venha cá, minha senhora,
Deixe-se de tantas besteiras,
Que no mundo não falta ourives
Que lhe faça outras *cadeiras.*»

São estas as tres peças populares que reproduzimos de Th. Braga; as demais que elle publicou, encontramos na tradição, as colligimos, e publicámos nos *Cantos Populares do Brazil.*

CAPITULO V

*Ainda analyse dos escriptores, que trataram de nossa
poesia popular*

Ao ultimar os capitulos deste livro, que se referem aos autores que se occuparam com a nossa poesia popular não podemos calar o nome do distincto escriptor allemão-brazileiro Carlos de Koseritz, o illustre jornalista que tem posto a sua provincia em contacto com as grandes idéas do tempo. De facto, as principaes questões de nossa época, scientificas, philosophicas, litterarias, economicas, religiosas, politicas, todas têm sido discutidas em Porto-Alegre por este infatigavel trabalhador, digno amigo de Häckel, e, como elle, estrenuo sectario do monismo scientifico, e entusiasta de todas as idéas generosas.

Ao passo que nas demais provincias o impulso. que

tentamos dar nas paginas da *Revista Brasileira* ao estudo de nossas creações anonymas, permaneceu e permaneceu até agora esteril, sinão desdenhado, no Rio-Grande do Sul Koseritz atirou-se á faina e por si, e por intermedio de amigos, colligiu e publicou uma bôa porção de producções populares, analysando-as em bons artigos. E esse homem não tem o menor interesse directo nesses assumptos; nem ao menos a sympathia de raça; não é filho deste paiz, para cuja emancipação intellectual, entretanto, ninguem tem mais trabalho do que elle! A collecção de Koseritz foi a primeira amostra de nossa poesia popular que pôde ser apreciada na Allemanha, a terra classica destes estudos. Foi bastante festejada, e muitas de nossas *quadrinhas* soltas alli traduzidas. A idéa de sua collecção foi um rasgo de elevada fineza para comnosco, fineza de litterato, digna delle e immerecida por nós. *

Nos *Contos Populares do Brazil* foi posta em lugar adequado a contribuição do distincto escriptor.

E'-nos impossivel cital-a aqui onde sómente poderemos lêr algumas palavras da apreciação do autor. Koseritz estudou o Rio-Grande do Sul. « O povo rio-grandense não tem romances nem xacaras, como o portuguez. Nossa poesia popular é de versos faceis, que vulgarmente se chamam *quadrinhas*, e que, filhos do improvisado, foram transmittidos de bocca em bocca, tornando-se propriedade de todos. Os velhos romances portuguezes que os primeiros povoadores da provincia trouxeram da mãe-patria desapareceram d'aqui; só a *Não Catherineta* conserva-se ainda na memoria de nosso povo, embora mutilada. Em compensação, porém, encontramos em nossas *quadrinhas* frequentes reminiscencias de romances portuguezes. « A seguinte *quadrinha* por exemplo :

* Por carta declarou-nos que fizera a sua colheita para nos enviar. O seu trabalho sahio á luz na *Gazeta de Porto-Alegre*.

« Mandae-me a cabeça della
N'uma salva da bacía,
Não mandae outra por ella,
Que muito a conhecia.

não é mais do que o corrupção d'um trecho do romance do conde Alberto (conde Alves ou conde Alarcos), em cuja versão do Porto lê-se :

» Mata, mata, conde Alberto,
Antes de uma Ave-Maria ;
Me traz a sua cabeça
Nesta dourada bacía.

« Na versão de Vianna do Castello lê-se :

« Mata, mata, mata, conde,
Antes que eu te tire a vida,
Deita o rosto aqui nesta bacía !

« Na variante de Beira-baixa lê-se :

« Mata, mata, conde Alves,
Não me tomes demasia,
A cabeça me ha de vir
Nesta dourada bacía,
Não m'a troques lá por outra,
Que eu bem a conhecia.

« Bem se vê, pois, que aquella quadrinha, que inconscientemente é cantada em nossa campanha e que parece não ter senso, não é mais do que uma recordação do romance portuguez do conde Alberto :

« O mesmo se dá com a quadrinha :

« Ah ! Jesus, tocou o sino,
Ah ! Jesus, quem morreria !
Se foi a filha do rei
Com tanta soberbia.

« A versão do Porto diz :

« Tocam sinos em palacio,
Ai ! Jesus, quem morreria ?
Morreu a filha do rei
Pela sorberba que tinha,
Descasar os bem casados,
Cousa que Deus não queria.

« A versão de Vianna do Castello diz :

« Tocam nos sinos na Sé,
Ai ! Jesus, quem morreria ?
Morreu a Dona Silvana,
Por traição que fazia.

« A outra quadrinha que é reminiscencia deste romance é :

« Estando nós todos na mesa
Nem um, nem outro comia :
Que o choro era tanto
Que pela mesa corria,

« Dizia a versão do Porto :

« Mandou pôr a sua mesa
Para fazer que comia :
As lagrimas eram tantas
Que pela mesa corria.

« A versão do conde Yauno da ilha de S. Jorge diz :

« Foram-se sentar á mesa,
Nem um, nem outro comia.

« Diz finalmente a versão de Almeida Garrett :

« Sentaram-se ambos á mesa,
Nem um, nem outro comia ;
As lagrimas eram um rio,
Que pela mesa corria.

« O que fica dito basta para provar que nas quadrinhas populares da provincia, que são cantadas destacadamente, ha muitas que só têm explicação pela sua derivação de velhos romances portuguezes, que como taes já desapareceram da tradição de nosso povo. »

Mais felizes, neste ponto, as provincias do norte conservam aquelle e outros romances ainda inteiros na tradição popular. Nós colligimos alguns em Sergipe. *

O unico romance que Koseritz colligio por extenso foi o da *Não Catherineta*, já por nós tambem publicado.

Ouçamo-lo :

« Fizemos esforços por colher inteira a versão do romance — *A Não Catherineta*, — que existe na provincia e chegámos ao resultado que abaixo segue, devendo porém observar-se que ha outras variantes menos completas e tambem menos bem coordenadas.

« Eis a versão mais completa que se encontra na provincia :

A NÃO CATHERINETA

« Ahi vem a não *Catherineta*,
Fartá de navegar :
Sete annos e um dia
Sobre as ondas do mar.

* Vide o cap. 2º deste livro.

Não tinham mais que comer,
Nem tão pouco que manjar ;
Botaram sola de mólho,
P'ra no domingo jantar.
A sola era tão dura
Que não podiam tragar ;
Botaram sortes em branco
Ao qual havia tocar:
A sorte cahiu em preto
No capitão-general ;
A maruja era tão bôa
Que não o queria matar.

Capitão :

« Sóbe, sóbe, Chiquito,
« Naquelle tópe real,
« Vê se vês terras de Hespanha,
« Areias de Portugal. »

Chiquito :

« Não vejo terras de Hespanha,
« Nem areias de Portugal,
« Vejo só tres espadas
« P'ra contigo batalhar. »

Capitão :

« Sóbe, sóbe alli, marujo,
« Naquelle tópe real ;
« Vê se vês terras de Hespanha,
« Areias de Portugal. »

Marujo :

« Alviçaras, alviçaras, capitão,
« Alviçaras vos quero dar :
« Já vejo terra de Hespanha,

« Areias de Portugal ;
« Tambem vejo tres meninas
« Debaixo de um laranjal. »

Capitão :

« Todas tres são minhas filhas,
« Todas tres vos déra a ti:
« Uma para vos lavar,
« Outra p'ra vos emgommar ;
« A mais bonita dellas todas,
« Para contigo casar. »
— Palavras não eram ditas,
— Chiquito cahiu no mar. »

« A versão rio-grandense, que aqui fica archivada, é muito menos completa do que as versões de Lisboa, de Almeida Garrett, do Algarve, da ilha de S. Jorge e do Ribatejo.

« Examinando, porém, com cuidado essas diferentes versões, chega-se á conclusão que o romance foi importado na provincia pelos ilhéos aqui estabelecidos no fim do seculo passado, porque é evidentemente uma corrupção das versões da ilha de S. Jorge (Rosaes), que apresenta Theophilo Braga nos *Cantos populares do Archipelago dos Açores*. Pags. 285 a 287.

« Reproduziremos a mais popular das cinco versões das ilhas :

« Lá vem a náó *Catherineta*
Que tem muito que contar ;
Ha sete annos e um dia
Sobre as aguas do mar !

Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar ;
Botaram sola de mólho
Para no domingo jantar ;

A sola era mui dura,
Não a podiam rilhar,
Botam sortes á ventura,
A qual haviam de matar ;
A sorte cahiu em preto
No capitão general. »

« Até aqui combina mais ou menos a versão da provincia, mas as linhas

« A maruja era tão bôa,
« Que não o queria matar »

não existem em nenhuma das versões portuguezas.

« Continúa a versão açoriana :

« Assobe acima, gageiro.
« A'quelle tópe real,
« Vê se vês terras de Hespanha
« Arêas de Portugal.
—Não vejo terras de Hespanha.
Arêas de Portugal,
Vejo tres espadas núas
Pr'a cabeça te cortar.

« Aqui substituiu a versão rio-grandense

« P'ra comtigo batalhar »

o que tambem não encontramos em nenhuma das versões portuguezas.

Ainda mais :

« Pensando que era verdade
« As sortes botou ao mar ;
« Tanta cutilada deram
« Sem nenhuma lhe acertar.

« Estas linhas faltam de todo na versão rio-grandense.

« Continúa a açoriana :

« Assobe, acima, Chiquito,
« A'quelle tópe real ;
« Se não poderes assubir
« Pois Deus te ha de ajudar.

« Aqui repete a versão rio-grandense o primeiro verso, mas esta parte é importante, porque só na versão açoriana apparece o termo — Chiquito, — que figura na rio-grandense.

Em todas as outras só se falla em gageiro e marujinho.

« Continúa a versão das ilhas :

« Palavras não eram ditas
Chiquito caiu ao mar ;
Eram botes, e escaleres
Sem o poder agarrar.

« Na versão rio-grandense passaram as duas primeiras linhas para o fim do romance, dando-lhe remate inteiramente differente de todas as versões portuguezas e as ultimas duas linhas desapareceram.

— « Assobe acima, gageiro,
Assobe á gávea real :
Vê se vês terras de Hespanha,
Arêas de Portugal.
— « Alviçaras, senhor, alviçaras,
Meu capitão-general ;
Já vejo terras de Hespanha,
Arêas de Portugal ;
Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal ;
Uma está lavrando ouro,
Outra fio de crystal,
A mais mocinha de todas
Anda buscando um dedal.

« As ultimas quatro linhas desaparecem na versão rio-grandense.

« A açoriana continúa :

« Essas são as minhas filhas.
Todas tres t'eu quero dar :
Uma para te vestir,
Outra para te calçar,
A mais bonitinha dellas
Para contigo casar. —

« Vê-se que aqui se sonserva mais ou menos fiel a versão rio-grandense ; agora, porém, cessa de todo, repetindo apenas as palavras (em cima supprimidas) :

« Palavras não eram ditas,
« Chiquito caíu no mar. »

« E' claro que aqui se deu uma simples corrupção, porque falta todo o fundamento razoavel para essa morte do gageiro, que não apparece em nenhuma versão portugueza, nem mesmo nas em que figura Chiquito como o diabo em pessoa, que vem tentar o capitão-general.

« Estamos, pois, em face de uma corrupção perfeitamente provada, tanto assim que a versão açoriana remata como se segue :

« Não quero as tuas filhas,
Deus vol-as deixe criar ;
O que te quero pedir,
Se vós me quizeres dar,
E' a náó *Catherineta*
Para nella navegar.
—« Essa náó já não é minha,
E' do rei de Portugal,
Elle assim que lá chegar,
Elle a mandará queimar. »

« Na versão do Algarve é o fim o seguinte :

« Muito não era passado
E a não na terra a varar !
Não creiam, não, em feitiços,
Lá mesmo no meio do mar. »

« Na versão de Almeida Garrett, em que o diabo se esconde sob a figura de Chiquito, finalisa o romance como segue :

—« Capitão, quero a tua alma
Para commigo a levar. »

—« Renego de ti, demonio,
Que me estavas a attentar ;
A minha alma é só de Deus,
O corpo dou eu ao mar. »

« Tomou-o um anjo nos braços,
Não o deixou afogar :

Deu um estouro o demonio,
Acalmaram vento e mar ;

E á noite a não *Catharineta*
Estava em terra a varar. »

« A versão de Lisbôa, finalmente, finalisa assim :

—« Eu quero a não *Catherineta*
Para nella navegar. »

—« A não *Catherineta*, amigo,
E' d'el-rei de Portugal ;

Mas eu não sou quem sou,
Ou el-rei t'a ha de dar. »

« Vê-se que todas as outras versões acabam mais razoavelmente do que a nossa, em que a quéda de Chiquito

ao mar não é de fôrma alguma motivada, o que vem aliás em apoio a nossa opinião que a nossa versão é uma simples variante açoriana, que os primeiros immigrantes das ilhas trouxeram á provincia. » *

O estudo da poesia popular do Rio-Grande do Sul ainda mais nos convenceu da identidade de nossas creações anonymas em todas as provincias do Imperio. Hoje podemos dizer que conhecemos os productos de quasi todas as provincias. Celso de Magalhães estudou o Maranhão, Pernambuco e Bahia ; José de Alencar e Araripe Junior o Ceará ; Couto de Magalhães S. Paulo, Minas, Goyaz, Matto-Grosso, e Pará ; J. A. de Freitas o Maranhão ; Koseritz o Rio-Grande do Sul ; e nós Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Rio de Janeiro, juntando ás nossas observações directas as analyses desses que nos precederam.

Uma triplice serie de motivos tem contribuido para a uniformidade de nossas creações anonymas por todo o paiz. De um lado, as origens ethnicas, as mesmas por todas as provincias ; de outro, o character geologico e climaterico do paiz ; e, finalmente, a acção centralisadora das instituições.

Vejamos outro.

O Sr. Araripe Junior fez-nos o favor de communicar-nos uma nota sua sobre nossa poesia popular. Esta nota é inedita e tomamos a resolução de incluil-a neste estudo, porque, além de seu merecimento intrinseco, desde muitos annos o moço autor preoccupa-se, mais ou menos, com o magno problema de nossas creações anonymas. Em 1872, a proposito dos escriptos do Sr. Juvenal Galeno, e em 1875, como analyse ao artigo o *Nosso Cancioneiro* de Alencar, elle publicou em jornaes do Ceará alguns artigos

* *Gazeta de Porto-Alegre*. Vid. no Cap. 2º a versão de Sergipe por nós publicada.

sobre estes assumptos. A sua idéa capital é que a poesia cearense nada tem do character mythico e epico que lhe assignalou o autor do *Guarany*; nota-lhe ao contrario uma grande dóse de desalento e apathia, que degenera em jogralidade.

Eis a communicação a que nos referimos:

« De todas as minhas pesquisas resultou apenas a descoberta de uma poesia tumultuosa e apaixonada; mas nunca os vestigios dessa poesia heroica a que J. de Alencar pretende filiar o *Rabicho da Geralda*.

Esta supposição é tanto mais provavel, quanto não seria difficil determinar quem compoz o *poema*, onde e em que anno. O autor do *Rabicho da Geralda* foi um certo Geraldo, homem assaz conhecido na ribeira do Jaguaribe pelo seu espirito satyrico e galhofeiro, e que viveu pouco mais ou menos pelo tempo da revolução de 1824.

« O caracteristico da poesia popular cearense é o sentimento de desanimo e oppressão, especie de atonia em grande parte produzida pela apparição periodica do flagello das seccas.

« O canto e a musica do sertanejo são sempre monotonos e lamurientos. Esse tom geral do instrumento, porém, não tarda em abrir espaço ás jogralidades que são proprias á vivacidade do character cearense, jogralidades estas que, segundo Baptista Caetano, são oriundas dos tupys.

« Ha razão para aceitar isto. Grande parte da população do Ceará ainda mostra bem visiveis os traços da raça primitiva. O povo das praias e dos tableiros é todo caboclo, descendente dos *Pytiguaras*.

A impressão profunda causada pelas seccas já se denunciava aos primeiros que escreveram sobre a provincia do Ceará. Os índios deram ao padre Pinto, um dos primeiros catechistas que pisaram aquelle solo, o nome de *Amanayara*, que quer dizer—*Senhor da chuva*,— porque com sua apparição coincidiram grandes aguas, o que foi bastante para congraçal-os.

« Esta circumstancia não demonstra acaso a intensidade da emoção que lhes causava a falha de chuvas ?

« Junte-se ás causas geraes a natureza da vida do vaqueiro, entregue durante o verão á indolencia e durante o inverno a trabalhos quasi invenciveis, e ter-se-ha uma explicação cabal das alternativas de *accento* que se encontram em suas cantigas, ora lamentosas, ora phantasiosas, grotescas ou satyricas. Nos tempos de convulsões politicas a musa popular não foi insensivel aos acontecimentos. As classes opprimidas tiveram occasião de derramar a sua bilis contra *corcundas* e *marinheiros*, e fazer a apotheose dos vultos mais sympathicos, cuja força admiravam.

« Filgueiras foi para ellas um Roldão, e Labatut e Pinto Madeira uns ogres, uns judeus. »

Araripe Junior tem razão em contestar o grande cyclo mythico que Alencar descortinou no Ceará ; faz bem em reconhecer a acção deprimente produzida pelas seccas e por isso mesmo deve convir em que a nota predominante na poesia cearense não deve ser a jogralidade. De quando em vez o sentimento das cousas deve ahí retomar sua natural expressão. Um povo não ha de ter sempre, como resposta aos açoites, aos flagicios que lhe atira o seu meio, o seu mundo, — uma gargalhada alvar !

Póde rir, é certo, como riram os arabes e os judeus ; mas no meio da pugna hão de se lhe ouvir, por vezes, os masculos protestos. Ou então a gargalhada significará a suprema formula do desdem, e o supposto humorismo ha de ser uma das faces do tragico.

Incluamos aqui alguns bellos romances ineditos da rica poesia cearense, começando por um canto que bem prova a existencia alli do jogral, do poeta popular e improvisador ambulante, que viajava de um ponto para outro a fim de *cantar ao desafio*.

MANOEL DO O' BERNARDO

(Versão de Maranguape)

Ia eu para a novena
Na villa da Floresta :
O major Antonio Lucas
Convidou-me para a festa .

« Seu major Antonio Lucas,
Como é que eu hei de ir ?
Quem anda por terra alheia
Não tem roupa p'ra vestir . »

— Dou-te cavallo de sella,
E roupa p'ra te vestir,
Dinheiro para comeres,
Escravo p'ra te servir. —

« Estava jantando em casa
Um dia bem descansado,
Quando dei fé chegava
Um cavallo fino sellado.
« Seu major manda dizer
Que é já tempo do chamado ! »

Quando sai de casa
Logo peguei a encontrar,
Era homens e mulheres . . .
— Vae cantar com Rio Preto ?
E' melhor que não vá lá ! . . . —

« Porque se importa esta gente
Da desgraça que commetto ?
Hão de ter logo noticia
Que fim levou Rio-Preto . »

Quando ganhei lá por dentro
Naquelle campo mais largo,
O povo que eu encontrava
De mim ficava pasmado :
— Queira Deus este não seja
Manoel do O' Bernardo ! —

Distante bem quinze leguas
De mim tiveram noticias ;
Ao major Antonio Lucas
Foram pedir as *alviças*.

Era gente p'ra me vêr
Como a doutor na justiça,
E o povo de Rio-Preto
Era urubú na carniça.

Seu major Antonio Lucas,
Quando elle me encherrou,
Botou seu *oclo d'arcance* :
— Lá vem o meu cantador ! —

Quando fui chegando em casa,
Na entrada do terreiro,
Antes de lhe dizer *adeus*,
Deu-me um abraço primeiro :
— Ora vem cá, oh Bernardo !
Filho de Deus verdadeiro. —

«Seu major Antonio Lucas,
Me mande dar de ceiar.
Quero vêr se Rio-Preto
Inda é forte no logar. »

Elle puchou pelo braço
E mandou botar a ceia;
Eu fiquei agradecido,
Pois estava em terra alheia.

Ao levantar a toalha
Puz as mãos para rezar,
Quando chegou um aviso,
Que já vinham me chamar.

E eu saí logo á fresca,
Rio-Preto me fallou :
« Não te afastes, Rio-Preto,
Que a resposta já te dou. »

—Manoel do O' Bernardo,
Olha já que estou previsto,
Segura o botão da calça,
Aqui tens homem na vista.—

« Rio-Preto, tu vigia.
Olha que bom não sou não;
Aperta o botão da calça,
Segura o cós do calção.

« A onça não faz carniça
Que não lhe coma a cabeça,
Nunca vi a cantador
Que por fóra não conheça.

« Apois manda fazer uma
Com seis braças de fundura ;
Que é um bicho de represa ;
Tanto lava como fura.

« Quando vim da minha terra
Trouxe ferro cavador
Para tapar Rio-Preto,
Deixal-o sem sangrador.

— Si tapares o meu rio,
Não tapas o meu riacho,
Que eu represo nove leguas,
Botando a parede ábaixo.—

« Rio-Preto, si tu vires
Eu passar em gangorras,
Si tu vires não te assustes,
Si te assustares não corras ;

Si correres, não te assombres,
Si te assombrares, não morras .
« Rio-Preto, não me veixo
Para subir a ladeira,

Subo de *cócra* e de banda,
Subo de toda maneira.
Até mostro preferencia,
Em subil-a na carreira.»

—Manoel do O' Bernardo,
Olha, já me vou daqui ;
Já estou certificado
Que tens o major por ti. —

« O *fama*—do Rio-Preto.
Um *cabra* tão cantador,
Descobriu por bocca propria
Que era atraçoador.»

— Manoel do O' Bernardo,
Reza acto de contricção,
Que viemos te matar,
Não ficas mais vivo, não!

— A madrinha da noiva
Foi quem te mandou matar,
Para de outra donzella
Te não ires mais gabar.

— A madrinha do noivado,
Por ser moça de acção,
Por um elogio tirado
Deu-me a mim um patacão.
Deu quatro para meu bolço,
E quatro p'ra minha mão.

— Nós viemos te matar,
Ganhando trinta mil réis,
Mas por causa do *despacho*
Cada um te damos dez. »

ABC DO VAQUEIRO EM TEMPO DE SÉCCA

(Ceará)

Agora triste começa
A manifestar o meu fado,
Os meus grandes aveixames,
A vida de um desgraçado.

Bem queria nunca ser
Vaqueiro neste sertão,
Para fim de não me vêr
Em tamanha confusão.

Com cuidado levo o dia
E a noite a maginar,
De manhã tirar o leite,
Ir ao campo campear.

Domingos e dias santos
Sempre tenho o que fazer.
Ou bezerros com bicheira,
Ou cavallos p'ra ir vêr.

Emquanto Deus não dá chuva
Logo tudo desanima,
Sómente *mode* o trábhalho
Das malvadas das cacimbas.

Façam a todo o vaqueiro
Viver aqui sobre si,
Que, entrando nesta vida,
Diga : — já me arrependi ! —

Grande é a tyrannia
De um dono de fazenda,
Que do pobre de um vaqueiro
Não tem compaixão, nem pena.

Homem que tiver vergonha
Vaqueiro não queira ser,
Que as fazendas de agora
Nem dão bem para comer.

I no tempo que nós estamos
Ninguem tem opinião ;
Para um dono de fazenda
Todo vaqueiro é ladrão.

.....
.....

Lábora um pobre vaqueiro
Em tormento tão comprido,
Quando é *no remate de contas*
Sempre é mal correspondido.

Mandam como a seu negro,
Uns tantos já se matando ;
Ainda bem não tem chegado,
Já seus donos estão ralhando.

Não posso com esta lida,
Me causa grande desgosto,
Só por vêr com se vae
O suor deste meu rosto .

O bom Deus de piedade
A mim me queira livrar,
Emquanto vida tiver
E bens alheios tratar .

Para o mez de S. João
Vou vêr o que estou ganhando.
Quero pagar o que devo,
Inda lhe fico restando.

Querendo ter alguma coisa,
Não ha de vestir camisa,
Visto isto que eu digo
O mesmo tempo me avisa.

Ralham contra os vaqueiros,
Nada se faz a seu gosto ;
Si acaso morre um bezerro,
Na serra se toma outro.

Saibam todos os vaqueiros
Tratados bem de seus amos,
Si elles não têm consciencia,
Logo nós todos furtamos.

Tudo isto que se vê
Inda não disse a metade,
Por causa de leite de vacca
Se quebra muita amizade.

Vou dar fim ao *a b c*,
Eu não quero mais fallar,
Si fôsse eu a dizer tudo
São capazes de me matar.

Xorem e xorarão
Com grande pena e pezar,
Sómente mode um *mumbica* *
Que dão para se matar.

Zelo, zeloso,
Todos sabem zelar,
Que de um pobre vaqueiro
Sempre tem o que fallar.

O BOI SURUBIM

(Maranguape)

Nasceu um bezerro macho
No curral da Independencia,
Filho de uma vacca mansa
Por nome de Paciencia.

* Garrotinho de anno, magro, enfezado.

Quando o Surubim nasceu
Dahi a um mez se ferrou,
Na porteira do curral
Cinco touros enxotou.

Na porteira do curral
Onde o Surubim cavou,
Ficou um barreiro tal
Que nunca mais se aterrou.

Na praça da cacimba
Onde o Surubim pisou
Ficou a terra acanhiada,
Nunca mais capim criou.

Um relho de duas braças,
Que o Surubim amarrou,
Botou-se numa balança
Duas arrobas pesou.

Fui passando num sobrado,
Uma moça me chamou,
— Quer vender o Surubim?
Um conto de réis eu dou.—

« Guarde o seu dinheiro, dona,
O Surubim não vendo, não. »
— Dou um barco de fazenda,
De chita e madapolão.—

Este meu boi Surubim
E' um corredor de fama,
Tanto elle corre no duro,
Como nas vargens de lama.

Corre dentro, corre fóra,
Corre dentro na catinga;
Corre quatro, cinco leguas
Com o suor numa pinga.

Quando o Surubim morreu,
Silveira pôz-se a chorar,
Boi bonito como este
No sertão não nascerá ;
Eu chamava, elle vinha :
O-lê, ô-lô, ô-lá . . .

A B C Do Boi-PRATA

(Maranguape)

A dois de Agosto de quarenta e quatro
Nasci no Sacco da Ema ;
Bebi na Lagôa-Grande
E malhei lá na Jurêma.

Bebia bem assustado
Com o mêdo de meu dono ;
Passava noites a andar
Sem saber o que era somno.

Como desenganou-se o meu dono
De acompanhar a carreira,
Foi chamar o João de Souza
Da fazenda da Ladeira.

Deu este sua carreira
Emcima do *melado* *
Mas adiante um pouco
Gritou :— estou enganado !—

Cavallo amarellado.

Elle disse bem veixado
E todo se tremendo :
— Aqui sumiu-se o garrote
O rasto não estou mais vendo.—

Foi voltando para traz
Bastante desconcertado,
Por ter perdido a carreira
No seu cavallo melado.

Grande pena a de meu dono
Do Souza vendo a chegada ;
Perguntou com muita pressa :
— Cadê os seus camaradas ?—

Hindo este um pouco calado
Sem poder contar a historia,
Disse com fé o meu dono :
— Espero ainda a victoria.—

I fizeram nova entrada ; *
Zé de Souza no pedrezão ;
João de Souza foi gritando :
— Lá está o barbatão.—

João de Souza por esperto
Cavalgava no melado ;
O Zé disse com soberba :
—Elle agora vai pegado .—

« *Lá* no poço do Pereira
João botou-me no matto ;
Logo chegou Zé de Souza
Foram me ganhar o rasto.

* Nova sortida aos mattos.

« *Me seguiram legua e meia,
Voltaram desconsolados,
Por haver anoitecido
E não terem me alcançado. »*

—*Não peguei o barbatão—
Disse logo João de Souza.
Quando chegaram em casa :
—Corre o bicho que até zôa.*

—*Oh ! meu irmão Francisco,
Eu estou desenganado ;
Não pego o barbatão
Nesse cavallo melado.*

—*Porque o José de Souza
Em cima do pedrezão
Está também desenganado
Que não pega o barbatão.*

—*Queira tomar um conselho :
Venda ao Mané Teixeira ;
Elle se atreve a pegar,
Por ser grande na carreira.*

—*Receba do Manoel Teixeira
O dinheiro todo completo ;
Não o podemos pegar,
Só elle, por ser esperto.—*

—*Sim senhor, eu vou vender
Por doze mil réis contados,
Porque quero ficar livre
Daquelle bicho malvado.—*

Todo descansado fiquei,
Nunca mais vi a poeira
De João de Souza Leal,
Zé de Souza da Ladeira.

Uma queda não me deram,
Nem me puzeram a mão ;
Muitas vezes eu vi elles
Rolar na poeira do chão.

Voltavam sempre p'ra traz,
Contando muitas historias ;
Porém sempre fui eu
Que tive toda a victoria.

Xegada delles em casa
Muitos queriam ver ;
Vinham chegando de tarde
Antes de anoitecer.

Zêlo commigo, garrote,
Sou teu dono—Teixeira ;
Porque não sou de raça
De não te pegar na carreira. »

O FILGUEIRAS

(Maranguape)

—O que tens, Joaquim Ignacio,
Que de côres vens mudado ?—
« Meu cunhado Gonçalinho
Foi preso para o *Calado*. »

O Filgueira assim que soube,
Mandou chegar o cavallo,
E correu á redea sôlta
Em busca do Cantagallo.

Foi chegando e foi dizendo
Com a sua mansidão:
— Quero o meu sobrinho solto
Que o vejo na prisão —

Responde o cabo da tropa,
Por ser homem malcriado:
« Seu sobrinho ha de ser sôlto
Depois de eu morto e picado ! »

Respondeu Joaquim Ignacio
Com a sua opinião :
— Meu tio, peça favor
A gente, a tapuio não ! —

Puzeram uma pistola
Nos peitos de Joaquim Ignacio;
A bala entrou pela frente
Foi sair no espinhaço.

O Filgueira com esta acção
Ficou muito estomagado,
Passou mão ao bacamarte
P'a *derrubar* o *Calado*.

O mulato João de Brito,
Mulato de estimação,
Nos galhos das marmeleiras
Lá deixou seu mandrião.

« O que tens, José Luiz,
Que de trajés vens mudado ? »
— Com o repucho do Filgueira
Saí todo escangalhado. »—

CONVERSA POLITICA

(Entre um corcunda e um patriota)

C.—Deus lhe guarde, meu senhor.

P.—Venha com Deus, cavalleiro,
Venha logo me dizendo
Si é *corcunda* ou *brazileiro*,
Vejo-lhe bem divisado
Na cabeça um grande galho,
Bem me parece ser
Da vasante o espantalho.

C.—Sim, senhor, eu sou corcunda
E morro pelo meu rei ;
Esta divisa que trago
E' da sua real lei:
Si o senhor é *patriota*,
Provisorio cidadão,
Si falla contra o meu rei,
E' judeu não é christão.
E com isto já me vou,
Não quero mais esperar ;
O senhor é Jacobino
Pelo modo de fallar .

P.—Dê-me attenção, senhor.
Não se faça *esforicido* ;
Um homem apaixonado
Não dá prova de entendido .

Eu conheço o seu character,
Não é de tolo e vario,
Mostra ser de um pensante.
Ou de um escriptuario.
Faça-me a honra apeiar,
Venha me dar um clarão ;
Só o senhor pôde dizer-me
O que é a Constituição,
E tambem da Independencia
De D. Pedro Imperador :
Tudo me explique agora,
Eu lhe peço por favor.

C. — Si o senhor falla-me serio.
Si não é adulação,
Eu lhe direi de que consta
A nova Constituição.

P. — O senhor creia em mim,
Muito serio lhe fallo ;
Eu sou um homem nescio,
Não sei onde canta o gallo.

C. — Estes malvados pedreiros,
Carbonarios da nação,
Que por serem *carvallistas*
Detestam serem christãos,
Nem querem ter rei nem roque,
E menos religião,
Por isso desprezaram
O nosso rei Dom João.
A lei delles é anarchia
Da tal Constituição,
Captivando deshumanos
Sem ter quem lhes vá á mão ;
Não querem saber de missa,

Menos do Sacramento,
Mofam de tudo o que diz
O Novo Testamento,
Veja, pois, por que rigor
Chamam a nós marinheiros,
Arrocham de pão e peia,
Morrám todos ao chumbeiro.
Uns homens nobres em tudo,
No sangue e no proceder ;
De familias illustradas,
Muitos delles vêm a ser
Filhos de duques, marquezes,
De condes e de morgados.
Dos infames *patriotas*
Têm sido desfeiteados...
Estas feras d'ora avante
Só em si maldade *encerra* ;
Desprezam o nosso rei.
Que Deus nos deu na terra ;
Um homem pio e santo,
Um refugio e esperança,
O nosso D. João Sexto,
Filho da Real Bragança.
Esta familia illustrada,
Que o mesmo Deus destinou
Para seus filhos governarem,
Serem de nós *sup'riô*...
Mas agora estou contente
De vêr tudo acabado,
Uns mortos e outros presos,
Outros tantos *enforcado*,
Adeus, tenha saude,
Creia nisso que lhe digo,
Fuja dos *patriotas*,
Que são nossos inimigos.
Já estão se acabando

As malditas rebeliões,
Ficando só no Brazil
A fé pura de *christões*.

P. — Tratemos da independencia.

C. — Isso é um passo muito errante,
Dom Pedro no Brazil
Não póde ser imperante.

P. — Porque? Elle não é Bragança?

C. — Si o rei ainda é vivo
Não póde haver uma herança.

P. — Já não posso, sou corcunda,
Suas loucuras calar,
Quer por gosto, quer per força,
Ouça-me agora fallar.
Diga-me homem sem brio,
Amante do captiveiro,
Somos terra, somos gados
Que D. Pedro seja herdeiro?
Quando Deus formou o mundo
Qual foi o rei que deixou?
Não deixou só um Adão
De todos progenitor?
Deste mesmo Adão não fez
Deus do céu por seu mando
Uma mulher para elle
Produzir o genero humano?
Desses pobres camponezes
Produzio todas nações,
Algum dia elles tiveram
Fidalguia ou brazões?
Onde foi Bragança haver

Esse sangue illustrado,
Só si foi por outro Adão
Que por Deus não foi deixado,
Só dessa descendencia
De gentes que Deus não fez
Sahio toda jerarchia,
Condes, duques e marquez.
Abre os olhos, homem tolo,
Adora o Deus verdadeiro,
Aquelle que por nós morreu
Como innocente cordeiro.
Si um rei é tão real,
Como adulas a D. João,
E' baixeza no morrer
Se formar em podridão.
Resuscitar aos tres dias
Assim como resuscitou
O rei filho de Maria.

C. — Eu já sigo o rei David
Que o mesmo Deus consagrou.

P. — Isto eu não duvido,
E tambem por isto estou ;
Mas quem era o rei David?
Era um pobre coitado,
Era um simples pastorzinho
Do rebanho do seu gado.
Que é do nosso rei David?
Agora só ha tyrannos,
Dissolutos incivis
De vaidades profanos.

C. — Já é tarde, vou andando,
Tenha mão, seu papagaio,
Voce diz *cadê* as tropas

Do coitado do Pinheiro ;
E' certo que lá andei,
E que delle sou soldado...

P.—Perseguiste os teus patricios
Como lobos defamados ;
Nas casas que cercaste
Tambem foste carniceiro,
Ajudaste a tirar
Vida, honra e dinheiro ;
Ajudaste a matar
Teus irmãos, mansos cordeiros,
Que desgraça, seu corcunda !
Entre os mesmos brasileiros !...
Desprezar os seus irmãos
Como lobos carniceiros.
Esta injustiça, seu corcunda,
Reclamam os céos inteiros...

C.—Meu amigo estou certo
Do quanto me tem narrado,
Já me peza de ter sido
Dos meus irmãos o malvado.
Rôto o véo do engano,
Nova vida eu terei,
Constante patriota serei ;
Podem contar commigo :
Defender a nossa patria
E morra o nosso inimigo !»

A primeira destas peças prova, como vimos, a existencia do *jogral*; a segunda a influencia das *seccas* no espirito popular ; as duas seguintes indicam um povo de pastores que poderia possuir uma poesia *mythica*, si outras foram as condições em que vive ; as duas ultimas referem-se ás nossas cousas politicas nos tempos da *Independencia*.

O povo, sem consciencia e força, teve deste phenomeno uma intuição mesquinha ; o que aliás não admira, á vista dos conceitos estereis que áquelle respeito se lêm nos mais elogiados de nossos historiadores. Em Portugal a mente popular não estava mais adiantada, e a inserção de alguns versinhos, alli cantados por occasião da 'contenda dos dous filhos de D. João, bem o provará. Estes versos, colligidos por nós aqui no Brazil, merecem ser consignados.

VERSOS MIGUELISTAS

(Rio de Janeiro)

Dom Miguel chegou á barra
Sua mãe lhe den a mão ;
Vem cá, filho de minha alma,
Não queiras a Constituição.

Dom Miguel chegou á barra
Com suas esporas de prata
A cavallo no Saldanha,
O Claudino d'arreiata.

Dom Miguel é pequenino,
Pequenino e bem feito ;
Prometteu a seus soldados
Uma venéra p'ro peito.

Entre Miguel e Pedro
Ninguem metta o seu nariz ;
Dom Miguel é nosso rei,
Dom Pedro assim o quiz.

O Saldanha quer ser rei,
A mulher quer ser rainha ;
Já não se lembra do tempo
Em que vendia sardinha.

Oh ! ilha Terceira,
Já não vales nada ;
Porque não venceste
A tropa *malhada*.

Barcello é rabeça,
Porto é rabeção ;
Tu *fostes* a causa
Da Constituição.

Arre, carcunda,
Patife, judeu,
Tu *fostes* a causa
Que o rei não venceu.

Si fores a Braga,
Trazei-me uma fita,
P'ra pôr no chapéu
Que eu sou realista.

A musa *constitucional* tambem vibrava a mesma
corda e respondia no mesmo tom :

Dom Miguel subiu ao throno
Por escadas de papel ;
O throno é de Maria,
Passa fóra, D. Miguel.

Soldados, pela patria
Cartuchos ao canhão ;
Vivam todos que disserem ;
— Liberal Constituição ! —

Marcha o 5º batalhão
Marcha p'ra Pena-Fiel ;
Viva a divisão ligeira,
E morra a de Dom Miguel !

Inserimos aqui estes versos, que ouvimos de alguns portuguezes; porque, sendo completamente desconhecido pelo nosso povo, provam o facto da crescente disjunção das tradições das duas nações, portugueza e brazileira, depois da nossa Independencia. Apesar de interessar ao nosso paiz, por mais de uma face, a contenda entre *malhados* e *miguelistas*, todavia a nossa população ficou-lhe de todo estranha.

O mesmo se não tem dado, entretanto, com alguns versinhos originados pela celebre questão da *unidade italiana*. Algumas inspirações grosseiras, provenientes de *carcamanos*, tocadores de harpa e rabeca, facilmente se popularizaram e foram desenvolvidas por nossos *garotos*. Ahí vão umas estrophes chulas cantadas entre muitas outras :

« Garibaldi foi á missa
No seu cavallo *lasão* ;
O cavallo *entrupicou*.
Garibaldi foi ao chão.

« Garibaldi já morreu,
Já foi dar contas a Deus,
Da farinha que comeu,
Da *cachaça* que bebeu. »

As palavras griphadas provam a assimilação que o nosso povo fez dos versos grotescos que o guerrilheiro italiano inspirou em sua patria. A contenda de Pedro e Miguel não tocou em nada nossas populações, que tinham um como presentimento de que a luta dos dous irmãos era inspirada sómente por mesquinhas questões de camarilha e baixos interesses dymnasticos. A luta italiana nos chocou por causa dos interesses religiosos nella envolvidos. A religião, ainda mesmo deturpada, vale sempre mais do que as velleidades dos dous filhos de D. João VI.

CAPITULO VI

As mulheres e as crianças como factores da poesia popular. As SAUDES de mesa

Si ainda houvesse alguma duvida sobre o immenso papel que representa o sentimento, que representam as explosões ardentes do coração nas mais ousadas creações da humanidade ; si ainda houvesse incerteza sobre a figura capital que desempenharam as mulheres nas formações estheticas e religiosas, o estudo da poesia popular, feito directamente entre as populações ruraes, viria tirar a limpo a questão e resolver o problema.

As mulheres não são sómente o principal archivo das tradições oraes ; são tambem as autoras de muitas destas tradições. Bem como a poesia é um dom da mocidade, e só as nações viçosas e os homens jovens a possuem, assim tambem é ella uma das fórmãs do sentimento e como tal elaborada em grande parte pelo elemento feminil.

Na grande colheita de cantos lyricos que fizemos no Brazil, tivemos ensejo de estudar este phenomeno. Primeiramente, não colhemos uma só canção que não fôsse de labios femininos. Aos homens ou recorriamos de balde,

ou o que diziam era, ás mais das vezes, truncado e incorrecto. Com as mulheres a cousa era diversa e diverso o resultado. Depois, grande parte das canções anonymas são produzidas pelas moças no fogo do improviso. Muitas destas cantigas amorosas trazem o cunho da origem; as autoras anonymas estigmatizam, ás vezes, as ingratições de seus *amantes*, outras lhes fallam de seus *occultos amores*.

De ambos estes casos é bastante citar os dous exemplos seguintes :

LÁ NO CÉO TEM UMA ESTRELLA

« Lá no céu tem uma estrella
Com relógio d'ouro dentro;
Muito custa se achar
Amor firme neste tempo.

« Quando passares por mim
Bota a vista pelo chão;
Para nós andar de amores
E o mundo dizer que não.

« Quando passares' na rua
Escarra e cospe no chão,
Que estou lá dentro cozendo,
Não sei se passas ou não.

« Quando passares por mim
Fazei o semblante triste
Nega, feliz da minha alma,
Nega que nunca me viste. »

SAUDADES QUE DE TI TENHO

« Saudades que de ti tenho
A ti mesmo hei de contar
Quando contigo me vir,
Si a morte não nos matar. .

« Si as saudades me apertarem
Eu bem sei que hei de fazer :
Metter o pé no caminho,
Succeda o que succeder. . .

« Quando eu pensei que te tinha
Para o meu divertimento,
Achei-te tão demudado,
Fóra do meu pensamento.

« Já fui amada e querida,
Prenda de teu coração ;
Já hoje sou vassourinha
Com que tu varres o chão.

« Eu já fui da tua mesa
Do melhor prato de sôpa ;
Já hoje sou rosalgar,
Veneno p'ra tua bocca.

« Eu para vêr si morria
Bebi veneno em porção ;
Veneno a mim não me mata ;
Quem me mata é a ingratição.

« Mau fim tenha; mau fim leve
Quem meu amor me tomou,
Que até na hora da morte
Lhe falte Nosso Senhor.

« Triste viva, triste ande
Quem triste me faz andar;
Que tenha tanto socego
Como as ondas têm no mar. »

Isto cantam as moças, aquellas naturezas sadias e pagãs, que abundam nas populações ruraes, bellos typos de mulheres morenas, de tez avelludada, de pés diminutos, que são os exemplares mais perfectos da mulher genuinamente brasileira.

As *velhas*, não ficam mudas, contam *historias* ás crianças e ensinam aos *papagaios*.

As *historias* são contos populares que colligimos e publicaremos ; e as lições aos papagaios são estas :

« Papagaio louro,
Do bico dourado,
Leva-me esta carta,
Oh ! meu louro,
Ao meu namorado !...
Elle não é frade
Nem homem casado ;
E' moço solteiro,
Oh ! meu louro,
Lindo como um cravo !...

Isto é cantado e expressivo naquellas vozes tremulas.
—Existem tambem estes dizeres *falados*.

« Papagaio real,
Para Portugal
Quem passa ?...
« Meu louro ? !...
« —E' o rei que vai á caça :
Leva trombetas
E toca caixa !...

« Ai, Jesus !...
Que eu vou morrer ;
Tanto trabalho,
Tão pouco comer !...
« Parrudo, parrudo, êcô !...
Pega o veado, caçador !...

Ou ainda :

« Papagaio
Do sertão,
« Come queijo
E requeijão ;
Dá-me um beijo.
Coração !...
« Humm, humm...
Como sabe !...
Beijo da moça
Na bocca do frade.»

Ou finalmente :

« Papagaio,
Rico louro,
Pé de prata,
Bico de ouro,
Dá-me um beijo,
Meu louro ;

« Papagaio,
Já comeu ?
Papagaio
Não comeu
Morreu !... »

São cousas que á primeira vista parecem trivialissimas. Taes se afiguram por certo a todos aquelles que pensam que numa nação as classes propriamente *populares* nada são, e que tudo o que de grande esse povo tem, se acha concentrado na classe dos *letrados*, donde sahem os pretenciosos do *governo* e os pretenciosos da *imprensa*, os chamados *estadistas* e os chamados *escriptores*.

Convençam-se, porém, os primeiros de que, quando elaboram seus calculos politicos fóra das forças vivas e reaes da nação, trabalham no ar e fazem obras de insensatos, e saibam os segundos que, quando architectam os seus romances ao jogo de uma phantasia erma das tradições e do sopro popular, nada fundam de serio, só produzem typos rachiticos e enfermos, que nada valem, que para nada prestam .

Estes versos a *papagaios* são para o ethnologo folhas soltas do *naturalismo* primitivo, esse santo *fetichismo* de que sahiram muitas de nossas crenças e que foi tão util ao progresso humano .

Das velhas passamos ás *crianças*, uma antithese muitas vezes feita. Os meninos são factores de muitas folganças e versinhos lyricos, uns pue lhes são ensinados e outros por elles mesmos produzidos. E' tambem uma das faces mais humildes da poesia popular, e, ainda assim, assaz interessante, e tanto mais quanto ha sido de todo descurada até na propria Europa .

Esses versinhos e brinquedos são os restos de antigas crenças e praticas, que, sendo abandonadas pelas classes mais cultas do povo, acharam seu ultimo asylo n'alma etichista e divina das crianças .

Em Sergipe, como noutras provincias do Imperio, existem certos brinquedos dos meninos, mais ou menos interessantes ; alguns delles são acompanhados de versos. Suas fórmulas são as mais variadas, v. g.:

« Tanguê,
Sae-te daqui,
Vae-te esconder. »

ou

« Pintainha
Sola,
Mingola ;
Manda o rei
Que tire fóra. »

Estes versinhos, quasi sem sentido, para nós, em algumas de suas expressões, constituem os apreciados brinquedos do *Tanguê* e do *Pintainho*, que não se confundem com quaesquer outros. O mesmo se dá com a *Bocca de forno*. Em Pernambuco os versos que acompanham o de *Pintainho* são :

• « Canivetinho
De pintainho,
Que anda na barra
De vinte e cinco,
De cinco Mariquinhas,
De cacho de *fulô*
De bão, bão, bão,
De bom, bô, bô ;
Mingorra,
Mingorra,
Levanta-te, moura,
Que tu *sois* fôrra. »

No Rio de Janeiro, o folguedo mais commum é o de correrem os meninos atraz de um dos companheiros a vêr si o pegam ; estes versinhos precedem á carreira, em fórma de desafio dialogado :

« Laranja da China ? »
— Tabaco em pó.—
« Quem é o durão ? »
— Sou eu só.—
« Olha lá que eu te pego »
— Não pega, não.—
— Ora bate, coyó... »

Não entra em nosso plano o descrever os differentes folgares das crianças em nosso paiz ; o que temos observado daria materia para um livro, si alguém o quizesse escrever sobre os nossos costumes.

Ahi vão, todavia, mais uns versinhos que constituem as palavras de um folguedo, visto por nós em Paraty, e que consiste em sentarem-se algumas crianças, em roda, com os pés juntos formando com elles um circulo inscripto ao que formam com os troncos dos corpos, e uma dellas (o director da festa) ir tocando com uma das mãos nos pés de cada um dos do brinquedo recitando:

«— Uma, duas argolinhas:
Finca o pé na pampolina:
O rapaz que jogo faz ?
Faz o jogo do capão.
Conta bem, Manoel João,
Conta bem, que vinte são ;
Recolhe este pésinho
Na conchinha de uma mão.—»

Cada palavra destas é dita ao tocar em cada um dos pés. O pé onde se finda toda a toadilha, sahe para fóra, e

assim sempre começando a mesma cousa, até findar. O pé, que fica por ultimo de todos, é agarrado pelos *pares do brinquedo*, que batem com elle dizendo :

« Pé de pilão,
Pé de pilão,
Caine secca, —
Com feijão. —
E' de rin-fon-fon,
E' de rin-fon-fon. »

Notamos, outrossim, que o — *Violar, violar, quem se rir ha de apanhar*, — o *Curro — curro? Eu entro. Com quantos? Com tantos*, e o — *Bento que benta o frade? etc.* formula do *Bocca de forno*, são tambem conhecidos na provincia do Rio de Janeiro. O mesmo se dá com o *canivettinho de pintainho*; encontrámos tambem aqui noticia do — *Tatanguê, sahe daqui, vae-te esconder*.

Este brinquedo das crianças faz-me lembrar um outro muito commum em Sergipe e Pernambuco, e que consiste em ir pegando nos dedos de uma das mãos da pessoa, dizendo :

« Dedo mindinho,
Seu vizinho,
Maior de todos,
Fura bolos,
Cata piolhos. »

Outro tambem:

« Este diz que está com fome,
Este diz que não tem o que,
Este diz que vá furtao,
Este diz que não vá lá,
Este diz que Deus dará. »

O final disto todos conhecem : consiste em fazer as cegas pelo braço acima, perguntando pelo *toucinho* que estava na *palma da mão*, e que o *gato* comeu e foi fingido, etc. São cousas trivialíssimas, que fazem o encantamento e as delicias dos nossos *bebês*.

Mais outro de Sergipe e Pernambuco:

Abença (1), minha madrinha, (2)
Dae-me pão, com farinha
Para dar á minha gallinha,
Qu'está presa na cozinha...
Chô!... gallinha,
Vae p'ra tua camarinha...

Ainda outro de Sergipe :

« Gente, cadê Varisto ?
Foi p'ra roça.
Gente, fazer na roça ?
Plantar mandioca ?
Gente, p'ra que mandioca ?
P'ra farinha.
Gente, p'ra que farinha ?
P'ra dinheiro.
Gente, p'ra que dinheiro ?
P'ra feitiço
Gente, no mundo ha disso ?

— Estes e outros dizeres de folganças dos meninos são quasi sempre acompanhados de danças e tregeitos peculiares. Ahi vão mais uns versinhos] pernambucanos :

(1) *Abença* por benção.

(2) Com a lua, quando ella apparece. E' uma reminiscencia do culto de *Jacy*.

« Bão-ba-la-lão,
Sinhô capitão,
Na terra de mouro
Morreu seu irmão
Cozido e assado
No seu caldeirão.»

Outros :

« Meio dia
Panella no fôgo,
Barriga vasia,
Macaco torrado,
Que veio da Bahia
P'ra dar uma taponna
Em siá dona Maria.»

Mais outro de Sergipe, Rio de Janeiro e Pernambuco:

Amanhã é domingo,
Pé de cachimbo ;
Gallo monteiro ;
Pisou n'areia,
A areia é fina
Que dá no sino ;
O sino é de ouro
Que dá no bezouro ;
O bezouro é de prata
Que dá na mata ;
A mata é valente
Que dá no tenente ;
O tenente é mofino
Que dá no menino ;
O menino é valente,
Que dá em toda a gente.»

Finalmente, mais um :

- « Dinglin... dingues, Maria Pires?...
Dinglin... dingues, Estou fazendo papa.
» » Para quem ?
» » Para João manco.
» » Quem foi que o mancou ?
» » Foi a pedra.
» » Cadê a pedra ?
» » Está no mato.
» » Cadê o mato ?
» » O fogo queimou.
» » Cadê o fogo ?
» » A agua apagou.
» » Cadê a agua ?
» » O boi bebeu.
» » Cadê o boi ?
» » Foi buscar milho.
» » para quem ?
» » Para a gallinha.
» » Cadê a gallinha ?
» » Está *pondo*.
» » Cadê o ovo ?
» » O Padre bebeu.
» » Cadê o Padre ?
» » Foi dizer missa.
» » Cadê a missa ?
» » Já se acabou.»

Puderamos multiplicar estes exemplos, si não fôra o receio, que temos, de molestar o gosto dos leitores. Passemos adiante.

Comquanto não se nostenham ainda deparado nas colleções de cantos populares, que temos podido consultar, certos versinhos, que costumam acompanhar as *saúdes* nos

banquetes, todavia não deixam elles de ser uma das manifestações, ainda que das mais acanhadas, da poesia popular ; e por isso aqui indicamos alguns fragmentos dos que se costumam cantar em nossos *jantares burguezes*. Como a cousa se passa é sabido : alguém faz uma *saúde*, e, por via de regra, a *solemnisa* cantando.

As solemnisações mais vulgares são :

« Como canta o papagaio ?
Como canta o papagaio ?
O papagaio, o papagaio,
O papagaio canta assim:
— Gró, gró, gró, gró, etc.

« Como canta o periquito ?
Como canta o periquito ?
O periquito, o periquito,
O periquito canta assim:
— Gré, gré, gré, gré, etc. »

Mais outra:

« O gato amarrado
Dá para miar,
A bôa Champanha
Dá para lançar.
Este é o gato,
Que pegou o rato :
Que roeu a roupa,
Que estava na corda,
Que amarrava a bota:
Bota vinho, bota,
Vira, vira, vira !... etc. »

Mais outra de origem litteraria, porém muito popularisada:

« Taplan, taplan, zabumba,
Bella vida militar ?
Defender as moças bellas,
E depois rir e zombar .

« O soldado que é valente
Leva a vida a batalhar;
O soldado que é mofino
Leva a vida a namorar, etc. »

Ou ainda:

« Azeitonas bem curtidas
Têm um singular sabor;
Só me lembro dos amigos
Quando bebo este licor.

Ou finalmente esta popularissima:

« Nossa carne secca,
Que vem do sertão,
Paios, presuntos
Melhores não são !

« Comendo feijão,
Bebendo cachaça,
Assim com prazer
A vida se passa . »

São communs a Sergipe e a outras provincias do imperio.

O objecto deste capitulo será, talvez, o mais humilde de nosso estudo ; não será, por certo, o menos interessante . Temos visto alguns pretendidos grandes roman-cistas, que nunca sahiram aqui da côrte, que não conhecem o seu paiz, que não conhecem o nosso povo, que nem sequer

tiveram o vago presentimento de que é impossivel escrever o romance ou o drama sem conhecer a alma popular, temos visto, dizemos, taes homens manejando algumas duzias de phrases consagradas, escreverem livros de *erotica fluminense* e serem applaudidos por seus admiradores, ainda mais ignorantes do que elles ! Têm para isto uma singular desculpa: proclamam-se os zeladores do *purismo portuguez* no Brazil, elles que não comprehendem a evolução actual da lingua, elles que não cogitam que ha quatro seculos ella tem estado a ingerir elementos novos, que lhe hão de modificar a indole para melhor. *Purismo portuguez na America ! . . .*

Fôra muito parvo, si não fôsse muito ridiculo...

Os proprios criticos modernos portuguezes estigmatizam essa velha *rheuma classica*, esse arpesado, soturno, arrastado, que tinha a lingua antes de Camões e continuou a ter depois d'elle nas paginas da fradaria ociosa e obesa de 1600 e 1700.

Theophilo Braga em sua *Historia do romantismo*, mostra como Garrett, Herculano e especialmente Castilho não comprehenderam o genuino espirito da revolução litteraria de nosso seculo e procuraram supprir a falta de idéas por um patriotismo mentido, esteril e desfructavel, que traduzia-se na politica pelas phrases banaes sobre o *valor luzitano*, o *brilho da terra do Gama*, e na lingua pela resurreição do *caruncho classico* ! Tiveram a idéa de fazer resurgir o espirito nacional; mas não o souberam. « Procuraram realizar este nobre pensamento por meios artificiaes, *propagando a monomania dos livros portuguezes do seculo XVI e XVII a que deram o nome de classicos* (sic), estabeleceram um purismo affectado na lingua, renovaram archaismos e bravejaram contra a corrente dos gallicismos. . . E mais além: « Pela sua parte Castilho tomou ao serio esta superstição e toda a sua vida foi sacrificada á vernaculidade ; para elle a arte

só teve um fim, o purismo rhetorico, por onde aferiu sempre os talentos dos escriptores. » *

A lingua é sempre uma conquista do tempo, quer dizer, ella deve ser elaborada por cada época, segundo o gráo de seu desenvolvimento.

Braga, fallando de Couto de Magalhães e das transformações do portuguez no Brazil, achou todas estas utilissimas e justificaveis; bem differente foi nisso do seu compatriota o rhetorico Pinheiro Chagas, tratando de Alencar.

Ouçamos outro escriptor e brasileiro nesta questão. No seu bello artigo sobre — *O dia de Camões*, escreveu Tobias Barreto estas palavras: « Camões foi um solitario, e da mais triste das solidões: — a solidão do pensamento. O seu contemporaneo Ronsard, morto cinco annos depois d'elle, Ronsard, o reformador, o revolucionario das letras, escreveu uma vez o seguinte:—Aujourd'hui pour-queque notre France n'obeit qu'à un seul roi, nous sommes contraints, si nous voulons parvenir à quelque honneur, de parler son langage.—Entretanto, a Camões não coube igual destino. As côrtes de João III, de Catharina e Sebastião não eram taes, *que tivessem uma linguagem sua*, e os grandes espiritos se vissem constrangidos ao uso della.

Pelo contrario o poeta houve mister de se crear uma propria.

De se crear! . . . Dir-se-ia uma exgeração; mas não o é. Dar á uma lingua, como fê-lo o épico portuguez, uma feição accentuada e caracteristica, esculpturar, por assim dizer, nas fórmãs eternas da poesia, vasar em moldes homericos *uma das phases de seu desenvolvimento*, é ainda um modo de criação, é creal-a segunda vez. Qualquer que seja a sua procedencia e seu modo de adaptação, a

* *Historia do Roman'ismo*. pag. 105.

lingua é um daquelles bens de que falla Gæthe, *que mesmo herdados, devem ser de novo adquiridos, para se possuir.*»

Eis-ahi ; Portugal nunca teve uma linguagem genuinamente classica, que pudesse sempre e sempre servir de eterno modelo. Camões representa especialmente um assombroso exemplo individual, que marca uma phase na lingua ; esta, porém, não estaciona e deve ser elaborada por cada época, e, ainda mais, por cada um de nós— para ser uma força, um agente vivo e não uma especie de mumia inerte e murcha.

Fôra melhor, portanto, que certos romancistas e pretendidos dramaturgos estudassem o povo, ouvissem como elle falla, perscrutassem-lhe o pensamento, haurissem-lhe a alma e a vida no sabor de suas lendas, no perfume de suas trovas, e retemperassem assim o seu proprio e mesquinho pensamento e a sua propria e affectada linguagem !

Mas... *o estylo* ! ? O estylo é justamente o contrario do que elles pensam.

CAPITULO VII

Origens de nossa poesia e contos populares : portuguezes, indios, africanos e mestiços

Tocamos agora o ponto central do assumpto e certamente o mais difficultoso. Agui temos de caminhar quasi a sós e estabelecer ás mais das vezes conjecturas em lugar de verdades demonstradas. E' a questão das origens, sempre embaraçosa, na esphera philosophica e na historica. Não é sem razão a tendencia dos positivistas de desistirem da inquirição das causas primeiras e finaes na

orbita scientifica ; não é sem motivo que muitas das pretendidas verdades da ethnographia não passam de hypotheses mais ou menos engenhosas. Nosso problema não possui as proporções destes grandes debates ; mas não deixa do ter obstaculos.

Indicar no corpo das tradições, contos, canções, costumes e linguagem do actual povo brasileiro, formado do concurso de tres raças, que ha quatro seculos se relacionam, indicar o que pertence a cada um dos factores, quando muitos phenomenos já se acham baralhados, confundidos, amalgamados, quando a assimilação de uns por outros é completa aqui e incompleta ali, não é tão insignificante, como á primeira vista póde parecer.

Comecemos pela poesia.

Quaes são ali os agentes creadores e quaes os transformadores ? O *agente transformador* por excellencia tem sido entre nós o *mestiço*, que, por sua vez ; já é uma transformação ; elle, porém, tem por seu lado actuado tambem como *autor*.

Os *creadores* são directos e indirectos e são as tres raças distinctas e o mestiço. Mas será verdade que os tupis e os africanos tivessem uma poesia, que haja passado ás nossas populações actuaes ? Nós o cremos ; mas eis ali uma grande difficuldade. Falla-se muito de uma decantada poesia dos indios dos tres primeiros seculos da conquista ; poucos são os fragmentos colligidos. Ainda peor é o que se tem dado com os africanos. Demais, os hymnos lyricos e epicos, cantados pelo povo brasileiro, são vasados nos moldes da lingua portugueza pura e estreme. Como marcar o veio negro e vermelho em canções que affectam uma só fôrma ? As difficuldades abundam. Incontestavelmente o portuguez é o agente mais robusto de nossa vida espiritual. Devemos-lhe as crenças religiosas, as instituições civis e politicas, a lingua e o contacto com a civilização européa. Na poesia popular a sua superioridade, como contribuinte, é portanto incontestavel.

Pertencem-lhe, entre nós, todos os romances cavalleirescos, como *D. Infanta*, *Noiva Roubada*, *Bernal Francez*, *D. Duarte e Donzilha*, *D. Maria* e *D. Arico*, e outros que publicamos, e que têm seus correspondentes nas collecções europeas. (1)

São ainda obra sua a mór parte das canções soltas em quadrinhas, e que em Sergipe têm o significativo nome de *versos geraes*.

As relações da raça superior com as duas inferiores tiveram dous aspectos principaes: a), relações meramente externas, em que os portuguezes não poderiam, como civilizados, modificar sua vida intellectual que tendia a prevalecer, e só poderiam contrahir um ou outro habito, e empregar um ou outro utensilio na vida ordinaria; b), relações de sangue, tendentes a modificar as tres raças e a formar o *mestiço*.

No primeiro caso, comprehende-se de prompto que a acção dos indios e dos negros sobre o europeu nada tinha de profunda e radical; no segundo, a *transformação physiologica* produzia um *typo novo*, que, si não eclipsava o europeu, offuscava as duas raças inferiores.

Na poesia popular, portanto, depois do portuguez, é o *mestiço* o principal factor. Aos selvagens e africanos, que não são autores directos, coube ahí mesmo, porém, uma acção mais ou menos efficaç.

Nos *romances de vaqueiros* ha influxo indiano, e nos versos de *reinados*, *cheganças*, *congós*, *tayeras*, influencia africana. (2)

Os *autores directos*, repitamos, que cantavam na lingua couo sua, foram os portuguezes e os mestiços.

(1) Vide o capitulo 2º deste *Estudo*.

(2) Vide o capitulo 1º deste *Estudo*.

Quanto aos indios e negros, verdadeiros estrangeiros, e forçados ao uso de uma lingua imposta, a sua acção foi indirecta, ainda que real. Na formação da *psychologia do mestiço*, a que iam transmittindo suas tendencias intellectuaes com todas as suas crenças, anexins, abusões, lendas e phantasias, é que se nota o seu influxo. A acção physiologica dos sangues negro e tupi no genuino brasileiro explica-lhe a força da imaginação e o ardor do sentimento. Não ha aqui, pois, em rigor vencidos e vencedores; o mestiço congraçou as raças e a victoria é assim de todas tres. Pela lei da *adaptação* ellas tendem a modificar-se nelle, que, por sua vez, pela lei da *concurrência vital*, tendeu e tende ainda a integrar-se á parte, formando um typo novo em que predominará a acção do branco. * Pertencem-lhe directamente em nossa poesia popular todas as cantigas, que não encontram correspondentes nas collecções portuguezas, como todos os romances sertanejos, muitas *xacarás* e *versos geraes* de um sabor especial. Nestas creações, que chamaremos mixtas, dá-se cumulativamente a acção das tres raças, e ao mestiço pertence, como proprios, o languor lascivo e os calidos anhelitos da paixão. Quasi todos os versos desta especie colligimos da bocca de ariscas e faceiras *mulatas*. Nas diversas citações que temos até aqui feito contam-se *romances cavalheirescos* e *sertanejos*, pertencentes uns aos portuguezes e outros aos mestiços influenciados por indios e negros. Mostraremos agora alguns especimens de *lyrismo* popular puramente *brazileiro* e em que a influencia do africano predomina. Creemos que nada de analogo se depara nas collecções europeas. Sentimos não dar aqui as solfas, que valem tudo.

* Vide a *Litteratura brazileira e a Critica Moderna*.

A MOQUECA

(Sergipe e Bahia)

« Minha moqueca está feita,
Meu bem,
Vamos nós todos jantar :
Bravos os dengos
Da minha yayá ;
Moqueca de côco,
Molho de fubá ;
Tudo bem feitinho
Por mão de yayá ;
Tudo mexidinho
Por mão de Sinhá! . . .
Qual será o ladrão
Que não gostará ? ! . . .
Qual será o demonio
Que não comerá ? ! . . .

Ella tem todos temperos,
Meu bem,
Só falta azeite de dendê :
Bravos os dengos
Da minha yayá ;
Moqueca de côco,
Molho de fubá, etc.

Ella tem todos temperos,
Meu bem,
O que lhe falta é limão :
Bravos os dengos
De minha yayá ;
Moqueca de côco,
Molho de fubá ;
Tudo bem feitinho
Por mão de yayá ; etc. »

O LADRÃO DO PADRESINHO

(Sergipe)

« O ladrão do padresinho
Deu agora em namorador,
Padre, você vá se embora,
Que eu não quero o seu amor . . .

O amor não é seu,
E' de Raphael ;
Raphael quando fôr
E' de quem quizer . . .
Vou criar as minhas raivas
Com meus calundús (1)
P'ra fazer as cousinhas
Que eu bem quizer . . .
Ai ! me largue o babado !
Ai ! me largue *diacho* ! (2)
Que diacho de padre,
Ai, meu Deus ?
Que diacho de padre,
Meu Santo Antonio ! . . .

O padre já estava orando,
Quando a *mulata* chegou ;
Veiu dizer lá de dentro:
— Eu sou seu venerador . . .

O amor não é seu,
E' de Raphael ;
Raphael quando fôr,
etc. etc.

(1) Zangas, aborrecimentos, effeitos do *flato*, como dizem.

(2) Transformação de diabo.

O padre foi dizer missa
Lá na torre de Belém ;
Em vez de dizer *oremos*,
Chamou Maricas *meu bem !...*

O amor não é seu,
E' de Raphael,
Raphael quando fôr;
etc. etc.

Eu perguntei ao padre :
Por que deu em meu irmão ?
« Com saudades das *morenas*
Não quero ser padre, não. »

O amor não é seu,
E' de Raphael,
Raphael quando fôr,
E' de quem quizer...
Vou criar as minhas raivas...
etc. etc. »

QUERO BEM A' MULATINHA

(Sergipe)

« Quero bem á *mulatinha*
Por ser muito do meu gosto ;
Si os parentes se anojarem
Um valente topa outro.

Pelo feixe da espingarda,
Pelo cano que ella tem,
Pelo fio da minha espada,
Que não engeito a ninguem.

Si puxar por minha espada
Na beirinha da lagôa,
Si acaso fico perdido,
Seja por *cousinha* bôa...

Rompo chuvas e trovões,
Coriscos, e criminoso
Ando no mundo queixoso
Sem de mim se fallar nada !...
Hei de amar a *mulatinha*
Pelo feixe da espingarda.»

CHULA

(Pernambuco)

« Eu nasci dentro da lima
Do caroço fiz encosto ;
Ai, amor...
Quem geme
E' quem sente a dôr...
Ai, meu bem,
Divirta-se e passe bem.

Ai, minha vida,
Minha saia
Minha joia,
Minha pitingoia !...
Ai, amor...
Quem geme
E' quem sente a dôr ;
Ai, meu bem,
Divirta-se, e passe bem !... »

Encontra-se ainda entre nós certa tendencia de dicularizarem-se entre si as diversas raças. O caboclo desde os tempos coloniaes, o objecto de muitos tejos e lendas ridiculas ; era considerado o typo da lice e da fatuidade, a incarnação do parvo e do basbaq. O negro era, por sua vez, bem desdenhado, e o portug alcuñado de *maroto, gallego, marinheiro*, etc. Ao mes deu-se o nome de *cabra, bode*, e outros titulos manantes.

O typo da mulata foi desdenhado nestes versos :

A MULATINHA

(Sergipe)

« Estava de noite
Na porta da rua
Proveitando a fresca
Da noite de lua,

Quando vi passar
Certa mulatinha,
Camisa gommada,
Cabello entrançadinho.

Peguei o capote,
Sahí atraz della,
No virar do bêco
Encontrei com ella.

Ella foi dizendo :
« Senhor o que quer ?
Eu já não posso
Estar mais em pé.»

Olhei-lhe p'r' as orelhas,
Vi-lhe uns brincos finos,
Na restia da lua
Estavam reluzindo.

Olhei p'r'o pescoco
Vi um bello collar ;
Estava a mulatinha
Bôa de se amar.

Olhei-lhei p'r'os olhos
Vi bem foi remela ;
De cada um torno
Bem dava uma vela.

Olhei-lhe p'r'a cara,
Não lhe vi nariz ;
No meio do rosto
Tinha um chafariz.

Olhei-lhe p'ra bocca,
Não vi-lhe um só dente,
Parecia o diabo
Em figura de gente.

Olhei-lhe p'r'os peitos,
Eram de marmota ;
Pareciam bem
Peitos de uma porca.

Olhei-lhe p'r' as pernas
Eram de vaqueta ;
Comidas de lepra
E cheias do greta.

Olhei-lhe p'r'os pés,
Benzi-me de medo ;
Tinha cem bichos
Em cada um dedo.»

A tendencia comica do povo revela-se tambem nestes versos:

OS CÓCÓS DE CORDÃO

(Sergipe)

« A minha mana Luiza
E' moça de opinião ;
Passou a mão na tesoura
Deu com os cócós no chão.

Sete canadas de azeite,
Banha de camaleão,
E' ponco p'ra fazer banha
P'ra estes cócós de cordão.

O sebo está muito caro,
'Stá valendo um dinheirão ;
Quero vêr com que se acocham
Estes cócós de cordão.

Os caixeiros da Estancia*
Levam grande repellão,
Para não venderem sebo
P'r'estes cócós de cordão.

* Cidade de Sergipe.

Deus permitta que não chova,
P'ra não haver algodão ;
Quero vêr com que se amarram
Estes cócós de cordão.

Na fonte da Gamelleira
Não se lava com sabão ;
Se lavam com folhas verdes
Estes cócós de cordão.

As negras de taboleiro
Não comem mais carne, não ;
Só comem sebo de tripa
Destes cócós de cordão.

O moço que é *brazileiro*,
Que conserva opinião,
Não deita na sua *rêde*
Destes cócós de cordão.

Ajuntem-se as moças todas
Em redor deste pilão,
Qu'è p'ra pisarem o sebo
P'ra estes cócós de cordão.

Ajuntem-se as velhas todas
Em roda do violão,
Qu'è p'ra dançarem o *samba**
Destes cócós de cordão.»

* Dança popular, synonymo de *chiba*, *cateretê*, *bahiana*, *dingo*, *candomblê*, etc.

Passemos aos contos e lendas. Ahi é directa a acção das tres raças e a influencia do mestiço ainda muito insignificante, a não ser como agente transformador. Temos contos de origem portugueza (aryana), tupi (pretendida turana), africana (raças inferiores) e mestiça (formação recente).

Entre os primeiros destacam-se todos aquelles contos que têm analogos nas collecções europeas e especialmente portuguezas. Citaremos, como specimen, o seguinte bellissimo conto colhido em Sergipe. Nelle o titulo de *Manjaléo*, termo africano, mostra adaptação do conto ao meio brasileiro.

O BICHO-MANJALÉO

« Uma vez existia um velho casado que tinha tres filhas muito bonitas ; o velho era muito pobre e vivia de fazer gamellas para vender. Quando foi um dia, chegou á sua porta um moço muito formoso, montado n'um bello cavallo, e lhe fallou para comprar uma de suas filhas.

O velho ficou muito magoado, e disse que, por ser pobre, não havia de vender sua filha. O moço disse que si não lh'a vendesse o mataria ; o velho intimidado vendeu-lhe a moça e recebeu muito dinheiro.

Retirando-se o cavalleiro, o pai da familia não quiz mais trabalhar nas gamellas, por julgar que não o precisava mais de então em diante ; mas a mulher instou com elle para que não largasse o seu trabalho de costume, e elle obedeceu.

Quando foi na tarde seguinte, apresentou-se um outro moço ainda mais bonito e montado n'um cavallo ainda mais bem aparelhado, e disse ao velho que queria comprar-lhe uma de suas filhas. O pai ficou muito incomodado ; contou-lhe o que lhe tinha acontecido no dia antecedente, e recusou-se ao negocio.

O moço o ameaçou também de morte, e o velho cedeu. Si o primeiro deu muito dinheiro, este ainda deu mais e foi-se embora.

O velho de novo não quiz continuar a fazer as gabelas e a mulher o aconselhou até elle continuar. Pela tarde seguinte appareceu outro cavalleiro ainda mais bonito, e melhor montado, e, pela mesma fórma, carregou-lhe a filha mais moça, deixando ainda mais dinheiro.

A familia cá ficou muito rica; depois appareceu a velha pejada e deu á luz um filho que foi criado com muito luxo e mimo.

Quando chegou o tempo do menino ir para a escola, em um dia brigou com um companheiro, e este lhe disse: «Ah! tu cuidas que teu pai foi sempre rico!... Elle hoje está assim porque vendeu tuas irmãs!...» O rapazinho ficou muito pensativo, e não disse nada em casa; mas quando foi moço feito, lá em um dia se armou de um alfange e foi ao pai e á mãe e lhes disse que lhe contassem a historia de suas tres irmãs, sinão os matava.

O pai lhe teve mão, e contou o que se tinha passado antes d'elle nascer. O moço então pediu que queria saber pelo mundo para encontrar suas irmãs, e partio. Chegando em um caminho, vio em uma casa tres irmãos brigando por causa de uma bota, uma carapuça e uma chave. Elle chegou e perguntou o que era aquillo, e para que prestavam aquellas cousas.

Os tres irmãos responderam que «aquella bota se dizia—*bóta, me bota em tal parte!* e a bota botava; á carapuça se dizia—*esconde-me, carapuça!* e ella escondia a pessoa que ninguem a visse; e a chave *abria* qualquer porta.»

O moço offereceu bastante dinheiro pelos objectos, os irmãos acceitaram, e elle partio. Quando se encobrio da casa disse: *bóta, me bota na casa de minha irmã primeira.* Quando abriu os olhos estava lá. A casa era um palacio muito ornado e rico, e o moço mandou pedir licença para

entrar e fallar com a irmã, que estava feita rainha. Ella não queria apparecer, porque dizia que nunca tinha tido irmão. Afinal, depois de muita instancia, deixou o estrangeiro entrar : elle contou toda a sua historia, a irmã o acreditou, e o tratou muito bem.

Perguntou-lhe como podia ter chegado alli áquellas brenhas e o irmão disse-lhe o poder da bota. Pela tarde a rainha se pôz a chorar, e o irmão lhe indagou da razão, ao que ella respondeu que : « seu marido era o *Rei dos Peixes*, e, quando vinha jantar era muito zangado, em termos de acabar com tudo, e não queria que ninguem fôsse ter a seu pallacio.» O moço disse-lhe que por isso não se incomodasse, que tinha com que se esconder e não ser visto, e era a carapuça. Pela tarde veio o *Rei dos Peixes*, acompanhado de uma porção de outros, que o deixaram na porta do palacio e se retiraram. Chegou o rei muito aborrecido, dando pulos e pancadas, dizendo « aqui me fede a sangue real, aqui me fede a sangue real. . . » do que a rainha o dissuadia, até que elle tomou o banho e se desencantou em um bello moço.

Seguiu-se o jantar, no qual a Rainha perguntou-lhe : « si aqui viesse um irmão meu, cunhado seu, você o que fazia? Tratava e venerava como a você mesma, e si está ali appareça.» Foi a resposta do rei. O moço appareceu e foi muito considerado.

Depois de muita conversação, em que contou sua viagem, foi instado para ficar alli morando com a irmã, ao que disse que não, porque ainda lhe restavam duas irmãs a visitar.

O rei lhe indagou que prestimo tinha aquella bóta, e, quando soube do que valia, disse : « Si eu a apanhasse, ia vêr a rainha de Castella.» O moço, não querendo ficar, despedio-se, e, no acto da sahida, o cunhado lhe deu uma *escama*, e disse-lhe « quando você estiver em algum perigo, pegue nesta escama e diga : « Va-lha-me o Rei dos Peixes.» O moço sahio, e, quando se encobriu do palacio,

disse : « bota, me bota em casa de minha irmã segunda, » e quando abriu os olhos lá estava.

Era um palacio ainda mais bonito e rico do que o outro.

Com alguma dificuldade da parte da irmã, entrou e foi recebido muito bem. Depois de muita conversa, a sua irmã do meio se pôz a chorar, dizendo que era « por estar elle ali, e, sendo seu marido *Rei dos Carneiros*, quando vinha jantar, era dando muitas marradas, em termos de matar tudo, »

O irmão apaziguou-a, dizendo que tinha onde se esconder.

Com poucas, chegou uma porção de carneiros com um carneirão muito alvo e bello na frente ; este entrou e os outros voltaram. (*Segue-se uma scena em tudo semelhante á que se passou em casa do Rei dos Peixes.*)

Na despedida, o rei dos carneiros deu ao cunhado uma *lanzinha*, dizendo: «quando estiver em perigo, diga: «Valha-me o Rei dos Carneiros. » Tambem disse, depois de saber a virtude da bota : «Se eu pegasse esta bota ia vêr a rainha de Castella.»

O moço foi reparando nisto, e formou logo comsigo o plano de ir vêl-a. Sahi, e, pela mesma fórma, foi ter á casa de sua irmã mais moça.

Era um palacio ainda mais bonito e rico do que os outros dous. (*Seguem-se as mesmas scenas que nas outras duas visitas*). Era o palacio do *Rei dos Pombos*, e este, na despedida, deu ao cunhado uma *penna*, com as palavras : « quando se vir em algum perigo, diga : « Valha-me o Rei dos Pombos. »

Na despedida, sabendo o Rei ds prestimo da bóta, mostrou tambem desejos de vêr a Rainha de Castella.

Logo que o moço se vio longe de palacio, disse : « bota, bota-me agora na terra da Rainha de Castella. » Assim foi. Chegado lá, elle indagou della e lhe disseram que « era uma princeza que o pai queria casar, e que era

tão bonita que ninguém passava pela frente do palacio que não olhasse logo para cima para vê-la na janella ; mas a princeza tinha dito ao Rei que só casava com o homem que passasse por ella sem levantar a vista. »

O estrangeiro foi passar, e atravessou toda a distancia sem olhar, e a princeza casou com elle.

Depois de casados, ella indagou pela significação daquelles objectos que seu marido sempre trazia comsigo ; elle tudo lhe contou, e a princeza prestou muita attenção ao prestigio da chave.

O Rei seu pai, tinha em palacio um quarto que nunca se abria, e neste quarto, onde era prohibido a todos entrar, estava, desde muito tempo, trancado um bicho Manjaléo, muito feroz, que sempre o Rei mandava matar e sempre revivia. A moça tinha muita curiosidade de o vêr, e, aproveitando a sahida do pai e do marido para uma caçada, pegou na chave encantada e abriu o quarto. O bicho pulou de dentro, dizendo : — *a ti mesmo é que eu queria*—... e fugio com ella para as brenhas.

Quando voltaram os caçadores, deram por falta da Princeza ; ficaram muito affictos. O rei foi ao quarto do Manjaléo, e achou-o aberto e vazio, e o novo principe conheceu a sua chave... Ao depois valeu-se de sua bôta, e foi ter aonde estava sua mulher. Esta quando o vio, estando ausente o Manjaléo, ficou muito alegre, e quiz ir-se embora com elle. Mas o marido o não consentio, dizendo que ella ficasse ainda para indagar do monstro onde estava a sua *vida*, para assim dar-se cabo d'elle. O principe foi-se embora. Quando o Manjaléo voltou, conheceram que ali tinha estado *bicho-homem* ; a moça o dissuadiu, e, quando elle se acalmou, ella lhe perguntou onde estava a sua *vida*. O monstro zangou-se muito, e disse : « Ah ! tu queres saber de minha vida mais o teu marido para darem cabo de mim !... Não te digo, não... »

Passaram-se dias, sempre a moça instando. Afinal, elle foi amolar um alfange, dizendo : « eu te digo onde

está a minha vida ; mas, si eu sentir qualquer incommodo, conheço que ella vai em perigo, e, antes que me matem, mato a ti primeiro, queres ? ! »

A princeza respondeu que sim. O Manjaléo amolou o alfange, e disse-lhe : « minha vida está no mar ; dentro d'elle ha um caixão, dentro do caixão uma pedra, dentro da pedra uma pomba, dentro da pomba um ovo, dentro do ovo uma vela ; assim que a vela se apagar, eu morro ; O bicho sahiu e foi procurar frutas ; chegou o principe, soube de tudo e foi-se embora. O Manjaléo veio e deitou-se no collo da moça com o alfange ali perto. O principe chegou com a sua bôta á praia do mar num instante : lá pegou na escama, que tinha, e disse : « valha-me o Rei dos Peixes ! . . . » De repente uma multidão de peixes appareceu, indagando o que elle queria.

O principe perguntou por um caixão que havia no fundo do mar ; os peixes disseram que nunca o tinham visto, e só si o peixe do rabo cotó soubesse. Foram chamar o peixe do rabo cotó, e este respondeu : « neste instante dei uma encontroadá nelle ! » Todos os peixes foram e botaram o caixão para fóra. O principe o abriu e deu com a pedra ; ali pegou na lauzinha o disse : « valha-me o Rei dos Carneiros ! » De repente appareceram muitos carneiros e entraram a dar marradas na pedra. O Manjaléo lá começou a sentir-se doente, e dizia . « minha vida, princeza, corre perigo ! » E pegou no alfange ; a moça o foi dissuadindo e *engambellando*. * Os carneiros quebraram a pedra, e voou uma pomba. O principe pegou na penna, e disse : « valha-me o Rei dos Pombos. » Chegaram muitos pombos e correram atraz da pomba até que a pegaram. O Principe abriu-a e achou o ovo. Quando estava nisto, lá o Manjaléo estava muito desfallecido, pegou no

alfange e ia dando um golpe na princeza. Foi quando cá o príncipe quebrou o ovo, e apagou a vela ; ali o bicho calio sem ferir a moça. O príncipe foi ter com ella, e levou-a para palacio, onde houve muitas festas. »

Contos de origem portugueza, como o que fica transcripto, colligimos muitos. *

De origem indiana colligimos alguns, muito popularizados, e de que damos aqui algumas amostras. O leitor os compare com os que foram collidos por Couto de Magalhães no seu livro o *Selvagem*. Os que agora publicamos correm já entre nossas populações christãs. São muito diversos dos de origem portugueza, cujos originaes primitivos podem ser cotejados na recente collecção de Adolpho Coelho. Eis os indianos :

O KÁGADO E A FESTA NO CÉU

(Sergipe)

« Uma vez houve tres dias de festa no céu ; todos os bichos foram ; mas nos dous primeiros dias o kágado não pôde ir, por andar muito de vagar. Quando os outros vinham de volta, elle ainda ia no meio do caminho. No ultimo dia, elle, mostrando grande vontade de ir, a garça se offereceu para leval-o nas costas. O kágado acceitou e montou-se ; mas a malvada ia sempre perguntando si elle ainda via terra, e quando o kágado disse que não avistava mais terra, ella o largou no ar, e o pobre veio rolando e dizendo :

« Léu, léu, lén,
Si eu desta escapar
Nunca mais bodas ao céu. »

E tambem: « arredem-se, pedras, arredem-se, páus, sinão vos quebrareis. » As pedras e páus se afastaram e

elle caiu, porém todo arreventado. Deus teve pena e ajuntou os pedacinhos e deu-lhe de novo a vida em paga da grande vontade que elle teve de ir ao céu. Por isso é que o kágado tem o casco em fôrma de remendos.» *

O KÁGADO E A FRUTA

(Sergipe)

« Diz que foi um dia, havia no mato uma fruta que todos os bichos tinham vontade de comer ; mas era prohibido comer a tal fruta sem primeiro saber o nome della. Todos os animaes iam á casa de uma mulher que morava nas paragens onde estava o pé da fruta, perguntavam a ella o nome e voltavam para comer ; mas quando chegavam lá não se lembravam mais do nome. Assim aconteceu com todos os bichos que iam, voltavam, e nada de acertar com o nome. Faltava sómente o amigo kágado ; os outros foram chamal-o para ir por sua vez. Alguns caçoavam muito, dizendo: « quando os outros não acertaram quanto mais elle ! »

Amigo kágado partiu munido de uma violinha ; quando chegou na casa da mulher perguntou o nome da fruta. Ella disse : « *boyoyô-boyoyô-quizama-quizu'-boyoyô-boyoyô-quizama-quizu.* » Mas a mulher, depois que cada bicho ia-se retirando já em alguma distancia, punha-se de lá a bradar : « Oh ! amigo tal, o nome não é esse, não, » e dizia outros nomes ; o bicho se atrapalhava e, quando chegava ao pé da fruta, não sabia mais o nome.

Com o kágado não foi assim ; porque elle deu de mão

* N'este conto ha a confluencia da tradição portugueza, expressa no conto á *Raposa e o Lobo*, e a tradição indigena, expressa no cyclo dos contos do *jaboty* -(kágado).

Vide *Contos Populares* de Adolpho Coelho, pag. 15. Não prevalece absolutamente a observação feita pelo Sr. Barbosa Rodrigues na *Vellozia*, pag. 78.

á sua violinha, e pôz-se a cantar o nome até ao logar da arvore, e venceu a todos.

Mas amiga onça, que já lá estava á sua espera, disse-lhe : « Amigo kágado, você como não póde trepar deixe que eu trepre para tirar as frutas, e você em paga me dá algumas. » O kágado consentiu ; ella encheu seu sacco e largou-se sem lhe dar nenhuma. O kágado, muito zangado, largou-se atraz. Chegando os dous a um rio cheio, elle disse á onça : « Amiga onça, aqui você me dê o sacco para eu passar, que sou melhor nadador, e você passa depois. » A onça concordou, mas o sabido, quando se viu da outra banda, sumiu-se, ficando a onça lograda. Esta formou o plano de o matar ; elle soube e metteu-se debaixo de uma raiz grande de arvore onde ella costumava descansar. Ahí chegando, pôz-se ella a gritar : « Amigo kágado, amigo kágado !... » O sabido respondia ali de pertinho : « ôi » A onça olhava de uma banda e d'outra e não via ninguem. Ficou muita espantada e pensou que era o seu *trazeiro* que respondia. Pôz-se de novo a gritar, e sempre o kágado respondendo : « ôi ! » e ella : « cala a boca, *oveiro* ! », e sempre a cousa para diante. Amigo macaco veio passando, e a onça lhe contou o caso da desobediencia de seu *trazeiro*, e lhe pediu que o açoitasse. O macaco tanto executou a obra que a matou. Deu-se então o kágado por satisfeito. »

O KÁGADO E O TEYU'

(Sergipe)

« Foi uma vez, havia uma onça que tinha uma filha; o teyú queria casar com ella, e amigo kágado tambem. O kágado, sabendo da pretensão do outro, disse em casa da onça que o teyú para nada valia, e que até era o seu cavallo.

O teyú, logo que soube disto, foi ter tambem á casa da comadre onça, e asseverou que ia buscar o kágado para alli dar-lhe muita pancada á vista de todos, e partiu. O kágado, que estava na sua casa, quando o avistou de longe, correu para dentro e amarrou um lenço na cabeça, fingindo que estava doente. O teyú chegou na porta e o convidou para darem um passeio em casa da amiga onça ; o kágado deu muitas desculpas, dizendo que estava doente e não podia sahir *de pé* naquelle dia. O teyú teimou muito : « Então, disse o kágado, você me leva montado nas suas costas. » Pois sim, respondeu o teyú ; mas ha de ser até longe da porta da amiga onça. « Pois bem : mas você ha de deixar eu botar o meu *caquinho* de sella ; porque assim em osso é muito feio. » O teyú se massou muito, e disse : « não que eu não sou seu cavallo ! » « Não é por ser meu cavallo, mas é muito feio. » Afinal o teyú consentiu. « Agora, disse o kágado, deixe botar minha *bride*. »

Novo barulho do teyú, e novos pedidos e desculpas do kágado, até que conseguiu pôr a bride no teyú e munir-se de mangoal, esporas, etc.

Partiram ; quando chegaram em logar não muito longe da casa da onça, o teyú pediu ao kágado que descesse e tirasse os arreios, sinão era muito feio para elle ser visto servindo de cavallo. O kágado respondeu que elle tivesse paciencia e caminhasse mais um bocadinho, pois estava muito incommodado e não podia chegar a pé. Assim foi enganando o teyú até á porta da casa da onça, onde metteu-lhe o mangoal e as esporas a valer. Então, gritou para dentro da casa : « Olá, eu não disse que o teyú era meu cavallo ? ! venha vêr !... » Houve muita risada, e o kágado victorioso disse á filha da onça : « Ande, moça ; monte-se na minha garupa e vamos casar. » Assim aconteceu com grande vergonha para o teyú. »

O KÁGADO E O JACARÉ

(Sergipe)

• O kágado tinha uma gaita em que tocava com grande admiração de todos os outros animaes, e o jacaré tinha muita inveja. Uma vez elle foi esperar o kágado no logar *que* este costumava ir beber agua, e pôz-se do lado de fóra da fonte deitado. Quando o kágado chegou, o saudou, dizendo: « Oh ! amigo jacaré, como vai ? » « Estou *apanhando* sol, amigo kágado. » O kágado bebeu sua agua e pôz-se a tocar a gaita, e o jacaré disse: « Amigo kágado, me empresta esta gaita para eu experimentar-a. » O kágado deu, e o jacaré pulou com ella dentro d'agua, e foi-se. O kágado ficou muito zangado, e foi-se embora. Passados dias, elle foi a um cortiço, engoliu muitas abelhas, e foi-se pôr no logar aonde o jacaré costumava apanhar sol, escondeu-se nas folhas com o rabo para cima. Labreou o trazeiro bem de mel, e, de vez em quando, largava uma abelha : « *zum...?* » O jacaré vendo aquillo suppoz ser algum cortiço e metheu o dedo ; o kágado apertou-o, e disse: « Só o largo quando me der conta da minha gaita. » E foi arrochando cada vez mais. O jacaré abriu a bocca no mundo e poz-se a gritar :

« Oh ! Gonçalo,
Meu filho mais velho,
A gaita do kágado ...
Tango-lê-rê...
A gaita do kágado ...
Tango-lê-rê... »

* Jacaré— *Alligator Selerops.*

O rapaz de lá ouvia mal, e dizia: «O que, meu pai?... a camisa?» O jacaré, vexado, gritava com mais força:

« Não, Gonçalo,
Meu filho mais velho,
A gaita do kágado...
Tango-lê--rê...
A gaita do kágado ...
Tango-lê-rê... »

O Gonçalo : « O que, meu pai ? As calças ? »

O jacaré tornava a repetir a cantilena, e, só depois de muita massada e quando o seu dedo estava tórta não tórta, é que o Gonçalo veio com a gaita, que o jacaré deu ao kágado. Só depois da entrega, elle largou-lhe o dedo.»

O KÁGADO E A FONTE

(Sergipe)

« Uma feita o kágado intrigou-se com o homem do teyú e a onça por causa de um casamento com a filha da onça. Havia uma fonte onde todos os bichos costumavam ir beber; o kágado lá chegou, botou dentro della uma boa porção de sapinhos e lhes deu ordem que, quando viesse ali algum bicho beber, elles cantassem :

« Turi, turi...
Quebrar-lhe as pernas,
Furar-lhe os olhos... »

Feito isto, o kágado foi se embora.

Chegou o macaco para beber; ouviu aquillo e ficou com muito medo e foi-se, e espalhou o caso. Outros bichos vieram e todos se retiraram com medo.

Veio o teyú, a mesma cousa ; veiu a onça o mesmo. Afinal o homem veiu e tambem fugiu com medo. Faltava o kágado ; foram chamal-o.

Elle disse que estava prompto a ir, mas acompanhado de todos os outros, e munido de sua gaita e tocando. Chegando a certa distancia mandou os outros esperarem, avançou, chegou junto á beira da fonte, deu ordem aos sapinhos para se calarem ; elles obedeceram. O kágado encheu seu pote e retirou-se victorioso com grande espanto de todos os outros animaes e casou-se com a filha da onça. »

A ONÇA E O BODE

(Sergipe)

« Uma vez a onça quiz fazer uma casa ; foi a um logar, roçou o mato para ali fazer a sua casa. O bóde que tambem andava com vontade de fazer uma casa, foi procurar um logar, e, chegando no que a onça tinha roçado, disse : « Bravo ! que bello logar para levantar minha casa ! » O bóde cortou logo umas forquilhas e infincou naquelle logar, e foi-se embora. No dia seguinte a onça lá chegando e vendo as forquilhas infincadas, disse : « Oh ! que um está me ajudando ? ! Bravo, é Deus que está me ajudando ? ! » Botou logo as travessas nas forquilhas e a cumieira, e foi-se. O bóde quando veiu de novo admirou-se e disse : « Oh ! quem está me ajudando ? ! E' Deus que está me protegendo. » Botou logo os caibros na casa, e foi-se.

Vindo a onça, ainda mais se espantou, e botou as ripas e os enchimentos e retirou-se. O bóde veiu e envarou a casa, e foi-se. A onça veiu e cobriu. O bóde veiu e tapou. Assim foram, cada um por sua vez e apromptaram a casa. Acabada ella, veiu a onça, fez a sua cama e metteu-se dentro.

Logo depois chegou o bóde, e, vendo a outra, disse : « Não amiga, esta casa é minha, porque fui eu quem infiquei as forquilhas, botei os caibros, envarei e tapei. » « Não, amigo, respondeu a onça, a casa é minha, porque fui eu que rocei o logar, botei as travessas, a cumieira, as ripas, os enchimentos e o sapê. »

Depois de alguma questão, a onça, que estava com vontade de comer o bóde, disse : « Mas não haja briga, amigo bóde, nós dous podemos ficar morando na casa. » O bóde acceitou, mas com muito medo. O bóde armou a sua rede bem longe do *giráu* da onça. No outro dia a onça disse : « Amigo bóde, quando você me *vêr frangir* o couro da testa, eu estou com raiva, tome sentido! » « E eu, amiga onça, quando você me *vêr balançar* as minhas barbinhas ali nas goteiras e dar um espirro, você fuja, que eu não estou de caçoada. » Depois a onça sahiu, dizendo que ia buscar de comer. Lá, por longe de casa pegou um grande bóde, para fazer medo ao seu compauheiro, matou-o e entrou com elle pela casa a dentro. Atirou-o no chão e disse : « Está, amigo bóde, estóle e trate para nós comer. » O bóde, quando viu aquillo, disse lá consigo : « quando este que éra tão grande, você matou, quanto mais a mim ! » No outro dia elle disse á onça : « Agora amiga onça, quem vae buscar o que comer sou eu. »

E largou-se. Chegando longe, avistou uma ouça bem grande e gorda, disfarçou e pôz-se a tirar cipós no mato. A onça veiu chegando e, vendo aquillo, disse : « Amigo bóde, para que tanto cipó ? » « *T fum!* Para que?! O negocio é serio, trate de si... O mundo está para se acabar, e é com diluvio... » « O que está dizendo, amigo bóde? » « E' verdade; e você, si quizer escapar, venha se amarrar, que eu já me vou. » A onça foi e escolheu um páu bem alto e grosso, e pediu ao bóde para que a amarrasse. O bóde enlinhou-a perfeitamente, e, quando a viu bem segura, mettem-lhe o cacete como terra,

até matal-a. Depois arrastou-a, chegou em casa, largou-a no chão, dizendo : « Está ; si quizer, esfóle e trate. »

A onça ficou espantanda e com medo, *ambos os dous* temiam um ao outro. Num dia o bóde poz-se junto *das* biqueiras, tomando fresco ; olhou para a onça, e ella estava com o couro da testa *frangido*. Elle teve receio e abalou as barbas e largou um espirro. A onça pulou do *mundéu* e largou na carreira, o bóde tambem abriu o panno. Ainda hoje correm, cada um para o seu lado. »

A ONÇA, O VEADO E O MACACO

(Sergipe)

« Uma vez, amiga onça convidou amigo veado para ir comer leite em casa de um compadre, e amigo veado acceitou. No caminho tinham de passar um riacho, e a onça enganou o veado dizendo que elle era muito raso, e não tivesse medo. O veado metteu o peito e quasi morreu afogado. A onça passou por um logar mais raso e não teve nada. Seguiram. Adiante encontraram umas bananeiras, e a onça disse ao veado : « Amigo veado, vamos comer bananas ; você suba, coma as verdes, que são as melhores, e me atire as maduras. » Assim fez amigo veado, e não pôde comer nenhuma, e a onça encheu a pança. Seguiram ; adiante encontraram uns trabalhadores *capinando* uma roça. A onça disse ao veado : « Amigo veado, quem passa por aquelles trabalhadores deve dizer: diabo leve a quem trabalha. » Assim foi ; quando o veado passou pelos homens, gritou : « Diabo leve a quem trabalha ! » Os trabalhadores largaram-lhe os cachorros, e quasi o pegaram. A onça quando passou disse : « Deus ajude a quem trabalha. » Os homens gostaram daquillo, e a deixaram passar. Adiante encontraram uma cobrinha

de coral, e a onça disse : « Amigo veado, olhe que linda pulseira para você levar á sua filha. » O veado foi apanhar a cobra, e levou uma dentada ; pôz-se a queixar-se da onça, e ella lhe respondeu : « Quem mandou você ser tolo ! »

Afinal, chegaram á casa do compadre da onça ; já era tarde e foram dormir.

O veado armou sua redinha lá num canto e ferrou no somno. Alta noite, a onça se levantou devagarzinho, de pontinha de pé, abriu a porta, foi ao curral das ovelhas, sangrou uma das mais gordas, aparou o sangue numa cuia, comeu a carne, voltou para a casa, largou a cuia de sangue em cima do veado pera o sujar, e foi-se deitar. Quando foi de p'ra manhã o dono da casa se levantou, foi ao curral e achou uma ovelha de menos. Foi vêr se tinha sido a onça, e ella lhe respondeu : « Eu não, meu compadre, só se foi amigo veado, veja bem que eu estou limpa. » O homem foi á rede do veado e achou-o todo sujo de sangue. « Ah ! foi você, seu ladrão ? ! » Metteu-lhe o cacete até o matar. A onça comeu bastante leite e foi-se embora.

Passados tempos, ella tomou um capote emprestado ao macaco e o convidou para ir comer leite em casa do mesmo compadre. O macaco acceitou e partiram. Chegando adiante, encontraram o riacho, e a onça disse : « Amigo macaco, o riacho é raso, e você passe adiante e por ali. » O macaco respondeu : « Ah ! você pensa que eu sou como o veado, que você enganou ? ! passe adiante si quiser, sinão eu volto. » A onça que vio isto passou adiante. Quando chegaram nas bananeiras, ella disse : « Amigo macaco, vamos comer bananas ; você come as verdes que são as melhores e me atire as maduras. » Vamos, disse o macaco, e foi logo se atrependo. Comeu as maduras e atirou as verdes para a onça. Ella ficou desesperada e dizia : « Amigo macaco, amigo macaco ! . . . eu te boto a unha ! » « Eu vou-me embora, se você péga com historias.

Assim respondia o macaco, e foram seguindo. Quando passaram pelos trabalhadores, a onça disse : « Amigo macaco, quem passa por aquelles homens deve dizer : «Diabo leve a quem trabalha, porque ali elles estão obrigados. » O macaco quando passou disse : « Deus ajude a quem trabalha. » Os trabalhadores ficaram satisfeitos, e o deixaram passar. A onça passou tambem. Adiante avistou uma cobrinha de coral, e disse ao macaco : « Olhe amigo, que lindo collar para sua filha, apanhe e leve. » « Pegue você » e não quiz o macaco pegar. Afinal, chegaram á casa do compadre da onça e foram se deitar, porque já era tarde. O macaco, de sabido, armou sua rêde bem alto, deitou-se e fugio que estava dormindo. A onça, bem tarde, sahio de pontinha de pé, foi ao chiqueiro das ovelhas, sangrou a mais bonita, comeu a carne, e foi com a cuia de sangue derramar no macaco. Elle que estava vendo tudo, deu-lhe com o pé, e o sangue cahio todo em riba da onça. Quando foi de pr'a manhã, o dono da casa foi ao curral e achou uma ovelha de menos, e disse : « Sempre que a malvada desta comadre dorme aqui falta-me uma criação ! » Largou-se para casa, e já encontrou o macaco de pé e apontando para a onça, que fingia que estava dormindo. O homem a viu toda suja de sangue, e disse : « Ah ! é voce sua diaba ! » Deu-lhe um tiro e a matou. O macaco comeu muito leite, e foi-se embora muito satisfeito. » *

* Os animaes deste conto são : a onça *Felix-onça*, o veado *Cervus elaphus*, *Cervus dama* ; o macaco, *Cebus appella*, a cobra-coral, *Coluber Corallinus*..

O MACACO E A COTIA

(Pernambuco)

« O macaco foi dançar em casa da cotia ; a cotia, de sabida, mandou o macaco tocar, dando-lhe uma rabeça. A cotia começou a dançar. e, no virar a roda, deu uma *embigada* na parede e partio o rabo. Todos os que tinham rabo, ficaram, vendo isto, com medo de dançar. Então o priá disse: «Ora, vocês estão com medo de dançar, mandem tocar, e vão vêr obra !» O macaco ficou logo desconfiado e trepou-se em um banco e pôz-se a tocar para o priá dançar. O priá deu umas voltas e foi dar sua *embigada* no mestre macaco, que não teve outro geito senão entrar também na dança das cotias e dos outros animaes, e todos lhe pisaram no rabo. Então elle disse : « Não danço mais, porque compadre priá e compadre sapo não devem dançar pisando no rabo dos outros. porque elles não têm rabo para nelle se pisar.» Pulou para cima da janella e de lá tocava sem ser incommodado.»

O URUBU' E O SAPO

(Pernambuco)

« O urubú e o sapo foram convidados para uma festa no céu. O urubú, para debicar o sapo, foi á casa delle e lhe disse : « Então, compadre sapo, já sei que tem de ir ao céu, e eu quero ir em sua companhia. » Pois não, disse

o sapo, eu hei de ir, contanto que você leve a sua viola.» «Não tem duvida; mas você ha de levar o seu pandeiro, respondeu o urubú.» O urubú se retirou, ficando de voltar no dia marcado para a viagem. Nesse dia se apresentou em casa do sapo, e este o recebeu muito bem, mandando-o entrar para vêr sua comadre e os afilhados. E quando o urubú estava entretido com a sapa e os sapinhos, o sapo velho entrou-lhe na viola, e disse-lhe de longe : « Eu, como ando um pouco de vagar, compadrevou indo adiante.» E deixou-se ficar bem quietinho dentro da viola. O urubú, dahi a pedaço se despedio da comadre e dos afilhados, e agarrou na viola e largou-se para o céu. Lá chegando, lhe perguntaram logo pelo sapo, ao que elle respondeu : Oia, nem esse moço vem cá ; quando lá em baixo elle não anda ligeiro, quanto mais voar !... Deixou a viola e foi comer, que já eram horas.

Estando todos reunidos nos *comes e bebes*, pulou sem, ser visto, o sapo de dentro da viola, dizendo : « Eu aqui estou !... Todos se admiraram de vêr o sapo naquellas alturas. Entraram a dançar e a brincar. Acabado o *samba* foram todos se retirando, e o sapo vendo o urubú *distrahido*, entrou-lhe outra vez dentro da viola. Despediu-se o urubú e largou-se para a terra. Chegando á curta altura, o sapo mexeu-se dentro da viola e o urubú virou-a de bocca para baixo, e o sapo despencou-se lá de cima, e vinha gritando : « Arreda pedra, se não te quebras !... »

O urubú : « Qual ? ! qual ? ! compadre sapo bem sabe voar !... » O sapo caio e ralou-se todo : por isso é que elle é meio foyeiro.»

AMIGA RAPOSA E AMIGO CORVO

(Pernambuco)

« Amiga raposa convidou amigo corvo para fazerem uma viagem. A raposa convidou o *gambá* para seu companheiro, e o corvo convidou o *caracará*.

Partiram. Chegando no meio dos montes, veio a noite e foram pedir rancho na casa da amiga onça. A onça andava por fóra atraz de um rebanho de carneiros, e chegou á casa muito tarde, trazendo um grande carneiro morto. Os hospedes que se achavam em casa ficaram com medo.

Disse a raposa : « Compadre corvo, as cousas não estão boas. » Disse o caracará: « Ora, esta é boa, não temos de que temer ; mas você, comadre raposa, é que deve estar em *ieta*, sem ter onde se *mêta* ! » A raposa deu uma gargalhada e disse : « Serei eu peior do que compadre cachorro ? » O caracará : « Commigo ninguém pôde ; não corro por terra. porque não corto bem o chão ; mas corto o vento. Você, amiga raposa e comadre, é que tem de se vêr hoje ; quando ella pegou em compadre carneiro, que é maior do que você, quanto mais ! » Chegou a hora da ceia. A onça convidou os seus hospedes para ceiaem. Só a raposa é que pôde comer, por causa do feitio do prato.

A onça fez mais mingão e espallhou n'uma pedra, e a raposa tornou a lamber. Depois o corvo disse: « Comadre onça, eu não acho boa esta moda, quem lambe come, quem penica com fome fica ! » Foram todos dormir. O corvo disse para o caracará: « Nós não havemos de ficar com fome. »

Quando a onça pegou no somno, o corvo agarrou nos filhos da onça, e os devorou com o bico ; o caracará fez

o mesmo. Safaram-se, deixando a raposa e o gambá dormindo. Quando a onça acordou, procurou os filhos e só viu os ossos e investiu para a raposa, que escapou-se e foi ao encontro de seus companheiros de viagem e os encontrou na casa do macaco.

A raposa: «Agora é ocasião de vingar-me do que vocês me fizeram.» Mas, como era ora de jantar, ella esperou. No fim do jantar viu um cachorro, teve medo, e despediu-se. Foram o corvo e o caracará para a casa do gallo, e a raposa já lá estava, esperando pela ceia.

Chegada a hora, foram todos ceiar. O gallo espalhou milho por toda casa e disse :

« Venham de bico
Que me despico ;
Quem tem focinho
Nem um tico.»

A raposa meio desconfiada ;

« Façam o que quizer
Durmam vocês é que se quer.»

Foram todos dormir, e a raposa foi convidar mais amigas para virem dar cabo de seus inimigos de pennas. Deram cabo de todos, só deixando o gambá, por ser muito fedorento.»

AMIGA FOLHAGEM

(Sergipe)

« Uma vez o macaco intrigou-se com a onça, não se sabe bem o motivo. A onça andava sempre a vêr se pegava o macaco; mas o macaco muito *arteiro*, sempre escapava della. Ora, houve um tempo em que todos os rios e fontes

do mundos eccaram, e a onça ficou contente, porque suppunha que desta vez o macaco lhe não escaparia. Largou-se, foi esperal-o no logar unico em que havia agua, e que estava servindo de *bebedouro* a todos os bichos. O macaco foi beber agua e por um *triz* que não morreu. Mas sempre escapou se, e ficou com muito medo.

Então elle engenhou um meio de escapar da onça, e foi o seguinte :

Encontrou um viajante que levava umas cabaças de mel de *uruçú* ; apoderou-se de uma dellas, e *lambusou* bem no mel e depois se cobriu todo de folhas bem verdinhas e largou-se pelo mundo a fazer *estripolias*. Logo chegou aos ouvidos de todos os bichos que tinha apparecido um bicho novo a que chamavam *amiga folhagem*. Assim o macaco bebeu agua e escapou .

Nessa occasião a onça lhe perguntou quem era, e elle respondeu :

« Eu sou a folharada,
Sempre que vier beber
Tenho de ser transformada. »

E realmente as folhas lhe foram cahindo da pelle e tambem o pello. Foi então o macaco á fonte ; lhe perguntaram quem era ; elle respondeu :

« O tronco da folharada,
Todas vezes que aqui bebe
E' transformada...
Desde que nessa casa bati
Nunca mais agua bebi... »

Houve muita gargalhada, e o macaco ficou bebendo agua desembaraçado. »

A RAPOSA E O TUCANO

(Sergipe)

« A raposa entendeu que devia andar debicando o tucano. Uma vez o convidou para jantar em casa della. O tucano foi. A raposa fez mingão para o jantar e espalhou em cima de uma pedra, e o pobre tucano nada pôde comer, e até machucou muito o seu grande bico. O tucano procurou um meio de vingar-se. Dahi a tempos foi á casa da raposa e lhe disse : « Comadre, você outro dia me obsequiou tanto, dando-me aquelle jantar, agora é chegada a minha vez de pagar na mesma moeda : venho convidal-a para ir jantar commigo. Vamo-nos embora, que o petisco está bom. » A raposa acceitou o convite e foram-se ambos. Ora, o tucano preparou tambem mingão botou-o dentro de um jarro de pescoço estreito. O tucano mettia o bico e quando tirava vinha se regalando. A raposa nada comeu, lambendo apenas algum pingo que cahia fóra do jarro.

Acabado o jantar disse o tucano : « Isto, comadre, é para você não querer se fazer mais sabida do que os outros. »

O MACACO É A CABAÇA

(Sergipe)

« O macaco se intrigou com a onça e andava com medo della. Ora, havia uma festa em certa parte, e o macaco para lá ir tinha que passar em casa da onça. Então ideou um meio de ir á festa sem ser visto pela onça. Então metteu-se dentro de uma cabaça grande, e dava certo impulso e assim andava.

Passando em casa do kágado, este acreditou ser um bicho novo. Conversaram, e despedio-se o macaco. Na sahida disse :

« Anda cabaça
Que nunca andaste,
Sexta, sabbado,
Domingo, segunda...
Mas, como quizeram,
Em bicho viraste. »

Assim foi andando e passou por casa da onça, e vio a festa e nada soffreu. »

O MACACO E O COELHO

(Pernambuco)

« O macaco e o coelho fizeram um contracto para o macaco matar as borboletas e o coelho as cobras. Estando o coelho dormindo, veio o macaco e puxou-lhe pelas orelhas, julgando que eram borboletas.

Zangado por esta brincadeira, o coelho jurou vingarse.

Estando o macaco descuidado, assentado numa pedra, veio o coelho divagarzinho e arrumou-lhe uma paulada no rabo, e o macaco sarapantado gritou e subiu para uma arvore acima a guinchar.

Então o coelho ficou com medo e disse :

« Por via das dúvidas,
Quero me acautelar ;
Por baixo das folhas
Tenho de morar. »

Um ou outro destes contos, como o da *Raposa e o Tucano*, *Amiga Raposa e Amigo Corvo*, o *Urubú* e o *Sapo*, têm analogos em Portugal e se prendem pela mór parte ao cyclo europeu do *Rénard*.

E' incontestavel, porém, que os nossos indigenas, além dos grandes cyclos de contos do *Jaboty* e da *Onça*, tinham tambem muitos contos da *Raposa (Micura)*.

Os negros tambem coutribuiram com o seu contingente e muitos contos de proveniencia sua correm entre nós. Não são tão phantasiosos, como os portuguezes, que se prendem ao vasto cyclo de *mythos* arianos, os mais bellos da humanidade; mas têm uma certa ingenuidade que deve ser apreciada.

Aqui inserimos dous exemplos sem tentar analyses prematuras. O leitor os leia e avalie. Parece-nos ahí bem patente o elemento negro.

O MACACO E O MOLEQUE DE CERA

(Sergipe)

« Morava em certo lugar uma velha que tinha uma porção bonita de bananeiras. Quando ellas estavam carregadas de cachos maduros, a velha não podia subir para tiral-os. Então appareceu um macaco e se offereceu para ir tirar as bananas. Trepou-se nas bananeiras e entrou a comer as bananas maduras e a atirar as verdes para a velha. Esta ficou desesperada, e procurava um meio de se vingar do macaco, mas sempre ficava lograda.

Afinal, lembrou-se de fazer um moleque grande de cera, fingindo um negrote. Depois de preparado o moleque, ella encheu um taboleiro de bananas bem amarelinhas e botou-o na cabeça do moleque, fingindo que este estava vendendo.

Vem o macaco e pede uma banana ao moleque, e o moleque calado.

O macaco : « Moleque, me dá uma banana, si não te arrumo *um* tapa. » E o moleque calado ! O macaco desandou-lhe a mão e ficou com a mão grudada na cera. O macaco : « Moleque solta a minha mão, si não te dou outro tapa. » E o moleque calado !... O macaco trepou-lhe a outra e ficou com ella grudada na cera.

« Moleque ! moleque ! Solta as minhas duas mãos, e me dá uma banana, se não te arrumo um ponta pé !... » E o moleque calado !...

O macaco desandou-lhe um pé e ficou com elle grudado na cera.

O macaco :

« Moleque dos diabos, solta minhas duas mãos e meu pé, e me dá uma banana, sinão te arrumo o outro pé... » E o moleque calado !...

O macaco arrumou-lhe outro pé e ficou com elle preso.

O macaco :

« Moleque das *profundas*, larga as minhas duas mãos e os meus dons pés, e dá-me uma banana, si não dou-te uma *embigada*. » E o moleque calado !...

O macaco deu-lhe uma *embigada*, e ficou com a barriga presa.

Ahi chegon a velha e o agarrou e matou e esfolou e picou e cozinhou e comeu. Depois quando teve de *ir ao mato*, deitou para fóra aquella porção de *macaquinhos* que saiam, saltando e gritando : *Ê cô ! eu vi o tubi da velha !*

O MACACO E O RABO

(Sergipe)

« Um macaco uma vez pensou em fazer fortuna. Para isto foi-se collocar n'um lugar por onde tinha de passar um carreiro com o seu carro. O macaco estendeu o rabo pela estrada por onde deviam passar as *rodeiras* do carro.

O carreiro, vendo isto, disse: « Macaco, tira teu rabo do caminho, que eu quero passar. » « Não tiro, » respondeu o macaco. O carreiro tangeu os bois, e o carro passou por cima do rabo do macaco e cortou-o fóra. O macaco então fez um barulho muito grande: « Eu quero meu rabo, ou então me dê uma navalha. » O carreiro lhe deu uma navalha, e o macaco saiu muito alegre a gritar: « Perdi meu rabo! ganhei uma navalha!... *Tinglin, tinglin!* que vou para Angola!... » Seguiu. Chegando adiante, encontrou um negro velho a fazer cestos e a cortar cipós com o dente.

O macaco: « Oh! amigo velho, coitado de *voçé!*... Ora, está cortando os cipós com o dente! Tome esta navalha. » O negro aceitou, e, quando foi partir um cipó, quebrou-se a navalha. O macaco abriu a boca no mundo e pôz-se a gritar: « Eu quero a minha navalha, quero minha navalha!... ou então me dê um cesto. » O negro velho lhe deu um cesto e elle sahiu muito contente gritando: « Perdi meu rabo, ganhei uma navalha; perdi minha navalha, ganhei um cesto... *Tinglin, tinglin!* que vou para Angola! » Seguiu. Chegando adiante encontrou uma mulher fazendo pão e botando na saia. « Ora, minha *sinhá,* fazendo pão e botando na saia!... Aqui está um cesto. » A mulher aceitou, e, quando foi botar os pães dentro, caiu o fundo do cesto. O macaco abriu a boca no

mundo e pôz-se a gritar : « Eu quero meu cesto, quero o meu cesto, si não me dê um pão ! » A mulher deu-lhe o pão, e elle sahiu muito contente a dizer : « Perdi meu rabo, ganhei uma navalha, perdi minha navalha, ganhei um cesto, perdi meu cesto, ganhei um pão !... O meu pão eu vou comer!... *Tinglin, tinglin!* que vou para Angola !... » E foi comendo o pão.»

Este conto depois de colligido ha muitos annos em Sergipe, encontramol-o agora com o titulo *O rabo do Gato* nos *Contos Populares Portuguezes* do Sr. Adolpho Coelho. Suppomol-o antes de origem africana. E' um grande abuso dos escriptores portuguezes o fallarem sempre das tradições e costumes de seu povo, como si este nunca houvesse estado em contacto com outras raças nas terras de suas conquistas e sido influenciado por ellas.

E' evidente, porém, que as communicações commerciaes directas e constantes dos portuguezes com africanos, americanos e asiaticos, o facto das classes directoras de suas colonias serem sempre compostas de individuos da metropole que para alli voltavam, levando ás vezes familia constituida durante o seu exercicio ; o facto de muitos filhos destas colonias se alistarem no exercito e irem ter á Europa, a volta para ali de muitos commerciantes ricos, já affeitos aos habitos coloniaes, o que ainda hoje acontece ; a estada, em particular, de muitos brazileiros, especialmente estudantes, em Portugal, são mais que sufficientes para garantir-nos a veracidade da cousa. Pôde bem ser que o conto de que fallamos seja de origem europea, e não faremos disto grande questão. E' verdade que não se poderá proval-o só pelo facto de ter elle um analogo em Portugal. Tambem alguns contos do cyclo do *Jaboty* têm semelhantes nas tradições aryanas, e ninguem lhes contestará a origem guarany. Sabe-se que as creações mythicas seguem tambem uma ordem e obedecem a certas leis. O seu *parallelismo* explica-se pelas leis fundamentaes do espirito humano, as MESMAS POR TODA A PARTE

No terreno dos contos cremos que o mestiço não tem ficado de todo inactivo e os que publicamos em seguida parecem-nos ser já de lavra sua, moldados, é certo, sobre elementos fornecidos pelas tres fontes principaes de nossas lendas e mythos. O penultimo delles, a *Mãe d'agua*, parece-nos, por um lado, ser tupi, e por outro, já de formação posterior e mestiça sobre elementos tucicos e aryanos.

Não podemos decidir com toda a certeza e cortar a duvida.*

A ONÇA E O BOI

(Pernambuco)

« Havia uma onça que morava em uma serra, e só descia de lá de cima para fazer *carneação*. Um dia, quando descia, encontrou um boi, e ficou logo com vontade de o atacar traiçoeiramente. Então disse a onça ao boi: « Compadre, você, como bom mateiro, não me dará noticia de um companheiro seu, que vivia aqui neste *carvasco*, e que era meu amigo, e que a tantos dias não vejo! » « Hontem estive com elle no *bebedouro*, e creio que elle está lá me esperando; si você quer, amiga onça, vamos juntos até lá. » Assim fallou o boi. A onça respondeu: « Nesta não caio eu, que estou com fome, e por lá não ha carneiro, que se possa pegar, além de que lá fico perto do meu inimigo. » « Quem é seu inimigo? » perguntou o boi. « E' o seu camarada lavrado, que tem cara de matar trinta onças, que fará a mim sósinha, e lá não tem arvoredo de que possa me valer. » O boi: « Mas você, comadre onça, si teme é porque alguma cousa fez; quem

* Sobre os disparates praticados pelo Sr. Th. Braga nos meus *Contos Populares do Brazil*, quando os publicou em Lisbôa, veja-se o meu opusculo — *Uma Esperteza!... ou os Contos e Contos Populares do Brazil e o Sr. Th. Braga.*

não deve não teme.» A onça: Compadre, não se lembra quando eu peguei aquelle bezerro naquella *maiada*? Correram atraz de mim tres amigos cachorros, que um delles era *damnado*; só de gritos me trazia atordoada. Só descansei quando pude me trepar n'uma arvore, a vêr se punha as unhas nos *moleques*. Mas qual! Fugiam para traz como os diabos! »

O boi :

« Então, comadre onça, você só é *gente* tendo arvoredo? Vamos cá para o limpo.»

A onça :

« Mas o compadre está me puxando para o *limpo*, parece que está desconfiado.»

Assim uma procurava o mato e outro o *largo* até que se ausentaram, desconfiando um do outro.»

A ONÇA E O GATO

(Pernambuco)

« A onça pediu ao gato para lhe ensinar a pular, e o gato promptamente lhe ensinon. Depois, indo juntos para a fonte beber agua, fizeram uma aposta para vêr quem pulava mais. Chegando á fonte encontraram lá o calango, então disse a onça para o gato : « Compadre, vamos vêr quam de um só pulo péga o camarada calango. » « Vamos, » disse o gato. « Só você pulando adiante, » disse a onça. O gato pulou em cima do calango, e a onça pulou em cima do gato. Então, o gato pulou de banda e se escapou. A onça ficou desapontada e disse: « Assim, compadre gato, é que você me ensinou?! Principiou e não acabou... » O gato respondeu : « Nem tudo os mestres ensinam aos seus aprendizes. »

A COMBUCA DE OURO E OS MARIMBONDOS

(Pernambuco)

« Havia dous homens, um rico e outro pobre, que gostavam de fazer peças um ao outro. Foi o compadre pobre á casa do rico pedir um pedaço de terra para fazer uma roça. O rico para fazer peça ao outro, lhe deu a peor terra que tinha. Logo que o pobre teve o *sim*, foi para a casa dizer á mulher, e foram ambos vêr o terreno. Chegando lá nas mattas, o marido vio nma *combuca* de ouro, e como era em terras do compadre rico, o pobre não quiz levar para a casa, e foi dizer ao outro que em suas matas havia aquella riqueza. O rico ficou logo todo agitado, e não quiz que o compadre trabalhasse mais nas suas terras. Quando o pobre se retirou, o outro largou-se com sua mulher para as mattas a vêr a grande riqueza. Chegando lá, o que achou foi uma grande casa de marimbondos; mettu-a numa *muchila* e tomou o caminho do *mocambo* do pobre, e logo que o avistou, foi gritando :

« O' compadre, fecha as portas, e deixa sómente uma banda da janella aberta. » O compadre assim fez, e o rico chegando perto da janella, atiron a casa de *marimbondos* dentro da casa do amigo, e gritou : « Fecha a janella, compadre ! » Mas os marimbondos bateram no chão, transformaram-se em moedas de ouro, e o pobre chamou a mulher e os filhos para as ajuntar. O rico gritou então : « O' compadre, abra a porta ! » Ao que o outro respondia : « Deixe-me ; que os marimbondos estão me matando ! » E assim ficou o pobre rico e o rico ridiculo. »

A MÃE D'AGUA

(Rio de Janeiro)

« Foi uma vez havia uma princeza, que era filha de uma fada e do rei da lua.

A fada ordenou que a princeza fôsse rainha de todas as aguas da terra e governasse todos os mares e rios. A *Mãe d'Agua*, assim se ficou chamando a princeza, era muito bonita, e muitos principes se apaixonaram por ella. Mas foi o filho do sol que veio a se casar com ella, ao depois de ter vencido todos os seus rivaes em combate. Quando se deu o casamento houve muitas festas, danças e banquetes, que duraram sete dias e sete noites.

As festas foram na casa do rei da lua; acabadas ellas os noivos partiram para a casa do sol. Ahi a princeza *Mãe d'Agua* disse ao seu marido que desejava passar com elle todo o anno, excepto trez mezes que havia de passar com sua mãe. O principe consentio, porque fazia em tudo a vontade de sua mulher. Todos os annos a *Mãe d'Agua* ia passar com sua mãe debaixo do mar num rico palacio de onro e de brilhantes os tres mezes do contracto. Ao cabo de muito tempo a nova rainha deu á luz um principe. Quando a princeza teve de ir de novo visitar a fada, sua mãe quiz levar o principesinho; mas o rei não consentio, e tanto rogo e pedio, que a rainha partio sósinha, recommendando ao marido que tivesse muito cuidado no filho. Chegando ao palacio da fada, a princeza não encontrou, porque ella estava mudada em flôr. A moçadesperada começou a correr mundo, procurando sua mãe. Então perguntava aos peixes dos rios, ás arêas do mar, ás conchas das praias por sua mãe, eninguem lhe respondi.

Tanto soffreu e se lastimou, que afinal o rei das

fadas teve pena della e perdoou a sua mãe, que se desencantou. Ambas, mãe e filha, se largaram a toda pressa para a casa do rei filho do sol. Mas tinha-se já passado tanto tempo, que o rei, vendo que sua esposa não vinha mais, ficou muito desesperado. Corren então o boato que a rainha tinha-se apaixonado por um principe estrangeiro e tinha deixado de voltar. O rei, visto isto, se casou com outra princeza, que começou logo a maltratar muito o principesinho, botando-o na cozinha como um negro. Quando a rainha ia chegando, a primeira pessoa que vio foi seu filho todo maltratado e sujo, e logo o conheceu e soube tudo. Ella fugio então com elle para o fundo das aguas, e por sua ordem ellas começaram a subir, até que cobriram o palacio, o rei, a rainha e todos os embusteiros da côrte. Nunca mais ninguém a vio, porque quem a vê fica logo encantado e cabe n'agua e se afoga. » *

O PREGUIÇOSO

(Pernambuco)

« Havia um homem muito preguiçoso que nada fazia. Um dia veio um velho e pediu-lhe *rancho* em casa: o velho cançou-se de lhe bater na porta e nada do homem se animar a levantar-se para abrir a porta. Afinal desenganado, o velho pediu á dona da casa que lhe guardasse ali uma toalha que levava; mas que a não abrisse. O velho seguiu seu caminho. A mulher guardou a toalha; mas teve curiosidade e abriu-a. Apareceu logo uma grande mesa com tudo quanto é de bom e melhor, de que a

* O finado José de Alencar publicou este conto no seu *Tronco do Ipê*, Nós cotejámos sua lição com outras que ouvimos.

mulher se regalou. Ella escondeu a toalha, e, quando o velho veio procurar a toalha, a mulher deu-lhe outra em vez da sua.

Chegando o velho em sua casa, mandou a toalha se estender, e a toalha quieta ! — O velho calou-se e no outro dia foi á casa do preguiçoso e deixou lá ficar uma cabra, pedindo que a guardassem até a sua volta, mas que tivessem o cuidado de não lhe dizer: «berra, cabra!» O velho retirou-se. A mulher foi e disse: « Ora, isto é mysterio; aqui temos novidade! «Berra, cabra!» Entrou a cabra a berrar e começou a cahir muito dinheiro de ouro e prata da bocca da cabra. Logo que a mulher vio isto, trocou a cabra por outra, e quando o velho veio, sahio enganado. Chegando em casa mandou a cabra berrar e nada e nada! Conheceu que estava enganado e calou-se. Chegou por fim um trabalhador do velho, pediu ao amo o seu jornal. Respondeu o velho: « Meu filho eu não tenho mais dinheiro; mas dou-te um cacete, que aqui tenho, que te ha de fazer feliz.»

O rapaz recebeu o cacete e seguiu. Foi ter justamente na casa do preguiçoso; pediu rancho e deu o cacete para guardar. A mulher trocou o cacete por outro, e no dia seguinte, o moço disse: « Dê-me o meu cacete, que eu me quero ir.» O cacete entrou a dar bordoadas de criar bichos no marido e na mulher. Puzeram-se elles a gritar, e o rapaz ficou admirado de vêr aquella virtude do cacete.

A mulher afflicta gritou: « Meu senhor mande seu cacete parar, que eu lhe dou o que me deu o velho para guardar. O moço disse: « Pára. cacete, e tudo para cá!» O cacete parou e a mulher entregou ao rapaz a toalha e a cabra. O moço tudo recebeu e voltou para casa do seu amo, e lhe contou o que se tinha dado com elle na casa do preguiçoso. O velho então lhe disse: « Esta toalha e esta cabra têm virtude; quando tiveres fome, estende esta toalha, que te ha de apparecer comida da melhor; e esta

cabra quando berra bota dinheira pela bocca. O rapaz ganhou o mundo com seus tres presentes.»

O agente transformador nos contos é principalmente o mestiço. O conto de origem indiana, *Onça e o Bode*, é o mesmo publicado por Couto Magalhães sob o n. XII no *Selvagem*. O nosso povo, como já dissemos, substituiu o veado pelo bode e fez ontras pequenas alterações.

Sobre os nossos contos haveria muito que dizer no tocante a comparações com os mythos doutros paizes e, especialmente, sob o ponto de vista da mythologia cosmica ou solar. Taes estudos, porém, são por enquanto prematuros. Só depois de uma vasta collecção que abranja todas as provincias do Imperio, se poderá tentar semelhante empreza. Carlos Frederico Hartt pondera que a nossa lenda tipica do *Jaboty que vence o veado* tem analogas na Africa e em Siam. Couto de Magalhães a colheu e publicou á pag. 185 do *Selvagem*.

Não negamos o facto allegado pelo fallecido professor americano ; parece, no emtanto, que não se fazia mister ir tão longe para encontrar as lendas parallelas áquellas. E' um velho mytho cosmico conhecido nas collecções aryanas. Ouçamos o que diz neste ponto o Dr. Gustavo Dodt numa carta ao autor do *Selvagem*. «Querida dar duas noticias relativas ás lendas tupis que publicou na sua obra. — A primeira refere-se á nota do Dr. Hartt de ter-se encontrado a lenda do jaboty, que excede o veado em velocidade, não só no Brazil, mas na Africa e Siam. A isso devo ajuntar que a mesma fabula se acha na Allemanha, e só que os animaes, que nella figuram, são naturalmente outros, fazendo uma especie pequena de porco espinho o papel do jaboty, e a lebre o do veado. — A outra é que o desfecho da fabula entre a onça e a raposa (pag. 237) e que, como indica, é diferente da fabula analogica grega, se acha tal e qual numa antiga fabula allemã com a unica differença, que a onça é substituida por uma serpente, que por descuido foi apanhada por um laço, e a raposa por

um homem. O juiz é nó principio o lobo, que dá sua sentença em favor da serpente na esperança de obter sua parte da preza; o homem porém appella e o juiz da segunda instancia é o corvo, que, pelo mesmo motivo, confirma a sentença; finalmente em terceira instancia é o juiz a raposa que manda repôr tudo no seu estado primitivo, dando ao homem a faculdade de libertar de novo a serpente ou não.»

Comparações destas poder-se-iam multiplicar, trabalho aliás inutil, quanto aos contos de origem portugueza entre nós, que se prendem ao corpo de tradições indo-germanicas, que têm sido o objecto dos mais acurados estudos. Qualquer curioso compulsando, por exemplo, a colleccão allemã dos irmãos Grimm e a italiana Comparetti e d'Ancoua, irá descobrir muitissimas lendas analogas ás nossas de fonte portugueza.

As de origem tupica e africana têm suas semelhantes aqui e ali.

O mytho cosmico dos tupis com que explicam a separação do dia e da noite, tem alguma analogia com a lenda da Nova Zelândia que explica a separação do céu e da terra. O mytho neo-zelandez é mais epico e formoso; em ambos, porém, procura-se explicar a distincção de dous phenomenes capitaes: em ambos falla-se de esposos que estavam, ou vieram a ficar separados, e trata-se de uma revolta ou desobediencia. Citemol-os para estudo comparativo do leitor, segundo as lições de Couto de Magalhães e Tylor. O mytho cosmico neo-zelandez intitula-se os *Filhos do Céu e da Terra* e é como segue:

«De *Ranci* (o Céu) e de *Papa* (a Terra) sahiram todos os homens e todas as cousas. Mas o Céu e a Terra se uniram e a noite se estendeu sobre elles e sobretudo que dellestinha sahido, até que um dia seus filhos reuniram-se em conselho para saber se era preferivel separar seus paes ou mata-los. Então Tane-Mahuta, pae das florestas, disse a seus cinco grandes irmãos: « E' melhor separa-los, collocar o Céu sobre nossas cabeças e a Terra sob nossos pés. Deixemos

o Céu tornar-se para nós estranho ; mas a Terra deverá ficar perto de nós como a mãe que nos amamentou. » Então Rongo-Ma-Tane se levanta e procura separar o Céu e a Terra ; insiste, mas debalde : vãos foram também os esforços de Tangarôa, pae dos peixes e dos reptis, e de Haumia-Tikitiki, pae das plantas selvagens, e de Tu Matuenga, Deus e pae dos homens intrepididos. Tane Mahuta, Deus e pae das florestas, se levanta e por sua vez com toda a calma de sua força, luta corpo com seus paes, procurando separal-os com suas mãos e braços. Emfim, pára ; sua cabeça fica fortemente presa à sua mãe, a Terra ; levanta os pés para repellir seu pae. o Céu, e estende o seu dorso e braços com supremo esforço. Rangi e Papa foram finalmente separados, e fizeram ouvir gritos entrecortados de prantos e ameaças. Tane-Mahuta não pára, aperta em torno de si a Terra com todas as suas forças e levanta o Céu com a mesma energia. Mas Tawiriche-Matéa, pae dos ventos e tempestades, nunca lhe tinha consentido que sua mãe fôsse arrancada de seu esposo ; e levantou se então em seu seio um terrivel desejo de lutar contra seus irmãos. O Deus das tempestades se levantou portanto e acompanhou seu pae para o reino superior, afim de achar um abrigo profundo nos céos sem limites a occultar-se ali para sempre. Acompanhou-o toda a sua linhagem : os ventos poderosos, as furiosas rajadas, as nuvens espessas, sombrias, ardentes, turbilhonando com raiva, estourando com furor. Quando se acharam todos reunidos o pae no meio delles precipita-se sobre o seu inimigo, Tane-Mahuta, e suas florestas gigantes, que estavam tranquillias, nada de-confiando, quando de repente o formidavel furacão se desencadeou sobre ellas. Arvores enormes se quebraram como vidro ; por todas as partes ficaram ramos e troncos despedaçados, presa futura dos vermes e dos insectos. Então, o pae das tempestades arroja-se ás ondas e chicotêa as aguas até que ellas se levantem em vagas escumosas á altura das

montanhas ; Tangarôa, Deus do oceano, e pae de tudo que nelle habita, foge atemorizado para os confins de seu Imperio. Seus filhos Ika-tere, pai dos peixes, e Tu-te-wehi-wehi, pae dos reptis, procuram onde abrigarem-se com segurança. « Eia depressa, salvemo-nos todos no mar! brada o pae dos peixes. » Não, não ; fujaamos antes para a terra ! grita de seu lado o pae dos reptis. Estes entes separaram-se, portanto : ao passo que os peixes se refugiaram no mar, os reptis procuravam um abrigo nas florestas e nos hervaças.

Mas o Deus do mar, Tangarôa, furioso porque os reptis, seus filhos, o tinham abandonado, depois fez sempre a guerra a seu irmão Tane, que os acolhera em seus bosques.

Tane responde a seus ataques, fornecendo a seu irmão Tu-Matanenga, pai dos homens intrepidos, canôas, lanças e harpões feitos da madeira de suas arvores, e cordas tecidas com as fibras de suas plantas para destruir os peixes, filhos do Deus do mar ; o Deus do mar, para vingar-se do Deus das florestas, engole as canôas com as suas vagas, inunda as arvores e as casas, e as carrega para o oceano sem fim.

O Deus das tempestades volven depois sua colera contra seus irmãos, os denses das plantas selvagens e das plantas cultivadas ; mas Papa (a Terra) as occultou tão perfeitamente em seu seio, que o Deus das tempestades as procurou em vão. Elle arrojou-se então contra o ultimo de seus irmãos, o pai dos homens intrepidos ; não o pôde porém abalar, apezar de todos os seus esforços. O que era para Tu-Matuenga a colera de seu irmão ? Não havia sido elle que pensára em destruir todos os seus parentes ? Não se tinha elle mostrado valente e temerario durante a guerra ? E, entretanto, tinham os seus irmãos recuado diante do ataque terrivel do Deus das tempestades e de seus filhos ?

O Deus das florestas e sua familia tinham sido estrangulados ; o Deus do mar e seus filhos se tinham refugiado.

nas profundezas do oceano ou escondido nos abrigos da costa ; os deuses das plantas cultivadas e selvagens tinham evitado o perigo, occultando-se ; o homem, porém, ficava de pé, impassível, apoiado em sua mãe, a Terra.

Pouco a pouco acalmaram-se os céos, a tempestade, e sua colera dissipou-se.

Ta-Matuenga, pai dos homens intrepidos, pôz-se a imaginar como poderia vingar-se de seus irmãos que o tinham abandonado, quando elle teve de resistir ao Deus das tempestades. Fabricou laços com as folhas do whanaka ; os passaros e as feras, filhos de Tane, Deus das florestas, cahiram em seu poder ; fez cordas com o linho e trouxe á praia os peixes, filhos de Tangarôa, Deus do mar. Foi procurar em seu abysmo subterraneo os filhos de Rongoma-tane, a batata e todas as plantas cultivadas ; o mesmo fez aos filhos de Haumia-tikitiki, a raiz das ervas e de todas as plantas selvagens, desenterrou-as e fez-as seccar ao sol. E, todavia, vencidos seus quatro irmãos e postos ao seu serviço, não pôde triumphar do quinto ; Tawirhe-Meatea, Deus das tempestades, não cessa de atacal-o, dirige contra elle os temporaes e furacões e procura destrui-lo no mar e na terra. A colera indomavel do Deus das tempestades contra seus irmãos teve como resultado o desaparecimento da Terra debaixo das aguas. Os deuses antigos que assim submergiram a Terra, chamavam-se a Chuva terrivel, a Chuva de longa duração, a Saraiva violenta, as Cerrações, o Orvalho abundante e o Orvalho tenue ; só uma parte diminuta da Terra escapou á invasão das aguas.

Por fim a luz resplandecente augmentou o mundo, e os seres que tinham ficado occultos entre Rangí e Papa, antes de sua separação, se multiplicaram então sobre a terra. Até hoje o vasto Céu ficou separado de sua esposa, a Terra ; mas seu amor reciproco continúa : os doces, os ardentes suspiros do terno coração da esposa elevam-se constantemente para o esposo ; escapam-se das montanhas

e dos valles, e os homens, em sua ingenuidade, os denominam *vapores*; o vasto Céu, durante as longas e tristes noites passadas longe de sua amada, chora frequentes lagrimas sobre seu seio, lagrimas que os homens chamam *gottas de orvalho*. » *

Bellissimo episodio cosmico de um povo selvagem e quasi desconhecido! . . .

Vejamos o *mytho tupi*. Conto de Magalhães intitulado de *Como a noite appareceu*. Eil-o :

«No principio não havia noite; dia sómente havia em todo tempo. A noite estava adormecida no fundo das aguas. Não havia animaes; todas as cousas fallavam. A filha da Cobra Grande, contam, casara-se com um moço. Este moço tinha tres famulos fieis. Um dia elle chamou os tres famulos e lhes disse: «Ide passear, porque minha mulher não quer dormir commigo.» Os famulos foram-se, e então elle chamou sua mulher para dormir com elle. A filha da Cobra Grande respondeu-lhe: «Ainda não é noite.» O moço disse-lhe: «Não ha noite; sómente ha dia.» A moça fallou: «Men pai tem noite. Si queres dormir commigo, manda buscal-a lá, pelo grande rio.» O moço chamou os trez famulos; a moça mandou-os á casa de seu pae para trazerem um caroco de tucumã. Os famulos foram, chegaram em casa da Cobra Grande, esta lhes entregou um caroco de tucumã muito bem fechado, e disse lhes: «Aqui está; levai-o. Eia! não abraes, sinão todas as cousas se perderão.» Os famulos foram-se, e estavam ouvindo barulho dentro do côco de tucumã, assim: ten, ten, ten... xi... era o barulho dos grillos e dos sapinhos que cantam de noite. Quando já estavam longe, um dos famulos disse a seus companheiros: «Vamos vér que barulho será este». O piloto disse: «Não, do contrario nos perderemos. Vamos embora; eia, rema!»

* Cit. na *Revue Scientifique* de Paris, n. 48, de 26 de Maio de 1877.

Elles foram-se e continuaram a ouvir aquelle barulho dentro do côco de tucumã, e não sabiam que barulho era. Quando já estavam muito longe, ajuntaram-se no meio da canôa, accenderam fogo, derreteram o breu que fechava o côco e o abriram. De repente tudo escureceu. O piloto então disse: «Nós estamos perdidos; e a moça, em sua casa, já sabe que nós abrimos o côco de tucumã!» Elles seguiram viagem. A moça em sua casa, disse então a seu marido: «Elles soltaram a noite; vamos esperar amanhã.» Então todas as cousas que estavam espalhadas pelo bosque se transformaram em animaes e em passaros. As cousas que estavam espalhadas pelo rio se transformaram em patos, e em peixes. Do paneiro gerou-se a onça; o pescador e sua canôa se transformaram em pato; de sua cabeça nasceram a cabeça e bico do pato; da canôa o corpo de pato; dos remos as pernas do pato. A filha da Cobra Grande, quando vio a estrella d'alva, disse a seu marido: «A madrugada vem rompendo. Vou dividir o dia da noite.»

Então ella enrolou um fio, e disse-lhe: «Tú serás kujubin.» Assim ella fez o kujubin, pintou a cabeça do kujubin de branco, com tabatinga; pintou-lhe as pernas de vermelho com urucú, e então disse-lhe: «Cantarás para todo sempre, quando a manhã vier raiando.» Ella enrolou o fio, sacudiu cinza em riba delle, e disse: «Tú serás inambú, para cantar nos diversos tempos da noite, e de madrugada.» De então para cá todos os passaros cantaram em seus tempos, e de madrugada para alegrar o principio do dia. Quando os tres famulos chegaram, o moço disse-lhes: «Não fostes fieis; abristes o caroço de tucumã, soltastes a noite e todas as cousas se perderam, e vós tambem que vos metamorphoseastes em macacos, andareis para todo sempre pelos galhos dos páos.» A boca preta, e a risca amarella que elles têm no braço, dizem que é ainda o signal do breu que fechava o caroço de tucumã, que escorreu sobre elles quando o derreteram.»

D'entre os contos tupis alguns passaram ás populações christãs do paiz, e outros não. Deste transcripto não encontrámos vestigios. O mesmo deve ter acontecido a muitos contos africanos, e provavelmente a alguns portuguezes.

Mas não é sómente nas canções e nas *historias* populares que se encerra tudo o que devemos ás tres raças que habitam o paiz. Aos portuguezes devemos as dadas principaes de nossa civilização nascente; somos-lhes obrigados pelas idéas politicas e sociaes que nos regem; ainda hoje sua velha legislação civil é a nossa.

A ordem religiosa, politica, juridica e social são entre nós obra européa. E' inutil commentar a influencia da acção combinada destas instituições sobre o desenvolvimento de um povo.

Os indios não são credores sómente do influxo de seus *areytos* ou *geroquis* e de suas lendas. O uso de muitas plantas medicinaes, o emprego de muitas industrias rudimentares de *jiquis*, *jererés*, *tapitis*, *urús*; a manipulação de algumas substancias comestiveis, como a *cariman*, a *tupioca*, etc. devemos aos selvagens. Muitos outros usos e costumes, e até crenças phantasticas, como a do *Caipóra*, passaram ás nossas populações actuaes; é verdade porém, que as lendas de *Samé*, *Jeropari* e *Tamandaré* perderam-se, e nosso povo as ignora.

A raça africana tem tido no Brazil uma influencia enorme, sómente inferior á importancia da portugueza; penetrou em nossa vida intima, e por ella moldou-se em grande parte nossa *psychologia* popular. É facil comprehendel-o.

A raça africana entre nós conta-se tambem como raça invasora e este facto merece attenção.

O europeu julgou-se fraco para repellir o selvagem e para o amanho das terras, e recorreu a um auxiliar poderoso: o negro d'Africa.

Ao passo que o indio, em diminuto numero aliás,

não excedente talvez a dous milhões, tornava-se improductivo, fugia, esphacelava-se e morria. durante mais de tres seculos chegavam as levas de africanos, robustos, ageis e domaveis, que vinham desbravar as terras, fundar as fazendas e engenhos, construir as cidades e viver no seio das familias coloniaes !

A differença é enormissima. Só um *caboclista* inconsciente poderá negal-a.

O indio foi um ente que se vio desequilibrado e feneceu; o negro um alliado do branco que prosperou.

Accresce que o numero de africanos transportados ao Brazil, durante mais de trezentos annos, foi muito superior á população cabocla primitiva. Computam-se aquelles em milhões e toda esta gente válida e fecunda prosperou na America.

O proprio facto da escravidão servio para ainda mais vincular-a ao branco.

As escravas, e raro era o colono que as não tinha, viviam no seio das familias no serviço domestico. Dahi o cruzamento natural; appareciam os *mestiços*, e novos laços se creavam. Os negros trabalhavam nas roças, produzindo o assucar, o café e todos estes generos, chamados *coloniaes*, que a Europa consumia.

Só por estes tres factos: a escravidão, o cruzamento e conchego domestico, e o trabalho, é facil aquilatar a immensa influencia que os africanos tiveram na formação do povo brasileiro.

A *escravidão* operou como factor social, modificando nossa psychologia, nossos habitos, e nossos costumes. Habilitou-nos por outro lado a arrotear as terras e supportar em descanso as agruras do clima. Desenvolveu-se como factor economico, produzindo as nossas riquezas e o negro foi assim um robusto agente civilisador.

O *cruzamento* modificou as relações do senhor e do escravo, trouxe mais doçura aos costumes e produziu o *mestiço*, que constitue a massa de nossa população e a

belleza de nossa raça. Ainda hoje os mais lindos typos de nossas mulheres são essas moças ageis, fortes, morenas, de olhos e cabellos negros, em cujas veias, por certo, circulam, já bem diluidas, muitas gottas de sangue africano. O *trabalho* escravo foi todo o nosso passado e ainda hoje é todo o nosso presente. * « *A Costa d' Africa civilizou Brazil* » disse um de nossos homens de Estado e disse uma verdade. O negro influenciou-nos toda a vida intima, e muitos de nossos costumes foram por elle transmittidos. Basta lembrar, por exemplo, que a cozinha genuinamente brasileira, a *cozinha bahiana*, é toda africana. Muitos de nossos bailados, danças e musicas populares, uma litteratura inteira de canções ardentes, tem essa origem. E' pena, pois, que essa raça energica tenha soffrido o labéo da escravidão; fazemos aqui tambem um voto em prol de sua libertação completa e para que se reivindique o seu logar em nossa historia. Havia outros meios de utilisar o negro sem aviltal-o. O indio, por seu lado, foi tambem mui cruamente tratado e é admiravel que, nestas condições, não tenhamos tido aqui *guerras de raças*, além dos pequenos episodios dos *Emboabas*, *Mascates* e *Balaíos*.

De tudo que havemos dito é facil tirar a conclusão. Das tres raças, que constituiram a actual população brasileira, a que um rastro mais profundo deixou foi por certo a branca; segue-se a negra e depois a indigena. A' medida, porém, que a acção directa das duas ultimas tende a diminuir, com o internamento do selvagem e a extincção do trafico dos negros, a influencia européa tende a crescer, com a immigração e pela natural tendencia de prevalecer o mais forte e o mais habil. O mestiço é a condição desta victoria do branco, fortificando-lhe o sangue para habilital-o aos rigores do clima. E' uma fórmula de

* Isto foi escripto em 1880.

transição necessaria e util que caminha para approximar-se do typo superior. Seja-nos permittido repetir algumas palavras em que esboçamos esta ordem de idéas : « Aplicando as leis de Darwin á litteratura e ao povo brasileiro, é facil perceber que a raça que ha de vir a triumphar na luta pela vida neste paiz é a raça *branca*. A familia selvagem e a negra, uma espoliada pela conquista, outra embrutecida pela escravidão, pouco, bem pouco, conseguirão directamente para si. Os seus recursos volver-se-hão em vantagem dos brancos. Prova-o o facto do cruzamento, em que tendem a predominar o typo e as tendencias do europeu, ajudado pela mescla de sangue selvagem e negro, o que mais o habilita a supportar os rigores do nosso clima. Nas republicas hespanholas o cruzamento mais extenso foi do branco com o indio ; entre nós foi do branco com o preto. Este, depois do europeu, é o principal factor da nossa vida intellectual, politica, economica e social. Temos para com elle uma grande divida: restabelecer na historia o quinhão que lhe pertence, por si, e por seus descendentes *mestiços*, maximé por estes ultimos. Uma cousa é para notar : eu desafio a que me mostrem em toda a historia brazileira de quatro seculos, um só typo nacional, mais ou menos notavel, que haja sido negro ou caboclo *puro*. Camarão e Henrique Dias, de valor mais que muito contestavel, não está bem determinado que hajam sido, um negro e outro caboclo, da mais pura e estreme linhagem.

E' provavel que já tivessem sido o resultado do cruzamento das tres raças, ainda que em diminuta escala. Todos os nossos primeiros typos têm sangue branco : são **brancospuros**, ou desfigurados pelo sangue das outras raças.

E' força convir, porém, que o futuro deste paiz pertencerá definitivamente ao branco, só depois de haver este assimilado os elementos estranhos indispensaveis para o habilitarem a resistir plenamente ás agruras de nossa natureza. Si houvera necessidade de applicar ao

Brazil a theoria das raças, levada ao exagero por alguns autores, como Theophilo Braga em Portugal, melhor que este paiz o nosso offerceria ampla possibilidade para a empreza ; porquanto não fôra preciso levantar á altura de uma raça uma simples *classe* da população, como fez aquelle compilador, com os *mosarabes*. Entre nós o concurso de tres raças inteiramente distinctas, em todo o rigor da expressão, deu-nos uma *sub-raça* propriamente brasileira, o *mestiço*. O elemento fecundador é o branco que vai assimilando o que de necessario á vida lhe podem fornecer os outros dous factores. A historia o prova ; ella nos mostra a intelligencia e a actividade no branco puro ou no mestiço quasi branco ; porém nunca no indio ou no negro, estremes de mistura. Mas como o branco genuinamente puro, cousa que se vai tornando rara no paiz, quasi nada se distingue do europeu, é força convir que o typo, a encarnação perfeita do genuino *brazileiro*, está, por emquanto, na vasta classe de mestiços, pardos, mulatos, cabras, mamelucos, caborés, que abundam no paiz com a sua enorme variedade de côres. Esta grande fusão ainda não está completa, e é por isso que não temos ainda um espirito, um *character original*. Este virá com o tempo. Eu disse que não temos um só homem notavel em nossa historia de quatro seculos, que tenha sido negro ou caboclo puro. Camarão e Henrique Dias, repito, ainda quando ficasse provado que o foram, o que tenho por duvidoso, o genero de actividade em que se desenvolveram é daquelles que não requerem grande distincção. Os nossos homens mais notaveis, nas lettras e na politica, ou são brancos, como um Gonçalves de Magalhães, um Marquez de Olinda, ou mais ou menos mesclados como um Gonçalves Dias, um Diogo Feijó, um Visconde de Inhomirim... Ninguem dirá que Gonçalves Dias, por exemplo, tenha possuido mais talento e illustração do que Gonçalves de Magalhães ; mas quem contestará que elle foi mais *brazileiro*, isto é, tinha

maior somma de qualidades que o separavam do genuino espirito portuguez e o approximavam de um typo, dinda não bem definido, que nós chamaremos no futuro o verdadeiro *nacional*. A minha these, pois, é que a victoria definitiva na lta pela vida e pela civilisação, entre nós, pertencerá no futuro ao branco; mas que este, para esta mesma victoria, attentas as agruras do clima, tem necessidade de aproveitar-se do que de util as outras duas raças lhe podem fornecer, maximé a preta, com que tem mais cruzado.

Pela selecção natural, todavia, depois de apoderado do auxilio de que necessita, o typo branco irá tomando a preponderancia, até mostrar-se puro e bello como no velho mundo.

Será quando já estiver de todo acclimatado no continente. Dous factos contribuirão largamente para tal resultado: --de um lado a extincção do trafico africano e o desapparecimento constante dos indios, e de outro a imigração enropéa. » *

A raça primitiva e selvagem está condemnada a um irremediavel desapparecimento. Dos dous povos invasores, o negro resistirá ainda por muito tempo; ir-se-ha modificando no *mestiço*, e ajudando, dest'arte, a formação do futuro *branco brasileiro*, que acabará por triumphar de todo, não devendo, porém, nunca esquecer que foi ajudado pelas soffredoras e robustas raças africanas a conquistar este sólo e a fundar nma nacionalidade, que póde um dia ser original e forte.

A condemnação à morte dos aborígenes é facto confirmado pela historia de todas as invasões nos paizes habitados por povos selvagens, e não podemos melhor concluir este capitulo do que citando estas palavras de Quatrefages sobre a Polynesia: « Ainsi, quelle qu'en soit la cause, le

* A *Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, pags. 48 a 53.

blanc a rendu le milieu polynésien meurtrier pour les *indigènes*, tandis que lui même y prospère. Le résultat de cette double action est facile à prévoir. Encore un siècle, et le blanc, *pur ou métis*, régnera seul en Polynésie. Mais cette conquête devra lui laisser des regrets.

« C'est une chose grave que l'anéantissement de toute une famille humaine! » * E' a sorte dos nossos amoraveis e infelizes tupis.

CAPITULO VIII

Transformações da lingua portugueza na America

E' incontestavel que a lingua portugueza tem passado por certas alterações e ha recebido alguns accrescimos no Brazil. Até que ponto têm se effectuado estes dous phenomenos é cousa que se não pôde determinar de relance e é assumpto eivado de innumeradas difficuldades. Não existem, por enquanto, observações seguras e amplas e quasi nada de positivo possuímos neste sentido. Nossa litteratura é ainda muito pobre no assumpto, e quando começámos, ha alguns annos, a tomar notas para este capitulo, tudo o que encontrámos publico lo reduzia-se ao seguinte: poucas palavras de Varnhagen na introdução ao *Florilegio da Poesia Brazileira* (1850), reproduzidas depois no *Curso de Litteratura* do Dr. Mello Moraes Pai, (1855); a *Collecção de vocabulos e phrases da provincia do Rio-Grande do Sul*, por A. A. Pereira Curuja, na *Revista do Instituto Historico* (1852); ligeirissimas notas de Celso Magalhães nos artigos sobre a *poesia popular*.

* *Revue Scientifique* de Paris, n. 50, le 9 de Junho de 1877, pag. 1186.

brazileira, no *Tralalho* (1871); algumas ponderações na *Região e Raças Selvagens do Brazil*, pelo Dr. Couto de Magalhães (1874), reproduzidas no *Selvagem* (1876) e mais tarde no *Parnaso Portuguez Moderno* de Theophilo Braga (1877) e no *Lyrismo Brasileiro* de J. Antonio de Freitas no mesmo anno; as observações de José de Alencar nos artigos o *Nosso Cancioneiro* (1874) e em notas á 2.^a edição da *Iracêma* na mesma data. ao que nos parece, e finalmente um ou dous trechos dos *Ensaios de Sciencia* de Baptista Caetano (1871). Nos ultimos dous annos, porém, este ponto ha despertado a attenção e appareceram trabalhos que mais ou menos directamente ferem o assumpto. Taes são: duas brochuras sobre *O Idioma do Hodierno Portugal comparado com o do Brazil* por um anonymo; varios artigos dos Srs. Macedo Soares, Baptista Caetano, Beaurepaire Rohan, Pacheco Junior, Manoel de Mello e outros na *Revista Brasileira*. O Sr. Appollinario Porto Alegre, escriptor rio-grandense, em notas aos seus recentes artigos sobre *Morphologia guaranítica* tambem fez algumas observações que aproveitam neste ponto. Nada mais se nos deparou sobre tão magno problema, e com taes recursos é impossivel cortar o debate e encerrar a discussão. Poremos ao nosso serviço as notas esparsas dos citados escriptores e lhes ajuntaremos algumas observações nossas. Um grande e deploravel abuso devemos desde logo assignalar; referimo-nos a certo e inveterado vicio de encarar esta questão por uma face subjectiva e partidaria de censuras ou defesas incabidas.

E' assim que Alencar inflammava-se e dizia ser o *genuino portuguez* o fallado no Brazil; é assim que o autor das duas brochuras que citamos declara tambem que nós conservamos a pureza da lingua deturpada em Portugal; que, por outro lado, alguns portuguezes proclamam que os brazileiros escrevem *horrores* contra a *grammatica*, no que são acompanhados pela immensa cohorte

de todos aquelles que se julgam puristas, só por que vivem arrostar que o são !... A questão não é *de ouro de lei* ou *de ouro francez* ; não somos alchimistas, não procuramos a pedra philosophal, nem discutimos sobre a quadratura do circulo ! A questão é de factos a colligir e a comprovar ; é um problema de critica, de linguistica e ethnographia e não de *chicana*, queremos dizer, de *rhetorica* mesquinha... Não ha uma lingua mais correcta que outra ; por que não ha uma lingua typica, e no seu proprio desenvolvimento um mesmo idioma pôde ser mais ou menos opulento ; porém nunca mais ou menos *correcto*. Não se trata pois, de elogiar ou vituperar a linguagam de Portugal ou a do Brazil. De resto um povo falla e traja como quer e os pedantes da lingua se parecem com os pelintras da moda.

Mas, esboçemos o assumpto que dá lugar a varias interrogações.

O portuguez-brazileiro, o luso-americano, é já um dialecto ? temos dialectos nas diversas provincias ? si produzimos na lingua alterações lexicologicas, que termos nos vieram do tupi ? quaes os dos idiomas africanos ? quaes os de formação mais recente e produzidos pelo mestiço ? além de modificações lexicologicas, não as haverá phoneticas ? não as haverá syntacticas ?

São outros tantos problemas a que responderemos provisoriamente ; outras tantas questões, que no actual estado de nossos estudos, só podem ter soluções acceptaveis— *si et in quantum*.

Procedamos com methodo, respondendo ponto por ponto.

O primeiro escriptor que taxou de *dialecto* o portuguez fallado no Brazil foi José de Alencar, referindo-se á nossa linguagem popular ; seguiu-se-lhe o compilador Th. Braga no seu *Manual de Historia da Litteratura Portugueza*, e, desde então pegou o veso do *dialecto brazileiro*, que o Sr. Macedo Soares acceptou e que uma vez, no curso deste trabalho, deixamos tambem pensadamente escorregar do bico

da nossa penna. O Sr. Dr. Paranhos da Silva, que é o intelligente e modesto autor do *Idioma do Hodierno Portugal comparado com o do Brazil* e o Sr. Pacheco Junior oppuzeram-se fortemente á semelhante denominação, porque tomaram o termo *dialecto* como *fôrma inferior da lingua*, ou *linguagem deturpada*, e o luso-brazileiro não se acha neste caso.

Quer-nos parecer, porém, que não foi neste sentido que se fallou em *dialecto brazileiro* e si houve algum excesso e precipitação da parte dos affirmadores do facto, o ha tambem do lado dos que o negam tão de prompto, fundados num *malentendu*, e levantando uma questão de palavras.

O vocabulo *dialecto* é tomado em tres accepções bem distinctas : como *synonimo* improprio de *lingua* e *idioma* em geral ; como *fôrma inferior* de uma lingua e como uma *subdivisão* de um idioma, correspondendo a uma subdivisão de um povo.

No primeiro caso, é evidente que se não pôde dizer que possuímos um *dialecto brazileiro* distincto do *dialecto portuguez* ; porquanto a lingua é uma só no Brazil e em Portugal ; temos um *dialecto commum*. No segundo caso, o termo é tomado em sentido improprio, que não está na mente de todos, quando fallam num *dialecto brazileiro*, e não devemos acceitar semelhante interpretação, que não assenta ao nosso fallar, que não é uma deturpação.

Na ultima hypothese, que é a verdadeira, si não temos já um *dialecto completamente accentuado*, marchamos para tel-o. Os brazileiros constituem uma subdivisão, bem distincta, na *familia lusitana* ; são uma nacionalidade nova, a que juntaram-se *outros elementos* que não existiam na velha metropole, e vão formando um povo que se não pôde mais confundir com o povo portuguez.

Os seculos futuros tornarão cada vez mais funda a distincção entre as duas nações. E' certo que tomando as cousas, agora no momento actual, em um excesso de

rigor, a linguagem fallada, e principalmente a escripta no Brazil, não constitue um *dialecto*, no sentido technico do termo, si por este entende-se uma subdivisão accentuadaissima da lingua, com particularidades especiaes, quer phoneticas, quer syntacticas, e ccm locções peculiares e inintelligiveis para aquelles que fallam outros dialectos do mesmo tronco. Mas não é este o caso.

Não se diga tambem que pôde um idioma enriquecer-se de novos termos e soffrer mudanças, mais ou menos rapidas, de um paiz para outro, sem dividir-se em fôrmas dialectaes. E' o que se dá com o inglez da Inglaterra e o da Irlanda, com o francez da Belgica e o de França: mas não é tambem esta a nossa posição.

A' lingua portugueza na America juntaram-se elementos taes, aos colonisadores uniram-se raças tão outras, tão distinctas, que os *nossos brazileirismos* podem ser considerados, por assim dizer, os *protoplasmas* de um *future dialecto*, porque elles tendem a multiplicar-se e accentuar-se cada vez mais, ao ponto de modificarem a phisionomia geral da lingua. Si, pois, é um exagero affirmar em absoluto que o *luso-brazileiro* é já desde agora um dialecto determinado; não o é menos negar que temos os elementos dessa transformação necessaria e indispensavel, quando não para outra cousa, ao menos para cohibir a monomania de *ridiculo purismo* de que se acham affectados certos pretenciosos do Rio de Janeiro.

Tomando, porém, o portuguez-brazileiro em grosso e comparando-o com o fallar de algumas de nossas provincias, teremos dialectos particulares? Tambem ainda não. Temos *provincialismos* mais ou menos fortes de pronuncia, que, si não devem ser exagerados, como o praticam alguns phantastas para fazerem crêr que estamos no paiz das chimeras, das antinomias absolutas de norte e sul, dos *El-Dorados* centraes, que occultam monstros e brilhantes, maravilhas e prodígios de que vão sahir vinte nações e outras tantas raças, linguas e litteraturas novas.

não devem comtudo ser desprezados. . . Repitamos as palavras de Egger para acalmar os sonhadores e assegurar os factos :

« On entend d'ordinaire par *langue* ou *idiome* l'ensemble des mots employés par un même peuple, par une même nation, pour l'expression de ses pensées. Le *dialecte* est une *subdivision* de la *langue* ou de l'*idiome*, correspondant à quelque *subdivision* du *peuple* ou de la *nation*, comme en Grèce le dialecte *dorien* était parlé par les Hellènes de race dorienne, l'*attique* par les habitants d'Athènes, de son territoire et des ses colonies.

« Quand un dialecte n'a pas produit de littérature et qu'il est borné à l'usage populaire, on l'appelle plus volontiers un *patois*.

« Pour désigner certaines affectations ou certaines négligences de langage particulières à une classe de la société, on employe d'ordinaire le mot *jargon*. » *

A' vista destas definições de mestre, nossa lingua caminha para tornar-se um dialecto ; mas ainda os não possuimos particulares de provincia á provincia. O que temos, por ora, e bem accentuado é o *jargão* das classes baixas e incultas, como aliás acontece em todas as nações. Si, porém, as modificações que havemos operado na lingua de Barros e Camões não lhe mudaram a physionomia, a ponto de convertel-a já em uma formação dialectal, não se segue que a não tenhamos enriquecido de termos novos, oriundos uns dos idiomas fallados pelas populações aborigenes do paiz, e outros das linguas usadas pelos negros africanos com que o trafico nos presenteou.

E' impossivel dar uma lista completa de todos os substantivos indigenas incorporados ao portuguez, para significar madeiras, pedras e animaes, como o é dar por inteiro o rol dos nomes de montanhas, regiões, rios e

* Notions élémentaires de grammaire comparée, par E. Egger., pag. 10.

lagos... Elles são muitissimos e disto dão irrecusavel testimonho nossa zoologia, nossa botanica e nossa geographia e basta só consultal-as. Ha tambem grande porção de termos, significando usos, costumes e industrias indigenas, que passaram para o nosso povo actual. Alguns verbos temos formados de raizes tupis. Quanto a estes coheecemos já os colligidos por Couto de Magalhães, citados neste estudo, e que é inutil repetir. Dos substantivos damos aqui alguns: *aluá* (bebida agradável), *carimaná* (massa de mandioca-puba), *tabatinga* (barro branco), *jacá* (pequeno cesto), *giqui* (côfo de pescar), *samburú* (cestinho), *tapiti* (certo apparelho de seccar a massa de mandioca), *catínga* (matto e tambem mão cheiro), *capão* (matto), *moquem* (girão de assar carne), *giráo* (armação de varas). *pipoca* (milho estalado), *cumbuca* (cabaça furada), *capêta* (traquinas). *tabarêu* (matuto), *caboré* (certa especie de mestiço), *cafuz* (idem), *gaúcho* (sertanejo do sul), *catereté* (dansa) *caipira* (matuto), *tipoiá* (rêde pequena), *urupemba* (peneira), *mundéo* (armadilha), *manipueira* (caldo extrahido da mandioca), *capim* (certa especie de relva), *urú* (cesta), *maloca* (magote), *gerêré* (cesto de pescar); *caipora* e *caiporismo* (termos conhecidissimos), *munzuá* (apparelho de pesca). *urupuca* (pequena armadillia para apanhar passarinhos), *camboquira* (matuto), *mandioca* (conhecido), *igarapé* (riacho), *puba* (mandioca em certo estado de fermentação), *tapioca* (o polvilho extrahido da manipueira). *maniçoba* (comida preparada dos brotos uovos e teuros da maniva). *maniva* (o arbusto da mandioca), *bambural* (mato ralo), *punaré* (amarellado), *chiripá* (veste do Sul), *chimango* e *guabirú* (nomes dados a certas especies de ratos e depois aos partidos politicos), *coriboca* (mestiço escuro). Devem-se juntar a estes appellativos as interjeições: *chê!* *êta!* *uê!* —e, ao que parece; o verbo *sapecar*, synonymo de *chamuscar* e *queimar o pello de leve*.

Dentre os termos que supponos de origem africana,

notamos os seguintes: *batuque* (dança), *cafuné* (estalo doce na cabeça), *senzala* (casa de negro), *cachimbo* (conhecido), *maracatú* (dança), *cliba* e *samba* (idem), *candoblê* (idem), *vatapá*, *carurú*, *ungú*, *anguzô*, (certes manjares), *manzanza* (bôbo), *mangalô* (certo grão), *quinguingú* (trabalho á noite), *potirum* (trabalho extraordinario feito de sociedade), *mandinga* (feitiçaria), *pendanga* (luta, disputa), *muchiba* (certa fibra da carne), *banquê* (estrado de carregar aos hombros), *caçamba* (vazilha), *mocambo* (casinha de negro), *muçamba* (criada de estimação), *mocambuzio* (triste), *cururú* (sapo grande), *manjoléo* (bicho horrendo), *lóbó* (feijão preparado com dendê), *quiabo* ou *quingombô* (conhecido), *ambrozô* (comida de milho e dendê), *camlada* (porção), *pitiu* (mão cheiro), *pito* (cachimbo), *piquirá* (cavallo pequeno), *bunzuntão* (individuo porco), *sulamba* (sujeito desmazelado), *munganga* (careta), *mangangú* (principal, grande), *xarú* *xarapim* (conhecidos), *calundú* (aborrecimento), *caçula* e *quirera* (o filio mais moço de todos) *marruí* (touro valente), *calunga* (boneco), *missanga* (contas), *quilombo* (reuniões de negros fugidos), *quilombola* (negro de quilombo) *moleque* (negro ainda pequeno), *xuxú* (fruta); *giló* (idem) *quenga* (cuia velha e quebrada), *capenga* (côxo), *camondongo* (rato pequeno), *malagueta* e *cumari* (pimenta), *caxerenguengue* (faca velha e quebrada), *pixaim* ou *pixauim* (cabello de carapinha), *gaforinha* (cabelleira de negro) *bunda* (nadegas), *encafifado* (caipora, enfiado), *muxoxo* (ruido de desdem com a bocca), *cafanga* (embuste), *candonga* (mentira), *cachaça* (aguardente), *pinoia* (cachaça), *ganjão*, *engangento* (engraçado, peralvilho, querido), *caçóú* (cesto grande para carga de animal), *engana*, *enganinha* (senhora moça) *acaçá* (comida de milho), *cachumba* (molestia do rosto), *malungo* (companheiro), *munguzú* (comida feita de milho desollhado com côco) *farrambamba* (entusiasmo infundado), *zumbi* (lobishome), *garapa* (bebida). Juntem-se a estes os verbos *descachelar* (arreganhar) *longar* (colher

grãos esparsos, restolhar), *capiangar* (furtar), *chingar* (insultar, descompor), *buzuntar*, *labrear*, *lambuzar* (sujar) *engambelar* (enganar), *pitár* (fumar), *cuchilar* (conhecido).

Juntamos aqui mais algumas outras palavras de formação mestiça, das quaes umas parecem ter raiz africana, outras raiz tupica; algumas são de origem castelhana, outras portuguezas desviadas de seu sentido primitivo: *penima* (coisa má), *espingolado* (magriço, comprido), *munan* (egua) *corteleiro* (boi manso), *barbatão* (boi amontado), *quiba* (animal corpulento e forte), *gerilita* (aguardente) *pelego* (pano de sella e coisa ruim em sentido figurado), *pamoinha* (certo bolo de milho verde) *cangica* (creme de milho verde), *concho* (alegre, cheio de si), *rebendita* (reincidência), *aração* (gula), *arado* (guloso), *peritica* (insistencia incommoda), *mocotó* (pé de boi), *passoca* (carne secca pisada com farinha), *cocórote* (pancada com os dedos fechados na cabeça), *corrimboque* (chifre preparado para tabaco), *empalamado* (pallido, opilado), *quindim* (encanto, graça), *taroque* (corrimboque), *inhaca* (máu cheiro), *sarapantado* (espantado), *sungar* (puxar, aspirar), *palerma* (tolo, bobo), *capanga* guarda-costas), *tunco* (ruído de bocca) *garrote* (boi novo), *cocão* (parte integrante de um carro de bois que serve para segurar a mesa ao eixo), *empurqueira* (parte do eixo que trabalha entre os cocões) *sentanquido* (rachitico), *churrasco* (carne mal assada), *lombillo* (sella pequena) *serigote* (idem), *ponche* (capote), *chilenas* (e-poras), *zerê* (zarolho), *entreveirar* (entrancar), *planchar* (no sul calir de lado), *carpar e carpir* (capinar a terra), *lombiar* (pisar a sella o animal), *garôa* (chovisco, chuva miuda), *garoar* (choviscar), *enfiar* (sellar e atreiar o animal), *chargucar* (preparar o charque, carne secca), *chucro* (bravio), *potreiro* (curral), *mumbica* (garrote enfezado), *vellaquear* (passarinho), *campear* (procurar um animal no campo), *saino* (castanho) *saino doutradillo* (alazão), *galpão* (armazem),

mangueira (curral pequeno), *caqueano* (conhecedor de caminhos). Juntem-sea estes termos as duas interjeições muito communs em Pernambuco: *tibi!* *vôte!* Muitas outras palavras desta natureza existem no paiz; só apresentamos as que deixamos transcriptas, por que as colligamos directamente. O Sr. General Beau-repaire Rohan, em um lexicon, que prepara ha mais de trinta annos, de termos brazileiros mostrou-nos mais de dous mil. O Sr. Dr. Macedo Soares tem em mãos trabalho ainda mais consideravel. Nas tres listas de termos, que deixamos atraz escriptos, é muito possivel, ou antes certo, que bastantes erros, quanto á sua origem, tenham escapado. E' que o problema é difficil e não lhe podemos achar melhor solução por emquanto. Não incluimos, propositalmente, entre as palavras de origem tupica aquellas que, não sendo de fórma alguma usadas pelo povo, encontram-se apenas nas paginas de nossos pretendidos poetas americanos.

Taes são, entre outros: *payé*, *pagé* ou *piaga*, *ygaçaba*, *canitar*, *ygúra*, *ubá*, *manitó*, *mussurana*, *tacape*, *taba*, *oca*, *ocára*, *arasoya*, *boré*, *inubia*. Estas não passaram á viva linguagem popular; são uma resurreição erudita sem alcance e sem valor, em que, nem ao menos, os poetas conservaram a genuina morphologia guarany, como o demonstrou Baptista Caetano. *

Das modificações lexicologicas que a lingua portugueza tem soffrido na America, algumas são consistentes em mudança do sentido de antigas palavras; exemplo: *Fuceira* — carne das faces do boi (Port.) mulher casquilha (Braz.) *babado* — cheio de baba (Port.) o mesmo e mais folhos (Braz.) *capoeira* — gran le gaiola para aves (Port.) o mesmo e mais matto ralo e tenue (Braz.) *muqueca* — termo agricola (Port.) guizado de peixe (Braz.) *canastra*

* Vi' e *Ensaio de Sciencia*, vol. 1.º, pags. 37 e 38.

—cesta de vime, (Port.) caixa não abaulada (Braz.) *fôlho*—enfeite de saia, (Port.) molestia de cavallo (Braz.) *horracho* filhote de pombo (Port.) beberrão (Braz.) *gaiato*—moleque branco (Port.) engraçado, (Braz.) *bóta* — botim, botina (Port.) calçado de montar a cavallo (Braz.) *trem*—carruagem (Port.) bagagem, aparelho (Braz.) *chacara*—romance popular (Port.) o mesmo e mais o que na Europa se chama *quinta* (Braz.) *moço*—joven e criado (Port.) joven só (Braz.) *fumo*—fumaça (Port.) o mesmo e tabaco (Braz.) *ferrar*—além do sentido proprio, também morder, (Port.) só pregar ferradura. (Braz.) * A estes juntamos *sarabanda* que em Portugal significa uma especie de poesia e musica popular e no Brazil é o mesmo que *descompostura*.

Passemos ás alterações phoneticas.

Existem bastantes, mas ainda não marcadas systematicamente, segundo a lei de Grimm.

Quando por esta lei se produzirem ellas invariavelmente, o luso-brazileiro constituirá um dialecto do portuguez europeu.

Indiquemos as principaes, já assignaladas por alguns escriptores.

O Sr. Baptista Caetano fez a observação seguinte: « A suppressão de uma e mais lettras no final das palavras tão usual entre os brazileiros, principalmente os caboclos e *caipiras*, é um cacoete herdado dos indios e desconhecido aos portuguezes que pelo contrario procuram tornar brevissimas as syllabas não accentuadas do meio ou do principio das palavras,—pronunciando: *m'laço, b'tar, r'logio, pr'staram, app'var* em vez de *me-laço, botar, prestaram, approvar*; os brazileiros pelo

Veja-se Pacheco Junior *O dialecto Brazileiro na Revista Brazileira* de 15 de Setembro de 1880, e *O Idioma do Hodierno Portugal comparado com o do Brazil*, 2ª parte, pag. 8 e seguintes.

contrario dizem : *botá, chovê, ardê, subi*, comendo invariavelmente os *rr* finaes.» (1)

Esta observação é exactissima e bem se nota neste facto : fallando de um *horror de gente*, o portuguez diz : — um *ror de gente*, e o brasileiro um *horró de gente*.

Por seu lado, o Sr. Pacheco Junior descobre o seguinte na pronuncia de nosso povo : « O emprego de um *a* prosthetico, a metathese do *r*, a permuta do *l* pelo *r*, dar ao *o* fechado o som de *u* e o de *i* ao *e*, accentnar syllabas subordinadas, a apocope do *r*, a queda da molhada *lh*, e mudança do *a* em *e* nos preteritos dos verbos da primeira conjugação.»

O Sr. Pacheco tem razão em tudo isto : porquanto encontramos entre o povo vozes como estas : — *arrespirá, arretirá, farsa, carça, janeiru, bunitu, teia, teiado, nuyé, amemos, luctemos*, etc. em vez de — *respirar, retirar, falsa, calça, janeiro, bonito, telha, telhado, mulher, amamos, luctamos*, etc.

José de Alencar já havia notado a nossa tendencia de pronunciar o *e* final como *i* e o *o* como *u*, ao passo que os portuguezes amortecem o primeiro *e* dos trisillabos a ponto de o converterem em *i* ou apagarem-no de todo, dizendo *piquena, m'nina*.

Tambem notou-lhes a tendencia para nazalisar o *gn* dizendo *manhufico*, por *magnifico*, ao passo que nós ferimos perfeitamente o *n* com o *g*. (2)

Temos notado, além disto, que o nosso povo costuma introduzir uma vogal entre as duas consoantes que formam a primeira syllaba em certas palavras, dizendo : — *fulor* ou *fulô* em lugar de *flôr*; — *Culaudio* em vez de *Claudio*; *Quelemencia* por *Clemencia*. — Usa muito da

(1) *Ensaíos de Sciencia*, 1.^a pag. 30. Não foi só dos indies que nos passou essa tendencia. Veiu-nos igualmente dos africanos, que têm o mesmo cococete.

(2) Vide o final do cap. 3.^o deste *Estudo*

terminação *ia* em lugar de *a* ; como *differencia* e *desgracia*, por *differença*, *desgraça*.

A mudança do *a* e do *o* em *e* ; ex : *trage*, *bride*, *aliente*, *vantage*, por *trajo*, *brida*, *adiante*, *vantagem*. Não é só o *r* final que o povo suprime, o mesmo faz com qualquer outra consoante ; ex : *home*, *corage*, *virginá*, *generá*, por *homem*, *coragem*, *virginal*, *general*.

O Sr. Paranhos da Silva notou as seguintes diferenças de pronuncia entre o luzo-brazileiro e o portuguez europeu :

1.^a O *s* não precedendo vogal é *chiente* em Portugal e sôa como *x* ; o mesmo acontece no final das palavras. O Brazil tem quasi o som de *z* mesmo no fim das palavras ; assim nós dizemos *livros*, *fasto*, *misterio*, *novos*, approximando a pronuncia de *livroz*, *fazto*, *mizterio*, *novoz* e os portuguezes tendendo para *livrox*, *faxto*, *mizterio*, *novox*.

Notamos, porém, que o nosso povo emprega, posto que raramente, o *x* archaico por *s*, como *dixe* por *disse*. Ainda mais raro é o emprego do *x* por *g*, que elle emprega, talvez, sómente na exclamação : *ô chente!* ou *ô cente!* por *oh gente!*

Varnhagen fez quanto ao *s* quasi a mesma observação do Sr. Paranhos : « em Portugal pronuncia-se *bashtar*, no Brazil silva-se o *s* :—*basstar* ». *

2.^a O *s* seguido de *c* distinguem-no os portuguezes e os brazileiros não : elles dizem *nascer*, como se fôsse *naxcer* e nós como se fôsse *nacer*.

3.^a A troca do *b* e do *v* em algumas partes do reino : *bisconde* por *visconde*.

4.^a Os portuguezes desconhecem o som intermedio do *a* entre o agudo e o fechado e só empregam o *a* aberto ou fechado.

Assim, dizem *pádeiro*, *ácademia*, *Máthusalem*.

* *Florilegio da poesia brasileira*, 1º volume, pag. 20.

Empregam *á* aberto antes da syllaba onde entra *ú* accentuado, como em *cajú, tatú, sagú, bahú*, que dizem *cájú, tátú, ságú, báhú*. Quando o *a* é voz nasal clara tambem o pronunciam aberto e dizem *lán, manhán, ván*, como quer Soares Barbosa. Se *a* é voz nasal surda, isto é, se lhe segue *m* ou *n*, pertencente á syllaba seguinte, tambem é aberto, e dizem *ámo, cáno, gánho*, apezar do que diz o mesmo Barbosa. Se um *a* fôr precedido de outro, ainda que costume a ser fechado, tambem o abrem e, se, por exemplo, encontrarem as palavras: *Se pagava a quota achava a porta aberta* lerão: *S'págáv' á quót' ácháv'á pórt'ábertâ*. Mas se não empregam *a* aberto, não conhecem meio termo e usam de *a* fechadissimo, que distingue os vocabulos portuguezes dos castelhanos escriptos com as mesmas letras e por *lagar, atar, matar* do castelhano, dizem *lâgar, âtar, mâtar*. Na fala do Brazil, porém, o *a* sobre que não recae o accentto prosodico, não é distinctissimo do *aberto* e *accentuado*, mas não é identico a elle. A um ouvido portuguez o nosso primeiro *a* de *Pará* parece confundir-se com o segundo. Entretanto, elle é igual ao primeiro de *matar*, de *vadio*, de *sadio*, de *aqui*, pois nós fazemos distincção entre *a* carregado com o accentto prosodico e o não *accentuado*. Se Soares Barbosa acha que o nosso *a* de *sadio* e *vadio* é fechado como o *â* portuguez, é só porque não se pronuncia tão aberto como o de *sádio, vádio*, pronunciados em Portugal; e, se ao mesmo tempo parece a Barbosa que os brazileiros dizem *âqui*, provém isto do habito de ouvir dizer *âqui*; pois entre nós os *aa* de *sadio* e de *aqui* são iguaes, não é nenhum fechado como o *â* portuguez, nem nenhum aberto como o segundo de *Pará*.

Esta illusão do grammatico portuguez vem, portanto, confirmar a observação de que o nosso *a* fóra da syllaba do accentto prosodico não é tão distincto do *accentuado* como em Portugal; mas nunca é igual a elle; pois nem

dizemos *âqui, Pârà, âtar, mâtar*; nem *cájú, tátú, bâhú, vádio, sádio, ácademia, pádeiro, Máthusalem*.

Entretanto, quando *a* é voz nasal clara ou surda, nós o fechamos, e dizemos *lân, manhân*, contra o que quer Soares Barbosa; e *âmo, gânho*, com approvação d'elle e reprovação talvez de todos os outros mestres portuguezes.

Quanto á regra de abrir o *a* quando casualmente segue outro, é claro que ella não foi acceita no Brazil, onde *a* só é aberto debaixo do accento prosodico.

Se o accentuamos quando nelle se reúnem o artigo e a preposição, não escrevendo *a a*, como João de Barros, não é porque nos seja difficil a pronuncia dos dous *a a*.

Se os portuguezes não podem effectuar sem hiato a passagem do seu *â* fechado para o aberto, e precisam alguns de intercalar um *i* entre os dous *a a*, dizendo *a-i-agoa*, nós outros os pronunciamos sem differença dos dois *a a* de *Baal, raamir, jaaroba*, onde ninguem ainda achou hiato. *

5.^a O *e* no Brazil só tem dous sons *aberto e fechado*; em Portugal ha um terceiro *e a* que chamam *pequeno e mudo*. Além disto nos dous paizes não existe accôrdo quanto ao emprego do *e fechado* e do *aberto*; ha trocadilhos.

Os portuguezes pouco usam do *ê* fechado e abusam do *é* aberto; dizem *véstoria, esquécimento, métade*; ou comem o *e* e dizem *m'tade, m'droso, v'rdolengo*.

Mesmo debaixo do accento prosodico, que póde ser agudo ou circumflexo, quasi sempre é o *e* aberto pelos portuguezes, que dizem: *modélo, ent'rêsse, aconteça*, ou substituem por *â*, como nas syllabas *êjo, êlho, ênho*, dizendo por exemplo: *vâjo, pâjo, d'zâjo, juâlho, cunsâlho, espâlho, vânho, lânha, tânho*, em vez de *vejo, pejo, desejo, joelho, conselho, espelho, venho, lenha, tenho*.

* O Idioma do Hodierno Portugal comparado com o do Brazil, pag. 24 do fasc. 1.^o

Na conjugação do verbo *fechar* vêm-se as viravoltas que dá o portuguez para escapar do *ê* fechado: *eu fâcho, tu fêchas, elle fêcha, nós fichamos, vós fichaes, elles fêcham*. Sendo voz nasal surda, e também pronuncia-se aberto em Portugal; dizem: *génio, trémulo, émulo*. Sendo porém voz nasal clara, tem tres pronuncias conforme o logar que occupa. Se antes do accentto prosodico, é muitas vezes quasi mudo, e, por assim dizer, só se ouve um meio som nasal, como em *v'nder, s'ntir, v'ntar*. Se está debaixo do accentto prosodico, é quasi sempre aberto; por exemplo: *entênde, mên-te, cuntênde*.

Se o *e* nasal está no fim do vocabulo, muda-se em *ãi*; como se vê no dictionario do Sr. Eugenio de Castilho: *Blãi*, por *Belem*.

O *e* aberto de um vocabulo muda-se também algumas vezes em apostrophe com fôrma de letra *e*, quando passa para um derivado desse vocabulo; assim o de *terra, verso, marmelo*, não apparece como em *t'rreno, v'rsinho, marm'lada*. A's vezes o conservam, como em *vêlhinho*.

No Brazil dá-se, quanto ao emprego do *e*, justamente o inverso do que se dá em Portugal. Lá o *ê* fechado não se emprega sinão ás vezes na syllaba sobre que recae o accentto prosodico; aqui no Brazil acontece o mesmo com *ê* aberto em *bêllo, quêbra, pêdra*; e, se o accentto prosodico sahe da syllaba em que estava e passa para outra num vocabulo derivado, fechamos o *e*, dizendo *bêlleza, quêbrado, pêdreiro*. Se o *e* já se acha fechado debaixo do accentto prosodico de um vocabulo, conserva-se assim no derivado, como em *gêlado, de gêlo; pêsádo, de pêsô; zêloso, de zêlo*. Muitas vezes fechamos o *e* debaixo do accentto prosodico, justamente quando os portuguezes o abrem, e dizemos *modêlo, intêresse, aconteça*.

E' no Brazil desconhecido o chamado *e pequeno* de valor de apostrophe e que reduz alguns monosyllabos portuguezes a uma *consoante*, que vem compôr com alguma que se segue um som exquisito como *d'd, n'n, t't*,

s's. No Brazil *me, te, se, lhe*, etc. ou se pronunciam assim, ou dando ao *e* o som de *i*; em Portugal sôam, como: *m', t', s', lh'*. A pronuncia deste *e* *apostrophe* produz insupportaveis *consoantes compostas*, como em *pr'tenção, pr'stação*.

Entre nós quando *e* se torna voz nasal, surda ou clara, pronuncia-se fechado e dizemos *gênio, trêmulo, êmulo*, casualmente como ensina Soares Barbosa; tambem dizemos *vênder, entênde, alêm*, contra o que elle manda em sua terra.*

Estas observações do Sr. Paranhos são verdadeiras em sua generalidade, ainda que não bastante fixas e seguidas por todos quer no Brazil, quer em Portugal.

Proseguindo este auctor em sua analyse da phonetica de nossa lingua, faz ainda as observações seguintes :

6.^a Do *o* dizem os portuguezes o que dizem do *e*; contam-lhe trez sons : o de *ô fechado*, que se ouve em *pôr*; o de *ó aberto*, que se pronuncia em *só*, e o de um terceiro *o* chamado *pequeno*, que equivale a *u*. Existindo entre os *o* o um chamado *pequeno*, acontece que ha contra o *ô fechado* a mesma antipathia que existe contra o *ê*, e então abusam do *aberto* e do *pequeno*, e dizem : *hóspital, ófficial, óbsevatorio, prócuração, óccasião, e cucheira, mudista, murrer, curtar*. O *ô circumflexo*, que Soares Barbosa diz ser a mesma vogal escripta *ou*, com fórma de ditongo, é tomado por *não circumflexo* e pronunciado como si fosse *aberto* : *óvidor, órives, óviu*, etc.

O *ó aberto* só é substituido por letra *u* quando passa para um vocabulo derivado ; de *cópo* por exemplo fazem *cupinho* ; de *póte, putinho* ; de *morte, murtifero*. Algumas vezes é conservado, como em *nórma, mór*, que fazem *nórmal, mórdômo*.

* Ibid. pags. 26 a 31, 1^a parte.

Quando *o* é voz nazal, clara ou surda, e está debaixo do accento prosodico, é muitas vezes aberto e dizem: *hóntem, sóm, ónus, hómem, cóme.*

Estando, porém, fóra do accento, tem quasi sempre o som de *u*, como em *brunzeado, bundade, puntinha*, que nós dizemos *brônzeado, bôndade, pôntinha.*

No falar do Brazil *o* está para *o* em Portugal, quasi como *o* nosso e está para *o* homonymo de lá. Se os portuguezes excluem *ô fechado* da syllaba não prosodicamente accentuada, nós outros excluimos della, *o aberto*, fechando-o, se passa de um vocabulo para seu derivado.

Assim, se de *módo, dólo, mólle*, passa para *modal, doloso, mólleirão*, nós o fechamos e pronunciamos *môdal, dôlôso, mólleirão.* Se já é fechado no vacabulo, conserva-se assim mesmo no derivado, e não é trocado por *u* como na fala de Portugal; assim de *fôrça, tôrpe, côr*, formamos *fôrçôso, tôrpeza, côrado*, e não *furçoso, turpeza, curado.*

O precedido de outro *o*, é aberto em Portugal e *o* é tambem se é precedido de *a*; assim *todo o dia* diz-se em Portugal *tod'ô dia*; *corta o pescoço, cort'ô pescoço*; nós dizemos mais ou menos geralmente: *tôdo u dia; côrta u pescoço.*

7.^a O *u* é, talvez só na classe baixa de Lisbôa, mudado em *u* nazal; *perú, lundú, lúá*, diz-se *p'rúm, lundum, lúá.* No Brazil não se dá isto.

8.^a Os unicos ditongos oraes que divergem nas duas falas são *ai* e *ei*. Em Portugal fazem soar muito *o i* destes ditongos, que correspondem quasi sempre ás vogaes *a*, e dos vocabulos castelhanos correspondentes.

No Brazil a vogal *i* é menos sensível, e fazem-se sobresahir muito mais as vogaes *a*, *e*.

Tanto na syllaba accentuada como fóra della, a primeira vogal do ditongo *ai* é aberta na pronuncia dos portuguezes. Dest'arte não só dizem *cáixa, báixo*, como tambem *páixão, cáixote, báixeza.* No Brazil *a* no ditongo *ai* só se abre debaixo do accento prosodico, e pronunciamos

cáixa, báixo, quasi como *caxa, baxo*, abrindo o *a*, e fazendo soar pouco o *i*. Como todas as outras, nunca é aberta a primeira vogal do diphtongo *ai* fóra da syllaba accentuada; dizemos *paixão, caixote, baixeza*, quasi como *paxão, caxote, baxeza*.

Nos monosyllabos o ditongo tem a mesma pronuncia no Brazil e em Portugal; dizemos pela mesma fórma *pai, cai, sai*. Quando *ai* se torna o ditongo nasal *ãi*, parece que é pronunciado pelos brazileiros, sómente na palavra *mãi*; seguido de *s*, é empregado por nós em pouco mais de seis vocabulos; pois, os outros dezeseis de que fala o Sr. Eugenio de Castilho, como *Guinfães, Sinfães* e *questões*, não são, ao que se póde presumir, conhecidos no Brazil.

Em Portugal, porém, *ãi* é muito usado; pois, como vimos, substituiu na pronuncia a voz nasal *em*. Porisso, existe lá um soffrivel sortimento de rimas para *mãi*. Ex.:

Ella é doce como é doce
O *mele* que o favo *tãi*;
Ella é casta como é casto
O *bãijo* de minha *mãi*.

O ditongo *ei* é pronunciado em Portugal quasi como pronunciamos no Brazil o ditongo precedente; isto é, sôa como *ãi*. Assim dizem *lãite, pãito, bãijo, sãi*; como tambem *pãixão, pãixinho, ribãirão*, em lugar de *leite, peito, beijo, sei, peixão, peixinho, ribeirão*. No plural, porém, dos nomes em *el* fazem excepção, e alguns de *papel* e *fiel* fazem *papêis* e *fiêis*.

9.^a Uma das superioridades da lingua portugueza sobre a italiana, é a beileza das terminações, que seriam ainda mais notaveis, se as soubessemos pronunciar todas, como os castelhanos, guiando-nos pela orthographia. A monotonia dos finaes dos vocabulos italianos, que terminam quasi todos por *a, e, i, o, u*, é incontestavelmente superada pela grande variedade das nossas terminações.

Infelizmente, porém, nós os brasileiros as pronunciamos quasi tão mal como os portuguezes, vindo a tornarem-se algumas vezes tão *abafadas* no Brazil, como em Portugal. As bellas terminações em *os*, que tanto concorriam para a sonoridade do grego, e que existem escriptas em nossa lingua, são por nós transformadas em *us* e em *ux* pelos portuguezes. Em quasi todo o Brazil as terminações em *a* são pronunciadas como *â*, mais ou menos bem fechado e sumido.

As terminações em *e* são melhor pronunciadas, por que, ao menos, ouve-se nellas uma vogal, *i*, base de syllaba. Os portuguezes que quasi não as pronunciam, quando escriptas, collocam estas desinencias depois das terminações em *ar*, *er*, *ir*, *or*, e dizem : *amare*, *vêre*, *vire*, que o povo baixo transfórma em *amari*, *vêri*, *virí*. Por isso, parece-lhes que os brasileiros deixam de pronunciar o *r* de taes terminações, com quanto só alguns caíam nesse vicio. Se o nosso povo miúdo diz, *dôtô*, o baixo de Portugal diz *doitori*, e ás vezes *deitori*, e os mais dizem geralmente *dótori*.

Quanto ás terminações em *al* e *ale*, *el* e *ele*, *ol* e *ole*, *ul* e *ule*, em Portugal emprega-se uma quando nós outros empregamos a outra do mesmo par. Nós dizemos, por exemplo, *valle*, *pelle*, *molle*, *bule* ; lá se diz : *vál*, *pel*, *mól*, *búl*. Inversamente dizem : *jurnale*, *papele*, *anzole*, *azule* ; quando nós pronunciamos : *jornal*, *papel*, *anzol*, *azul*. Quem duvidar, e disser que nos parece assim por estarmos acostumados a ouvir o *l* menos sensível, como parecia a Soares Barbosa ouvir os brasileiros dizerem : *vádio* e *sádio*, por estar habituado com *vádio* e *sádio*, ouça em Lisboa o nome *cal* e logo depois o subjunctivo *cale*, e repare qual dos dous tem *e mudo no fim* ; compare *mel* com *mele* do verbo *melar*, e ficará convencido. Nós, affirma o Dr. Paranhos da Silva, ouvimos em Lisboa: « *O p'drâiro 'xtá a p'dire cale ; mâx cal-se, não lh'r'sponda.* »

Não se julgue que é contradicção dizer que o *e mudo*

portuguez corresponde a uma apostrophe e dizer depois que no fim dos vocabulos elle sôa como semi-vogal. Tambem em francez, como diz Girault Duvivier, ha uma differença bem sensivel entre *e mudo* no corpo de um vocabulo, e *e mulo* no fim delle ; aquelle é como o de *demandar*, que se lê, diz Duvivier *d'mander*, ou dizemos nós, o de *d'mandar* portuguez. O *e* final, porém, sôa: quem duvidar, compare o portuguez *jurnale* com o brasileiro *jôrnal* em que se ouve aquelle *e* latino pronunciado, mas não escripto pelos portuguezes, e que é igual ao *e* final seguido de *nt* dos pluraes dos verbos francezes, o qual, diz ainda Duvivier, é bem distincto para o ouvido do *e* do singular. *

São estas as principaes observações que se nos deparam nos dous opusculos do Sr. Paranhos sobre a pronunciação da lingua portugueza falada na Europa e a falada na America. Trasladamol-as quasi litteralmente e julgamos que o autor teve fino tacto em sua analyse.

Antes de passarmos á ultima parte do nosso problema —as alterações syntacticas que a lingua portugueza tem experimentado na America—apresentemos aqui um pequeno glossario de termos estropiados pelo *jargão* das classes baixas entre nós: *brabo*, bravo ; *suspiração*, respiração ; *cadê*, que é de ; *affleamar*, inflamar ; *maginar*, imaginar ; *confundas*, profundas ; *mêmo*, mesmo ; *arve*, arvore ; *diacho*, diabo ; *passo*, passaro ; *bença*, a benção ; *alvistas*, alviçasas ; *copudo*, copádo ; *lavandeira*, lavadeira ; *gintem*, vintem ; *ansim*, assim ; *inté*, até ; *balancia*, melancia ; *estrepentino*, estrepitoso ; *malino*, maligno ; *sinhá*, *sinhô*, senhora, senhor, *trei*, *trez* ; *francei*, francez ; *fei*, fez ; *móde*, por amor de. por causa de ; *entrupicar*, tropeçar ; *frangir*, franzir ; *melendias*, melenas... etc.

Passemos á syntaxe. Ainda aqui não existem observações amplas.

* *O Idioma do Hodierno Portugal comparado com o do Brazil.* 1ª parte ; pags. 31 e seguintes.

Alencar notou a singularidade dos augmentativos em *ama*, como *poeirama*, *oirama*, e o abuso dos diminutivos, dando como genuinamente brasileiro—o *dormindinho*.

O Sr. Manoel de Mello provou serem os diminutivos de gerundios e participios presentes conhecidos na Galliza, Hespanha e Portugal. Que elles eram conhecidos na Europa e na propria America hespanhola, já sabiamos nós. Em Venezuela superabundam, como se pôde vêr destas palavras : « No modo de falar a lingua da antiga metropole têm os venezolanos suas particularidades, como têm em geral as differentes provincias de um mesmo estado. Os hespanhóes em commum com os portuguezes reclamam a respeito da correcção de linguagem uma especie de privilegio exclusivo que eu não sei se se lhes deve conceder. Porque não hão de fracções de uma raça que vivem debaixo de um regimen differente, de um céu differente, com uma organização social diversa, modificar gradualmente a sua lingua, até tornarem-na algum tanto distincta da de seus maiores, uma vez que respeitem as regras essenciaes da grammatica e da etymologia? Que importa a estas regras que certos pronomes sejam postostos ou antepostos aos verbos? que a negativa seja duplicada para dar força á phrase? que o *z* e o *ç* sejam pronunciados como *s*, ou sejam ceceados? Esta ultima differença a que os castelhanos chamam vicio, existe em Venezuela assim como em outras republicas da America do Sul; e eu confesso que me agrada mais ao ouvido o hespanhol americano sem o cecêo, do que o hespanhol europeu. Outra irregularidade na linguagem se observa em Venezuela, que não sei se existe em alguma parte de Hespanha, mas que não vi em nenhuma das outras republicas que visitei, e que, a meu vêr, lhe dá muita graça. Fallo do dos *diminutivos applicados aos gerundios*, os quaes dão á conversação uma construcção maviosa, muito em harmonia com as maneiras suaves das americanas. Dizem, por exemplo : « *F. ha puesto una tiendesita y va GANANDITO sus*

reales », ou em resposta ao saudar ordinario de *como passa*: « *voi PASSANDITO asi nomás.* » De *elvisnando, andando*, fazem *elvisnandito, andandito*, etc. De *todo* fazem *todito, toditico*; de *ahora* fazem *ahorita*, semelhante ao nosso *agorinha* paulista. Outra particularidade do idioma venezolano é o *guá*, (1) interjeição de admiração, analoga ao *huê* da nossa gente do povo, mas que na bocca das caraquênas é de muita graça e expressão. » (2)

Vê-se que nas republicas hespanholas dá-se um trabalho lento de transformação da lingua castelhana, como acontece aqui com a portugueza. Os diminutivos dos participios, que existem em pequena escala em Hespanha e Portugal, são abundantissimos em Venezuela e Brazil, os dous paizes da America do Sul onde existiu maior população africana. Por certo não foram os negros que inventaram os diminutivos, que já existiam em todas as linguas da Europa.

Deve-se-lhes, porém, o abuso que temos dessa formula grammatical. Nós abusamos tanto que temos até diminutivos de diminutivos, como: *bonitinho* e *bonitinhosinho*.

Alencar insistiu tambem sobre a differença que ha entre o luzo-americano e o portuguez, quanto ao uso das preposições *a* e *em*, e do artigo definido *o* e *a* em logar do possessivo *meu, teu*. (3)

O Dr. Baptista Caetano fez esta justissima observação:

« Os portuguezes tendem a confundir o pronome reciproco com o relativo; e não fazem esta confusão só nas orações de terceira pessoa, é cousa que quotidianamente

(1) Este *guá* parece uma modificação do antigo *guai*. N. do A d'este livro.

(2) *Relação de uma viagem á Venezuela, N. Granada e Equador* pelo Conselheiro Lisbôa, pags. 89 a 90.

(3) Veja o final do capitulo 3º destes *Estudos*.

se ouve, que as pessoas mais lidas na litteratura de Portugal já adoptam no conversação o *se* e o *si* reciprocos dirigindo-se á *segunda pessoa*, e dizem: *fallo comsigo, dirijo-me a si, é para si que trouxe este livro*, querendo dizer: *fallo contigo* (ou *comvosco*, á moda de S. Paulo onde tambem usam *com mecê*) *dirijo-me a ti, é para ti que trago este livro*. Os brazileiros pelo contrario procuram differenciar o relativo do reciproco e herdaram isto naturalmente da *lingua geral*, onde é fundamental e caracteristica esta differença, que despresada altera completamente a estructura grammatical. Empregam elleõs tambem o possessivo *seu, sua*, dirigindo-se á segunda pessoa, é certo, mas então para differencal-o mais, juntam-lhe pleonasticamente o relativo *delle, della*.

« Assim exprimem-se: *trago recado de F... por causa delle é que venho*, e não dizem: *por sua causa é que venho*. *Estive com fulano, e entreguei-lhe o seu chapéo delle*, acrescentando pleonasticamente o *delle*, porque sem isto podia significar *o chapéo da pessoa com quem falla* ». O illustre cultor do *abanênga* tem razão em dizer que os portuguezes tendem a confundir o pronome relativo com o reciproco. Engana-se em attribuir só a S. Paulo o uso da segunda pessoa do plural na conversação. Em Pernambuco e Minas ainda é muito repetida aquella formula, maximé entre as pessoas idosas. Ha entre nós um certo vezo infundado de attribuir excellencias e originalidades a S. Paulo em tudo que se refere á vida espirital e material brazileira. O emprego do *agorinha*, que o Sr. Conselheiro Lisboa suppunha, como vimos algumas linhas atraz, tambem paulistano, é expressão correntissima em todo o norte do Brazil, e nós cansamo-nos de ouvil-a na Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco. *Quando chegou? Inda-agorinha* — lá é muito commum.

Mas continua o Sr. Baptista Caetano: « Quanto ao mais no emprego do *seu, sua, se, si*, procuram os brazileiros conservar o caracter reciproco justamente como

em latim, onde de modo analogo ao do abanênga para o relativo emprega-se *is* ou *ille* e cujos genitivos *ejus* e *illius* correspondem exactamente a *delle*, *della*, e figuram de possessivos, senda *sui*, *sibi*, *se*, e *suus*, *sua*, *suum*, usados quando a phrase exprime algo de reciproco. Em todo caso o falar á segunda pessoa á *moda dos paulistas* é mais preciso e mais bonito, e se ainda em oração de segunda pessoa se quizesse usar de verbos na terceira, era preferivel o emprego do *vossê* (derivado de *vós*) com um certo que de brazileirismo, e um ponco correspondente ao *usted* dos hespanhóes ». *

O uso pleonastico do *delle*, *della* depois de um *seu*, *sua*, é sempre referente a uma terceira pessoa ausente e não áquella com quem se falla.

Não é geral no Brazil e ao contrario mui pouco usado.

Nosso modo de fallar com alguém é sempre na terceira pessoa: *V. Ex. V. S.*, *V. Mcê.*, *vosmecê*, *ocê*, *mecê*, *o senhor*, etc., conforme a posição do individuo com quem se fala ou o grau de familiaridade que se tem com o interlocutor.

O tratamento na segunda do singular é dirigido aos escravos, aos famulos, dos paes aos filhos...

Tambem é usada na linguagem familiar, terna e amorosa; mas está muito longe de ser costume exclusivo de S. Paulo; é commum ao Brazil inteiro.

Antes de proseguir na citação e analyse de outras descobertas devidas aos Srs. Paranhos da Silva e Capistrano de Abreu sobre as alterações grammaticaes que constituem o luso-brazileiro, observaremos ao leitor que, em certas classes de nosso povo, é vulgar o emprego do *que* em lugar da conjunção *si*. Dizem: *eu não sei que elle veio*, em lugar de *eu não sei si elle veio*. O Dr. Paranhos da Silva confirma a observação precedente do Sr. Baptista Caetano sobre o *si* e *sigo*. « Com elles fazem

* *Ensaíos de Sciencia*; fasc. 1°, pag. 31.

hoje os portuguezes o que os antigos nunca fizeram ; o que mesmo os escriptores secundarios de Portugal não se atrevem a fazer sinão quando repetem palavras de outrem. Queremos falar do uso desses casos do pronome reflexo, referindo-se á pessoa com quem se fala, dizendo : *elle fala comsigo*, isto é, *com o sr*, ou *com você* ; *elle fala muito de si*, isto é, *de você*. Antes que a moda pegue no Brazil, será conveniente que nós tenhamos presente o uso proprio do pronome *se*, chamado *reflexo* por se referir ao agente do verbo da oração. Se o reflexo fôr tambem empregado como podendo referir-se á pessoa com quem alguém fala, muitas ambiguidades resultarão de semelhante emprego. Continuemos, portanto, a imitar na linguagem falada a lição dos escriptores.» (1)

No Brazil é realmente sem emprego este disparate da linguagem usada em Portugal. Só um ou outro luso-maniaco, que descobre *limpeza e purismo* em toda e qualquer droga em materia de linguagem que nos envia o reino, é que usa desse falar censuravel.

Proseguindo em marcar as differenças syntacticas existentes entre o portuguez e o luso-brazileiro, o Dr. Paranhos da Silva, além de outras observações que achamos infundadas, nota as seguintes que julgamos bem deduzidas:

1.^a Os possessivos *meu, teu, seu*, etc. que no luso-brazileiro costumam preceder o objecto possuido, no idioma de Portugal são quasi sempre substituidos pelo emprego do possuidor com a fórmula de dativo, sendo a cousa possuida precedida pelo artigo definido. Assim, enquanto nós dizemos *ler meu livro, ir á tua casa*, dizem em Portugal: *ler-me o livro, ir-te á casa*. Deste uso improprio podem nascer muitas ambiguidades. (2)

(1) *O Idioma do Hodierno Portugal comparado com o do Brazil*, fasc. 2º, pag. 22.

(2) *O Idioma do Hodierno Portugal comparado com o do Brazil*; 2ª. Parte, pag. 14.

2.^a Os pronomes *me, te, se*, etc. são hoje no idioma falado em Portugal constantemente collocados depois dos verbos, enquanto que no Brazil collocam-se ás vezes depois, mas quasi sempre antes delles.

Para nosso uso, temos defeza em exemplos de antigos escriptores portuguezes.

Esta these da collocação dos pronomes foi discutida por J. Feliciano de Castilho, Teixeira de Mello, Arthur Barreiros e Fernandes Pinheiro Junior. (1)

Todos estes autores, levados pela religião do *purismo*, religião intolerante como outra qualquer, fazem censuras ao nosso modo popular de usar os pronomes.

Nada temos que vêr com o *purismo* num estudo da ordem deste; indicamos o facto pratico, positivo, e nada mais. Julgamos, entretanto, justo e racional o que a respeito deste ponto escreveu o Dr. Paranhos da Silva em resposta ao Sr. Barreiros. (2)

3.^a Ao verbo *estar*, vão agora os Portuguezes dando um valor que nunca teve; porquanto, se todo e qualquer verbo precisa sempre de um sujeito acompanhado de adjectivo ou de artigo, quando é nome appellativo, comtudo o verbo *estar* emprega-se algumas vezes sem essa necessidade dos seus semelhantes.

Assim, procurando os portuguezes actuaes uma expressão differente de *hace calor* do castelhano, já não querem dizer—*está fazendo calor*, mais sim—*está calor*, ondese vê que o complemento objectivo do verbo fazer, que não era determinado por adjectivo ou artigo, faz papel de sujeito do verbo. (3)

4.^a A *sympathia* pela preposição *a* traz mais uma differença entre a lingua falada em Portugal e a que nós

(1) Vide *Revista Brasileira*, tomo V, pag. 71 e 496.

(2) Vide *Revista Brasileira*, tomo V, pag. 496.

(3) 2.^a Parte, pag. 24.

falamos no Brazil. Isto se dá quando a preposição favorita precede os infinitos com o fim de os tornar capazes de substituir os participios do presente, que nós empregamos depois dos verbos *estar, ir, andar, etc.* para exprimir o estado actual ou o effeito progressivo e continuo da acção significada pelo verbo. Nós dizemos—*estou escrevendo, vens fazendo*; os portuguezes quasi sempre—*estou a escrever, vens á fazer.* (1)

O Sr. Capistrano de Abreu, em artigo consagrado a este assumpto, escreveu estas palavras: « Parece-nos que os brazileiros têm perdido alguns suffixos, tanto para a construcção dos substantivos, como para a dos adjectivos. Ha dous tempos dos verbos que, na linguagem falada, quasi totalmente desapareceram—o mais que perfeito simples e o futuro do indicativo. A perda deste ultimo tempo já tem sido observada por diferentes professores, que, tentando ensinar a grammatica de um modo pratico, vêm-se em sérias difficuldades para conseguir que os meninos tenham uma noção clara da differença que existe entre o presente e o futuro. A causa desta perda póde ser a tendencia *analytica* das linguas modernas, que no Brazil encontrou uma causa de reforço na incorporação dos Tupinambás e Africanos, ignorantes da significação dos affixos e do alcance dos radicaes. A mesma tendencia *analytica* explica ainda uma outra modificação em nosso falar; os verbos concretos e particulares muitas vezes são substituidos por verbos mais geraes, acompanhados de substantivos. Isto é sobretudo sensivel na linguagem familiar. » (2)

São estas as tres modificações soffridas pelo luso-brazileiro: perda de suffixos, perda do futuro simples do

(1) *Ibid*—pag. 34.

(2) *Gazeta de Noticias* de 6 de Novembro de 1880.

indicativo e do mais que perfeito simples, e uso de verbos geraes acompanhados de substantivos, assignaladas por Capistrano de Abreu, sem duvida com justos motivos; mas é penoso que não haja exemplificado os trez casos. Quanto á segunda, nos parece exacta; quasi nunca dizemos—*eu amára então; eu irei, quando me mandar, e sim—eu amei então; eu vou, quando me mandar.*

Por nossa parte, diremos que tambem trocamos communmente o presente do indicativo pelo imperfeito, e o futuro condicional pelo presente do indicativo:—*os outros já foram; eu queria ir tambem, se meu pai deixa, por—os outros já foram; eu quero ir tambem, se meu pai deixar.*

Julgamos ter respondido, ainda que perfunctoriamente, ás oito questões que ao principio deste capitulo nos propuzemos: a) si o luso-brazileiro é um dialecto, b) si temos dialectos nas diversas provincias do paiz, c) si augmentamos o lexicon portuguez com termos *abaneengas*, d) si o enriquecemos de termos africanos, e) se o mesclamos de termos de origem secundaria e mestiça, obra das populações actuaes, f) si alteramos o significado de antigos termos portuguezes, g) si produzimos alterações phoneticas na lingua, h) si as produzimos syntacticas.

Nosso trabalho é, por certo, vacillante e de reduzido merito; mas de uma cousa estamos convencido: é de havermos dado alguma ordem a uma serie de observações dispersas, e indicado qual é o numero e a ordem das questões particulares que envolve a questão geral da adaptação da lingua portugueza ao meio americano.

Venham agora os especialistas, tomem a si o questionario e respondam com segurança aos diversos problemas que esboçamos. Ha ahí materia para um livro a escrever entre nós.

Ao ultimar, lembramos que existe ainda uma differença radicalissima entre o portuguez e o luso-brazileiro: é a que vem dos proprios órgãos da fala, um quer que

Seja, que não permite confundir a lingua falada por labios portuguezes com ella mesma falada por brazileiros.

Supponde que um portuguez apodera-se de todos os idiotismos e singularidades grammaticaes de nosso falar; ajuda assim, quando abrir a boca e pronunciar as primeiras palavras, conhecereis logo que não é um dos nossos que fala.

Isto é tanto mais singular, quanto temos conhecido muitos brazileiros, que, tendo estacionado por annos em Portugal, voltaram de lá, falando como si fossem filhos d'alli, o que nunca mais perderam de todo; ao passo que não conhecemos um só portuguez que tenha perdido aqui seu velho *sotaque*.

O estylo brazileiro tem tambem differente moldura do estylo portuguez.

Os motivos productores destes dous factos, differença de pronuncia e de estylo, devem ser muitos e entre elles contamos, como os mais energicos, a acção mesologica e a mescla de raças diversas. Varnhagen as explicava pelo contacto com os hespanhóes e nisto é acompanhado pelo Dr. Paranhos da Silva.

Ouçamos as palavras do nosso historiador: « Alguma observação a este respeito nos chegou a convencer, que as differenças principaes que se notam na pronunciação brazileira, procedem de que a lingua portugueza no Brazil, desde o principio, se *acastelhanou* muito. Estas differenças que principalmente consiste na transposição dos possessivos, no fazer ouvir abertamente o som de cada uma das vogaes, sem fazer elisões no e final, nem converter, o o em u, e em dar ao s no fim das syllabas o valor que lhe dão os italianos, e não o do *sh* inglez, ou do *sch* allemão, esta alteração de pronuncia, que se estende até a alguns modismos e usos, procedeu não só de que os primeiros descobrimentos e colonização foram feitos com ajuda de castelhanos, como de que para a recuperação da Bahia contra os hollandezes passaram outros muitos que

ahi ficaram estabelecidos; além disso no interior da provincia do Rio Grande fala-se hoje pelo menos tanto hespanhol, como portuguez, e o contacto dos negociantes de *gados e tropeiros* com estes paizes, fez que se adoptasse delles quasi tudo quanto é nomenclatura da ginêta, por exemplo, lombillo, etc. » *

Eis ahi como os nossos grandes sabios officiaes decidiam das cousas.

Não viu este escriptor que o contacto com os castelhanos no Brazil foi minimo em todo tempo; que, ao contrario, Portugal tem estado com elles em maiores relações? A acção castelhana devia-se mais sentir no reino, onde até foi moda em 1500 e 1600 escrever em hespanhol.

Demais, a alteração das linguas européas na America não se produz só no Brazil; o *hespanhol* das republicas americanas tambem se vae *transformando*. A que se deverá este facto? Sem duvida ao *contacto com o Brazil*, responderia o Sr. Varnhagen. A vinda de alguns hespanhóes á Bahia no tempo dos hollandezes, quando muito provaria alguma cousa para aquella provincia, e nada mais.

No Rio Grande não se fala tanto o castelhano como o portuguez; enganou-se o historiador. E quando fosse isso exacto, seria um facto confinado lá ao sul do Imperio; e como poderia elle influir nas longiquas provincias do norte e do centro, onde a lingua se vae tambem alterando?

O autor da *Historia Geral* fantasiou. A alteração das linguas européas na America é um facto geral, que tem uma explicação mais profunda e mais geral tambem: a acção do meio e a acção ethnica, além de outros moveis mais particulares e obscuros.

Haveria alguma cousa a dizer sobre a *geographia das*

* *Florilegio da Poesia Brasileira*, 1º vol. pag. XX.

palavras; mas possuímos por enquanto poucos documentos. Daremos aqui alguns exemplos, deixando a outros a tarefa de os multiplicar: *mangerioba* é em Pernambuco o mesmo que *fedegoso* em Sergipe; *fedegoso* em Pernambuco é o mesmo que a *crista de gallo* em Sergipe. A *herva de Santa Maria* de Sergipe é o *pega pintos* de Pernambuco. *Tapioca* em Sergipe é o mesmo que *polvilho* no Rio de Janeiro; *tapioca* em Pernambuco é um *beijú* feito de *polvilho*; *gomma* em Pernambuco é o polvilho do Rio, e em Sergipe é a *tapioca* posta na agua fervendo para se metter a roupa para engommar. *Sernamby* que no Ceará é, segundo Capistrano de Abreu, uma gomma elastica, e no Pará, segundo Barbosa Rodrigues é o sambaqui, é em Sergipe uma concha, que lá chamamos mais geralmente *Sernamby*, palavra esta que, em accepção pejorativa, tem o mesmo significado que entre nós *tabaco* em igual sentido. *Parar* em S. Paulo é *ficar demorado num ponto, pousar, passar dias num logar*; no resto do Brazil é *cessar o movimento* e não é synonymo de pousar. *Rancho* no norte é um pouso em caminho, noutras provincias é a *ração do soldado*. Aqui nos detemos.

CAPITULO IX

As modinhas e lundús. Litteratura de CORDEL, o PEREGRINO DA AMERICA, o cyclo provavel dos BANDEIRANTES.

As *modinhas* brasileiras, que alguns dizem serem uma prolação das *Serranilhas* portuguezas, são por assim falar a *fôrma bardica* de nossa poesia popular. São canções de autores conhecidos, que, inspiradas no lyrismo tradicional do povo, facilmente espalharam-se e tornaram-se quasi *anonymas*. E' impossivel dar um catalogo das principaes, quando Domingos Caldas Barbosa só por

si escreveu uma collecção inteira. Varios repertorios têm sido feitos de nossas *modinhas* e os principaes que conhecemos são : *A Viola de Lereno, collecção de suas cantigas offerecidas aos seus amigos* (1), *A Cantora Brasileira, e Eyra do Trovador, collecção de modinhas, recitativos, lundús e canções.*

As *modinhas*, ainda que muito interessantes, não se devem confundir com a genuina poesia popular. Um auctor luso diz a seu respeito : « as velhas *Serranilhas* portuguezas, que ainda no meiado seculo XVI impressionaram Camões, conservaram-se no Brazil, e quando no seculo XVIII alguns de seus poetas visitaram o reino, ou cá fixaram a sua residencia, essas *Serranilhas* receberam um novo vigor com o titulo de *Modinhas.* » (2)

Esta fórma poetica tão singela, tão suave, tão espontanea, está decadente entre nós com a imitação dos *romances musicaes francezes* e das *arias italianas.*

O piano matou a *viola* : o *romance* estrangeiro matou a *modinha*, como o *alcazar* sacrificou o *theatro nacional.*

Na *modinha* tudo é de um frescor especial, nosso, intimo, nacional ; a musica é talvez ainda mais saborosa que a poesia. Na Europa essa nossa originalidade não passou despercebida. Para attestal-o ahi estão os Juizes de Bekford e de Stafford. Diz o primeiro : « Quem nunca ouviu este *original* genero de musica ignorará para sempre as feiticeiras melodias que têm existido desde o tempo dos *sybaritas.* Consistem em languidos e interrompidos compassos, como si faltasse o folego por excesso de enlevo, e a alma anhelasse unir-se a outra alma identica de algum objecto querido. Com infantil deleixo, insinuam-se no coração antes de haver tempo de o fortificar contra a sua

(1) Temos presente a edição de Lisboa de 1825, na impressão de João Nunes Esteves.

(2) *Manual da Historia da Litteratura Portugueza*, pag. 442.

voluptuosa influencia; imaginaes saborear o leite, e o veneno da sensualidade vae calando no intimo da existencia. »

O segundo escreve: « O povo portuguez (deveria mais propriamente dizer *brazileiro*; pois fomos nós que conservamos a tradição morta em Portugal) possui um grande numero de arias lindissimas e de uma grande antiguidade. Estas arias nacionaes são os *lundus* e as *modinhas*. Em nada se parecem com as arias das outras nações; a modulação é absolutamente *original*. As melodias portuguezas são simples, nobres e muito expressivas. E' para sentir que os compositores abandonem o estylo da sua *musica nacional* para adoptarem a *maneira italiana*. » (1)

E' assim; a corrente estrangeira, especialmente a franceza, vae suffocando pouco a pouco o que nos resta de feição propria; tornamo-nos uma caricatura achavascada e misera, com escandalo dos poucos que protestam, e grande prazer dos francelhos de todos os generos.

A poesia brazileira, si pretende ser alguma cousa de vivido e real, deve voltar a beber na fonte popular.

A imitação do pessimo *realismo francez* só pôde produzir aleijões. Evitemol-a. « Desejamos do fundo da alma, escreveu com grande senso o Sr. J. Antonio de Freitas, que os lyricos do Brazil se inspirem da corrente popular, lembrando-se de que assim como a Alemanha para fundar a sua litteratura e a sua musica teve de fazer reviver o *Lied nacional*, esquecido desde longos annos, assim tambem o genio brazileiro, para que se não esterilize em *vagabundas imitações*, precisa de descobrir pela critica e de buscar as inspirações nas tradições dispersas da sua nacionalidade. » (2)

(1) Citado no *Manual da Historia da Litteratura Portugueza*, pags. 445 e 446.

(2) *Lyrismo Brazile'ro*, pag. 101.

São excellentes palavras que encerram um alto conselho, que desde muito tínhamos comprehendido lá fóra nas provincias do norte, longe do contacto dos *grandes mestres da côrte*, dramaturgos, romancistas e poetas de arlequinada inspiração e que pretendem, coitados!... ditar a lei á litteratura do paiz! Mas deixemol-os com sua vaidade e com a sua inopia....

Os *lundús* são uma variante das modinhas; são mais intercortados e lascivos na musica, e mais explosivos na letra. São popularísimos e festejados até nas trovas *anonymas* como um typo especial de poesia, o que se vê destes versinhos:

Quando eu era pequenina,
E aprendia o B-A, bá,
Minha mestra me ensinava
O *lundú* do marruá!

Em Portugal foram muito correntes, como se pôde vêr dos tão citados versos de Tolentino:

« Em bandolim marchetado,
Os ligeiros dedos promptos,
Louro peralta adamado
Foi depois tocar por pontos
O doce *lundum chorado*. »

A litteratura ambulante e de cordel no Brazil é a mesma de Portugal. Os *folhetos* mais vulgares nos *cordeis* de nossos *livreiros de rua*, são: *A Historia da donzella Theodora*, *A Imperatriz Porcina*, *A Formosa Magalona*, *O Naufragio de João de Calais*, a que juntam-se— *Carlos Magno e os Doze pares de França*, o *Testamento do Gallo e da Gallinha*, e agora bem modernamente— as *Poesias do Pequeno Poeta João de Sant'Anna de Maria* sobre a guerra do Paraguay.

Nas cidades principaes do imperio ainda vêem-se nas

portas de alguns theatros, nas estações das estradas de ferro e noutros pontos, as livrarias de cordel.

O povo do interior ainda lê muito as obras de que falamos ; mas a decadencia por este lado é patente : os livros de cordel vão tendo menos extracção depois da grande inundaçào dos *jornaes*.

Foi muito popular nos fins do seculo passado e começo do actual o *Peregrino da America*, escripto por Nuno Marques Pereira e impresso em Lisbõa em 1731. * O autor, para discorrer sobre os *mandamentos da lei de Deus*, procurou a fôrma de uma narraçào feita por um viajante. que foi da Bahia ás minas de ouro de S. Paulo e contava seu percurso a um velho. A' primeira vista parece que vamos iêr uma interessante descripçào do interior do Brazil no seculo passado. E' completo engano ; o viajante *Peregrino* não saiu de perto da cidade da Bahia, onde demorou-se muitos dias e noites a explicar os *mandamentos da lei de Deus*. e nisto finda-se a 1ª parte do livro, a unica que foi publicada, ao que supponho. A obra é hoje totalmente desconhecida e saiu da circulaçào para occultar-se nas bibliothecas dos curiosos. E' de uma leitura enfadonha e pesada, uma triaga terrivel, que o povo não podia deixar de aborrecer dentro em pouco. O autor declara que escreve seu livro, *levado de zelo e amor de Deus e da caridade do proximo, por vêr, e ouvir contar o como está introduzida esta quasi geral ruina de feitiçarias e lundis nos escravos e gente vagabunda neste Estado do Brazil ; além de outros muitos e grandes peccados e superstições de abusos, tão dissimulados, dos que tem obrigação de os castigar : motivo por que o demonio, mestre da*

* Impresso com o titulo de *Compendio narrativo do Peregrino da America, em que se tratam varios discursos espirituaes e moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos que se acham introduzidos pela malicia diabolica no Estado do Brazil. Dedicado á Virgem da Victoria, Imperatriz do céu, Rainha do mundo, Senhora da Piedade e Mãe de Deus.*

mentira e sciencia magica, se tem introduzido com perda de tantas almas remidas pelo precioso sangue de Nosso Senhor Jesu Christo. (1) Neste gosto é escripto todo o livro, onde se lêem muitas ingenuidades *fradescas* do seculo passado. Os *calundús*: muito incommodavam o *Peregrino*; vejamos, pois, um topico em que se dá a etymologia da palavra: « Senhor, me disse o morador, já que tão bem me tendes explicado o que eu tanto ignorava, e de que não fazia caso, permitti-me mandar chamar estes escravos á nossa presença: que o demais, com o favor de Deus, em que confio, e adoro, eu o evitarei. E logo despachou um famulo a chamar os mais escravos, os quaes, ainda que devagar, foram chegando; e por mais diligencia que o dono da casa fazia, para que chegasse o *Mestre dos calundús*, não era possível; sendo que o dia era de Domingo, e não havia occupação. E chegando emfim elle e todos os mais á minha presença, perguntei ao *Mestre dos calundús*: Dizey-me, filho, (que melhor fôra chamar-vos pay da maldade) que cousa é *Calundús*? O qual com grande repugnancia e vergonha me disse: que era uso de suas terras, com que faziam festas, folguedos e adivinhações. Não sabeis, lhe disse eu, essa palavra de *Calundús* o que quer dizer em portuguez? Disse-me o preto que não. Pois eu vos quero explicar-lhe, disse eu, pela etymologia do nome, o que significa. Explicado em portuguez e latim, é o seguinte:—que se calam os dous: *Cala duo*. Sabeis quem são estes dous que se calam? Scis vós, e o diabo... » (2). O livro é um *pastiche* que não tem aquella frescura das obras eminentemente populares. O estado de decadencia intellectual do povo, comprimido no seculo passado pelos jesuitas, explica o seu successo. O autor intercalou nelle alguns versinhos, que foram talvez de todo o livro o

(1) Nas palavras—*Ao leitor*.

(2) Pag. 109 e 110.

que mais força e attractivo teve no espirito popular.
Citaremos alguns :

ROMANCE

« Lá cantava o Sabiá
Um recitado de amor
Em doce metro sonóro,
Que ás mais aves despertou.
A este tempo se ouvia
Num raminho o Curió,
Com sonóra melodia,
E com requebros na voz.
O Mazombinho Canario,
Realengo em sua côr,
Deu taes passos de garganta.
Que a todos admirou.
Ao encontro lhe saíu
Passarinho bom cantor,
De ramo em ramo saltando,
Só por vêr sair o Sol.
De picado o Sanhaçú
Tão alto soltou a voz,
Que cantando a compasso,
Compasso não levantou.
A encarnada Tapiranga,
Quando mais bem se explicou,
Foi por numero da Solfa,
Com mil requebros na voz!
A linda Guarinhatan
Chochorriando compoz
Um sólo bem afinado,
Que seu amor explicou.
O alegre passarinho,
Que se chama Papa-arroz.
Pelos sens metros canóros
Cantava Ut, Re, Mi, Fa, Sol.

A carricinha, cantando,
Tanto seu tiple afinou,
Que nas clausulas da Solfa
Se não viu cousa melhor.
E logo por esses ares
Remontando, o Beija-flôr
Tocando ia nas azas
Com donaire um bello som.
O valente Picapáu
De um páu fez o tambor
E com o bico tocava
Alvorada ao mesmo Sol.
Despertando o Pitahuan,
Com impulsos de rigor
Disse logo : Bem-te-vi,
Deste logar em que estou.
O Fradinho do deserto,
Contemplativo, mostrou
Que tambem sabe cantar
Os louvores do Senhor
O Curuginha cantando,
Parecia um Roxinol,
E sempre tão entoado,
Que nunca desafinou.
As Andorinhas no ar,
Com donaire e com primor
Fizeram um lindo baile,
Que seu amor inventou.
O lindo Cucurutado
Com bella voz se mostrou
Que era musico famoso
Do Real Côro do Sol.
O pintado Pintacilgo,
Da solfa compositor,
Endeichas fez, e um Romance,
Que em pasmo a todos deixou.

As formosas Aracuanas,
Sem temer ao coçador,
Em altas vozes cantavam,
Cada qual com bello som.
Saíu de ponto a dauçar
A Lavandeira, e mostrou
Era tão destra na dança,
Que pés na terra não poz.
A formosa Jurity
No bico trouxe uima flôr,
E com tão custosa gala,
Que as tenções arrebatou.
Saíu de branco a Araponga
Com tão galhardo primor,
Que foi alvo das mais aves,
Pela alvura que mostrou.
Vieram em bandos logo,
Cantando com bom primor,
Periquitos, Pagaios,
Tucanos e mais Paós.
Nesta suave harmonia
Se divulgava uma voz
Pelos ares, que dizia :
Arára, Arára de amor...
Não falo aqui das mais aves,
Nem dos Sahuins e Guigós,
Que com bayles de alegria
Festejam ao Creador. *

Que procurassem imitar o estylo e gosto populares, são os que ficam transcriptos os unicos do livro. Os mais são orações; ao gosto das *cartilhas*, pesadas e ermas de graça. Contém um *A B C de exemplos*, onde aliás a inspiração fradesca procurou, ainda que debalde, revestir a fôrma popular, e, por isso, o mostramos tambem ao leitor :

* Pag. 43 e seguintes.

A B C DE EXEMPLOS

« Amor de Deus seja estudo
Da vossa melhor lição,
Propondo no coração
Amar a Deus sobre tudo .

Bom homem, será razão,
Vos faça o procedimento,
Sendo o principal intento
Fazer por ser bom Christão .

Cortez sêde, que é defeito
Faltar este aviso humano :
Por um chapéo mais cada anno.
Compraz agrado e respeito .

Day que he tributo de nobre,
Quanto no avaro baixeza,
Day ao maior por grandeza.
Day por caridade ao pobre .

Espelho seja o conselho,
Nos claros a vós attento,
Compôr o procedimento
Pelo lume deste espelho .

Fiel a Deus e ao Rei dado,
Porque Deus assim o ordenou :
A Deus, porque vos creon,
Ao Rey, de quem sois criado .

Graças e equívocos sós,
O que natural cahir :
Que é máo o fazer rir,
Podendo-se rir de vós .

Honra é joya, que mais val,
A tudo o mais preferida :
Pela honra se arrisca a vida,
Que a honra é vida immortal.

Ora, fique-vos de aviso,
Não vos domine a razão,
Que onde governa a paixão,
Não obra livre o juizo.

Livros não fechados, lidos,
São só para que se tem ;
Que livros, que se não lêm,
São thesouros escondidos.

Mentir na realidade,
Leva dos vicios ao cabo :
Pois da mentira he o diabo,
E Deos he a summa verdade.

Namorar só deve ser,
Quando hajais de namorar
A mulher para casar,
E nunca para offender.

Olhai em tudo o que obrais,
O incerto fim que tereis,
Que logo atraz tornareis,
Si adiante não olhais.

Peccar he grave delicto ;
Mas se peccas filho, quando
A Pedro imitas peccando,
Imita a Pedro constricto.

Quem sois, he simples vaidade,
Que trazeis no pensamento,
Que o melhor procedimento,
He só melhor qualidade.

Razão em toda a occasião
Vos assegura de ultrage ;
Que armas levais de ventage,
Si vos armais de razão.

Soldado sêde, e servi.
Pois nisso vos occupais.
Aos perigos não fujais,
E á ociosidade fugi.

Terra melhor é a Côrte :
Tudo o melhor se acha nella :
Mas vivei nesta, ou n'aquella,
Que tudo é patria de sorte.

Vivendo sempre ajustado,
Conforme a renda, ou despeza,
Gastar menos é baixeza,
Gastar mais será peccado.

Xadrez, e os mais jogos, arte
São de engenho ; mas o officio
De jogar sempre he vicio,
Sabel-os jogar he parte.

Zelo vos advertirey
Da fé, é bem que se dê
Vossa vida pela Fé,
Vossa honra pela Ley. *

Hoje o *Peregrino da America* é totalmente desconhecido pelo nosso povo ; mas ainda é um pouco digno de ser consultado para o estudo dos costumes de seu tempo. Por elle se conhece quaes os livros mais lidos no Brazil em 1730. Este fragmento é expressivo : « A este proposito

* Pag. 176 e seguintes.

me lembra que, estando eu em casa de um amigo lendo o *Baculo Pastoral*, entrou um destes loucos *peripatheticos*, desvanecido com presumpções de discreto, e sabendo do titulo do livro, me disse que nenhum homem de juizo se occupava em lêr livro tão vulgar. E ouvindo eu, senão blasphemia, proposição tão mal soante, lhe perguntey : —Pois que livro se ha de lêr ? E logo me respondeu mui ufano :—Gongora, Quevedo, Criticon, Montalvan, Retiro de Cuidados, Florinda, Christaes da Alma, e Comedias, porque estes livros ensinam a fallar. » *

Foi neste livro extravagante, e hoje illegivel, que o velho Mello Moraes foi descobrir que Gonçalves Dias plagiou a sua celebre *Canção do exilio*. Além de que os versos do poeta maranhense nada tem de commum com o citado *Romance do Peregrino da America*, devemos ter como certo que este livro não foi por elle conhecido.

Num estudo aprofundado de nossa poesia popular, seria mister fazer escavações sobre os nossos movimentos politicos e sociaes.

Pelo que temos podido indagar, estamos certos de que os movimentos revoltosos, que são conhecidos na historia com os nomes de *guerra da Independencia*, e posteriormente a *guerra dos Farrapos* no Rio Grande do Sul, a dos *Cabanos e Balaios* no Maranhão e Piauhy, e a recente *guerra do Paraguay*, produziram uma certa corrente de composições populares.

Disto colligimos provas directas, ainda que de pequeno valor. Parece-nos, porém, que resta fazer uma indagação particular relativa a alguns successos dos tempos coloniaes.

A *guerra dos Hollandêzes*, a dos *Mascates*, e dos *Palmares* e especialmente as *correrias dos Bandeirantes*, devem ter sido fonte de inspirações anonymas e tradicionaes. Pelo que toca aos *Bandeirantes*, envidamos esforços para conseguir alguma cousa e nada obtivemos.

* Das palavras *Ao Leitor*.

Fizemos, ha mezes um appello aos paulistas e a unica respõsta que recebemos foram estas palayras de alguem d'alli ;

« Foi publicada a sua carta sobre a *Poesia dos Bandeirantes* na *Provincia*, e dias depois reproduzida na *Tribuna Liberal*.

« Creio porém, que nada conseguirá. Consultei um velho amator de antiguidades litterarias, o Dr. Paulo do Valle, e este declarou-me não lhe constar haver cousa alguma nesse sentido. Declarou-me tambem que nunca ouviu falar em semelhante cousa nesta provincia; e é convicção sua que os *Bandeirantes* jámais tiveram canções proprias, porque eram gente que mais tratava de descobrir ouro do que importar-se de poesia. Até esta data nada appareceu aqui na *Provincia*; por isso creio que seu appello foi infructifero. »

Qualquer que seja a singularidade de nossa supposição, continuamos a crêr que deve ter havido em S. Paulo e provincias visinhas uma corrente de poesia popular, em que tenham sido decantados os feitos dos *bandeirantes*, a cujo cargo correu a descoberta e colonização do interior do Brazil, e que foram os espiritos mais autonomicos e emprehendedores dos nossos tempos coloniaes.

Nossa inducção recebem, por emquanto, na pratica um desmentido. Conservamos, porém, em pé o problema e mantemos o nosso appello. Talvez futuros investigadores confirmem as nossas suspeitas.

CAPITULO X

Falta de um character ethnico original, falta de cohesão, disparidade de elementos; o presente e o futuro.

Um notavel escriptor francez, aquelle mesmo que a critica allemã unanimemente proclama o primeiro

historiador de seu paiz, Augustin Thierry, disse uma vez que o nosso seculo seria o seculo da historia, como o passado fôra o da philosophia.

Estas palavras encerravam um pensamento profundo que os factos vieram confirmar.

Como trabalhos philosophicos de pura investigação systematica, o seculo passado tinha praticado maravilhas. As obras dos *Encyclopedistas* ficarão sempre como eternos modelos da metaphysica: Voltaire e Diderot não serão ultrapassados. Mas estes trabalhos tinham alguma cousa de arido e infecundo que esterilizava os seus resultados. A sciencia e a philosophia continuavam a permanecer no ar; continuava-se a acreditar numa grammatica geral, numa lingua universal; continuava-se a crer que as religiões eram a invenção de padres velhacos; continuava-se a proclamar que *la Déesse Raison*, com meia duzia de suppostos principios absolutos, especie de rainha magica, guardava o segredo de tudo! A chamada consciencia era a medida das cousas e bastava ouvir-lhe os enigmas para conhecer os mysterios do universo! Era esta a physionomia geral das crenças do seculo. Dessa inanidade de theorias resentiram-se suas opiniões politicas. Veio a Revolução, a tão endousada Revolução, como um golpe cyclopico, abalar o velho edificio social; fez ruinas e nada pôde edificar.

Foi então que o novo seculo, que surgia, começou a desconfiar das doutrinas *a priori* e feitas de uma só peça; começou a banir tantos absolutos falliveis, principiou a cotejar os factos e a notar a relatividade de tudo.

Estava creado o *methodo comparativo*, o methodo historico propriamente dito.

Aquella era a physionomia geral do seculo, dissemos nós; mas não queremos insinuar que desde então na Allemanha não existissem os elementos para o methodo novo.

Fôra injustiça, e basta recordar os nomes nunca assaz glorificados de Kant, Herder e Lessing.

A grande corrente de estudos historicos e comparativos que constituem talvez o melhor padrão de gloria de nosso tempo, fundando a linguistica, a mythographia e a sciencia das religiões, renovou de todo a velha comprehensão da critica, estabelecendo a theoria das raças.

Qualquer que seja a força a corrente da civilização contemporanea para nivelar os povos, extinguindo-lhes as originalidades ; qualquer que seja o impulso do cosmopolitismo hodierno, obra da troca constante e facilidade de idéas e sentimentos entre as nações de nosso tempo, qualquer que seja esse impulso para igualar numa uniformidade monotona as tendencias intrinsecas e hereditarias dos povos, ainda assim é impossivel negar a aptidão de raças diversas para differentes espheras da actividade intellectual.

Ninguem confundirá a frivolidade, a inconstancia, o brilho fatuo do espirito celta, que degenera, ás vezes, numa rabia truanesca de revoluções impensadas, com o espirito comprehensivo, profundo, investigador, paciente e serio dos povos germanicos. Não se poderá nunca igualar a presumpção slava á gravidade saxonica. Da existencia de tão diversos impulsos entre os povos é que nascem as bellezas e os disparates da civilização de nossos dias.

Pois bem, si procurarmos numa formula generica e exacta definir a psychologia do povo brasileiro ; si intentarmos, segundo a velha phrase consagrada, penetrar na *consciencia nacional*, para apprehender-lhe os contornos e a moldura, muito atilados seremos, si conseguirmos o nosso anhe-lo.

Povo que descendemos de um estragado e corrupto ramo da velha raça latina, a que juntara-se o concurso de duas das raças mas degradadas do globo, os *negros da costa* e os *pelles vermelhas* da America, nós ainda não nos distinguimos por uma só qualidade digna de apreço, a não ser o *fraco* lastimavel de mascarar-nos de grandezas que não nos assentam, imitando, macaqueando sem alvo nem

critério todos os vícios e loucuras que trazem uma *étiqueta* de Pariz !

O servilismo do negro, a preguiça do indio e o genio autoritario e tacanho do portuguez produziram uma nação informe, sem qualidades fecundas e originaes. O brasileiro se distingue por um certo deleixo moral, o culto do *laissez faire, laissez aller*, certo abandono por tudo quanto se refere aos mais vitaes interesses da ordem publica. E não é, nem precisamos dizel-o, por falta de patriotismo que assim nos expressamos. Nós amamos ardentemente a patria, e é esse o motivo por que lhe proffigamos os desvarios; os falsos patriotas são os que mentem ao povo, endeosando-lhe os vícios. As tres raças que constituíram o povo brasileiro ainda não se imbeberam de todo entre si.

Além de ser ainda tosca a formação do mestiço, os tres povos distinctos, como no primeiro seculo da conquista, ainda acampam um ao lado do outro. As hordas selvagens vagueam erradias no alto norte e no grande oeste do paiz; os negros retintos, em numero crescidissimo, vivem entre nós e o branco conhece que encontra em sua passagem duas raças, que elle chama *inferiores*, que julga lhe deverem ser *subordinadas*, e que terá de combater no dia em que ellas forcejarem por ascender um pouco mais de sua posição social. O povo brasileiro não é pois, um povo feito, um typo ethnico definido, determinado original. Poderá vir a sel-o um dia, e nós o cremos; esta é a obra dos seculos por vir. O genio brasileiro não achou ainda o seu caminho; é por isso que não temos uma industria nossa, uma litteratura nossa, uma arte, uma philosophia nossas; vivemos de contrafacções do pensamento alheio; importamos *palitos* portuguezes e *oitavos* francezes; vivemos de imitações caricatas ao capricho do estrangeiro. Oxalá que da culta Europa imitassemos o bom e o verdadeiro!... A falta de cohesão nacional, que é um facto ethnico, physico, anthropologico, traduz-se ee

revela-se na esphera mental. E' por isso que não temos, nunca tivemos, uma *opinião publica* esclarecida em política, nem uma intuição litteraria propria.

Ainda entre nós as tres raças não desapareceram confundidas num typo novo, e este trabalho será lentissimo. Por emquanto a mescla nas côres e a confusão nas idéas é o nosso apanagio.

Não phantasiamos; é a sciencia quem o diz. Spencer, o maior philosopho inglez, caracterisando os dous typos de sociedade—o guerreiro e o industrial—e fallando da mistura das raças, escreveu estas palavras: « Os traços essenciaes a cada um destes dous typos de sociedade podem ser modificados, já pelos antecedentes historicos, já pela acção antagonica de sociedades rivaes, já finalmente pela *mescla de raças*. Estas ultimas modificações são as mais curiosas.

Nos paizes onde a raça conquistadora não se mescla ás raças conquistadas, implica isto a manutenção de uma organização concebida pelo typo guerreiro. O imperio Ottomano fornece o exemplo; das tendencias contradictorias das duas raças em presença resulta um estado de equilibrio instavel. Na Hespanha, onde os diversos elementos ethnicos, Bascos, Celtas, Godos, Mouros, Judeus, mesclaram-se em parte, e em parte localizaram-se, manteve-se o equilibrio emquanto o governo conservou a fórma coercitiva, e tornou-se instavel desde que a coerção diminuiu. Emfim, nos paizes em que a fusão é mais completa, o antagonismo das tendencias, em lugar de existir de individuo a individuo, existe em cada individuo. *Predisposições hereditarias para os dous typos contradictorios de governo coexistem nos mestiços; que por consequencia, são improprios para praticar qualquer delles.»**

Este ultimo caso é em grande parte o nosso. Para

* *Revue Scientifique*, n.º 8, de 25 de Agosto de 1871: pag. 186.

caracterizarmos o actual estado social do paiz, nada pudéramos escrever de melhor do que reproduzir aqui as palavras do *teuto-sergipano*, o *germano-maniaco*, e tantos outros titulos malsinantes que lhe tem atirado a critica inconsciente e banal de alguns esdruxulos *gallo-fluminenses*, refinados *francelhos*, intransigentes e injustos.

São de Tobias Barreto estas memoraveis palavras : «O que mais salta aos olhos, o que mais fere as vistas do observador, o phenomeno mais saliente da vida municipal, que bem se pôde chamar o *expoente* da vida geral do paiz, é a falta de cohesão social, o desaggregamento dos individuos, alguma cousa que os reduz ao estado de isolamento absoluto, de atomos inorganicos, quasi podia dizer, de poeira impalpavel e esteril.

Entre nós o que ha de organizado é o Estado, não é a nação ; é o governo, é a administração, por seus altos funcionarios na côrte, por seus subrogados nas provincias, por seus infimos caudatarios nos municipios ; não é o povo, o qual permanece *amorpho* e dissolvido, sem outro liame entre si, a não ser a communhão da lingua, dos maus costumes e do servilismo. Os cidadãos não podem, ou melhor não querem combinar a sua acção. Nenhuma nobre aspiração os prende uns aos outros ; elles não têm nem força defensiva contra os assaltos do poder, nem força intellectual e moral para viverem por si : tal é o facto mais notavel que a observação estabelece em geral. Deste modo de viver *à parte*, de sentir e pensar *à parte*, resulta a indifferença com que olha cada um para aquillo que pessoalmente não lhe diz respeito, e, emquanto não chega o seu dia, contempla impassivel os tormentos alheios, sem saber que, como disse o poeta :

A todos cabe o mal da humanidade,
— De lagrimas e dôr fatal convivio,—
E aquillo que um tomou sobre seus hombros,
E' para os outros verdadeiro allivio.

« Não fica ahí. Essa impassibilidade, que acabo de assignalar, não se revela sómente por uma certa ausencia de sincero amor e caridade, nas relações puramente humanas, mas tambem e sobretudo pela falta de patriotismo, nas relações nacionaes, pela ausencia de senso politico e dignidade pessoal, nos negocios publicos locais.

« E' certo que, a despeito de todas as apparencias e exterioridades constitucionaes, a sociedade brazileira em sua generalidade é uma sociedade de privilegios, senão creados pela lei, creados pelos costumes, de cujos dislates a lei é cúmplice, não lhes oppondo a precisa resistencia. Debalde se falla de um *indistincção civil*; o *denominador commum* é a fidalguia, ou o seu subrogado, — o dinheiro.

« E' certo que a nossa população se acha dividida não sómente em classes, mas até em castas. E não só em castas sociaes, como tambem em *castas politicas*, quaes quaes são sem duvida os dous partidos que se disputam o poder, dos quaes o dominio de um é equivalente á perseguição do outro, modificado apenas pela infamia dos renegados e dos transfugas. Tudo isto é certo e aqui acode-me á lembrança um facto que serve ao assumpto: quando, ha dez annos, foi nomeado bispo de Pernambuco o Sr. Cardoso Ayres, na sua primeira pastoral, escripta em latim, dirigio-se aos seus diocesanos, sobre a triplice categoria de clero, nobreza e povo, — *clero, optimatibus et populo*, senão *plebi*; e esta classificação provocou a censura publica. Devo confessar que ainda hoje não comprehendo uma só palavra das criticas e reclamações, que ella teve o poder de suscitar. O bispo que estava em Roma, conhecia melhor as nossas cousas do que todos os reclamantes. O Brazil era então, como é e continúa ser isto mesmo: — um clero privilegiado, o qual, não obstante haver um salario do seu trabalho, não obstante receber por uma *capella de missas* tanto quanto nem sempre o advogado recebe por uma causa, nem o pequeno negociante ganha na feira do

sabbado, nem o artista lucra com seus artefactos, todavia não paga imposto como tal, bem que a sua industria, sendo altamente rendosa, nada soffresse em contribuir com um centesimo dos proventos para as despezas communs. Depois do clero, uma nobreza *feita á mão*, pela mór parte estúpida, pretenciosa, e ainda peor que a cleresia, pois que esta ao menos não manda açoiatar os cidadãos, nem prendel-os no tronco dos engenhos e fazendas!... Não fallo da classe economica propriamente dita, porque a sua vida se limita a uma *luta pelo capital*, e nada tem que vêr com as nossas *lutas pelo direito*.

« Após então vem o povo, o povo triste e soffredor, em cuja frente, não poucas vezes, junto ao estigma da infelicidade, por cumulo de miseria, a sorte imprime tambem o estigma da ingratição, o povo que é o numero, mas um numero abstracto, um numero que não é a força; perseguido, humilhado, abatido, a ponto de sobre elle os grandes disputarem e lançarem os dados, para vêr quem o possue. . . . O povo brasileiro é tido na conta de uma cousa appropriavel, si já não appropriada.

« Quereis uma prova, entre muitas? En vol-a don; reparai bem. Quando aqui tratou-se da ultima qualificação dos votantes desta parochia; nessa época de baixeza e picardia, que hoje porém já não me espanta, porque depois disso tenho aqui mesmo testemunhado mais negras miserias, haveis de estar lembrados que os dous partidos em contenda, para mostrar qual delles tinha por si a maioria, levaram a imprensa com uma ingenuidade infantil, sómente a apreciação do *numero dos engenhos!!!*. . . « Ha mais engenhos do lado dos liberaes » diziam estes. « Nem tantos, como allegam » diziam os conservadores, e accrescentavam: « Se os liberaes têm alguns engenhos de mais, os dos conservadores, em compensação, são mais extensos, mais povcados, mais ricos. » Eis-ahi. Se isto não era uma questão de *fabrica*, isto é, de maior numero

de bois, escravos e cavallos, inclusive os cidadãos votantes, já sei que as palavras perderam o seu sentido, ou eu perdi o uso da razão. E', pois, evidente que, pela propria confissão das partes, está creada entre nós, cá pelo norte, uma *assucarocracia*, que se julga com direito á posse de todos aquelles que vieram tarde e não encontraram um pouco de terra para chamarem sua e dentro desse dominio manejarem sem piedade o *bastão da prepotencia!* » *

Estas palavras pintam ao vivo e com uma exactidão espantosa o estado de abatimento, de indiferença politica e social do povo brasileiro. O poeta da *Lenda Rustica*, dos *Trovadores das Selvas* e dos *Tabaréos* vive em contacto directo com o povo e conhece-lhe os bons e máos instinctos.

A vida psychologica da nação é um attestado de seu profundo abatimento. Nas altas camadas e no povo inculto formigam os prejuizos sob a fórmula de verdadeiras *manias nacionaes*. Indicamos aqui as principaes: a mania das phrases, dos empregos, da politicagem, da côrte, do francizismo e da rotina. A primeira, e uma das mais ferozes, é a tendencia irresistivel do espirito nacional para evitar o serio das questões por meio de um séstro peculiar de colorir banalidades, tomando posições oratorias e fazendo tregeitos tribunicios. Esta fatal doença invadio a nossa pobre litteratura. O jornalismo é em geral superficial e palavroso, e, ao passo que não temos livros de sciencia, ahí surgem todos os annos algumas duzias de conts aéreos, vaporosos, cloroticos, doentios de *hysterica phras-seomania*. E quem os não imita tem o *estyllo duro e pesado*.

A maneira mais geral de escrever é arrebicada como

* Um discurso em mangas de camisa, pags. 4 e seguintes.

em Roma nos tempos da decadencia, magistralmente descriptos por Ernesto Renan nos *Apostolos*, em *S. Paulo* e no *Antechristo*. Os escriptores deixam de lado as preoccupações sérias, e que possam interessar á patria, para fazer *espirito insulso* nos folhetins, que são um artigo da moda. Sob tal influencia, o theatro degenerou em uma cousa sem nome, amorpha, exquisita que difficilmente encontrará um similar em qualquer outra parte da terra.

A *mania dos empregos* é tão patente que até ministros pouco escrupulosos a têm denunciado por vezes ao parlamento, logar por certo o menos proprio para tal declaração, porquanto por sua vez não passa de uma *Confraria de pedintes*, segundo o dito celebre de um estadista conhecido. Esta mania consiste no abandono deliberado e caprichoso de todos os estímulos do trabalho só pelo prazer de *servir* ao governo, ou *escravidar-se* a elle. O mal é tão intenso, que individuos bem collocados no commercio, na lavoura, na advocacia ou na clinica têm chegado a abandonar sua posição para se fazer empregados publicos.

A *politicagem*, note-se a *politicagem* e não a *politica*, é tambem uma molestia terrivel do nacional. E' geralmente conhecida a profunda *indifferença* do brasileiro pela sorte futura do seu paiz; é todavia mui de vêr a emphase peculiar com que todo nacional *mata o tempo* fallando dos negocios politicos da terra. Não é que elle tome ao serio o seu papel, tanto que é incapaz de reagir contra a sua falta de acção; mas tendo uma pronunciada predilecção pelo *escandalo*, faz da politica sua palestra mais gostosa.

Desde o mais alto magnata, enfatuado e nullo, até o proletario, o *cafageste e capadocio* das tavernas, passando pelo burguez boçal, todos encaram os negocios publicos, não como uma cousa em que devam tomar parte e interesse, mas como um assumpto, um mero assumpto de desfastio e conversações picantes. Tratam desse objecto

como um thema excellente para dar pasto á maledicencia e nada mais.

Outro motivo existe que secunda a predilecção : — o brasileiro, como todo o povo rude, educado sob um regimen theocratico, é submisso, ao mesmo tempo que chegado ao *maravilhoso*, e considera um ministro de estado como um *ser formidavel*, e o seu monarcha como uma *creatura sobrenatural*. Dahi tambem ás vezos o gosto de fallar na politica por uma especie de fanatismo religioso e para ter occasião de *rezar* ao seu *coronel* e mandar de longe uma *prece* ao seu *imperador*, que elle não conhece, mas que lhe apparece em sonhos, como um verdadeiro Deus, com a sua *côrte*, que deve ser uma miniatura da *côrte celeste*... Vê-se bem que fallamos dos camponios do interior, que constituem a maioria da população brasileira. E' uma triste figura a do nosso proletario - abatido, anemico, desgrenhado, rôto, subjugado como um *fellah* do Egypto, e que passa os dias nas *ventas* bebendo a *canna* e descreteando sobre a *politica* !...

Neste ponto é mister prevenir uma objecção do leitor : — como é possivel que o povo trate da politica pelo gosto da *maledicencia*, e, ao mesmo tempo, para satisfazer a paixão do *marvvilhoso* ? A resposta não será muito difficil : o povo tem destas antinomias profundas que a sua logica explica. E' assim que elle *reza um responso* a S. Antonio e igualmente dá-lhe *surras de corda* ! A mania da politicagem não tem passado sem reparo da parte de alguns viajantes estrangeiros.

A adoração da *côrte* é ainda um symptoma doentio do organismo nacional. Sendo hoje um ponto definitivamente averiguado que das pequenas universidades das provincias é que tem sahido as conquistas mais notaveis da sciencia européa, e não das grandes capitaes, avalie-se o que poderá ser do Brazil, que possuindo uma capital absorvente e de impulsos viciados, não conta, por outro

lado, nucleos bem organizados nas provincias que possam reagir contra a atrophia que nos invade. A capital nada de vasto e profundo poderá fundar e as provincias pela mesma fórma, si prevalecer o systema presente.

Estas idéas que, ha muito, sustentamos, tivemos o prazer de as vêr defendidas na recentissima resposta do sabio Haeckel a Virchow.

Fallando do predominio da capital no imperio allemão, escreveu o celebre transformista: «Contra uma tal centralisação da sciencia allemã, que será especialmente perigosa na capital do Imperio, nós seremos, eu o espero, garantidos pela aptidão á *differenciação* e ao *individualismo* do nosso espirito nacional, por este *particularismo* allemão, tão maltratado.»

Si um tal perigo existe na Allemanha culta, composta de estados que até aqui eram de todo independentes e possuidora de tantos nucleos intellectuaes importantes, o que não será no Brazil inculto, sem incentivos particularistas, sem vastas tradições historicas, com toda a sua centralisação politica e administrativa, o Brazil que, si não tem Berlim, muito menos possui uma Jena, uma Weimar, uma Heidelberg, um Gœttingue, uma Munich, uma Kœnigsberg? Respondam os patriotas sinceros.

A *macaqueação* do estrangeiro e especialmente do *francezismo* é tambem outro mal nosso.

A imitação se ha feito do que de peor existe na Europa:— a *submissão* portugueza, aliás herdada, e a *frivolidade* franceza, que ultrapassamos até. O *amor á rotina* é, finalmente, uma das nossas doenças chronicas. Não temos impulsos emprehendedores, não pertencemos aos povos inventivos. Prova-o a ausencia de sciencia e de *industrias* no paiz. Possuimos sómente uma lavoura atrazada e rotineira e um commercio pouco desenvolvido.

As nullas industrias e os seus utensilios nas populações ruraes têm ainda um aspecto primitivo.

Juntae a todos estes factos e especialmente ás scenas de pirataria de nossa politica, o abatimento de nossas instituições, a molleza do parlamentarismo, a degradação dos costumes, as torpezas da escravidão, o descredito da magistratura por parte do governo, o atrazo das academias, tudo isto elaborado, desenvolvido, systematisado nos tempos que correm, e tereis a *prova provada* de nosso abatimento quasi irremediavel!...

Ainda mais, a mór parte do paiz continúa a ser desconhecida, o nosso *grande oeste*, ao contrario do que aconteceu ao *Fart-West* americano é como não existente para a patria. O norte todo definha na miseria, sua decadencia é enorme.

Tudo isto que deixamos esboçado não é um brado de máo agouro pelo futuro do paiz: ergamo-nos pela sciencia e pelo culto do dever.

Ethnographica e psychologicamente fallando, o brasileiro de hoje, depois de quatro seculos, já se póde distinguir do portuguez, do indio e do negro. O papel historico das tres raças está mais ou menos cumprido: o portuguez deu-nos o sangue, a lingua e a tal ou qual cultura que possuímos, o indio deu-nos tambem o seu sangue, suas terras e em parte as suas tradições; o negro deu-nos ainda o seu sangue, seu trabalho, sua força, sua vida!...

Todos cumpriram mais ou menos o seu dever.

Cumpramos tambem o nosso.

O nosso dever de *brazileiros*, de filhos dos tres povos que nos entregaram o paiz descoberto, conhecido, povoado, autonomico e livre; cumpramos o nosso dever para com aquelles que nos amamentaram, isto é, *honremos*, por nossa grandeza, os portuguezes; porque devemos enxergar nelles, antes de tudo, os concidadãos do Gama, os compatriotas de Camões; *civilizemos* os indios que restam; porque devemos vêr nelles os nossos amaveis

Pelasgos, perseguidos pela fortuna; *libertemos* os negros; porque os devemos considerar os desafortunados que nos ajudaram a ter fortuna; os captivos que nos auxiliaram na conquista da liberdade; os ignorantes que nos facilitaram a posse da civilização, e hoje nos offerecem o ensejo de praticarmos um acto nobre:—a *emancipação dos escravos* ! *

FIM

* Este acto de justiça, por nós reclamado desde 1879, foi afinal praticado por imposição da nação.

INDICE

	PAGS.
CAPITULO I	
Caracter da poesia popular brasileira. O povo, seus costumes festas, suas cantigas e <i>historias</i>	5
CAPITULO II	
Analyse dos escriptores, que trataram de nossa poesia po- pular.....	40
CAPITULO III	
Ainda analyse dos escriptores, que trataram de nossa poesia popular.....	114
CAPITULO IV	
Ainda analyse dos escriptores, que trataram de nossa poesia popular.....	168
CAPITULO V	
Ainda analyse dos escriptores, que trataram da nossa poesia popular.....	196
CAPITULO VI	
As mulheres e as crianças, como factores da poesia popular. As <i>saúdes</i> de meza.....	233
CAPITULO VII	
Origens de nossa poesia e contos populares: portuguezes, indios, africanos e mestiços.....	249
CAPITULO VIII	
Transformações da lingua portugueza na America.....	308

	PÁGS.
CAPITULO IX	
As mod nhas e lundús. Litteratura de cordel; o <i>Perigrino na America</i> ; o cyclo provavel dos <i>Bandeirantes</i>	339

CAPITULO X

Falta de um character ethnico original falta de cohesão, disparidade de elementos; o presente e o futuro.....	352
---	-----

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).